

SANA KHAN – UM MESTRE NO ALÉM
(VOLUME 3)

LUIZ ROBERTO MATTOS

INTRODUÇÃO

Após quase nove anos do lançamento do meu livro Sana Khan – Um Mestre no Além, volume II (o volume I foi lançado em 1992 e o II em 1998), decidi finalmente voltar a escrever sobre minhas experiências no campo espiritual, notadamente experiências de projeção astral, ou desdobramento, e minhas andanças no mundo espiritual.

Sei que, como nas vezes anteriores, estarei escrevendo não somente para os entendidos no assunto, os que já tiveram experiências de saída do corpo, e para iniciantes no estudo dessas coisas, mas também para os leigos. Assim, mais uma vez tentarei escrever em linguagem simples e corriqueira, procurando tanto quanto possível dizer em palavras simples e comuns coisas muitas vezes complexas e de difícil entendimento. O trabalho será árduo, mas certamente valerá a pena. O retorno que meus leitores têm me dado tem me estimulado bastante a escrever novamente, a contar novas e interessantes experiências obtidas no mundo espiritual.

Falar em mundos ou universos paralelos, em que pese ser coisa já antiga, surrada, e não comprovada cientificamente, nos deslumbra demais, e sempre nos atrai, porque nos trazem à lembrança nossas crenças religiosas e necessidades quanto à existência efetiva de um mundo onde viveremos após a morte do corpo físico. E a possibilidade de conhecermos ainda em vida um pouco daquilo que nos aguarda no outro mundo é fantástico.

É comum pessoas que não acreditam na vida depois da morte dizerem que “ninguém que já morreu voltou para contar o que existe do outro lado”. E isso gera incredulidade e descrença na vida futura.

Trago ao leitor, mais uma vez, e já pela terceira vez, relatos de lembranças de viagens, andanças, trabalhos, estudos, encontros, etc, no comumente chamado mundo espiritual. E não tenho pretensão realmente de convencer. Não sou cientista, e este não é de forma alguma um tratado científico, mas uma obra meio romanceada na qual buscarei expor minhas experiências mais recentes no que diz respeito ao contato e vivência no mundo espiritual. Acreditar ou não em meus relatos fica por conta de cada leitor, pois certamente não tenho como provar o que aqui será contado.

A existência de uma ou mais dimensões, planos ou mundos não físicos, o que chamarei também de universos paralelos, ou mundos paralelos, está longe de ser provada pela ciência, e talvez isso nunca aconteça de fato. Mas o conhecimento e a crença em sua existência remonta a eras imemoráveis...e é de uma antiguidade incomensurável...

Hoje os historiadores se dividem quanto à primeira civilização a nascer no mundo, se a egípcia ou a mesopotâmica.

Se ficarmos com a egípcia, que parece ter sido bem mais avançada em vários aspectos do que a outra, veremos que quando foram construídas as grandes pirâmides do platô de Gisé, às margens do Rio Nilo, em época que hoje os historiadores

colocam em 2.500 anos antes de Cristo, a religião egípcia há muito tinha como verdade incontestável a vida após a morte, e por isso nos túmulos eram colocados vários objetos de uso pessoal do morto, acreditando que eles necessitariam deles no outro mundo.

As crenças religiosas mudaram ao longo dos séculos, tendo evoluído muito a noção e o conhecimento acerca da vida além túmulo.

Os gregos também acreditavam na vida após a morte, o mesmo se dando com os indianos de eras remotas, os maias, os astecas e os incas da América Central, e todas as nações indígenas em geral do continente americano, bem como os nativos do continente africano, de norte a sul, os chineses, os japoneses, etc. Enfim, praticamente todos os povos antigos acreditavam na vida após a morte, em todo o planeta. Somente no século XIX o positivismo filosófico começou a colocar em dúvida a existência de Deus, dos espíritos e do mundo espiritual, bem como a vida após a morte, gerando o chamado materialismo.

A humanidade não tem estado satisfeita com as doutrinas ou filosofias materialistas. As pessoas têm sentido um vazio com a negativa da vida futura e da existência do espírito ou alma. E por isso muitos estão, em todo o mundo, buscando novamente as religiões, as seitas, as filosofias espiritualistas, os rituais, as práticas espirituais, etc, que os levem a se sentir mais completos, mais plenos, mais felizes.

A falta de Deus, seja em que forma se acredite nele, tem deixado as pessoas inseguras, vazias, sem rumo, à deriva...vivendo uma vida que muitos acham inútil, sofrendo inutilmente numa vida sem futuro, pois em breve, acreditam, tudo acabará em nada...o vazio os aguarda...como muitos acreditam...

Por me ter sido dado um dom raro, de lembrar com certa frequência de minhas andanças e experiências em outras dimensões, planos, mundos ou universos paralelos, por ter o dom, como certa vez me disse um espírito, de transitar em dois mundos, como o personagem de cinema Constantine, sinto-me cobrado, acima de tudo por mim mesmo, a tentar ajudar as pessoas a conhecerem um pouco mais acerca do mundo para onde elas irão, na certeza de que esse conhecimento ajudará a criar, se não a certeza na vida após morte, pelo menos a esperança concreta de que ela existirá, o que já dá um imenso alívio e combate enormemente o medo da morte, que persegue quase todos durante a vida.

Esse o meu objetivo em mais uma obra, que espero que sirva para amenizar os temores, a ansiedade, as preocupações sobre a vida futura, no mundo dos mortos, que na verdade estão muito mais vivos do que nós, como tentarei mostrar neste livro, com relatos de encontros com parentes próximos recém “falecidos”, recém desencarnados, que voltaram para o mundo original há pouco tempo.

Espero que o leitor mais uma vez viaje comigo, reflita, sonhe com o amanhã feliz, experimente, aprenda e principalmente se lembre das andanças noturnas no mundo espiritual, pois na verdade todos saem do corpo quando ele entra no chamado estado de sono. Só o corpo dorme. O espírito o deixa e volta para sua dimensão original, onde muitas vezes fica mais lúcido, mais esperto, mais inteligente, trabalha, estuda, ajuda, planeja, conquista, e muitas vezes retorna ao corpo pela manhã cedo

renovado e cheio de ideias novas, planos novos, na maioria das vezes sem lembrar de onde as ideias vieram.

Tive muitas vezes, acreditem, e continuo tendo com frequência o privilégio de transitar em dois mundos. Vou e volto do mundo espiritual sem problemas.

Espero não ser mal compreendido. Não sou arrogante, não sou pretensioso, não me sinto envaidecido pelo meu dom, pelo privilégio que me foi dado, não sinto orgulho de nada. Só sinto o peso da responsabilidade pela minha faculdade, pelo dom que me foi dado, ou emprestado (?). E tenho lembrado cada vez mais das palavras do Mestre dos Mestres, Jesus de Nazaré, quando disse que “A quem muito foi dado, muito será pedido!”. Tenho medo realmente de voltar para o mundo original de mãos vazias...e que alguém me pergunte: “O que fizeste com o teu talento?”.

Boa viagem...proveitem!

Capítulo 1

Em uma noite qualquer no primeiro semestre de 2006, quando ainda morava em Vilas do Atlântico, um bairro de Lauro de Freitas, município vizinho e muito próximo de Salvador, na Bahia, lembro de estar já fora do corpo, que se encontrava dormindo na minha cama, ao lado de minha esposa. Fui até o quarto de Bruno, meu filho caçula, que tinha na época nove anos, e o chamei, tendo ele rapidamente deixado também o corpo. Foi a primeira vez, que recorde, de ter chamado Bruno para uma viagem fora do corpo.

Saímos de casa, e então eu o abracei com o braço esquerdo, e com o direito estendido para cima, numa posição típica usado pelo super homem, com a mão direita fechada, comecei a voar com Bruno, rumo às nuvens.

O céu estava escuro, numa daquelas noites com o céu cheio de nuvens, não dando para ver bem as estrelas no firmamento.

À medida que íamos avançando e ganhando altitude, percebia as nuvens que iam sendo atravessadas por nós. Via de perto as nuvens meio brancas, meio cinzentas, e as atravessava, sem sentir água, sem me molhar. E gradativamente as nuvens foram rareando, rareando, até que foram ficando ralas demais, até por fim desaparecerem por completo do cenário.

Quando as nuvens sumiram, pude ver um céu estrelado belíssimo, como nunca havia visto antes, pois sem qualquer obstáculo à minha visão. Aquilo foi muito lindo.

Continuei voando rumo ao céu estrelado, pensando em ir cada vez mais rápido, coisa que costumo fazer quando estou voando, fora do corpo. E então, de repente, percebi que o céu estava estrelado demais, de uma forma anormal. Nunca antes havia visto tantas estrelas, e de forma tão clara. Era um mar de estrelas brilhantes, a perder de vista...

Ao perceber aquele céu estrelado ao extremo, confesso que senti medo, e me veio à mente a ideia de parar. Parar no ar, pois estava voando para cima. Então parei, ainda abraçado a Bruno. Ficamos flutuando no ar, sem sair do lugar.

Alguma coisa me dizia que eu estava muito alto, muito distante da Terra, e então voltei a cabeça para trás, para baixo, e vi a Terra, o planeta, ao longe, inteiro, podendo ver nitidamente os continentes, aqueles que dava para ver de minha posição, pois estava acima do Brasil, da Bahia.

Não distinguia o Brasil, como nos mapas, mas apenas o continente americano. E via nuvens cobrindo parte da Terra, massas de nuvens, variando do branco ao cinza escuro.

O espetáculo nunca antes vivido por mim, acostumado a sair do corpo desde os dezenove anos, foi maravilhoso. A Terra vista de fora, mais nítida do que as fotos tiradas das naves e laboratórios espaciais, ou dos satélites. E acima um mar infinito de estrelas brilhantes sem sequer um vidro de capacete de astronauta para limitar minha visão.

Tive medo, repito. Acho que pensei rapidamente que poderia não mais retornar ao corpo, que o cordão energético que liga meu corpo espiritual ao físico poderia se

partir, e então eu e Bruno desencarnaríamos. Seria uma tragédia para minha família. Pai e filho morrerem dormindo, sem causa aparente, sem doença precedente...

Então me virei, sempre segurando Bruno com o braço esquerdo, e comecei a descer, a voar em direção ao planeta, que era uma bola no meio daquele espaço estrelado e escuro.

A vista era linda e ao mesmo tempo aterradora. Ver a Terra de fora, inteira, perceber que ela é redonda, ou quase, isso é maravilhoso de se ver. Mas o temor de ficar lá no espaço com Bruno não me deixou aproveitar melhor a experiência.

Voltamos, e descemos em uma praça, não conhecida, ou não reconhecida naquele momento. E minha lembrança ficou por aí.

Essa experiência foi uma das primeiras de uma série que começaram a acontecer após um período razoavelmente longo sem lembranças de experiências fora do corpo, pois fazia tempo que não me ligava nisso, envolvido com trabalho e outras coisas. E a partir daí as coisas começaram a mudar novamente em minha vida.

Comecei a lembrar novamente, com certa frequência, de andanças em outro plano, e a encontrar com pessoas já desencarnadas, como meu pai, que desencarnou no dia 7 de agosto de 2006, tendo vários encontros com ele, nos quais pude acompanhar seu progresso e adaptação no mundo espiritual.

Foi a morte de meu pai o que mais me despertou novamente a vontade de lembrar das experiências e encontros fora do corpo físico. E isso gerou resultados inesperados, como a saída da Terra com Bruno.

Ver a Terra de fora produz verdadeiramente um efeito impressionante. Senti realmente quão insignificante é o nosso planetinha no meio daquele universo vasto e sem fim. Mas não conhecemos ainda outro planeta habitado com seres inteligentes como nós, com tecnologia, o que nos faz pensar que devemos mesmo preservar nosso lugar no universo, pois ele é único, pelo menos por enquanto.

Pensar nas guerras estúpidas, nas disputas territoriais, nas lutas entre diferentes etnias, nos ódios raciais diante da visão da unidade planetária nos leva a ver que tudo isso é uma grande insensatez.

Se todos pudessem ver a Terra de fora, ainda que fosse a visão que os astronautas têm no espaço, talvez as diferenças humanas comessem a se dissipar, pois veriam o absurdo da situação, e veriam que somos todos seres humanos, navegantes do mesmo barco, uma “bolinha de gude” rolando no espaço sideral.

Depois de estar no espaço pela primeira vez, fora da estratosfera, na escuridão do espaço, voltei a pensar novamente em coisas que há muito não me ligava, que é a existência de vida em outros planetas.

Vendo aquele oceano de estrelas, e pensando que muitas delas são rodeadas de planetas, e sabendo que hoje mais de um trilhão de galáxias já foram detectadas, e sabendo que só a nossa pequena galáxia possui quatrocentos milhões de estrelas, é difícil imaginar e aceitar a possibilidade de que só nosso pequeno planetinha alberga a vida inteligente.

Muito provavelmente, ou mesmo certamente, há milhões de planetas contendo vida, ainda que não seja nas mesmas formas por nós conhecidas.

Os inúmeros e cada vez mais frequentes relatos de aparições de OVNI's na Terra são uma amostra de que outros seres inteligentes estão nos visitando, com propósitos variados. Estudos, observação, ajuda, pesquisa, e só Deus sabe mais o quê. Mas eles estão aqui há muito tempo.

Recentemente um espírito conhecido, médico que trabalha na equipe de um centro espiritualista de cura em Salvador, disse ao grupo, na minha presença, que estaria se afastando por um tempo, porque iria fazer um curso em uma colônia (uma cidade no mundo espiritual) em outro planeta, não informando qual seria ou onde. Isso mostra o intercâmbio cultural também entre os desencarnados, que transitam em vários planetas.

Há muitos anos atrás, em 1978, ano em que comecei a sair do corpo de forma consciente, deparei-me com um imenso disco voador ao lado de meu prédio, no mesmo nível de meu apartamento, mas não era ele físico. Os encarnados não o veriam quando acordados. Entrei nele, perambulei em corredores compridos, tive medo e saí correndo, temendo ser capturado. Era ainda muito jovem, inexperiente, mais medroso do que hoje, e não sabia quem estava ali naquela nave, e com que propósito. Talvez quisessem me ajudar apenas, mas na dúvida caí fora. Não sei até hoje se eram seres de outro planeta, em seus corpos espirituais, e em nave extrafísica, ou se simplesmente espíritos desencarnados da própria Terra, em uma nave própria da sua dimensão, que existe mesmo.

Uma coisa que tenho pensado há anos é que no plano espiritual há também naves, veículos de transporte, que levam espíritos desencarnados de uma colônia (cidade) para outra. Transportam aqueles que não conseguem ainda voar, ou voitar, como chamam também algumas obras espíritas.

Penso que talvez algumas das chamadas aparições possam ser dessas naves invisíveis aos olhos do corpo físico, só percebidas por aqueles que têm um dom especial de clarividência. Há muitas experiências em que só uma pessoa vê a nave. Isso não quer dizer que pense que todas as aparições são desse tipo. Não. Acho que muitas delas são mesmo de naves extraterrestres. Acredito piamente em vida fora da Terra, e que outros seres inteligentes nos visitam.

Isso me leva a pensar que precisamos nos acostumar com essa ideia, e nos preparar para o encontro físico e para o intercâmbio que um dia certamente se dará entre nós.

Há muitas evidências da vinda de extraterrestres à Terra, e em várias épocas de nossa história. E parece mesmo que vários governos têm nos escondido a verdade, como no célebre caso de Roswell, de 1947, em um deserto nos Estados Unidos.

Há vida extraterrestre. Mas não é só física. Há vida em outras esferas ao redor dos planetas, em outras dimensões, outros planos. Há verdadeiros universos paralelos que se permeiam, que se interpenetram, sem, no entanto, se atrapalharem. Vida contínua em muitos planos, com incessante intercâmbio.

Tenho ao longo desses últimos vinte e nove anos transitado em várias dimensões, em vários mundos, indo e voltando para meu plano físico. Digo meu plano porque meu corpo que ora digita este texto é formado por matéria do que denominamos de plano físico, ou mundo material.

Não sou louco, visionário, sonhador, esquisofrênico, e não tenho absolutamente nenhum tipo de problema neurológico ou psiquiátrico. Sou Juiz do Trabalho desde março de 1989, e bem conceituado, equilibrado, normal, sadio, de bom relacionamento com todos. Uma pessoa comum, até certo ponto, mas que vive experiências não muito comuns. E isso certamente há de ter um propósito, de acordo com o princípio universal do utilitarismo. Tudo tem uma utilidade no universo. Não há nada inútil. Minha faculdade, meu dom, serve a uma finalidade. Cabe-me saber utilizar bem o dom que me foi dado.

Relatarei nesta obra diversas experiências que me dão cada vez mais a certeza de que minhas lembranças das experiências fora do corpo não são meros sonhos, devaneios, fruto de descargas elétricas anormais, desejos reprimidos, projeção de desejos, alucinação, fruto de telepatia ou de memória genética, etc.

Há experiências que nem mesmo a telepatia pode explicar totalmente. Muito menos a memória genética.

Minha visão do planeta físico de forma unitária neste momento de minha vida também deve ter um propósito. A solidificação da ideia de unidade humana. Brancos, negros, asiáticos, cristãos, muçulmanos, hindus, budistas, capitalistas, comunistas, etc, somos todos apenas seres humanos, e demasiadamente humanos, como disse o filósofo Nietzsche.

Da fraqueza humana deve advir a sua força. Da desunião deve brotar a unidade. Da luta deve brotar a paz por fim. E da loucura deve nascer o equilíbrio entre os povos, entre as nações, entre os mais diversos grupos étnicos, raciais, religiosos, gerando assim a paz na Terra, para um maior progresso planetário, que nos leve rumo às estrelas, pelo espaço sideral, para contato com civilizações mais avançadas que já conquistaram pela harmonia o direito de visitarem seus irmãos universais em planetas outros, respeitando a diversidade cultural e de forma, sem preconceito, sem desejo de dominação e exploração.

Enquanto ainda estivermos no nível de explorar nossos próprios irmãos planetários, jamais sairemos sequer de nosso pequeno sistema solar, porque a beligerância não deve e não pode mesmo se espalhar pela galáxia. Só os pacíficos podem sair pelo espaço a visitar outros mundos. Isso me leva a crer que aqueles que nos visitam sejam pacíficos, não agressivos.

Igualmente, para transitarmos entre os vários universos paralelos que se interpenetram, é preciso ter equilíbrio e desejo de aprender e ajudar, sem preconceito, sem medo, estando aberto a novos conhecimentos e descobertas. O que chamamos de mundo espiritual está cheio de vida, e os “mortos” na verdade estão muito, mas muito mesmo mais vivos do que nós...meu pai agora sabe disso! E está feliz, curtindo ao lado de seus irmãos e amigos que o precederam. Jamais pensou que a outra vida, no mundo dos espíritos, fosse tão boa...

Conhecer o mundo onde viveremos depois da chamada morte, que é apenas o afastamento definitivo do corpo de carne, nos prepara desde já o futuro, com a adaptação antecipada, evitando perda de tempo após o desencarne, e abrindo-nos um campo de aprendizado e vivências inesgotável...

Viaje comigo a mundos maravilhosos, acompanhe-me na descoberta de uma vida desconhecida da maioria de nós, uma verdadeira vida paralela, vivida durante um terço de nossos dias, posto que dormimos oito horas por dia, das vinte e quatro horas que compõem o dia.

Um terço de nossas vidas se passa diariamente em outras dimensões, em outros universos paralelos, que é bom conhecermos melhor...

Capítulo 2

Quando falamos com alguém sobre viagem astral, projeção astral, desdobramento ou experiência fora do corpo, expressões que indicam a mesma coisa, nem sempre somos levados a sério. E se a pessoa for do ramo científico, ainda corremos o risco da ridicularização.

Alguns apresentam logo uma teoria sobre memória genética, como se isso fosse algo já provado cientificamente, pacífico, e que explica tudo, todos os fenômenos paranormais, de uma forma quase mágica. A coisa não é bem assim.

A telepatia é bem mais antiga do que a memória genética, mas não menos apresentada como solução e explicação para tudo que for percepção à distância. Não há mediunidade de psicofonia ou incorporação, nem tampouco experiência fora do corpo para os que veem na telepatia a explicação fantástica para essas coisas. Mas a coisa não é bem assim.

Quando buscamos as revistas e sites na internet que tratam das pesquisas científicas a respeito de telepatia, clarividência e memória genética, temos uma grande decepção. Muito pouco se sabe, e muito pouco se pesquisou até hoje sobre as duas coisas. Então, de vagar com o andor que o santo é de barro. A ciência está longe de explicar a mediunidade de forma geral e as experiências fora do corpo. O que há muito são teorias, e, teoria por teoria, fico com a dos espiritualistas, agrupamento no qual me insiro.

Já tive ao longo de meus trinta e poucos anos de experiências fora do corpo várias vivências que a ciência não pode explicar. Relatarei neste livro algumas delas, por considerá-las interessantes.

Há uma experiência já relatada em meu livro Sana Khan – Um Mestre no Além, volume I, lançado em 1992, que gostaria de analisar novamente, sob novos aspectos, para mostrar que a telepatia e a memória genética, bem como desejos reprimidos ou outra coisa qualquer que seja apresentada pelos cientistas para explicar minhas percepções não satisfazem, e não explicam tudo, ou melhor, não explicam na verdade nada.

Em 1978, ano em que iniciei minhas experiências de saída do corpo, ou projeção astral, tive uma experiência que foi a primeira durante o dia claro. Todas as anteriores se deram durante a noite.

Como as pessoas conhecidas normalmente dormem durante a noite, não é muito comum vê-las em seu corpo físico enquanto eu estou dormindo e saio do corpo. E por isso é difícil ver coisas e atos e depois confirmá-los.

No caso a seguir relatado, saí do corpo entre 6:00 e 6:30 horas da manhã, quando minha mãe estava colocando o café na mesa para nós, seus filhos. Vejamos.

Recordo-me que despertei no corpo, em minha cama, por volta de 5:55 horas da manhã, quando olhei para o relógio de pulso e, achando que ainda era cedo, tendo ainda alguns minutinhos, fechei os olhos e cochilei. Minha mãe me chamava sempre às 6:00 horas em ponto para levantar para ir para o colégio.

De repente, estava eu de pé na porta da cozinha e da copa, vendo nitidamente meu irmão Jorge sentado à mesa, na copa, em posição frontal em relação a mim, próximo à cabeceira da mesa. Era uma percepção tão real quanto se ali estivesse fisicamente, ou talvez até mais nítida. A copa era a mesma, exatamente como a via todos os dias. A mesa no seu lugar, grande, com capacidade para dez pessoas, pois éramos dez, considerando os oito filhos e mais meus pais. O armário, a meia parede que separava a copa da cozinha e tudo o mais, como azulejos, luminária e piso eram aqueles conhecidos meus.

Eis que surge minha mãe, real, muito real, perfeitamente visível e reconhecível, penetrando a copa, vindo da cozinha, trazendo nas mãos um pequeno prato de plástico, de cor verde, no qual havia um ovo frito, e o coloca na frente de Jorge. Não parecia sonho, mas poderia ser. Observei atentamente o ovo frito no prato, e, curioso, ele me pareceu aproximar-se de mim, como em um close de câmera filmadora, possibilitando-me visualizá-lo com maior riqueza de detalhes, principalmente a forte cor da gema arredondada.

No meio dessa observação encerra-se minha lembrança e minha consciência. Acordei imediatamente, abrindo os olhos e recordando rapidamente o que vira. Era por demais real para ser verdade. Pensei, então: "Devo ter sonhado". E me levantei, indo para o sanitário. Lavei o rosto, escovei os dentes, satisfiz algumas necessidades fisiológicas e rumei em direção à cozinha a fim de tomar café. Chegando à porta, estanquei, em rápido freio-motor de minhas pernas, quase em estado misto de espanto e êxtase. Qual não foi minha surpresa. Onde estava parado via exatamente tudo aquilo que vira momentos antes, que julguei ter sido um sonho. O ângulo de visão era o mesmo, da porta. Jorge se encontrava sentado no mesmo lugar, próximo à cabeceira, tendo um prato verde, de plástico, um pouco deslocado para o lado, à sua esquerda, e na frente uma xícara de café com leite, na qual molhava bolachas Maria, para elas amolecerem, costume que nos acompanhava desde a infância. Percebi, rápido como um relâmpago, que o prato verde estava melado de gema de ovo, em cor facilmente reconhecível, vestígio indisfarçável de que alguém comera ovo frito, e com a gema mole. Enquanto fazia essas observações preliminares, Jorge, notando-me plantado à porta, trazendo eu no rosto clara expressão de espanto, adiantou-se a me perguntar:

- O que foi?

- Não é possível! - expressei meu espanto.

- O que foi? - insistiu Jorge, curioso.

- Não acredito!

- Diga o que foi! - Jorge quase se irritava, ante minha demora em explicar o motivo de tamanho espanto.

Perguntei-lhe, então:

- Jorge, você comeu ovo frito?

- Comi, por quê?

- Minha mãe trouxe o ovo nesse prato verde seguindo da cozinha, por trás de você e colocou o prato pelo seu lado esquerdo? - procurava detalhar o que vira, para fins de confirmação de minha percepção.

- Foi exatamente assim. Por quê? - Jorge não entendia porque tantos detalhes, e qual a sua finalidade.

- E você comeu o ovo, colocou o prato de lado e passou a tomar café?

- Sim.

- Incrível! Jorge, eu me projetei, estando exatamente aqui na porta e vi tudo o que aconteceu. Foi real! A mais real e objetiva experiência de projeção que já tive.

- Não foi sonho, não? - perguntou-me Jorge, para ver se tinha certeza do que estava falando.

- Não, foi real. Era como se eu realmente estivesse aqui. Foi nítido, claro, muito diferente de um sonho. Você sabe que já estudei os sonhos, inclusive fazendo experiências de controle de sonho. É diferente.

Sentei-me, então, à mesa e tomei café, estando ainda minha mãe na cozinha, e Jorge sentado. Recordava do momento em que despertei, olhei o relógio e novamente cochilei em seguida, achando-me na porta da cozinha; e, em seguida, lembrava-me do que vi, e do meu novo despertar na cama, indo em seguida para o sanitário. Pensava nos minutos que permaneci no sanitário e no tempo gasto por Jorge para comer o ovo e começar a tomar o café com leite e bolacha. Parecia que o tempo se encaixava perfeitamente. Foi tudo tão real. Vi exatamente o que aconteceu na copa, envolvendo os atos e movimentos de minha mãe e de meu irmão. O tempo parecia ser o mesmo, entre o momento em que a minha consciência na porta da copa foi interrompida e o momento em que retornei ao corpo físico e nele me senti consciente. O tempo que fiquei no sanitário se encaixava como uma luva. Concluí, então, que de fato fora uma OBE (out of the body experience), experiência fora do corpo, desdobramento ou viagem astral, o que é tudo a mesma coisa. De fato estivera, em meu corpo astral, fluídico, perispirítico ou espiritual na porta da cozinha, quando vi o que nela acontecia. Não fui visto, sequer tendo sido notado pelos presentes naquele ambiente doméstico. Pensei que talvez se um deles fosse médium vidente teria me visto e identificado. Porém, como não possuem faculdades paranormais ou extrasensoriais, não sendo médiuns ou sensitivos, não fui notado. Invisível, era como me encontrava. Porém vivo, pensando, lúcido, desperto e consciente. Eu estava na porta da cozinha, estando meu corpo deitado na cama a dormir. Essa consciência era importante. A sede da consciência, da alma ou espírito estava naquele corpo sutil, que se deslocou até a copa.

Foi, sem sombra de dúvida, a mais importante das experiências que tive. Não a mais chocante, impressionante ou deslumbrante, pois teria dali para frente centenas de experiências fora do corpo, com aprendizados indescritíveis. Porém, essa foi a

mais objetiva, pois a única com possibilidade de inteira comprovação da percepção que tivera. E isso porque já era dia claro, estando as pessoas acordadas, as ruas com gente a ir para o trabalho ou escola. Raramente alguém sai do corpo durante o dia, geralmente o fazendo à noite, quando reina o silêncio, a tranquilidade, para que seja efetuado o relaxamento preparatório da saída do corpo astral.

Pensava, ainda à mesa, na época, em como os parapsicólogos tentariam explicar tal forma de percepção extrasensorial, pois meu corpo estava no quarto, deitado na cama, com os olhos fechados, e todos os sentidos adormecidos. Diriam eles: - "Foi uma PES, ou SUPER PES (PES = Percepção Extra Sensorial). A percepção se deu via clarividência, estando o subject em estado alterado de consciência".

Acontece, no entanto, que as PES têm tido pouquíssima representatividade nos experimentos laboratoriais. A clarividência e a telepatia são raras e não têm atingido resultados mais profundos e complexos para que sirvam de suporte para explicar todos os fenômenos paranormais ou extrasensoriais. Muito menos a SUPERPES, inventada racionalmente, mas sem base experimental, por cientistas que tinham indisfarçavelmente o claro intuito de negar por negar quaisquer fenômenos ou faculdades que demonstrassem e provassem a existência do espírito independente da matéria e sobrevivente ao corpo carnal. A SUPERPES é uma hipótese implausível e improvável para derrubar a minha certeza de que estivera naquela porta em meu corpo espiritual sutil.

A telepatia consiste na transmissão de dados de um cérebro para outro, do ponto de vista estritamente científico, visto que a ciência oficial não aceita a ideia da existência da alma, do espírito, que sobrevive à morte corporal. E esses dados podem ser palavras, frases ou imagens.

Para que minha experiência acima relatada fosse considerada telepatia, seria preciso que eu tivesse visto exatamente o que meu irmão estava vendo.

Outra coisa. Normalmente na telepatia pelo menos uma pessoa está concentrada para enviar ou captar o que o outro está enviando ou percebendo, ou pensando. Isso quando os dois não estão conscientemente envolvidos no processo de transmissão e captação de dados envolvendo dois cérebros.

Meu irmão não estava pensando em me enviar dado algum, seja em forma de ideias e frases ou ainda em forma de imagens. Ademais, se ele estivesse me enviando as imagens do que ele estava vendo na copa, ele teria me enviado imagens do que estava à sua frente, incluindo a porta, porque era isso o que ele estava vendo, jamais a imagem de minha mãe atrás dele, e sua própria figura, vista de frente e de uma distância de cerca de um metro. Isso nunca acontece.

O que eu vi era totalmente o oposto do que meu irmão viu. Vi seu corpo de frente, sentado, e minha mãe atrás dele. Tudo que vi tinha outro ângulo. E a telepatia não gera jamais essa percepção. Descarto, como sempre descartei, a ideia de telepatia entre meu irmão e eu naquela manhã de 1978.

A clarividência, por sua vez, que também é uma forma de percepção extrasensorial, também não explica o fenômeno. Nela, normalmente, a pessoa percebe coisas à distância, ou através de obstáculos, mas geralmente a partir da mesma posição em que se encontra o clarividente. Ou seja, se ele está de pé, somente pode ver o que está à sua frente, e o mesmo que se dá quando está deitado.

É possível que muita gente confunda percepções obtidas por meio da projeção astral com a clarividência. Esta se dá em estado de vigília, enquanto na projeção astral estamos em sono profundo (o corpo).

Na minha experiência, estava deitado, e em ligeiro e leve cochilo. Assim, não se pode falar em clarividência, faculdade que, aliás, nunca tive nessa vida.

Descartada, portanto, tanto a telepatia quanto a clarividência, as duas vertentes da SUPER PES (Super Percepção Extrasensorial), teoria há muito apresentada de forma fantástica para tentar explicar alguns fenômenos paranormais.

Como minha lembrança se assemelhava a um sonho, tanto que assim a considereei a princípio ao acordar, e não foi nem telepatia nem clarividência, o que mais poderia ser? Memória genética?

A memória genética, com pouca comprovação, e muita teoria, serviria para a sustentação de que o que eu vi estava no meu DNA, herdado de parentes próximos ou remotos, ou até mesmo de estranhos, face à mistura de gens atualmente no mundo.

Acontece que ninguém no mundo viu e registrou em seu DNA, e que pudesse chegar até o meu corpo, as imagens que eu vi na porta da copa naquele dia.

Ninguém viu o ambiente do meu ângulo. E mesmo minha mãe e Jorge, que viram as coisas de ângulo oposto à minha visão não poderiam em absoluto passar DNA para mim. Assim, também a memória genética é imprestável para tentar explicar minha experiência na copa.

Para considerarmos a realidade da experiência fora do corpo, com audição, visão, etc, enquanto o corpo material dorme na cama, é preciso considerar forçosamente a existência de algo mais sutil, não material, ligado ao corpo físico, e que pode se afastar ao menos em parte e temporariamente dele para se manifestar e atuar fora dele. E ter percepções de coisas e lugares muitas vezes distantes, e às vezes próximos ao corpo, como em minha experiência na copa, distante cerca de dez metros de meu quarto.

Minha experiência fora do corpo aqui relatada, sem a menor sombra de dúvida para mim, foi real. De fato saí do corpo, temporariamente, fui até a porta da copa, e lá pude ver coisas e pessoas em movimento e fazendo coisas, e ao voltar ao corpo e me levantar pude comprovar que realmente o que vira era a mais pura expressão da realidade do que ali acontecera.

Nada aconteceu diferente do que eu havia visto. Cada gesto, cada movimento, cada detalhe de cor, como a gema do ovo, era real. Somente a minha estada ali naquela porta permitiria que eu visse o que vi, daquele ângulo. Ninguém mais viu o que ali acontecia do ponto de vista de meu ângulo, pois ninguém mais esteve parado na porta da copa como eu naquela manhã, e exatamente no momento em que eu estive ali. Por isso só eu vi o que vi. Só acreditando na projeção astral,

desdobramento, ou na saída do corpo podemos entender o que aconteceu comigo naquele dia no ano de 1978.

Esse é um exemplo de experiência vivida durante o dia em nossa dimensão física, com comprovação posterior do percebido, estando em meu corpo energético, não no físico.

No capítulo seguinte, relatarei experiência mais recente, de 2006, em que encontrei com meu pai, recém desencarnado (07.08.2006), e vi uma coisa que não tinha como eu saber que encontraria no ambiente onde ele e um irmão meu se encontravam, sendo este último encarnado, ou seja, “vivo”. Isso demonstrará que podemos também deixar o corpo, em projeção astral, e rumarmos para outras dimensões espirituais e encontrar com pessoas conhecidas e desencarnadas, comprovando também a veracidade desses encontros.

Ao sairmos do corpo físico, ora permanecemos apenas no plano físico, vendo apenas as coisas desta dimensão, sem percebermos outras dimensões espirituais, e ora mudamos de dimensão, indo a cidades e ambientes os mais diversos, de fazendas, campo e outros, sem ver nesses momentos o mundo material, ficando um tempo desconectado da dimensão física, material, estando ligado apenas energeticamente ao nosso corpo físico. São duas situações e possibilidades diferentes, apesar de ambas serem experiências fora do corpo, projeção astral.

As possibilidades de vivências e aprendizados na saída do corpo são ilimitadas...por que não aproveitar?

Capítulo 3

Neste capítulo, escreverei sobre o diário que fiz de meus primeiros encontros com meu pai após o seu desencarne. São relatos muito interessantes, e baseados exatamente no que vi e vivenciei.

Vou colocar aqui exatamente a sequência de encontros com suas datas reais, até determinado momento, pois deixei de escrever faz algum tempo, face a tantos encontros, senão daria um livro sobre o diário...

Meu pai desencarnou no dia 7 de agosto de 2006, como já informei antes.

Na missa de um mês de meu pai, feita por minha mãe, uma médium conhecida, e de minha inteira confiança, viu meu pai na igreja, amparado por dois espíritos, cada um segurando em um braço dele, estando eles junto à porta da sacristia, ao lado do altar.

Meu pai estava usando um roupão branco, típico dos hospitais. Isso porque ele de fato estava em um hospital, como já sabíamos em razão de uma reunião mediúnica em que participei e na qual a mesma médium havia se projetado para fora do corpo e ido até onde meu pai estava, num hospital que segundo ela parecia mais um hospital militar de campanha, com macas de lona ao invés de camas hospitalares. Meu pai era militar do Exército.

Antes dessa reunião mediúnica, ocorreu minha primeira tentativa de encontrar meu pai, conforme agora passo a narrar na forma escrita no diário de encontros com meu pai.

DIÁRIO PÓS DESENCARNE

ANTES DO DESENCARNE.

MEU SONHO SOBRE A MORTE DE MEU PAI.

Sonhei com a morte de meu pai cinco anos antes de acontecer, cerca de três meses antes de viajarmos para Resende - RJ em dezembro/2001 para a comemoração dos 50 anos de formatura da turma dele da AMAN (Academia Militar das Agulhas Negras).

Naquela época, achava que eu desencarnaria com ele, e me preparei para isso, o que não aconteceu.

Quando, alguns anos depois, viajei para Belo Horizonte com meu pai, para uma cirurgia em seus olhos, novamente me preparei para desencarnar com ele, o que também não aconteceu.

DESCOBERTA DA DOENÇA.

Foi descoberto o câncer nos ossos de meu pai em abril/2006, e logo em seguida (julho?) um tumor na tireóide.

INFORMAÇÃO ESPIRITUAL NA CASA DE UMA AMIGA.

Em um jantar na casa de uma amiga, presidente do centro espiritualista que frequento, e com parte dos colaboradores presentes, antes de meu pai ser internado pela primeira vez, uma médium incorporou um dos integrantes da equipe espiritual do centro, que disse que seria feito um trabalho preparatório para o retorno de meu pai ao mundo espiritual. Ali eu passei a ter certeza do seu desencarne.

TRABALHO DA EQUIPE DO SANTUÁRIO.

Por duas vezes alguns membros do centro fizeram um trabalho com meu pai.

Na primeira, no Hospital da Bahia, um médico espiritual disse que seriam colocados anéis de sustentação na coluna dele, e calços, porque a coluna estava muito frágil, por causa do câncer.

Na segunda sessão de tratamento, agora na casa de um primo meu, o trabalho prosseguiu, com a revisão.

Depois meu pai não quis mais continuar com o trabalho.

SONHO DE MEU PAI COM UM HOSPITAL.

Em uma das noites em que dormi no Hospital da Bahia com meu pai, ele teve um sonho em que ia até um hospital em uma rua escura. Descreveu a rua, a calçada e o quarto, comparando com o quarto do hospital onde estava internado, falando das semelhanças e diferenças entre os dois quartos. Ele percebia duas dimensões ao mesmo tempo, o que às vezes acontece com pessoas prestes a desencarnar.

CIRURGIA NO CORPO ESPIRITUAL DE MEU PAI NA CASA DELE.

Em outro dia, quando ele estava em casa, entre dois períodos de internamento, e pouco antes de desencarnar, também estando eu dormindo no quarto dele, na cama ao lado, saí do corpo e vi um médico fazendo uma cirurgia no olho esquerdo de meu pai, tendo visto o médico passando o bisturi ao redor do olho e cortando, sem sair sangue. Tive a impressão de que seria retirado o globo ocular, e não quis mais ver. E em seguida voltei ao meu corpo, e fiquei um bom tempo ouvindo a conversa entre dois homens, sendo que predominava a fala do que tinha a voz mais grave, de homem maduro. Falavam de meu pai. No momento eu entendia tudo, mas depois que acordei não consegui lembrar mais do conteúdo da conversa.

DESENCARNE.

No dia 7 de agosto/2006, meu primeiro dia de férias, fui até a vara do trabalho da qual era titular, no bairro do Comércio, em Salvador, despachei, tomei algumas medidas, fiz um ligeiro lanche e em seguida me dirigi para o Hospital da Bahia para ver meu pai, que havia acabado de ser internado novamente naquela manhã, por volta das 10:00 horas.

Cheguei ao quarto dele por volta das 14:00 horas, estando duas auxiliares de enfermagem trocando o roupão de meu pai.

Não demorou e elas saíram. Então me aproximei novamente da cama e comecei a alisar a cabeça de meu pai com a mão esquerda.

Entre um e três minutos depois que comecei a alisar a cabeça, a respiração de meu pai começou a ficar difícil, rápida, estando ele com máscara de oxigênio.

Fiquei calmo, e quando percebi que ele não conseguia respirar direito, me dei conta de que ele estava desencarnando.

Logo a respiração parou, o peito deixou de mexer. Estava acabado. Foi muito rápido.

Meu pai desencarnou menos de cinco minutos depois que cheguei ao quarto. Isso me deu a impressão de que foi tudo planejado pelos espíritos. Esperaram a minha chegada. Seria para utilizarem meu ectoplasma? Detalhe, eu havia pedido para que ele desencarnasse quando eu estivesse com ele, de preferência durante a noite, por me sentir preparado para conduzir o processo.

APÓS O DESENCARNE.

1ª TENTATIVA DE ENCONTRAR MEU PAI.

Possivelmente no dia 14 ou 15 de agosto, apenas uma semana após o desencarne, sonhei (lembrança de experiência fora do corpo) que estava com um irmão meu no interior de um veículo, parecendo ser um carro pequeno, e minha irmã e um sobrinho estavam na calçada, na rua, querendo ir conosco. Não deixamos que eles fossem conosco, e minha irmã dizia: “Esse Durval e esse Beto...”. Beto sou eu. Durval é meu irmão.

Dissemos que íamos levar água para meu pai. E no carro havia um garrafão de água, tipo garrafão de água mineral de vinte litros.

Depois recordo que eu e meu irmão seguíamos a pé por um caminho em um lugar meio escuro. Paramos e vimos uma figura flutuando não muito alto, como se fosse um urubu, em forma de demônio daqueles que se veem em livros e filmes; magro, nu, com orelhas grandes e pontiagudas, boca grande e cheia de dentes, grandes e pontiagudos, e rabo fino com uma terminação do tipo ponta de flecha.

Não estávamos com medo.

Falei para meu irmão que ele não era o Demônio, o Diabo, mas apenas um demoniosinho, num certo tom de desprezo...

Repentinamente, o demônio pareceu ter sido atraído de forma poderosa para o céu, que era escuro, como se nuvens escuras o cobrissem por inteiro, e desapareceu nas “nuvens”.

Disse a meu irmão que quando isso acontecia era sinal de que alguém muito poderoso estava chegando, como se fosse descer um espírito de luz.

Logo em seguida vimos as “nuvens” se abrirem de repente e sair delas em grande velocidade em direção à terra alguma coisa, que não dava para identificar. O vulto chegou ao solo e caiu em pé, quando vi então que era o mesmo “demônio” que antes estava flutuando, e ele se lançou sobre mim como se fosse um gafanhoto saltando, de forma muito rápida. Chegou a mim e colocou a boca no mamilo de meu peito direito, como a sugá-lo. No susto, com um rápido golpe de braço (direito), um

movimento de defesa de karatê, afastei-o de mim, lançando-o para longe, mas no susto meu coração deve ter se acelerado, o que fez com que eu retornasse ligeiramente para meu corpo, no plano físico, e acordei ligeiro e ainda fazendo o movimento com o braço, e também igualmente fazendo o mesmo movimento com o braço físico, que quase acertou minha esposa, que dormia no meu lado direito. Foi tudo muito nítido. Por pouco não dei um golpe em minha esposa.

REUNIÃO MEDIÚNICA NO CENTRO. MANIFESTAÇÃO DE MEU PAI.

No dia 26 de agosto, após ter contado à presidente do centro (Santuário Luz e Vida) a tentativa frustrada de ver meu pai, realizamos uma reunião mediúnica no centro, local mais adequado.

A equipe espiritual levou uma médium até meu pai, e ela transmitiu o que ele dizia, sem que tivéssemos certeza no início de que fosse ele.

Ele se sentia em um poço, ou falava por metáfora, dizendo estar no fundo do poço, e que ninguém podia ajudá-lo.

Algumas pessoas falaram com ele, inclusive eu. Ele não me reconheceu. Acho que não me enxergava.

Foi-lhe aplicado passe energético. Sentia fortes dores no peito, na região do coração, talvez pela parada cardíaca no momento da morte.

Falava para ajudarmos o outro espírito ao seu lado, que estava precisando mais do que ele, e que não podíamos ajudar a ele próprio.

Dizia haver guardas ali, e perguntava se havíamos trazido armaduras para nos proteger.

O outro espírito também se manifestou, mas igualmente à distância, e rapidamente, sem nada dizer, apenas gemendo, e também lhe foi aplicado passe.

Meu pai estava em um hospital, deitado em uma cama em um canto. A médium disse que ele estava fardado, e disse que o local parecia um hospital militar, com guardas.

Em seguida, um espírito transmitiu uma longa mensagem para nós, especialmente para mim, por meio da mesma médium, que é médium sonambúlica. Ela estava espiritualmente distante, mas transmitindo pela boca do corpo o que estava ouvindo e vendo ou o que lhe ditavam. É um tipo de projeção diferente da minha. O espírito sai do corpo, mas continua falando pelo corpo. É interessante.

O espírito que transmitia a mensagem me disse que eu poderia ajudar muito meu pai, e que eu poderia ir até onde ele estava, porque tenho o raro dom de transitar em dois mundos, e que meu pai me reconheceria.

MISSA DE UM MÊS. PRESENÇA DE MEU PAI.

No dia 6 de setembro, na missa de um mês, na Igreja de Santo Antônio da Barra, como já relatado acima, a médium viu meu pai perto da entrada da sacristia, perto do altar, amparado por dois homens (espíritos), um em cada braço, estando meu pai trajando um roupão comprido branco, como o que usava no Hospital da Bahia, e ele sorriu para ela e disse: “muito obrigado”.

A médium disse que ele estava sem óculos. Ele usava óculos em vida.

1º ENCONTRO COM MEU PAI.

Dia 18 de setembro, à noite, finalmente estive com meu pai, que estava em uma rua meio escura, com diversos outros homens, havendo um veículo parado, que parecia um caminhão. Veio-me à mente que estavam comemorando algum dia importante para os militares.

Havia alguém comigo, que acho que era minha esposa ou meu filho caçula.

Meu pai estava trajando calça e camisa e estava com óculos. E estava em pé sem apoio de ninguém. Andava sozinho. Progresso em relação ao dia da missa, em que estava amparado por dois homens.

Vi um homem de meia idade dar uma tapa de raspão na cabeça de meu pai, como alguns meninos fazem meio de brincadeira, o que me causou grande revolta e raiva. E então fui atrás dele, e comecei a dar-lhe tapas, e ele revidou, passando eu então a dar-lhe socos, também respondidos por ele. Não me contive, diante daquela agressão a meu pai, doente, recém desencarnado e ainda não muito bem...não consegui me controlar...

O homem por fim correu, e fui atrás dele.

Em uma praça para onde correu havia uma árvore, e vi uma mulher sentada em um tronco baixo, mas sabia que ela na verdade era o mesmo homem que bateu em meu pai. Acho que tentou se disfarçar, mudando de forma. Mas não funcionou. Falei para ele: “Como é que você bate nele? Ele está doente!”.

Depois o homem foi até meu pai e pediu desculpas, mas meu pai disse a ele: “Não desculpo não”, em tom bravo e zangado.

Sei que falei com meu pai, mas não recorro do diálogo.

2º ENCONTRO COM MEU PAI.

Dia 27 de setembro, à noite, encontrei meu pai pela segunda vez.

Cheguei a uma casa grande, térrea, com uma grande área gramada na frente, tendo um carro sem capota no jardim. Vi um homem entrar no carro e dar marcha à ré para sair pelo portão que se abriu, parecendo um portão eletrônico.

Entrei na casa, chegando a uma vasta sala, que me pareceu uma sala de visitas, onde vi meu pai sentado em uma poltrona individual assistindo TV. Eu não vi a TV, mas a sentia e sabia que ele estava assistindo. Não me virei para ver a TV.

Minha mãe estava sentada ao lado dele, em outra cadeira, um pouco atrás, não exatamente ao lado dele.

Meu pai estava sério. Não sorria.

A área externa da casa era iluminada por luz natural, como a do sol.

Isso significa que ele estava já em plano mais claro, melhor, tendo já saído do plano escuro onde ficava o hospital que o acolheu inicialmente. O hospital deve prestar os primeiros socorros ainda em zona mais próxima da crosta terrena, na região que os espíritas denominam de umbral.

A casa onde estava me lembrou e me pareceu uma casa de repouso.

Ele não estava com roupa ou aspecto de doente.

3º ENCONTRO COM MEU PAI.

Dia 7 de outubro de 2006, dia em que completam exatamente dois meses do desencarne de meu pai, no final da madrugada, quase amanhecendo o dia, estive em uma casa, com acesso de estrada que parecia de barro, com uma grande fenda como que erodida por chuva, onde estavam vários membros de minha família. Cheguei lá com meu irmão Durval, e de carro, que eu mesmo dirigia, e que se parecia com o meu.

Minha mãe estava bem nítida, sentada em uma poltrona, vendo televisão, e meu filho mais velho estava um pouco atrás, de pé, tendo uma garota agarrada ao seu braço direito, carinhosamente. Depois conheci sua namorada, pois na época desse encontro nem sabia que ele namorava.

Vi em seguida, saindo de uma porta, que dava acesso a um longo corredor, meus irmãos, mas não lembro bem de seus rostos, e quando entrei pela porta dei de cara com meu pai, que vinha pelo corredor em direção à porta, andando sozinho, usando calça e camisa, e usando um chapéu na cabeça. Quando se deparou comigo no corredor, ele saindo e eu entrando, disse: “Beto...”, do jeitinho que ele fazia quando me via. Só lembro até aí.

Ele estava bem, com um ligeiro sorriso nos lábios.

Parecia ser uma casa de fazenda, o que justificaria o chapéu na cabeça. Ele costumava usar esse chapéu quando ia para Nova Canaã, cidade onde moraram seus pais e um irmão e sobrinhos, e onde teve fazenda.

Liguei para minha mãe e lhe contei o sonho, e ela me falou que encontrou o chapéu que Bira (sobrinho dele) deu a meu pai. Disse não saber a quem dar, e então eu lhe disse que queria o chapéu.

Eu não sabia que minha mãe tinha encontrado o chapéu.

Tenho uma foto em porta-retrato com meu pai usando esse chapéu na fazenda, e sempre a olho.

O astral de meu pai parecia estar bem melhor. Provavelmente devido à visita maciça da família. Chamou-me atenção o fato de até meu filho mais velho estar lá, pois ele não ia muito à casa de meu pai.

Quando cheguei à casa, a família já estava lá, parecendo que eu fui o último a chegar. Fui dormir tarde e com o estômago muito cheio, o que certamente impediu de sair do corpo antes.

4º ENCONTRO COM MEU PAI.

Dia 17 de outubro. Lembro de estar com meu pai, bem perto dele, na frente, olhando os detalhes de seu rosto, pele sem rugas.

Lembro de ter ouvido ele dizer “eu estou mais vivo que sua mãe”. Isso é interessante! Quando o espírito desencarnado está bem, de fato ele está muito mais vivo do que os encarnados, que se consideram vivos.

A perspectiva dos “mortos” e dos “vivos” realmente não é igual.

5º ENCONTRO COM MEU PAI.

Dia 21 para 22 de novembro.

Fui ver meu pai em uma casa, depois de passar por uma rua sem movimento. Não sei se a casa ficava na rua. Quando entrei na casa, sem bater, sem abrir a porta, fui até um quarto, onde ele estava, com a porta fechada, mas não trancada com chave, estando deitado em uma cama que era na verdade dois grandes colchões, um em cima do outro. Eu arrastei o de cima para ficar na mesma posição do de baixo, sobrepostos. Havia roupa pendurada na porta de um armário, podendo ver claramente um casaco azul, parecendo um que ele usava, ao que me pareceu. E um irmão meu estava com ele na cama, também deitado. Eu perguntei por minha mãe, e meu pai disse que ela tinha estado lá, mas que já tinha ido embora, ficando claro que ela não morava ali, mas ele sim. Eu perguntava se eles já haviam tomado café, ou se eles já haviam comido alguma coisa. Meu pai não demonstrou interesse em comer, ao contrário de meu irmão, que disse não haver ainda comido. Meu pai aparentava estar muito bem. Lembro que reparei que ele não estava doente, observei seu corpo, e sabia que ele já havia morrido. Mas ele estava realmente muito bem de aparência, e de humor. Estava muito bem mesmo. Conversamos um pouco, com naturalidade, e pela primeira vez eu lembro de ter realmente falado com ele, uma conversa de verdade, bilateral. E havia grande sensação de realidade e tridimensionalidade durante todo o encontro.

Um dia depois, na casa de minha mãe, contei o sonho ao irmão que estava com meu pai, e ele me disse que havia comprado uma cama box, e que havia montado ela na noite do meu sonho, ou seja, na noite anterior. Uma grande coincidência. Não sabia da cama box de meu irmão, ou mesmo que ele gostava desse tipo de cama e que queria comprar uma, e o encontrei deitado em uma cama box com meu pai no plano espiritual no mesmo dia em que a cama foi montada no quarto de meu irmão no plano físico.

Jamais meu pai compraria uma cama box para ele, muito menos de casal, pois ele e minha mãe dormiam em camas separadas há muitos anos. E meu pai era mais conservador. Isso aumenta ainda mais a realidade da lembrança do encontro no plano espiritual.

Não sabia do desejo nem da efetiva compra da cama box por parte de meu irmão, nem que ele havia já montado a cama, e exatamente na mesma noite de meu sonho. Não havia como eu saber dessas informações previamente, para então construir o sonho.

Depois ainda tive muitos sonhos com meu pai. Em um, ele estava assistindo uma palestra que eu estava fazendo, em um auditório; em outro, ele estava amparando uma irmã recém desencarnada (alguns meses depois dele) no fundo da casa onde ele estava residindo; em outro, ele estava numa festa, ou encontro, onde havia muita gente da família, inclusive um primo meu desencarnado há muitos anos, e nós estávamos conversando.

Meu pai está muito bem, pois era um homem bom, ético, caridoso, que estava sempre disposto a ajudar a todos, mesmo se fossem estranhos a ele. Assim, mesmo não conhecendo nem se interessando pela vida espiritual, e tendo muitas dúvidas sobre sua realidade, logo se deu conta da sua condição no mundo espiritual, e passou rapidamente a se adaptar a ele.

Mais vale o caráter da pessoa em vida, e suas obras, do que meros conhecimentos teóricos acerca da vida futura no mundo dos espíritos, porque os bons, mesmo que sejam materialistas por concepção, logo aprendem sobre a nova realidade do ser e do novo mundo, e ascendem, mas os maus não se tornam bons do dia para a noite, e por isso muitas vezes permanecem presos por muito tempo em zonas de baixa vibração, na escuridão, no umbral, quando não nas trevas densas, em grande sofrimento...

Capítulo 4

Outro dia, tarde da noite, minha esposa acordou e disse que estava vendo um chinês em posição sentada, flutuando no nosso quarto, vestindo uma roupa composta de camisa e calças aparentemente de seda, de cor bege, com a cabeça raspada até o meio, e com cabelo comprido atrás, tendo uma barba rala, com bigodes descendo do lado do rosto.

Assim que ela o descreveu para mim, a meu pedido, que lhe fazia perguntas, percebi que se tratava do mestre Sana Khan.

Relaxe e pensei em sair do corpo. Depois de algum tempo, senti que ia cochilar, mas ao contrário de dormir, de apagar, saí do corpo de forma consciente.

Levantei-me e me deparei com ele flutuando ao pé da minha cama.

- Olá... - disse-me ele, sorrindo, como de costume.

- Oi, mestre. – respondi.

- Como tem se sentido ultimamente com tantos ataques de seus desafetos?

- Cansado, mestre. Eles não têm me dado trégua mesmo!

- Você acha que está resistindo bem?

- Não sei, mestre. Às vezes me sinto enfraquecido com os planos incríveis elaborados para me desestabilizar...

- Você está seguro do que quer, meu filho? – perguntou Sana Khan agora mais compenetrado, sem o habitual sorriso no rosto.

- Às vezes penso que sim, outras vezes me sinto meio dividido...

- É preciso saber exatamente o que quer, para só então encontrar a força interior que o fará vencer a guerra na qual está envolvido, mesmo sem ter plena consciência disso. – disse Sana Khan, me deixando meio intrigado.

- Guerra, mestre? Que guerra? – perguntei, de forma meio ingênua.

- Sim, há muita gente envolvida nessa guerra. Eles fazem planos muito bem elaborados, e apostam que você não vai durar muito tempo no caminho que voltou a trilhar...eles apostam nas suas fraquezas...todos temos algum ponto fraco...

- Luto para fechar as portas...as únicas por onde eles têm entrado por muito tempo... – disse meio de devagar.

- Eu sei da sua luta, meu filho. – disse o mestre, procurando me confortar – Mas às vezes você cede com certa facilidade. Esteja mais atento. Ore e vigie mais, como recomendou o Mestre Jesus, sempre certo em suas colocações.

- É, mestre, preciso seguir mais esse conselho. Preciso me fortalecer mais. A turma dos “contras” é poderosa, e não descansa nunca. Eles não dormem... – disse sorrindo, despertando também no mestre o riso suave.

- Enquanto eu como, tomo banho, trabalho, etc, eles estão agindo contra mim...

- Tudo nessa vida, meu filho, é questão de sintonia. Nunca se esqueça disso! – disse Sana Khan.

- Preciso lembrar disso também, mestre.

- Se você baixa a guarda, eles encontram a sintonia necessária e desejada para chegar até você e atingi-lo. – disse o mestre.

- Tem razão... – disse, concordando com o mestre, sempre certo.

- Não queremos que você se torne um santo, meu filho. Só queremos ajudar na sua caminhada. E não se pode estar dividido em nada na vida. É preciso estar inteiro nas coisas. – disse Sana Khan.

- A galera do mal – disse eu sorrindo – me cerca o tempo todo...

- Porque eles sabem seu potencial, sabem o que você está querendo fazer, o que já começou, e o que ainda fará...eles procuram bloquear seu trabalho, impedindo que publique livros, que faça mais palestras, e procuram desestabilizar aspectos mais íntimos de sua vida... – disse Sana Khan.

- Preciso evitar a sintonia de qualquer jeito – disse – para poder dar continuidade ao que comecei. Não posso e não quero parar mais...

- É assim que se fala! – disse o mestre sorrindo, agora para valer, satisfeito.

- O que mais o senhor quer me dizer, mestre?

- Vim pegar você para levar a um lugar onde estive há pouco tempo, mas sem muita lembrança. – disse o mestre.

- Onde, mestre?

- Lembra daquelas ruínas?

- A Atlântida? – perguntei animado, como se fosse uma criança prestes a ser levada a um parque de diversões.

- Sim, a Atlântida. – confirmou Sana Khan.

- Onde ficam as ruínas? – quis saber curioso.

- Ainda não posso revelar, pois você ainda não é capaz de guardar esse segredo. – disse Sana Khan, me deixando meio frustrado.

- Puxa, mestre, que confiança...

- Não é isso, meu filho. Na verdade não tenho autorização ainda para revelar a você o lugar onde ficam as ruínas, mesmo porque, no meio do oceano, sem nenhum marco, não dá para você saber onde ficam as ruínas.

- E como o senhor sabe onde elas ficam?

- É difícil explicar para você. Não há coordenadas como as usadas pela marinha terrestre. É uma questão de mentalização em relação a algo já conhecido, e onde eu vivi. Minha memória está mais aberta do que a sua, e por isso é mais fácil eu regredir e lembrar o meu passado, e encontrar os lugares onde vivi, como a Atlântida.

- Mestre, a Atlântida era muito grande?

- Sim. Pense na dimensão do Egito antigo, ou na Grécia antiga. A Atlântida não era menor do que eles. – disse Sana Khan.

- Vamos até lá, então? – perguntei, ansioso para retornar ao lugar incrível onde estivera antes, não faz muito tempo.

- Acompanhe-me. – disse o mestre, e simplesmente desapareceu da minha vista.

Como já estava acostumado a fazer, segui o rastro do mestre. Simplesmente me concentrei nele, em sua pessoa, e logo o senti na minha frente, em altíssima velocidade, voando sobre o mar. Estava escuro, e não tinha nenhuma noção da direção que seguíamos.

Via o mar escuro embaixo, com a espuma branca das ondas. Estávamos voando a cerca de dez metros acima do mar.

Olhei para cima e vi o céu claro, com poucas nuvens, e algumas estrelas cintilavam, dando um pouco de luminosidade à noite sem lua.

De repente Sana Khan parou. Parei também.

- Chegamos. – disse o mestre.

- Já? – perguntei.

- Sim, pela sua noção de tempo devemos ter levado alguns segundos. Nem mesmo um minuto.

- Mestre, a que profundidade ficam as ruínas?

- Há uma certa variação, pois elas estão muito espalhadas, em lugares mais altos e às vezes mais baixos. Pense em sua cidade, Salvador, sendo inundada. Depois de algum tempo alguém vai rever as ruínas submersas. Haveria construções em profundidades variadas, por que a cidade tem parte baixa e parte alta, em cima de morros, não é mesmo?

- Sim, mestre. Salvador tem muitos morros e ladeiras. Haveria certamente ruínas em vários níveis de profundidade. – concordei.

- Com a Atlântida acontece a mesma coisa. Não se trata de uma cidade apenas, mas de uma nação. Havia muitas cidades espalhadas por vasta região, separadas muitas vezes por dezenas de quilômetros. Se algum pesquisador encontrar algumas centenas de metros de ruínas estará encontrando não a Atlântida toda, mas meramente parte do que um dia foi uma das cidades atlantes.

- Isso é interessante, mestre. Vejo muitas vezes pesquisadores encontrarem uma suposta muralha de pedra submersa em qualquer lugar e se apressam em divulgar que encontraram a Atlântida.

- O mundo ainda não está pronto para encontrar mesmo a Atlântida. Mas isso não demorará a acontecer. – disse o mestre.

- É uma grande responsabilidade encontrar ruínas que poderão levar à revisão da história em muitos aspectos. – disse.

- Sim, meu filho. A confirmação da lenda relatada em obra do irmão Platão levará a grandes reformas no conhecimento humano a respeito de seu passado mais longínquo. E isso não pode nem deve ser feito de forma irresponsável. Mas vamos descer...

Sana Khan nem esperou a minha concordância, ou minha preparação. Afundou no mar escuro, sem medo algum.

- Nem todos têm coragem de mergulhar no mar escuro assim como você! – disse Sana Khan, enquanto descia lentamente mar adentro.

- Nunca tive medo de água, mestre. Nem de escuro. Mas sozinho acho que não desceria aqui...

- Por quê?

- Sei lá quem poderia encontrar aqui... – disse, demonstrando um certo temor...

Sana Khan riu muito. Mas não parava de descer.

De repente, em meio ao azul claro que percebia, pois não estava tudo completamente escuro, como, aliás, normalmente percebo no mundo espiritual,

percebi alguns paredões de pedra, de blocos de pedras enormes. Havia muitas paredes, algumas dando para ver que eram da mesma construção, e outras mais distantes, que um dia fizeram parte de outras construções, como grandes templos.

- Como você pode perceber, meu filho, - disse o mestre agora me ensinando – só as construções de blocos de pedra sobreviveram. Da mesma forma como aconteceu no Egito e na Grécia posteriormente. As construções de tijolos de barro não sobrevivem à ação do tempo. Não há quase vestígios de casas de tijolos no Egito e na Grécia, assim como em Roma. Somente grandes construções sobreviveram.

- E isso nós estamos falando de ruínas na terra... – lembrei.

- Exatamente. Se você pensar em um tijolo de barro debaixo d'água, sabe que não há chance de encontrar qualquer vestígio dele cem anos depois, quanto mais dez mil anos ou muito mais, como no caso da Atlântida. – disse Sana Khan.

- Então devo concluir que todas essas paredes altas ainda de pé fizeram parte um dia de grandes construções, como templos, por exemplo...

- E também bibliotecas, silos de armazenamento de grãos, escolas iniciáticas, fortalezas militares...

- Só mesmo as grandes construções... – repeti.

- Sim, tudo isso que você vê aqui fazia parte de grandes e robustas construções. As casas desapareceram por completo. – disse o mestre.

- E as histórias que já escreveram sobre energia nuclear na Atlântida, destruição por bomba atômica, armas avançadas, naves que voavam... – perguntei curioso ao mestre, lembrando de tantos livros que li no passado distante.

- Tudo fantasia, meu filho. A Atlântida não tinha nem um milésimo da tecnologia que o mundo dispõe atualmente, como aviões, foguetes, naves espaciais, telescópios possantes que permitem ver milhões de galáxias distantes, computador, televisão, telefone celular, satélite, etc. Nada disso eles conheciam.

- Então eles viviam de forma parecida como viviam os antigos egípcios, por exemplo? – perguntei ao mestre.

- Sim, meu filho. Os atlantes eram parecidos mesmo com os antigos egípcios, em sua tecnologia bélica, marítima, medicinal, etc. Os sobreviventes da Atlântida de fato se espalharam por parte do mundo antigo, e influenciaram em muitas coisas as sociedades da época, como os egípcios e gregos.

- E a utilização de magia negra? Eles de fato conheciam e utilizavam energias hoje desconhecidas?

- Sim, meu filho, nisso eles eram realmente avançados. Os atlantes mais inteligentes e dominantes sabiam utilizar energias invisíveis para a maior parte da população, e eles a dominavam pelo medo, exatamente como faziam também os sacerdotes egípcios antigos, como o que combate seu trabalho.

- Por que ele me combate tanto, mestre?

- Porque você era também do grupo dele, no Egito antigo, e depois da morte, em outras vidas, escapou do controle dele e do grupo do qual ele fazia parte. Ele continua agindo como nos tempos antigos, e você já trilha o caminho do bem, e trabalha para levar luz às pessoas, e por isso incomoda a ele e a tantos outros que vivem nas trevas e que trabalham contra as forças do bem.

- Ainda não sou perfeito, mestre.

- Eu sei, meu filho, mas quem neste mundo é perfeito? Nem o Mestre Jesus se considerava perfeito. Lembra quando um homem o chamou de bom mestre? O que ele disse?

- “Bom é o Pai que está no céu!” – respondi.

- Exatamente. Bom só Deus. Nós estamos no caminho da luz, mas ainda não somos iluminados. Só os tolos e vaidosos se acham iluminados e gostam de ser chamados de santos.

- Vamos nos deslocar um pouco, mestre? Quero ver mais ruínas.

- Claro.

Deslocamos-nos no meio do mar, sem sentir, no entanto, a água, sem nos molhar. A água onde estávamos era água do plano físico, e ela não molha o corpo espiritual. Por isso um espírito não se afoga se entrar no mar, mesmo não sabendo nadar.

À medida que nos deslocávamos, ia percebendo mais e mais ruínas, mais e mais paredões, alguns bastante grandes e altos, ainda de pé. Impressionante. Muita coisa ainda está lá, no meio do mar, não sei onde.

- Mestre, em que oceano estamos?

- No Atlântico! Isso você já sabe, não é mesmo? O nome da civilização deu o nome ao deus grego Atlas, e depois este deu nome ao novo oceano descoberto pelos europeus.

- Não adiante então procurar a Atlântida no Mediterrâneo. – disse.

- Não. Isso é pura perda de tempo. – concordou o mestre.

- Mas há ruínas também no Mediterrâneo?

- Sim. – disse Sana Khan. – Muitas. Mas não da civilização atlante. São ruínas de outros povos que viviam naquela região e que tiveram suas áreas invadidas pelas águas do mar, alguns no final da última glaciação, e outros no grande dilúvio relatado na Bíblia e no livro Gilgamesh, que contam a mesma coisa, com pequenas diferenças.

- Então encontrar ruínas no fundo do Mediterrâneo não é sinal de encontrar a Atlântida... – disse ao mestre.

- Não. De forma alguma. A Atlântida, segundo os relatos que chegaram até Platão e foram por ele imortalizados está aqui, no fundo do Oceano Atlântico. – disse Sana Khan.

- Mestre, é uma grande emoção para mim estar aqui com o senhor vendo essas ruínas tão antigas e desconhecidas da história e haurindo seus conhecimentos.

- Foi um prazer para mim, meu filho. – disse Sana Khan.

- Um dia isso virá à tona, digo, será conhecido por todos?

- Sim, meu filho. E não vai demorar muito, pelo que ouço falar. Faz pouco tempo que tive autorização para trazer-lhe até aqui. Isso deve ser um sinal. Agora preciso ir a um encontro em uma colônia, uma reunião para tratar de assunto urgente e importante. Você pode voltar para casa ou seguir para onde quiser.

- Sim, mestre. Obrigado mais uma vez pela dedicação, pela experiência emocionante, e pela confiança. Posso ao menos relatar o que vi?

- Claro! Você não poderia mesmo indicar onde estamos... – disse Sana Khan com um sorriso farto, quase gargalhando... – você na verdade nem conseguiria voltar aqui sozinho...

- Ok, mestre. Então até breve. Muita paz.

- Muita paz, meu filho. Nos veremos novamente muito em breve para uma viagem muito interessante também.

Sana Khan desapareceu da minha vista, e me vi sozinho no meio do mar, em frente das ruínas da milenar Atlântida.

Fiquei ainda alguns minutos por ali, mas de repente vi se aproximar do local um grupo de seres estranhos, de forma meio humana e meio ser marinho. Pareciam sereias ou algo do tipo. Não fiquei esperando para conferir melhor. Tive medo mesmo, e caí fora. Pensei em casa, e logo estava em meu quarto.

Olhei minha cama, meu corpo, minha esposa dormindo. E então me senti atraído pelo corpo, e mergulhei nele.

Apaguei.

Capítulo 5

Dias depois, Sana Khan voltou à minha casa novamente para me pegar. Queria me levar para uma operação de resgate de um ser aprisionado há mais de mil anos por um grupo de espíritos que manipulam as energias do astral inferior e hipnotizam.

Estava com muito sono. Fui deitar por volta de dez horas da noite, após um dia muito cansativo de trabalho.

Rapidamente adormeci. E não demorei a sair do corpo. De pé, acima da cama, vi o mestre junto de mim, em pé no chão, no pé da cama.

- Vejo que não teve problemas para sair... – disse o mestre.

- Senti um sono incontrolável, e nem tive tempo de me preparar para dormir, como de costume.

- Já estava aqui há algum tempo, magnetizando você e preparando-o para dormir. Induzi o seu sono de forma a não conseguir resistir. Por isso você veio logo para a cama e nem deu boa-noite para sua esposa e filho menor. – disse Sana Khan.

- E por que isso, mestre?

- Porque temos um trabalho a fazer, já preparado há algum tempo. E temos que nos apressar, pois a equipe reunida já está se deslocando para o lugar onde ele será realizado.

- Que trabalho? – perguntei, curioso.

- Explico no caminho! Vamos sem demora!

Sana Khan dessa vez me pegou pelo braço direito e nem vi mais meu quarto...tudo ficou rapidamente cinza...como se estivéssemos viajando em um túnel do tempo, como o daquela antiga série de TV que adorava assistir na adolescência, mas sem cores...era um tubo cinza escuro...quase não identificava nada...

De repente, me vi ao lado do mestre em uma floresta. Havia muitas árvores altas, meio fantasmagóricas, lembrando um pouco aquelas do filme Harry Potter. Cheias de galhos estranhos, parecendo mesmo braços esqueléticos...pareciam querer nos agarrar...mas era só a minha imaginação...

- Que lugar é esse, mestre? – perguntei, como sempre curioso.

- Estamos em uma zona abaixo da crosta terrestre, em uma região dominada por espíritos inferiores, muitos deles que denominam de magos. É uma zona perigosa para você vir sozinho. Por isso quis vir com você, para sua maior segurança.

- E o que vamos fazer?

- Foi reunida uma equipe de resgate, mas parece que ela ainda não chegou. Viemos mais rápidos, ou então eles passaram antes em algum lugar para pegar mais algum trabalhador experiente.

- Quem será resgatado? – quis saber por fim, não contendo minha enorme curiosidade.

- Um ser que um dia foi um rei muito cruel, um déspota da pior espécie, que mandava torturar as pessoas que reclamavam de suas atitudes, não admitindo qualquer contestação à sua autoridade. Ele era o senhor de vasta região na terra, e

tinha um grande exército, que devastava, dominava pela força, quimando aldeias onde houvesse o menor rumor de resistência a ele.

- E quanto tempo tem isso, mestre?

- Cerca de mil anos... – respondeu Sana Khan, matando a minha curiosidade.

- E ele está esse tempo todo desencarnado, e aprisionado? – perguntei.

- Sim. Quando desencarnou, havia centenas de pessoas desencarnadas aguardando a chegada dele neste plano, e então o pegaram. Desde então ele está não só aprisionado, mas também sob forte hipnose, transformado em animal, servindo aos senhores das trevas...

- Isso é permitido, mestre?

- Cada um colhe o que plantou, não é mesmo? Ele está até hoje colhendo os frutos do que plantou para si mesmo. Não colhemos o que os outros plantaram, mas apenas o que nós mesmos plantamos. A semeadura é livre, mas a colheita é obrigatória. Já ouviu essa frase?

- Muito. Meu antigo mestre espírita, Professor Walter Porto, falava muito isso na reunião mediúnica, ao doutrinar os espíritos que lá chegavam, quando resgatados de alguma situação dolorosa.

- Ele bem conhecia a Lei de Causa e Efeito. – disse Sana Khan, demonstrando conhecer meu mentor encarnado por tantos anos no centro espírita.

- E durante todo esse tempo o antigo rei nunca foi resgatado? Ninguém tentou? Ninguém pensou antes em ajudá-lo? – perguntei, mais para ouvir o que já sabia na verdade.

- Você bem sabe que é preciso haver a vontade do ser a ser resgatado. Há muitos espíritos endurecidos no mal, hoje aprisionados, que não querem ajuda de ninguém. Não sentem qualquer remorso em relação ao mal que praticaram no passado, quando encarnados, e estão revoltados com suas situações, e xingam Deus. Esses precisam ainda amargar a colheita de seus atos, até chegar a dor profunda, e o remorso, e então pensam em pedir ajuda, mas com humildade, elevando verdadeiramente seus pensamentos para Deus, ou para Jesus. Então suas preces sinceras são ouvidas pelo Alto, e são mobilizados seres para criar uma força-tarefa, a depender da situação, para o resgate necessário. É por isso que aqui estamos.

Enquanto Sana Khan terminava sua última frase, percebi um grupo de homens e mulheres jovens se aproximando de nós, pela retaguarda. Virei-me, e vi que eram cerca de dez pessoas.

- Chegaram, afinal. – disse Sana Khan.

- Que bom. Estou muito curioso para ver o resgate.

- Você deve estar preparado para tudo, meu filho. Pode haver reação, com necessidade de usarmos a força. – disse o mestre, deixando-me meio preocupado.

- Mas não tenha receio. Estamos seguros. Teremos apoio de guerreiros experientes. Nossa maior segurança ainda está por chegar. Esses são apenas os trabalhadores energéticos. – disse o mestre.

- Olá, mestre Sana Khan, - saudou primeiramente um homem aparentando cerca de quarenta anos, mais ou menos – como está o senhor? Vejo que trouxe um de

seus aprendizes. É sempre bom tê-lo conosco. Isso aumenta nossas chances de sucesso enormemente.

- Como vai, meu amigo Cláudio? – falou Sana Khan – Tudo Pronto para o trabalho planejado?

- Sim, mestre. Nosso apoio de segurança está à caminho. Já estão próximos. Tiveram que atender um pedido de socoro urgente, emitido por uma de nossas equipes de resgate nessas paragens.

- É comum isso? – perguntei.

- Sim, esta zona astralina é por demais perigosa. – falou Cláudio - Há aqui muitos magos negros, para usar uma terminologia conhecida sua.

- E eles atacam as equipes de trabalho que aqui vêm? – perguntei.

- Muitas vezes. Eles são ousados! – disse Cláudio - Alguns não respeitam ninguém. Outros têm algum respeito, quando percebem que há no meio da equipe seres mais poderosos que eles. Procuram não atacar quando sabem que não teriam chance de vitória, pois a derrota seria vergonhosa para eles perante seus comandados, e humilhante, e eles não convivem muito bem com a humilhação. Não admitem perder uma batalha e ser desmoralizados.

- Puxa, acho que nunca participei de uma operação assim tão complexa, ao menos que lembre. – disse a Cláudio.

- Terá uma boa oportunidade hoje. – disse Sana Khan.

- Com certeza, mestre. Espero estar pronto para o que ocorrer, e gostaria de lembrar de muita coisa ao retornar ao corpo.

- Farei com que recorde do principal. – disse Sana Khan.

De repente chegaram mais dez homens, todos trajando armaduras, semelhantes àquelas usadas por guerreiros medievais. Eram douradas. Vi que pareciam mesmo de metal. Brilhavam. E podia ouvir até mesmo o tilintar das peças de metal tocando umas nas outras. Eram tão reais. Era como se tivesse voltado à Idade Média, em meio a um daqueles torneios de guerreiros armados com escudos e lanças, além de espadas. Mas eles não tinham lanças, nem espadas, nem escudos. Levavam consigo apenas uma espécie de tridente grande e brilhante, e vi que de suas três pontas saíam faíscas. Eram armas magnéticas. Emitiam alguma forma de energia.

- São armas poderosas, meu filho. – disse o mestre – Um toque desses “brinquedinhos” e o espírito desmaia e dorme por loooongo tempo, podendo ser levado para onde quisermos sem qualquer reação. Tira do ar mesmo. E os seres que já conhecem essa arma não se atrevem mais a se aproximar. Eles temem o choque potente desses tridentes.

- E por que a forma de tridente? – perguntei curioso.

- Porque lembram algo infernal. – disse Cláudio rindo – Não lembra da figura do Diabo no inferno segurando um tridente? Pois é, isso evoca a lembrança de uma arma terrível e diabólica. Eles respeitam quem tem essa arma. E não se arriscam a nos atacar, pois não querem ser aprisionados e levados de seus redutos.

- Vamos dar início aos preparativos? – falou Sana Khan.

- Sim, mestre. – respondeu Cláudio.

Percebi que Cláudio se aproximou do grupo de trabalhadores energéticos e falou alguma coisa para eles. E depois se dirigiu ao grupo de segurança, os guerreiros, e também tiveram uma rápida conversa.

Cláudio em seguida se voltou para nós e disse:

- Mestre, está tudo pronto. Podemos nos aproximar. Nossos informantes acham que não haverá reação, devido à presença de nossos guerreiros armados.

- Ótimo. Assim, não teremos o desprazer de usar a força. – disse Sana Khan.

- Vamos, mestre. – disse Cláudio.

Toda a equipe começou a se mover em direção a uma casa que ficava perto, a cerca de cem metros de onde estávamos.

Os guerreiros se separaram, em um movimento que pude identificar como sendo de cerco, colocando-se em uma posição de círculo ao redor da casa. Pensei que deveria ser para evitar ataques de fora, bem como a fuga de quem estivesse dentro da casa.

Seguia Sana Khan, que acompanhava Cláudio, o chefe daquela expedição de resgate do antigo rei perverso e agora dominado por seres das trevas.

Ao nos aproximarmos mais, pude ver melhor a estrutura da casa. Era rústica, típica da região campesina da Europa medieval. Deveria ter sido construída há muito tempo.

Parecia de pedra rústica, sem cimento, e com portas e janelas parecendo madeira, também toscas. E o teto parecia de palha, ou algo parecido.

A porta era arredondada, não retangular, como as portas modernas em todo o mundo. E a fechadura era grande, devendo ter uma chave imensa.

Chegamos mais perto, e então pudemos ouvir um grunhido forte, ou um uivo de lobo, que vinha do interior da casa. Cláudio então falou:

- Deve ser o nosso irmão que viemos resgatar.

- Mas parece ser um animal... – disse eu a ele.

- Sim, meu irmão. – falou Cláudio - Realmente ele hoje parece um animal. Mas não se assuste com o que verá. Prepare-se para não se emocionar demais e retornar bruscamente ao corpo, pois assim perderá uma boa oportunidade de aprendizado. Acalme as suas emoções. Não se assuste com nada. Haja como em outros tempos em que era homem de operações especiais da marinha americana, em missões perigosas e sem temor durante a última grande guerra mundial.

- Tentarei segurar minhas emoções. Vamos lá. – disse a ele.

- Está certo. Então entremos. – disse Sana Khan.

Um dos guerreiros tomou a frente e abriu a porta, sem precisar de chaves. Apenas empurrou, e ela cedeu. Estava destrancada.

O guerreiro jovem, com seu tridente na frente, entrou primeiro, seguido de outro guerreiro armado que vinha logo atrás dele, e em seguida entrou Cláudio. Após ele entrou Sana Khan, eu, e várias outras pessoas depois de mim.

Ao entrar, ouvi fortes uivos, ou grunhidos. Os sons se misturavam, eram complexos e de difícil identificação exata. Não sei que tipo de animal emitiria aquele som cruel, e ao mesmo tempo de lamento, de dor, de sofrimento.

Havia uma grande sala, com uma enorme mesa de madeira, ou algo que se parecia com madeira, parecendo uma sala de reuniões. Cerca de dez ou doze cadeiras. Não havia quadros nas paredes, que eram nuas. E havia apenas um quarto, ligado à sala grande onde estávamos.

O som vinha daquele quarto. Pude ter certeza após apurar melhor minha audição e minha atenção.

- Vamos resgatá-lo agora, sem demora. – disse Cláudio.

Então dois guardas, dentre os guerreiros, se aproximaram da porta, segurando suas armas com as duas mãos, e um deles abriu, lentamente...

O quarto estava escuro, e ao me aproximar um pouco da retaguarda dos guerreiros corajosos, vi apenas duas brasas vermelhas no escuro, com distância uma da outra como a de dois olhos no rosto de um cão, ou de um lobo.

Confesso que senti algo como um frio na barriga. Senti um arrepio. Eram as emoções aflorando.

- Controle-se, meu filho. – disse Sana Khan, postado logo atrás de mim, como a me amparar na nova e perigosa experiência.

- Está bem, mestre. – disse, procurando respirar fundo e contendo meu assombro diante da perspectiva do que veria em seguida.

A porta foi totalmente aberta, e a fera, ou o que parecia ser uma fera, não nos atacou. Apenas nos olhou com um olhar sofrido, muito vermelho, com os olhos meio projetados para fora, demonstrando enorme sofrimento.

Sana Khan tomou a dianteira. Estendeu sua mão direita e lentamente a aproximou da testa do animal, mas sem tocá-la ainda. O ser não esboçou qualquer reação. Parecia sentir que não seria maltratado, nem agredido.

O mestre afinal tocou na testa do ser, e este abaixou a cabeça, como um cão dócil querendo ser afagado. Que cena linda.

Sana Khan fechou os olhos, e pude ouvir suas palavras, ainda que não verbalizadas.

“Pai celestial, tende piedade deste teu filho que sofre há tanto tempo. Devolve-lhe a humanidade, a razão, o sentimento, o amor no coração, a paz, e permita-nos acolhê-lo em nosso grupo de trabalho e levá-lo para um lugar seguro de tratamento”.

Vi a fera olhar Sana Khan nos olhos, com serenidade, e pude perceber, meu Deus, lágrimas rolando-lhe pelo focinho...não era mais um animal, em que pese sua aparência de lobo. Era um ser humano, como nós ali a resgatá-lo...

- Mestre Sana Khan, vamos levá-lo de fato para a casa de trabalho de seu pupilo? – perguntou Cláudio.

- Sim, para o primeiro atendimento. – disse o mestre Sana Khan - Amanhã terão reunião mediúnica lá, e o nosso irmão se manifestará, e poderá ser ajudado pela equipe de doutrinadores daquela casa de socorro.

- Está certo. Então vamos levá-lo. – disse Cláudio.

Sana Khan afagava a cabeça do espírito em forma de animal sem parar, mesmo enquanto conversava e dava orientações, não lembrando eu de tudo o que ele falou para a equipe de resgate.

O animal, ou melhor, o espírito em forma de animal, com expressões humanas, sentou-se, como um cão manso. Estava gostando demais do carinho dado pelo mestre Sana Khan. Sentia sua energia amorosa. E confiava nele plenamente, entregando-se por completo a ele.

Não apareceu durante toda a rápida operação nenhum dos ocupantes da casa. Eles deveriam estar assistindo à distância, provavelmente com muita raiva, pois estavam perdendo um elemento importante de seu grupo, um espírito em forma de animal usado em certos trabalhos, por ser algo assustador, e que inibe reações contra eles, salvo quando há espíritos mais elevados e poderosos, porque aí o animal não assusta e nada pode fazer contra os imortais da luz, que servem ao exército do grande farol do mundo.

- Mestre, - perguntei – ele vai incorporar amanhã lá em nossa casa de trabalho espiritual?

- Sim, por quê? – quis saber o mestre.

- Será que nosso grupo estará preparado para esse atendimento?

- Creio que sim. Do contrário não teríamos programado levá-lo para lá. – respondeu Sana Khan.

- Preciso estar preparado para isso! – disse ao mestre.

- Deve mesmo! – falou Cláudio, prestando atenção à nossa conversa.

- Vamos partir. – disse Sana Khan a Cláudio.

- Sim, mestre. – concordou Cláudio – Vou apenas verificar lá fora se está tudo em ordem e em segurança para a nossa saída com ele.

- Está bem. Vá. – disse o mestre.

Cláudio saiu da casa. Ouvi ele falando com os guardas lá fora, e após alguns breves instantes ele retornou e disse:

- Mestre, podemos sair em segurança com nosso irmão resgatado.

- Está bem. Vamos. - disse Sana Khan.

Saímos todos, o mestre, eu, Cláudio e os guardas, levando o irmão conosco. Sana Khan o guiava com a mão em sua cabeça, suavemente. Ele tinha uma coleira, que não foi retirada. Por isso perguntei, sempre curioso:

- Mestre, por que não lhe foi retirada a coleira, já que o estamos libertando?

- Porque é preciso um trabalho especializado e muito delicado. Não é simples como tirar a coleira de um cão na terra. Isso não é uma coleira de couro. É uma coleira magnética, que o mantém preso, e que permite a sua localização.

- Então eles poderão saber onde o irmão estará! – afirmei.

- Sim, até retirarmos a coleira magnética. – esclareceu Sana Khan.

- E eles virão atrás, virão até nossa casa de trabalho? – quis saber, preocupado.

- Eles certamente irão atrás, e tentarão retomá-lo. Vão atacar o centro de cura onde você trabalha. – disse Sana Khan.

- Mas então precisamos alertar a equipe de segurança de lá. – disse ao mestre.

- Não se faz necessário. Eles já estão acostumados a isso. É rotina o ataque na tentativa de retomar espíritos resgatados por vocês. – disse Sana Khan sorrindo, e completou - Não se preocupe, meu filho, nada de mal acontecerá ao centrio. O Pai dá o frio conforme o cobertor. Se ele nos permitiu ajudar o filho em sofrimento, já

cansado de sofrer, e já tendo há algum tempo demonstrado arrependimento por suas ações do passado longínquo, não deixará ao desamparo aqueles que estão agora a auxiliar o nosso irmão.

- Espero. – disse ao mestre, suspirando.

Todos se reuniram e se prepararam para partir. Caminhamos alguns passos pela floresta e então simplesmente deixamos de ver aquele ambiente tenebroso. Percebi logo em seguida o centro de cura onde trabalhava, visto de cima, do alto, nossa casinha azul claro. Simples, mas cheia de amor no atendimento a todos que lá chegam buscando ajuda, encarnados ou não.

Ao nos aproximarmos mais, o mestre me falou :

- Filho, deixe agora com a equipe da casa, e volte para o corpo, para poder lembrar-se de parte do que viu e do que participou. Amanhã você estará entrando em contato com o irmão resgatado em uma outra forma, através da incorporação mediúnicamente em seu grupo. Esteja alerta. Prepare-se para o dia de amanhã. Vá e durma bem. Veremos-nos em breve novamente.

- Obrigado por mais esta oportunidade, mestre. Até breve.

Despedi-me também de Cláudio e dos outros membros da equipe de resgate.

Pensei em minha casa, e logo estava lá, no meu reduto, na minha cama, e olhei o corpo com admiração. Que máquina incrível. Precisamos cuidar mais dela, para vivermos mais e melhor, e podermos aprender muito mais coisas em nossa estadia na terra, no plano físico.

Voltei ao meu escafandro de carne...e apaguei...mais uma vez...

Capítulo 6

Dias depois, Sana Khan veio ao meu encontro novamente. Dessa vez queria me levar para ver algo muito interessante e novo para mim.

Estava ainda acordado, meio sonolento, naquela situação em que estamos com sono, com muito sono, mas não conseguimos dormir rápido.

De repente, comecei a sentir uma certa pressão energética na testa, um formigamento, como já sentira muitas e muitas vezes antes. Não se tratava de uma dor de cabeça, nem de um desconforto. Era uma concentração de energia localizada na testa.

Sabia que alguém estava irradiando energia boa para minha cabeça, com o propósito de me ajudar.

Procurei me concentrar e relaxar fisicamente, para sair logo do corpo. E então em poucos minutos me senti leve, e decolei.

Levantei-me lentamente, e fiquei de pé ao lado da cama, vendo logo o mestre, trajando calças e camisa no estilo chinês, tudo na cor azul, e bem claro.

- Olá. – disse o mestre.

- Oi, mestre. – respondi.

- E então, preparado para mais um aprendizado?

- Claro, mestre. Para isso estou sempre bem disposto.

- Vamos hoje à praia... – disse Sana Khan sorrindo suavemente.

- Não sabia que o senhor gostava de praia, ainda mais de noite... – disse eu também rindo.

- Não vamos tomar banho, em verdade. Vamos ver um atendimento em trabalho de cura na beira-mar... - disse Sana Khan cessando o riso.

- Ao ar livre, mestre? - perguntei curioso.

- Sim, ao ar livre.

- Mais não está escuro? E não é perigoso? Como fazer a proteção ao ar livre, sem paredes, sem campo de força?

- Você verá como isso é possível! Vamos indo... – disse o mestre e já foi desaparecendo do meu quarto.

Mal tive tempo de me concentrar no pensamento de segui-lo. E logo também deixei de ver o quarto.

Rapidamente seguimos por cima de prédios no Itaipara, bairro onde moro, em Salvador, e rapidamente percebi que estávamos na praia, que identifiquei como sendo a do Jardim dos Namorados, a mesma onde muitos anos atrás estive com o mestre, conforme narrado no primeiro livro dessa série.

Descemos na areia da praia, e vi que toda a região estava ocupada com macas, e que em todas elas havia pessoas deitadas. Homens e mulheres, e também algumas crianças.

Contei rapidamente cerca de vinte macas, não muito próximas umas das outras. E perto de cada uma havia duas ou três pessoas, também homens e mulheres.

As macas estavam a certa distância da água, evitando molhar os doentes, pensei. Considerei que estavam certamente doentes aqueles deitados nas macas. Não se veem pessoas sadias em macas sendo atendidas.

- Mestre, por que essas pessoas estão sendo atendidas aqui na praia, e não em um hospital, já que existem tantos no mundo espiritual?

- Por causa dos medicamentos aqui presentes na natureza. - disse Sana Khan, e complementou - Observe como alguns dos trabalhadores, médicos e enfermeiros, vão até a água do mar e pegam algo na espuma branca na superfície da água.

Observei de fato que os trabalhadores, todos de branco, alguns com roupões compridos, e outros com calças e camisas, iam até o mar, entravam na água, alguns flutuando sobre a água, e outros parecendo estar dentro da água mesmo, mas saíam sem estar molhados, e faziam um movimento de pegar espuma sobre as ondas, e depois voltavam para perto das macas, onde estavam antes. E então misturavam o que haviam retirado da espuma do mar a algum outro medicamento que haviam trazido consigo e colocavam em determinados lugares nos corpos dos pacientes deitados nas macas.

- Mestre, o que eles retiram do mar?

- Substâncias que estão na espuma do mar. A espuma branca que você vê nas cristas das ondas. As substâncias encontradas na espuma têm efeito balsamizante, e curativo. Ajudam na regeneração do corpo espiritual. É claro que estamos tratando aqui de corpos mais densos, mais próximos, vibratoriamente falando, dos corpos físicos, por causa das doenças e do desencarne recente.

- E qual a necessidade desses espíritos aqui trazidos em macas? - perguntei.

- São normalmente espíritos que desencarnaram por causa de doenças degenerativas, como o câncer, principalmente. Mas também a AIDS, a sirose e outras. - explicou Sana Khan, e completou - A retirada da substância do mar e a imediata aplicação dessa medicação natural sobre os locais degenerados dos corpos energéticos surte mais efeito do que se fossem levadas essas substâncias para os hospitais e postos de atendimento, como a casa onde você trabalha. Essas substâncias, quando retiradas da espuma, rapidamente perdem seu efeito terapêutico. Pense, para efeito comparativo, que você pega um pouco de álcool de um recipiente dessa substância e leva para outro lugar mais ou menos distante, para fazer a assepsia de um paciente. O álcool se evapora muito rapidamente. Trata-se de substância por demais volátil. Assim que você o retira do frasco, ele logo desaparece pela evaporação, e em pouco tempo não se sente nem mais o seu cheiro. Desse modo, tem que ser rapidamente utilizado, ou ele se perde. Assim acontece com as substâncias descobertas há muito tempo por médicos deste plano onde vivo.

- Interessante, mestre. Nunca havia ouvido falar sobre essas coisas. É totalmente novo para mim. Nunca li isso em livro algum.

- Realmente, meu filho, poucos encarnados são trazidos para observar isso aqui na praia. Poucos são admitidos nessas equipes especializadas de atendimento terapêutico ao ar livre.

- E a segurança, mestre. Não vejo aproximação de espíritos de aura escura.

- Observe acima de nós, meu filho. - disse Sana Khan, levantando a cabeça para o céu.

Vi uma ave voando, parecendo um pássaro grande...estava distante da terra...não, não era bem um pássaro...

- Mestre, o que é aquilo? - não contive minha curiosidade e meu assombro, mas sem medo.

- Um dragão... - disse Sana Khan, rindo de mim.

- Um o quê, mestre? - soltei, sério, pois não vi motivo para rir.

- Um dragão... - novamente disse o mestre rindo de mim...

- Ora, mestre, deixe de brincadeira. Fale sério. O que é aquilo voando alto? Parece uma águia. Não, parece mais um pterodáctilo...o que é em verdade?

- Um dragão... - disse mais uma vez Sana Khan, e dessa vez complementou finalmente, para meu alívio - Você nunca viu um Dragão antes?

- Sim, mestre, já vi muitos, em filmes, desenhos animados, em livros de estorinhas infantis...mas de verdade nunca...isso não existe...

- Quem lhe disse que não existem Dragões? - perguntou Sana Khan.

- Ora, mestre, pare de me gozar. Fale sério. São espíritos que assumem aquela forma de pássaro pré-histórico para assustarem os intrusos?

- Não, meu filho, - disse Sana Khan, agora falando sério - são seres que vivenciaram a experiência no reino animal e que estão em uma fase intermediária, de transição, para passarem para o reino humano. São elementais, como algumas correntes chamam.

- Como assim, mestre? Já ouvi falar e li muito sobre fadas, gnomos, duendes, elfos, silfos, sereias, etc. E nem acredito muito nisso na verdade...mas dragão de verdade, ser da natureza...elemental dragão...

- É isso mesmo, meu filho. O que é um dragão se não uma ave, ou um réptil que voa, como o pterodáctilo que você citou?

- Um dragão...puxa, isso agora me pegou...nunca vi um antes, e olha que já andei por aí fora do corpo...

- Você não viu nem um milésimo do que existe no mundo espiritual. - disse Sana Khan sério.

- Realmente, mestre, ainda há muita coisa para eu conhecer...

Passei a observar melhor aquele ser voando alto acima de nós. Não era exatamente um animal como os voadores pré-históricos conhecidos. Não pareciam também ser aves, pois não via penas em seu corpo. A cabeça parecia grande demais. E tinham rabo comprido e asas longas.

- O que eles fazem aqui, mestre? - Perguntei.

- Fazem a segurança! Quem se atreveria a se aproximar de um dragão? - disse o mestre rindo.

- E eles atacam, mestre?

- Sim, e cospem algo semelhante ao fogo, que se atingir você lhe dará uma sensação parecida com a do fogo. Pode causar algo parecido com a queimadura do fogo, e pode causar o desmaio. Ninguém do mundo inferior ousa enfrentar um dragão. Ele é poderoso, e assustador.

- Gostaria de ter um na minha casa de trabalho, fazendo a nossa proteção. – disse ao mestre.

- Quem sabe não conseguimos um. - respondeu Sana Khan.

- E qual a linha evolutiva deles, mestre?

- Foram seres voadores na fase que vocês chamam de pré-história. E conservam ainda uma aparência um pouco parecida com a que tinham antes na matéria.

- E eles são dóceis e acessíveis para nós? - perguntei.

- Depende. São meio solitários. E não confiam em qualquer um. Vivem mais sozinhos. Não é fácil domesticá-los e trazê-los para nosso trabalho, porque no passado os espíritos tenebrosos das trevas usaram muito esses irmãos menos evoluídos em trabalhos sujos, e abusaram muito deles, gerando muita desconfiança. O mesmo que aconteceu com as sereias, duendes, etc.

- O quê, mestre? Quer dizer que também existem mesmo sereias e duendes, fadas e tudo o mais?

- Sim, você verá depois... - confirmou o mestre, e continuou - Você quer ver de perto um dos dragões que fazem a segurança da área? - perguntou Sana Khan.

- Claro, mestre!

- Então vou falar com o irmão que toma conta dele...

Sana Khan se afastou de mim e foi falar com um homem de aparência idosa, de cabelos brancos compridos, trajando uma túnica do tipo dos magos antigos medievais. Ele olhou para mim, de longe, e me cumprimentou, abaixando levemente a cabeça para a frente. Respondi ao cumprimento, com um breve e leve sorriso nos lábios.

Sana Khan então veio até mim e disse:

- Pronto, ele irá chamar o dragão até ele, e nós vamos poder nos aproximar.

- Ótimo, mestre.

Vi que o ancião de cabelos brancos compridos estendeu o braço direito para o céu, em direção ao ser voador, e fez alguns gestos, alguns movimentos, e emitiu um som que não pude identificar direito. Parecia um tipo de apito. Um som agudo, semelhante ao emitido pelas baleias. Ou pelas sereias das antigas lendas gregas...

O dragão começou a fazer um movimento de descida. Suavemente voou até a praia, e pousou junto do ancião.

- Meu Deus, ele é enorme! - disse eu espantado com o tamanho do bicho.

Perto do ancião, o dragão era desproporcionalmente grande. Só a cabeça do bicho já era maior do que o homem em pé. E o corpo mais parecia o de um dinossauro. E ainda tinha o rabo comprido...talvez uns dez metros de comprimento, do focinho até a ponta do rabo.

- Podemos nos aproximar. - disse Sana Khan.

O mestre começou a andar na direção do dragão, e eu ia atrás, com um certo receio.

Chegamos a cerca de dois metros e o mestre parou. Também parei, é lógico. Não iria chegar mais perto do que o mestre, que parecia já o conhecer.

Como era grande. A cabeça era imensa. Nenhum ser terrestre atual tem aquele tamanho.

Sana Khan chegou então mais perto e tocou a cabeça do dragão, acariciando-o. Vi que o bichinho gostou. Parecia já conhecer o mestre.

O dragão abaixou a cabeça e a colocou perto de Sana Khan, para receber mais carinho. Parecia bastante carente mesmo.

- Ele é de fato muito carente, meu filho. - disse Sana Khan, captando meu pensamento, e completou - Ele ficou durante muitos milênios nas zonas inferiores, sendo usado para proteção de líderes das trevas, sempre em guerra uns com os outros, como as organizações de traficantes no Rio de Janeiro.

- Só recentemente ele foi resgatado por uma equipe especial. - disse o ancião, que agora pude perceber não ter aparência real de idoso. Só seus cabelos eram brancos, mas seu rosto era muito jovem.

- E agora ele trabalha só com espíritos que auxiliam os necessitados, como esta equipe que você está vendo aqui na praia. - disse Sana Khan.

- Que bom! - disse eu ao ancião jovem, e perguntei - E há ainda muitos desses dragões nos abismos do mundo espiritual?

- Não muitos. - disse o ancião - A maioria já foi levada para outros planetas para iniciar sua evolução em outro nível. Já mudaram de reino, como vocês costumam dizer na terra. Este é um dos últimos.

O dragão tinha olhos grandes e avermelhados, e um grande nariz, lembrando o dos dinossauros. Orelhas grandes também, e pés descomunais. Tudo nele era grande demais. Era assustador. Jamais chegaria perto dele sozinho. Sua cara não me inspirava confiança.

- Pense em um cão daqueles bem feios, mas criados de forma tranquila, não treinados para atacar e matar. Há cães feios e dóceis, e há cães bonitos e ferozes, não é mesmo? - disse Sana Khan.

- Sim, - concordou o ancião, e falou para mim - e há dragões mansos e dóceis e outros extremamente ferozes. Este hoje é dócil, mas não com todos. Se sofressemos agora um ataque das trevas você o veria em ação. Você não ia nem querer ficar por perto. Ele fica feroz quando atacado, e reage também de forma violenta, porque isso ainda está no seu instinto animal de preservação.

Fiquei olhando durante um tempo o dragão, mas não quis tocar nele. Ele não me conhecia ainda. Sei lá...achei melhor não arriscar...

- Vamos agora ver as sereias. - disse Sana Khan para mim, e sorrindo para o ancião, meneando a cabeça, em sinal de agradecimento.

O homem respondeu com o mesmo gesto, e nós nos afastamos.

Sana Khan se dirigiu até a beira da água, e então disse:

- Preste bem atenção na água. Vou fazer um movimento dentro da água e emitir um som especial, para que uma delas venha até mim.

Sana Khan tocou a água com a mão direita, fez um breve movimento, e emitiu um som baixo, mas agudo.

Depois de cerca de um minuto pude ver algo se mexendo sob as ondas, parecendo um peixe grande, um golfinho talvez.

- Não tenha medo. Não se assuste, ou ela irá embora. Elas são tímidas e arredias, por causa do medo que têm dos humanos.

- Por que elas têm medo dos homens? - perguntei.

- Elas são como peixes mesmo. Pense que os homens pescam, com anzol e redes, e matam por asfixia os peixes. E elas são peixes desencarnados, em fase de transição para o reino humano. São desconfiadas, e temem ser aprisionadas. Já foram pescadas durante muitos milênios, e guardam essa lembrança dolorosa do que os homens lhe fizeram por tanto tempo. - explicou Sana Khan.

Vi que o movimento na água cessou quando chegou perto de nós, cerca de um metro aproximadamente. E algo se levantou, mas só pela metade, ficando com parte do corpo fora da água, e parte continuou submersa.

Da cintura para cima parecia uma mulher, um ser humano, mas seus olhos não tinham aquele olhar humano, e abaixo da cintura parecia com um peixe mesmo.

Tinha seios, mas estes não pareciam humanos, não pareciam ser de carne e pele. E a parte de baixo parecia ser de escamas. Incrível a sua aparência.

- São seres em transição, por isso a aparência meio humana, e meio animal marinho. - disse Sana Khan, e completou - Sua consciência ainda é animal. Elas não falam, da mesma forma que o dragão também não fala. Só os humanos falam, neste planeta. Sua inteligência se assemelha à dos golfinhos, que são muito inteligentes, aliás mais do que a maioria dos animais terrestres. Grande parte das sereias ainda existentes na terra teve sua última vida como golfinhos ou baleias. Esse é em geral o seu nível de inteligência. Mas algumas já vão além desse nível, e estão prontas para adentrar o reino humano. Podem aprender muitas coisas com os humanos, encarnados ou desencarnados.

- E elas ajudam também nesses trabalhos de cura aqui na praia? - perguntei, sempre curioso.

- Sim, e muito. - disse Sana Khan - Elas vão até as profundezas dos oceanos buscar plantas que são utilizadas no preparo de certos medicamentos. Vão onde poucos desencarnados têm coragem de ir, por se tratarem de zonas perigosas, onde vivem espíritos malignos. Não é qualquer espírito, mesmo desencarnado, que tem coragem de descer às profundezas dos oceanos, nas fossas abissais, escuras e totalmente estranhas para os humanos, algumas com dez quilômetros de profundidade, e com uma população de seres estranhos e bizarros para a humanidade.

- Elas não têm medo de descer a essas profundidades? - perguntei.

- Não. Estão acostumadas a isso. Foram muitos milênios, ou milhões de anos vivendo como seres marinhos...os oceanos lhes pertencem mais do que aos humanos na verdade... - disse o mestre.

- Interessante, mestre. Nunca tive certeza de que isso era real. Sempre fui meio cético em relação aos chamados elementais...seres da natureza...lia muito sobre eles, mas tinha minhas dúvidas sobre a sua existência real.

- Todos os seres são seres da natureza, meu filho. - disse Sana Khan - Não há ser que não seja da natureza. Do contrário, de onde seriam? - o mestre sorriu...

- E todos os seres da natureza são conscientes e inteligentes?

- Claro, meu filho. Até mesmo as mais simples bactérias, e os mais simples dos vírus são conscientes, e inteligentes.

Sana Khan, enquanto falava, estendeu sua mão direita e acariciou a cabeça da sereia que estava parada na nossa frente. Que cena incrível.

Vi que a sereia tinha plantas na mão direita, parendo algas lilazes.

O mestre pegou as plantas em sua mão, agradeceu com a cabeça, tornou a acariciar a cabeça daquele ser interessante e se virou para mim, dizendo:

- Vamos levar rapidamente estas plantas para o farmaceutico especialista aqui presente, para o preparo do medicamento possível e necessário a ser utilizado ainda nesta noite. O dia já vai nascer, e antes disso a equipe terá que se retirar, pois a chegada de surfistas e pescadores afastará as sereias e o dragão, e a luz do sol destruirá alguns medicamentos sensíveis à luz, como acontece com o ectoplasma.

- Quanta coisa nova para mim, mestre. Terei muito o que refletir diante de tudo isso.

- Sim, são muitas novidades para você. Quis confirmar para você a realidade de algumas coisas que você ainda duvidava, como a existência dos elementais. – disse Sana Khan.

- Mestre, se os chamados elementais, como as sereias e os dragões que eu vi aqui hoje, pertencem ao reino animal, então por que alguns deles, como as sereias, e também os duendes, têm a aparência meio humana?

- Porque depois que o homem surgiu na terra, e começou a conviver com os animais, nas florestas, nos mares, nos lagos e também nos rios, os animais mais inteligentes começaram a desenvolver certa inveja dos homens, começaram a sentir certa vontade de ser como os homens, que sentiam serem-lhes superiores, pois os dominavam e matavam. E isso aos poucos, com o passar de muitos milênios, fez com que alguns desses seres no reino animal, depois do desencarne, comessem a adotar formas parecidas com a dos homens e mulheres. Tornaram-se seres híbridos.

- Mestre, de onde surgiram as lendas antigas de duendes, fadas, dragões, sereias, etc? – perguntei, mostrando minha curiosidade muito antiga.

- Meu filho, nenhuma lenda nasce do nada. Todas elas surgem de algo que foi visto por alguém, e depois os boatos e contos vão se alterando, se deturpando, até que se perca quase totalmente o sentido do que realmente foi um dia percebido originalmente por alguém.

- Mestre, os gregos escreveram muito sobre as sereias encantando os marinheiros no mar, como os relatos da obra Odisséia, escrita por Homero, que conta a volta de Ulisses para a Grécia depois do fim da guerra de Tróia. Essa lenda era mesmo real?

- Sim, às vezes um marinheiro mais sensível, ou sensitivo, como vocês hoje chamam, via um desses seres em forma meio humana e meio de peixe e contavam para os outros como se tivesse visto o ser na dimensão física, pois nada sabiam das outras dimensões, e então todos ficavam pensando que as sereias existiam na dimensão física. Mas poucos veem as sereias, porque elas não são vistas com os olhos do corpo físico. Elas não fazem parte do plano físico. Elas não sangram, e não morrem, como os humanos, nem podem ser capturadas pelos humanos. Elas em

verdade habitam outra dimensão. Fora do corpo os humanos podem vê-las, como ora está acontecendo com você. Mas poucos vêem as sereias, porque elas temem os humanos, e vivem mais nas profundezas dos oceanos.

- E isso também acontece com os chamados duendes, as fadas, e outros seres da mitologia de várias culturas? – perguntei ao mestre, buscando maior esclarecimento.

- Sim, meu filho. – respondeu Sana Khan – Os duendes são seres que viveram muito tempo como animais terrestres, e tinham admiração pelos homens, e então, como as sereias, também passaram a copiar, ainda que meio inconscientemente, suas formas, sua aparência, bem como o modo de agir, depois da morte. Eles também vivem no mundo espiritual, ainda que bem próximo da matéria do mundo físico.

- A matéria do corpo deles é etérica? – perguntei.

- Não existe um plano etérico. Eles têm corpo astral, como nós. Existe o plano físico e o astral, e o ectoplasma está em toda a natureza, nos minerais, nos vegetais e nos animais, bem como nos humanos, servindo como ponte entre os dois mundos paralelos. Os duendes vivem no mundo astral, mas bem perto, vibratoriamente falando, do mundo físico, e principalmente onde ainda existem florestas extensas e virgens. Eles fogem ao contato humano em geral, como as sereias, e só os mais sensitivos de vez em quando os veem. Eles não são da dimensão física. Não podem ser aprisionados nem mortos no mundo físico. No astral sim, e isso acontece. Magos os capturam e abusam de sua pureza e ingenuidade e os colocam para servi-los, em trabalhos abjetos e vis.

- Eles se deixam enganar com facilidade?

- Eles são como os animais. – explicou Sana Khan - Não têm malícia, não têm maldade. Pense nos cães, nos golfinhos, nos chimpanzés, e estará entendendo um pouco da mente desses seres. Eles são manipuláveis. Os humanos não moldam os cães do jeito que querem? Há cães criados para matar, para estraçalhar, e há cães que são treinados para serem guias de cego, e cães domésticos dóceis ao extremo. O mesmo pode ser feito com os chamados elementais.

- E eles são aprisionados com muita frequência? – perguntei.

- Felizmente não. Poucos hoje estão aprisionados. Os espíritos de luz não permitem isso, e buscam movimentar forças para o seu resgate sempre que possível.

- E existem aqueles seres híbridos, metade cavalo, metade homem? - Perguntei.

- Sim, existem. A humanidade já domesticou os equinos há cerca de dez mil anos, só para levar em conta a história hoje admitida pela humanidade, o que é tempo suficiente para que esses animais inteligentes em contato com os humanos passem a desejar também assumir a forma humana, e então depois do desencarne alguns ficam parecidos com os humanos. É tudo um estágio de transição. Todos esses seres estão na verdade se adaptando lenta e gradualmente à forma humana que terão em breve. A natureza não dá saltos, não é mesmo?

- Interessante, mestre. Então, pelo que vejo, muita coisa que escrevem em livros, principalmente infantis, e também os filmes infantis que mostram dragões, duendes, fadas, etc, têm um fundo de verdade...

- Sim, meu filho. – disse Sana Khan – Algumas pessoas, como escritores e roteiristas de cinema às vezes quando dormem vão até certas zonas do astral onde veem esses seres, e escrevem baseados em seus sonhos, que nada mais são do que a lembrança de suas andanças no astral, e julgam ser apenas sua imaginação.

- Puxa. Então as lendas e muitas coisas que vemos em filmes infantis existem mesmo...

- Existem. Bruxas, fadas, duendes, sereias, dragões, tudo existe no mundo espiritual. – confirmou Sana Khan, por fim.

- Gostaria de ver mais coisas, entrar mais em contato com outros desses seres...e o lobisomem?

- Meio lobo, ou cachorro, e meio homem...o princípio é o mesmo... – disse o mestre.

- E vampiros? – perguntei.

- Você já conhece um pouco do que se chama vampirismo! Mas só que não existem vampiros bebendo o sangue material, deixando dois buracos de dentes no pescoço das pessoas, e transformando-as em vampiros também... – disse Sana Khan sorrindo.

- Mas vampiros desencarnados existem, que sugam as energias, o ectoplasma... – disse ao mestre.

- Sim, e muitos. Há milhares e milhares desses vampiros ao redor da Terra sugando as forças das pessoas, desvitalizando-as, fazendo-as adoecerem, e às vezes levando-as até a morte... – disse o mestre.

- Como surgiu a lenda do lobisomem? – perguntei.

- Um dia um homem sensitivo no interior de algum país foi atacado por um ser visível somente para ele, em forma de animal, podendo ser um animal desencarnado ou um espírito humano em forma animal usado para certos trabalhos a serviços de seres das sombras...e aí a história se espalhou...não há pessoas que se transformem em lobos, ou, em outras palavras, não existem lobisomens...digo homens encarnados se transformando em animal...da mesma forma que não existem vampiros humanos encarnados que os dentes crescem de repente e eles atacam os humanos e lhes sugam o sangue...como nos filmes de terror...isso é fantasia e distorsão do que alguns veem no mundo astral...

- Gostaria de ver mais coisas....

- Em outra oportunidade, meu filho. Agora vá para casa, ou não conseguirá reter muita coisa em sua memória física. Veremos-nos em alguns dias novamente. Até breve, meu filho. Muita paz.

- Até breve, mestre. Muita paz também para o senhor.

- Pensei em minha casa, que ficava perto da praia, dei uma última olhada para todo aquele cenário interessante e novo, e parti.

Logo estava em meu quarto, e sem demora me aproximei de meu corpo que dormia e nele me integrei novamente.

Capítulo 7

Numa Noite dessas, logo que saí do corpo, sem saber por quê, imediatamente me desloquei diretamente para uma cidade no plano astral, uma verdadeira metrópole, e repentinamente já estava andando por uma espécie de calçada, que parecia ser feito de cimento, de cor cinza claro, e muito largo.

Havia do lado esquerdo um prédio de paredes brancas, de dois andares, com janelas de vidro, ou algo parecido, e à medida que eu caminhava ao lado do prédio, vi em uma janela do edifício um conhecido meu olhando para mim e sorrindo.

Havia poucos dias que uma conhecida minha, e mãe do rapaz que estava na janela, tinha desencarnado. Por isso logo me dei conta que ali era um hospital, e concluí que a mãe dele deveria estar bem, pois seu sorriso era indicativo disso. Se ela não estivesse realmente bem ele certamente não estaria sorrindo ao me ver.

A imagem desse conhecido era muito nítida, e eu o reconheci mesmo de uma distância de cerca de dez a quinze metros.

Não entrei no edifício, não sei por quê. Passei direto.

Caminhei mais um pouco, atravessei uma rua asfaltada...isso mesmo, asfaltada, não sei com que tipo de material que parecia mesmo asfalto, provavelmente de um tipo sintético de asfalto, e vi que havia uma sinaleira de trânsito, um semáforo, como também é conhecida na terra, e vi alguns carros circulando. Não havia trânsito intenso, como na maioria de nossas metrópoles terrenas, nem engarrafamento, mas pude ver muitos carros, e semelhantes aos que temos aqui em nosso plano. Pude ver diversos carros semelhantes a modelos brasileiros, e também de tipos fabricados em outros países, o que chamamos de importados.

Pude ver claramente as pessoas dirigindo os automóveis, pois os vidros eram claros, sem qualquer película escura, como hoje está muito utilizada na Terra, pois lá naquela cidade não há qualquer risco de assalto nas sinaleiras. Não há pedintes, menores abandonados, mães com crianças pequenas no colo pedindo esmola...

Atravessei a rua quando o sinal fechou para os carros, e um homem de cabelos brancos sorriu para mim quando passei em frente ao seu carro de cor prata. Correspondi ao seu cumprimento de cabeça, e ele respondeu da mesma forma, muito simpático.

Passei para a calçada do outro lado da rua, caminhei por um quarteirão e depois de alguns momentos de caminhada entrei em uma construção que parecia muito com um shopping center. E ao adentrar o edifício grande e de arquitetura moderna percebi, para minha surpresa, que era realmente um shopping, com lojas de vários tipos.

Vi muitas lojas de roupas, com pessoas trabalhando, vendedores, balconistas, gente entrando em cabines para experimentar roupas...tudo me lembrava um shopping terreno...

Caminhei por um longo corredor e cheguei até uma grande praça central, que se parecia com o mais novo shopping de Salvador, repleto de mesas e cadeiras, onde havia muita gente conversando.

Passei pela praça e subi uma escada rolante, chegando a outra praça, onde havia um conjunto de salas de cinema...isso mesmo, cinema...havia filas para entrar...e pude ver telas nas paredes onde estavam sendo exibidos os trailers dos filmes...

Cheguei perto de um rapaz e perguntei:

- Oi, onde compro o ingresso para assistir um filme?

- Não precisa de ingresso. – respondeu o rapaz sorrindo.

- Que filme está passando nessa sala? – perguntei.

- Amor Além da Vida. – respondeu ele sorridente, e completou – Um dos meus favoritos.

- Também adoro esse filme. Dá uma boa ideia aos encarnados de coisas que existem no lado de cá. – disse a ele.

- Realmente, - concordou o jovem – eu já tinha assistido a esse filme antes de vir para cá, e por isso tive mais facilidade na minha adaptação à nova forma de vida.

Percebi que a fila andava. E então disse ao rapaz:

- Vou para o final da fila.

- Não se preocupe, meu amigo, - disse um senhor que estava logo atrás do rapaz com quem eu conversava – a fila está pequena, e todos estão vendo a sua curiosidade e que você ainda é encarnado. Assim, ninguém faz qualquer objeção a que você entre na nossa frente e mate a sua curiosidade. Pode ficar aí junto ao outro irmão.

- Muito obrigado a todos por me deixarem furar a fila... – disse eu sorrindo, e provocando igual reação em todos que estavam na fila.

Entramos por um corredor, e logo depois viramos à direita, entrando em uma ampla sala. Era redonda...e as poltronas, que pareciam muito confortáveis, ficavam ao redor do centro vazio, que devia ter cerca de dez metros de diâmetro.

Acompanhei o jovem com quem vinha conversando, e nos sentamos mais ou menos no meio, entre as primeiras e as últimas poltronas, costume que tenho, conforme falei ao rapaz.

- É a sua primeira vez em cinema como este? – perguntou o jovem.

- Sim, nunca tinha ido a um cinema antes no plano espiritual. Estou muito curioso.

- Logo verá o quanto é melhor e muito mais avançado do que os cinemas na Terra.

- De cara já dá para ver, pois na Terra não há salas de projeção redondas, como esta. – disse eu.

Não demorou e as luzes se apagaram, e ao mesmo tempo iniciou a projeção holográfica no centro vazio da sala.

Meu Deus, que realismo...parecia que as imagens eram reais...parecia que havia pessoas e ambientes ali na minha frente...se eu quisesse, podia me concentrar e ver as pessoas do outro lado das imagens...mas preferia me concentrar nas imagens.

Estava sendo projetado um curta metragem, um documentário sobre os malefícios das drogas em geral. Falava de cigarro, álcool, maconha, cocaína e outras tantas drogas conhecidas nossas na Terra, e ao mesmo tempo mostrava imagens do

corpo humano por dentro, cada órgão afetado por cada tipo de substância tóxica ao organismo humano.

- Fantástico! – disse eu, demonstrando imensa satisfação com o que via.

- Realmente, meu amigo, esse documentário é muito ilustrativo, e serve de aprendizado para nós aqui neste plano de vida, e também para vocês que ainda estão lá embaixo, e que vêm até aqui assisti-lo, como você está fazendo.

- Muita gente vem assistir quando sai do corpo? – perguntei curioso.

- Sim, muita. Se olhar direito, verá que há outros encarnados na platéia. Você não é o único.

- Quando será que essa tecnologia chegará realmente para nós na Terra?

- Creio que não vá demorar muito, pelo que soube de um professor meu na universidade de medicina. – disse o jovem

- Você estuda medicina aqui?

- Estudo. Estou no terceiro ano. Preparo-me para voltar para a Terra como médico, e levar novos conhecimentos no futuro não muito distante.

- Que bom. Gostaria também de estudar medicina, mas na Terra já estou um pouco velho para iniciar uma faculdade de medicina...

- O espírito nunca envelhece, meu amigo. – disse o jovem falando baixo, e sorrindo, preocupado em não incomodar os outros. – Ainda que você se forme e desencarne no dia seguinte, aqui utilizará seus conhecimentos, e precisará apenas de um curso de adaptação às realidades espirituais. A medicina daqui é muito parecida com a da Terra, só mais avançada. Há aparelhos de exames, medicamentos, hospitais, clínicas e outras coisas parecidas com o que temos na Terra, mas não exatamente igual...

- Já fui a muitos hospitais espirituais visitar amigos e parentes recém desencarnados, mas nunca tive a curiosidade de perguntar nada sobre os tratamentos... – falei.

- Faça isso da próxima vez... – disse o jovem.

Percebi que o filme estava já sendo anunciado, e logo começaria a sua exibição.

Assisti uns vinte minutos de filme, verdadeiramente de boca aberta...era fantástico...parecia que eu estava próximo dos personagens do filme...podia até tentar tocar em Robin Williams...é claro que não tocaria nele, pois a imagem não era material...era apenas uma projeção, apesar de tridimensional...mas parecia que ele realmente estava ali na minha frente...

Depois que o personagem de Robin Williams morreu, despedi-me do rapaz e saí da sala, abaixado, para não causar maior incômodo nas pessoas...

Deixei o cinema, caminhei pelo shopping até encontrar uma saída, e retornei para a rua novamente.

Caminhei por alguns quarteirões, e então cheguei até uma biblioteca. Havia placa indicando que era uma biblioteca. Resolvi entrar, curioso para ver melhor uma biblioteca moderna no plano espiritual, já que tinha conhecido uma há muitos anos, em 1978 ou 1979, quando comecei a viajar fora do corpo com relativa facilidade.

Passei pela porta, segui um curto corredor e entrei.

Era redonda. Grande, muito grande, com prateleiras ao seu redor. Livros de cima a baixo.

Havia algumas mesas no centro, e livros variados sobre elas, como em algumas livrarias modernas na Terra. Eram os mais lidos e mais procurados.

Aproximei-me de uma mesa e peguei um dos livros, sobre dinossauros. Assim que abri no meio, uma ilustração colorida parece que tomou vida, e vi dinossauros se movimentando em seu habitat natural, há milhões de anos...era como se um filme estivesse passando na página do livro, que era na verdade uma pequena tela...como uma telinha digital de computador...um livro “vivo”...eu já havia visto aquilo uma vez, mas fazia tanto tempo que nem tinha mais certeza se era mesmo real...depois de Harry Potter, vi que alguém, possivelmente a escritora ou o roteirista, já havia estado em uma livraria ou biblioteca dessas no plano astral...

Deixei o livro sobre a mesa e peguei outro sobre o corpo humano. E o abri também aleatoriamente. E que surpresa...uma viagem pelo corpo humano por dentro, mas não como estamos acostumados a ver na Terra em documentários...era como uma filmagem perfeita, de vários tamanhos...desde uma viagem rápida pela corrente sanguínea até uma viagem ao interior das células, as unidades básicas da vida corporal humana...dava para fazer um estudo bem profundo do corpo com aquele livro...imaginei um estudante de medicina na Terra com um livro desses...simplesmente fantástico...

Olhei mais dois ou três livros diferentes e saí da biblioteca.

Caminhei por uma rua longa, com poucos carros circulando. Seguia pela calçada. E parei em frente a uma casa, mas não uma residência. Era na verdade um casarão, em modelo meio antigo, se tomarmos como parâmetro as construções terrenas. Como aquelas do início do século vinte.

Vi que havia uma placa que dizia “CASA DE APOIO AOS DEPENDENTES DE ÁLCOOL”.

Pensei, pensei, e resolvi tentar entrar para conhecer.

Fui até a portaria, onde havia uma recepcionista sorridente, muito bonita. E então perguntei:

- O que exatamente funciona aqui?

- Um centro de tratamento de pessoas recém chegadas da Terra, sejam recém desencarnadas, sejam desencarnadas há mais tempo, mas todas dependentes do álcool.

- Pode me explicar melhor? – perguntei, sempre curioso.

- Pois não. Você que ainda é encarnado sabe bem que existem muitas pessoas dependentes, viciadas em álcool. E essas pessoas não deixam de gostar de álcool da noite para o dia só porque deixaram o corpo, não é mesmo? Elas continuam gostando de beber quando desencarnam. E por isso muitos continuam presos à Terra, presos ao plano físico, e buscando sentir o prazer do álcool através de encarnados. Colam nos vivos e ficam junto a eles incentivando o vício, que é dos dois.

- Conheço bem essa realidade... – disse a ela.

- E então quando são trazidos para cá, depois de serem convencidos em alguma reunião de intercâmbio mediúcnico, trazem ainda o desejo de beber, pois o

vício não desaparece como num passe de mágica, não é mesmo? O alcoólatra não deixa de ser alcoólatra da noite para o dia. Ele precisa de tratamento, assim como na Terra. Aqui temos acompanhamento psicológico, feito por psicólogos e psiquiatras, temos médicos, terapeutas diversos, inclusive hipnólogos.

- E quanto tempo essas pessoas ficam em tratamento?

- Isso depende muito da pessoa. Cada um tem um ritmo de aprendizado e mudança interior. Há pessoas que em poucos meses estão liberadas, e livres do vício e da dependência, e há os que ficam mais de um ano em tratamento, considerado o tempo terreno.

- Interessante... – disse eu.

- Sim. Você bebe? – perguntou a jovem sorridente, brincando comigo.

- Não mais. – respondi também sorrindo – Bebi bastante dos 15 aos 19 anos, e alguns anos depois voltei a beber, mas só de vez em quando. E fiquei intercalando períodos bebendo e período sem beber nada...até que enjoiei totalmente de bebida alcoólica...hoje nem uma gota de álcool entra mais no meu corpo...

- Muito bom. – disse a jovem – Então não nos dará trabalho por aqui...

- Acho que não... – disse a ela sorrindo.

- Isso é bom. Vejo que já tem um certo esclarecimento. E se movimenta bem entre os dois planos. Está aqui sozinho, sem acompanhamento ou guia...

- É isso aí. Vim aqui sozinho, não sei por quê. Acho que alguém me inspirou para vir até esta cidade e visitar algumas coisas...

- Legal...não tive essa oportunidade...desencarnei completamente ignorante das coisas do lado de cá, e deu trabalho para me adaptar a essa nova realidade... – disse a recepcionista.

- Onde você vivia? – perguntei.

- No Rio de Janeiro. Levava uma vida boêmia, de farra, muita bebida e muita droga...na verdade, drogas, sexo e rock´in roll...

Ambos rimos muito daquela expressão tipicamente terrena.

- Do sexo ainda não me libertei totalmente, mas droga de nenhum tipo eu uso...rock ainda gosto muito... – disse eu sorrindo.

- Vejo que você já não está tão preso ao sexo...

- Como sabe disso? – perguntei.

- Pela energia que pode ser vista na sua aura... – disse a moça sorrindo.

- Bom saber disso... – falei.

- É muito bom se libertar ainda em vida, para não sofrer tanto depois do desencarne... disse ela.

- Acho que estou avançando a passos lentos, mas firmes...

- Continue... – disse a jovem, de forma a me incentivar.

- Bom, - disse eu - preciso continuar minha visita, pois em breve terei que retornar ao corpo, pois já o sinto me puxando, por precisar de energia...foi um prazer falar com você...e obrigado por todas as informações...um dia desses retornarei para conhecer melhor o trabalho aqui desenvolvido, e quem sabe assistir a uma palestra...

- O prazer foi todo meu. Volte quando quiser, e terei o maior prazer em lhe mostrar tudo em detalhes... - finalizou a jovem de forma amável.

- Então, até logo. Fique com Deus. – terminei.

- Você também. Espero que tenha boas lembranças ao voltar para o corpo...até... – disse ela.

Saí dali e continuei seguindo adiante, na mesma direção que vinha seguindo até então.

Caminhei mais alguns quarteirões e me deparei com uma casa de construção moderna onde havia uma placa indicando “ESCOLA DE MÉDIUNS”.

Não pude conter a minha natural curiosidade e entrei pela porta que estava aberta.

Um homem aparentando cerca de quarenta anos veio até a porta me receber, e me disse:

- Seja bem-vindo, meu irmão. Em que posso ajudá-lo?

- Obrigado. Apenas ia passando pela porta e, ao ver a placa, tive curiosidade e quis entrar...

- E em que posso ser útil? – insistiu o homem.

- Gostaria de saber o que funciona aqui...

- Bom, meu irmão, como diz a placa na entrada, e que lhe chamou a atenção, aqui funciona uma escola de médiuns.

- E o que se aprende aqui? Qual a finalidade da escola? É para desencarnados apenas?

- Bom, a escola é para preparar futuros médiuns, que ainda nascerão na Terra, e terão a missão da mediunidade, bem como também se destina a médiuns após o seu desencarne.

- Pode me explicar mais quanto aos médiuns desencarnados? – perguntei.

- Claro. A mediunidade é a capacidade de intermediação entre duas dimensões, e isso não se limita ao plano físico, ou seja, há médiuns tanto atuando no seu plano material quanto aqui nesta dimensão de matéria mais refinada. Temos reuniões mediúnicas também aqui. Há intercâmbio espiritual mediúnico aqui também. E há trabalho mediúnico, sobretudo, nas regiões mais densas, no chamado umbral, onde os espíritos que lá se encontram, estando muito materializados, não conseguem perceber os seres menos densos, e por isso muitas vezes precisamos de um médium para fazer a ponte entre o espírito a ser auxiliado e o que vai ajudá-lo.

- Já participei muitos anos atrás de reuniões mediúnicas no umbral, - disse eu, e continuei - havendo uma mesa grande em meio a grandes árvores, estando o céu escuro, cinza, e havia aves voando, parecendo águias ou urubus. Havia incorporação, com a participação de médiuns com quem trabalhava em uma reunião em um centro espírita que eu frequentava na época.

- Vejo que você não é novato nesses assuntos. Já tem alguma experiência... – falou o homem.

- Pouca, na verdade, mas já vivenciei algumas experiências mediúnicas fora do corpo. – disse a ele.

- Mas você não incorpora... - disse o homem.

- Não, apenas tenho a capacidade de lembrar um pouco mais do que o comum das minhas experiências fora do corpo. Consigo transitar em dois mundos... – tentei explicar.

- Que bom! Isso permitirá uma rápida adaptação após o seu desencarne, pois não haverá muitas novidades, nem choques culturais...

- Espero que sim. – disse eu – Estou sempre andando por aí, no mundo espiritual, conhecendo as coisas, como agora estou fazendo.

- A mediunidade é um dom divino em contínuo aperfeiçoamento. Quem iniciou o desenvolvimento mediúnicamente em uma vida não deixa mais de vivenciar a mediunidade de alguma forma. Às vezes ela fica adormecida em uma etapa reencarnatória, mas nenhum aprendizado se perde. O que começamos em uma vida muitas vezes continuamos desenvolvendo em vidas seguintes. E os dons vão se somando... – explicou o homem.

- Os grandes médius de hoje, sobretudo no Brasil, devem ter sido iniciados, sacerdotes, pitonisas, magos, etc, no passado... – falei a ele.

- Certamente, meu irmão. Você tem em casa um grande exemplo disso, não é mesmo? – disse o homem.

- Como você sabe disso? – perguntei.

- Esse é um de meus dons mais desenvolvidos. Percebo as memórias das pessoas...

- Isso é muito interessante... – falei.

- Mas traz uma grande responsabilidade com o que vamos fazer com as informações colhidas das mentes das pessoas... – asseverou o homem.

- Isso é verdade! – disse eu.

- Na sua casa há dois médius, um já em pleno exercício das faculdades, que já trabalha, apesar de sem muita regularidade, que foi uma pitonisa no Egito antigo, e outro que ainda manifestará suas faculdades daqui há alguns anos...é herdeiro da mediunidade...sua genética foi preparada para isso...

- É o que parece. – concordei – E ele já sente as influências nocivas de espíritos desencarnados, e se perturba com isso...terei que cuidar muito dele...

- Certamente o irmão saberá conduzir o desenvolvimento de seu filho... – disse o homem.

- Espero que sim. Se um médium dá trabalho, não será fácil lidar com dois... – falei.

- A mediunidade é ao mesmo tempo resgate, com oportunidade de trabalho em prol dos outros, e de si próprio, e também missão. Um médium tem a oportunidade de resgatar muitos débitos do passado. Pode refazer seu caminho fazendo o bem a muitas pessoas, e com isso compensar o mal praticado anteriormente. Mas uma mediunidade desperdiçada causa remorsos terríveis... – disse o homem.

- A mediunidade transviada pode inclusive ser suspensa, não é mesmo? – perguntei, quase afirmando.

- Sim. Há muitos casos de suspensão da mediunidade na Terra. Médiuns que se orgulham demais de seus dons, que se tornam vaidosos, ou que cobram pela

utilização dos dons que lhes foram dados de graça. Jesus disse: “Dai de graça o que de graça recebestes!”.

- Isso mesmo. – concordei. - Jamais cobrei por nada do que faço pela via mediúnica. E jamais cobrarei.

- Nunca se esqueça desse princípio, meu irmão. Trabalhe sempre de graça, no que diz respeito à mediunidade.

- E o que se estuda aqui nesta escola? – perguntei.

- Tudo o que vocês estudam na Terra sobre mediunidade, e muito mais, com o conhecimento maior de que dispomos nesta dimensão. Aqui temos uma visão mais ampla. Os médiuns que aqui estudam vão até reuniões mediúnicas na terra, em casas espíritas e espiritualistas, como a sua, e lá observam tudo o que acontece, praticam, recebem explicações, testam seus conhecimentos...

- Os médiuns depois de desencarnados continuam então trabalhando como médiuns nesta dimensão também... – disse eu.

- Sim, continuam. Vão a regiões densas na companhia de trabalhadores experientes, onde servem de intermediários na comunicação socorrista. Incorporam, como vocês dizem na Terra. Veem coisas que nem todos veem. Os médiuns possuem uma sensibilidade maior energética, e por isso sua participação nos trabalhos de resgate de espíritos nas zonas inferiores é de fundamental importância.

- E eles doam ectoplasma, útil em certos trabalhos, não é mesmo? – falei.

- Sim, - respondeu o homem – os médiuns doam ectoplasma necessário em muitos tipos de trabalho de auxílio, como na reconstituição do corpo espiritual deformado, na restauração do corpo energético depois da morte, quando ele se encontra em processo de degeneração, como em doenças como o câncer, no maior adensamento do corpo espiritual de espíritos mais elevados para que entrem em contato direto e de forma visível com espíritos mais densos e materializados.

- E os médiuns levam em seus corpos espirituais ectoplasma quando saem do corpo e se deslocam para participar de trabalhos de socorro, como já participei tantas vezes, não é mesmo?

- Sim, meu irmão. – respondeu o homem - Essa é uma vantagem dos médiuns, por isso eles são indispensáveis em certos trabalhos. Os membros de equipes de socorro sempre recorrem a médiuns e irmãos encarnados quando precisam de ectoplasma para alguma atuação no plano espiritual, pois nós desencarnados não temos mais ectoplasma. Só os encarnados possuem essa substância nos citoplasmas das células corporais.

- Tudo isso é estudado aqui? – perguntei.

- Sim, e muito mais. Venha um dia qualquer participar de uma aula teórica, e também de uma prática. – convidou-me o homem.

- Virei assim que puder. Foi muito bom conversar com você. Obrigado pelos esclarecimentos. Agora preciso ir, pois tenho que retornar ao corpo. – disse agradecido.

- Vá com Deus, meu irmão, - arrematou ele - e retorne sempre que quiser, e estaremos prontos a lhe atender e tirar quaisquer dúvidas suas.

- Virei. Muita paz, e que Deus abençoe o trabalho de vocês nessa escola de médiuns. – finalizei a conversa com um aperto de mão.

Retirei-me da escola, e andei mais um pouco pela rua calçada, com árvores muito verdes e canteiros de diversos tipos de plantas coloridas e exalando odores magníficos, por toda a avenida. E então, ao ver um edifício alto, de mais de quatro andares, senti um puxão pelas costas, que me fez desaparecer dali rapidamente, e me senti deslocando rapidamente entre uma espécie de túnel colorido, e de repente estava deitando de costas na minha cama, e me integrando ao corpo de carne novamente. Perdi a consciência. Mas logo em seguida acordei, no meio da madrugada, perto de cinco da manhã, e fiquei um tempo lembrando as coisas que vi e as conversas que tive, para que não esquecesse de tudo. E depois de algum tempo adormeci novamente, e acordei seis horas, para ir trabalhar.

Capítulo 8

Não faz muito tempo, talvez uns dois ou três meses atrás, tive a oportunidade de ver de perto algumas coisas que tinha lido em livros psicografados pelo médium mineiro Robson Pinheiro, relativamente aos processos de obsessão complexa, expressão utilizada pelos espíritos em seus livros.

Acostumado a ler no passado livros publicados há mais de sessenta anos, como as obras de André Luis, psicografadas por Chico Xavier, não sabia nada a respeito de processos obsessivos envolvendo aparelhos fabricados por cientistas desencarnados, nem tampouco sobre a utilização de ovóides, vibríões, clones e outras coisas, descritas nos livros de Robson Pinheiro.

Um dia, poucos meses atrás, tive a oportunidade de ir até uma cidade no plano espiritual, onde observei fatos interessantes.

Em uma dessas vezes, ao chegar a um hospital, em uma cidade próxima a Salvador, em plano mais sutil, vi um homem em um quarto, de pé, inteiramente nu, pegando com a mão direita algo que estava saindo de seu ânus. Via a mão dele segurando um aparelho, parecendo uma aranha, um inseto cheio de pernas, mas de metal. E depois que o objeto saiu por inteiro, o homem, com raiva, jogou o aparelho no chão e pisou nele, que se quebrou todo, em várias partes.

Estava eu acompanhado de dois homens relativamente jovens, talvez na aparência de cerca de trinta anos. Eles foram enviados pelo mestre Sana Khan à minha casa, para que me levassem até aquele hospital, a fim de ter novo aprendizado, em coisas até então inteiramente desconhecidas para mim.

Havíamos saído rapidamente de minha casa, onde eles foram me buscar, ajudando-me a deixar o corpo rapidamente. E logo chegamos ao hospital, onde eu faria as observações acerca de aparelhos parasitas usados em processos de obsessão complexa.

Ao ver o homem tirando aquele aparelho pequeno pelo ânus, fiquei completamente surpreso. Nunca havia visto tal coisa. E então perguntei a Rodrigo, um dos homens que me haviam levado até ali.

- Rodrigo, o que é isso?

- Um aparelho, uma máquina, fruto do que vocês na Terra chamam atualmente de nanotecnologia. São aparelhos pequenos, robôs em miniatura.

- E para que servem esses aparelhos? – perguntei a Rodrigo.

- Para vários fins. Depende do que se busca. Cada aparelho tem uma utilidade. – respondeu ele.

- Esse que o homem tirou...para que serve? – perguntei.

- Para despertar a energia sexual. Para estimular a libido, e manter o alvo preso ao sexo... – respondeu Rodrigo.

- Quem fabricou esse aparelho? – perguntei.

- Um cientista desencarnado que trabalha para um mago negro.

- Mas por quê? – perguntei, curioso – O que o mago tem contra esse homem?

- Uma velha rixa. Como a sua com um outro mago também...

- É verdade, - disse a Rodrigo – também tenho um desafeto desse porte, que não me deixa em paz...

- Não é fácil escapar de um desafeto com muito poder, e para quem trabalham cientistas inteligentes. – disse Rodrigo.

- Quem colocou o aparelho no homem? – perguntei.

- Uma mulher desencarnada, também desafeto dele, e aliada do mago.

- Com que objetivo? – perguntei, ainda curioso.

- Ela é uma antiga paixão desse irmão, e sua perseguidora implacável há muito tempo. Aliou-se ao mago para se vingar, e ao mesmo tempo dominar o homem. Repare que o irmão que retirou o aparelho é encarnado.

- É mesmo, - disse eu ao observar então um tênue fio de luz que saía da cabeça do homem, e completei – ele é encarnado, como eu.

- Ele vive há anos envolvido com mulheres várias, algumas de baixa vibração, e uma delas facilitou a aproximação da irmã desencarnada e ela introduziu o aparelho pelo ânus dele, sem que ele, é claro, percebesse, pois o aparelho não é da dimensão dele. Ela fez isso por ordem do mago, e o aparelho foi feito também por sua ordem, por cientista muito capaz, que trabalha para ele voluntariamente.

- Impressionante. Nunca tinha antes visto nada assim. – disse a Rodrigo.

- É que essas coisas são relativamente novas. A nanotecnologia é recente mesmo no plano mais sutil. Faz pouco tempo que começaram os experimentos nesse sentido, e por isso os livros espiritualistas mais antigos nada falam sobre esses equipamentos. – disse Rodrigo.

- E isso tudo serve para processos de obsessão... – afirmei.

- Sim, - concordou Rodrigo – hoje as obsessões perpetradas pelos magos não são mais baseadas apenas na influência mental, na telepatia, na hipnose, no vampirismo. Hoje eles colocam aparelhos, implantam máquinas e equipamentos que aumentam em muito seu poder de influência e dominação mental dos seres humanos. A perversidade e o desejo de dominação não medem esforços na busca do aperfeiçoamento de métodos e técnicas de dominação. E elas são cada vez mais potentes e eficazes.

- E como esse homem se envolveu com esse processo todo? – perguntei, sempre curioso.

- Tendo como desafeto, ou como inimigo, como o mago o considera, um espírito muito inteligente, e que seduziu cientistas desencarnados para colaborarem em sua obra maquiavélica, e tendo ainda o mago como aliada uma desencarnada também igualmente vingativa, pois com o coração cheio de ódio, de rancor, teve início o processo obsessivo complexo, e justamente no ponto fraco do encarnado, o sexo.

- E quanto tempo o aparelho esteve dentro do encarnado, e por que saiu justamente agora? – perguntei.

- Acompanhamos esse irmão encarnado há muitos anos. Ele, apesar de ser uma pessoa boa, de boas intenções, esteve preso pelo sexo desvairado por longo tempo, por longos anos, nos quais esses desafetos puderam influenciá-lo facilmente, colocando mulheres no seu caminho, a fim de desviá-lo do melhor caminho

espiritual, de distraí-lo, e de afastá-lo do trabalho espiritual. E para isso usaram aparelhos como esse, feitos de material que se assemelha ao metal da Terra, tanto na aparência quanto na textura e materialidade. E esse aparelho foi instalado no cócci, na base da coluna vertebral, a fim de manter viva e atuante a libido, a energia sexual, e manter o homem preso às sensações do prazer sexual, sempre estimulado a buscar mais e mais sexo...

- Que coisa triste! – disse eu.

- Mas esse não é o único aparelho implantado no irmão encarnado. – disse Rodrigo, para meu assombro.

- Não? Ainda há outros? – perguntei.

- Sim, alguns outros, mas menores que esse que saiu agora...

- E por que esse saiu?

- Porque o irmão está há algum tempo empreendendo um grande esforço e movimento interior de renovação, de distanciamento do prazer sexual de forma desvairada, como antes fazia há tempo. Sua libido diminuiu um pouco, sua busca sexual tem se reduzido, e então isso começou a cortar a fonte de alimentação do aparelho. A energia sexual, a libido, era o que alimentava o aparelho. Com menor energia sexual disponível, o aparelho perdeu força, e o próprio corpo, de forma natural, expulsou o equipamento. Ninguém o retirou. O homem apenas o sentiu saindo pelo ânus, porque ele estava implantado ali perto, e apenas o pegou já do lado de fora. Ele não sentia nada dentro dele antes. E sem a transformação o aparelho não poderia ser retirado.

- Nem através de uma cirurgia espiritual? – perguntei.

- Não. – disse Rodrigo – Era preciso um movimento de autoresgate, de transformação mental, e de atitudes, para só então o organismo expulsar o aparelho.

- Meu Deus. Isso é possível? – perguntei.

- Sim, como tantas outras formas de obsessão à moda antiga, que ainda permanecem. – disse Rodrigo – Esse irmão encarnado ainda tem pequenos aparelhos dentro dele, e também ovóides...

- Ovóides? Como assim? Não entendo disso! – disse eu.

- Você sabe o que é um ovóide!

- Sim, um espírito que perdeu a forma humana, que perdeu, aliás, toda a forma, assumindo a forma de um ovo, como no início da gestação. – disse eu a Rodrigo.

- Exatamente. Mas a mente subsiste, não é? A mente não deixa de existir. Perde-se a forma humana, e até mesmo a animal, mas o ser continua vivo interiormente, sonhando, tendo pesadelos, recordando o passado doloroso, em sofrimento atroz.

- E como é que um ser espiritual nessa condição pode ser aprisionado e colocado dentro de um encarnado? – perguntei.

- Há milhares e milhares de ovóides nas regiões inferiores do plano espiritual. Alguns deles são aprisionados, magnetizados, submetidos a longos processos de hipnose pelos magos negros, que dominam as técnicas de hipnose que aprenderam no Egito antigo, na Babilônia, ou anteriormente, na Atlântida, e depois os ovóides são utilizados nos processos de obsessão complexa. Eles, os ovóides, são

programados pela hipnose e implantados em humanos, despertando desejos sexuais exacerbados, desejos desequilibrados, desajustados, sem controle e sem limites. Vamos a outra sala ao lado, para que você veja ovóides saindo do corpo espiritual de um encarnado...

Sáímos, eu, Rodrigo e o outro irmão que nos acompanhava, e entramos em uma sala próxima.

- Veja o que está prestes a acontecer. Observe com atenção. – disse Rodrigo.

Olhei um homem de meia idade em pé na sala, de calças e camisa. Ele de repente começou a coçar o tornozelo direito, como se estivesse com uma forte coceira. Coçava muito, sem parar. De repente, vi um bicho, parecendo uma barata grande, cheia de pernas e com antenas saindo da perna do homem, e cair no chão. E ele passou logo em seguida a coçar a perna esquerda, da mesma forma. E logo caiu outra barata no chão.

- O que é isso? Baratas? – perguntei.

- Olhe direito. Você vê baratas porque é a coisa mais repulsiva que você conhece no mundo físico. Sua mente interpreta o ser repulsivo como barata. Mas não é uma barata de verdade. – disse Rodrigo.

Então olhei com mais atenção, procurando ver sem preconceitos, abstraíndome da repulsa que sentia com Áquila coisa estranha que estava vendo pela primeira vez.

- Realmente, não é uma barata. – disse eu – Parece uma pequena forma ovóide, mas muito pequeno.

- Isso mesmo. São ovóides. Dois. Estavam implantados nos testículos do encarnado. Um em cada testículo. Eles aumentavam o desejo sexual, e ajudavam a manter o homem preso à dominação sexual. – explicou Rodrigo.

- Meu Deus, quanta engenhosidade. – expressei minha indignação.

- É, o que não falta nos irmãos magos negros é imaginação, engenhosidade e colaboradores. – disse Rodrigo.

- E por que esses ovóides agora estão saindo do encarnado? – perguntei.

- Pelo mesmo motivo da saída do aparelho parasita que saiu do outro que você viu há minutos atrás. A mudança do padrão mental, a vontade de mudança, a atitude interior, o autocontrole, o domínio de si mesmo, no campo sexual, leva o corpo a expulsar os corpos estranhos. A força gravitacional fez o resto, fazendo eles descerem até os pés, por onde saíram. Sem essa mundaça interior nem o aparelho nem os ovóides saíam do corpo do irmão encarnado.

- E há outros tipos de aparelhos e situações outras além dessas? – perguntei.

- Sim, várias outras. Isso não esgota as possibilidades. Cada mago negro com seus cientistas criam seres artificiais diversos, da mesma forma que os robôs na Terra. Há clones, seres de corpos artificiais com mente de ovóides...e outras coisas...estamos longe de conhecer toda a parafernália utilizada pelos magos das trevas nos processos obsessivos.

- E o que se pode fazer para se livrar desses aparelhos e ovóides?

- Mudar internamente! Simplesmente mudar! – disse Rodrigo.

- Nem cirurgia...dieta especial...oração...tratamento...

- Não, nada disso é eficaz contra esses procedimentos. É preciso mudar o padrão mental, para que então o padrão vibratório e energético mude, por sua vez. – disse Rodrigo.

- E então esses equipamentos e seres vão saindo aos poucos do corpo, à medida que a pessoa vai mudando mentalmente e mudando suas atitudes... – afirmei.

- Sim, - disse Rodrigo – só com a mudança interior esses aparelhos e seres espirituais manipulados pela hipnose vão sendo expulsos naturalmente pelo corpo do obsidiado.

- E por que esses irmãos encarnados vêm para cá, para esse hospital? – perguntei.

- Eles pressentem de alguma forma que essas coisas estão prestes a sair de seus corpos, e então decidem vir para cá em busca de auxílio, de compreensão, de entendimento sobre o que eles representam...pouca gente conhece essas coisas na Terra...há pessoas lendo os livros de Robson Pinheiro e que não levam essas coisas a sério de verdade...muitos sequer acreditam no que leem. – disse Rodrigo.

- Depois que li os livros dele comecei a ver coisas que estão ali descritas, e passei a ver que realmente eram verdadeiras... – disse eu.

- É uma oportunidade de ouro poder ver essas coisas logo em seguida a uma leitura desse tipo, e confirmar a sua realidade. – disse Rodrigo.

- Realmente. Há tantas coisas estranhas nesse mundo espiritual...coisas que na Terra muita gente não conhece, não acredita e não faz ideia que existe... – disse eu.

- Muitas coisas mesmo! – confirmou Rodrigo.

- Como ficamos presos ao sexo, e como isso pode ser aumentado artificialmente também, através de aparelhos, hipnose, influência à distância... – disse eu.

- Meu amigo, - disse Rodrigo sorrindo – os desencarnados agem apenas em cima dos desejos dos humanos, e nada mais. Eles não podem gerar desejos em quem não os possui. Apenas podem amplificar os desejos já existentes, ou pré-existentes. Eles trabalham com os desejos das pessoas. Por isso é preciso ter cuidado com o que se deseja. Se um homem deseja uma amante, e tem algum desencarnado por perto, querendo dominá-lo, certamente providenciará uma amante para ele. Se o desejo é de alguma droga, isso pode ser providenciado. Se é o suicídio, ele pode ser estimulado e incentivado a cometê-lo. Se é cometer um crime, ele será intuído em como fazê-lo sem deixar pistas para a polícia...e por aí vai...

- Estamos todos cercados por espíritos na Terra...uma nuvem de testemunhas...de incentivadores, de cobradores, de amigos e de desafetos... – disse eu a Rodrigo.

- Isso mesmo. Cuidado, muito cuidado mesmo com o que pensa, e com o que deseja...alguém poderá estar ouvindo e poderá tentar realizar seus desejos impensados, como o gênio da garrafa, da fábula de Aladin, mas isso terá um preço, e ele poderá ser muito caro...depois haverá cobranças... – explicou Rodrigo.

- Nós não pensamos nessas coisas na Terra... – disse eu.

- Não mesmo. – concordou Rodrigo.

- Há muita gente com implantes de aparelhos e ovóides, como esses que vi aqui? – perguntei.

- Muitos! – respondeu Rodrigo – Você nem faz ideia...nem as pessoas fazem ideia de que possuem tais implantes...e nem todos sentem quando eles saem...e muitas pessoas desencarnam ainda com esses implantes...e só após muitos anos depois eles saem do corpo espiritual...os hospícios já estiveram cheios de loucos que diziam possuir aparelhos eletrônicos implantados em seus cérebros, e os psiquiatras os enchiam de medicamentos para abafar seus devaneios e fazer cessar suas alucinações...muitos deles tinham mesmo tais aparelhos implantados, para gerar a loucura...

- Puxa. Que coisa impressionante. – externei minha perplexidade – Já conheci gente que disse ter um aparelho que foi implantado em seu cérebro, e que esteve internado em manicômio. Eu o visitei, inclusive, no manicômio. Na época não conhecia nada sobre tais implantes espirituais. Isso então era real...

- As pessoas se apegam ao sexo de uma forma tão exagerada que nem sentem sua dependência, como acontece com qualquer outro tipo de vício, como as drogas, o cigarro, a bebida... – falou Rodrigo.

- A estrutura dos vícios é a mesma para qualquer coisa... – disse eu.

- Sim. O vício é uma forma de apego. É dependência. Não faz diferença se o objeto do vício é o fumo, o álcool, a cocaína ou o sexo... – disse Rodrigo.

- Precisamos combater o vício em todas as suas formas. E em nós mesmos, não nos outros. Acabar com a dependência. Livrar-se de todo vício. Libertar-se. – disse eu.

- Sim. O espírito só é livre verdadeiramente quando não possui qualquer vício, qualquer tipo de dependência, de limitação, de preconceito, estando livre de influência espiritual negativa. – disse Rodrigo.

- Isso é a perfeição! – disse eu.

- Nem tanto! A perfeição somente está em Deus! – disse Rodrigo.

- É pretensão demais querer ser perfeito? – perguntei sorrindo.

- Estamos eternamente no caminho do aperfeiçoamento, desde a nossa criação, mas a perfeição total só o Pai possui... – falou Rodrigo sério.

- Estou brincando!

- Eu sei. – disse Rodrigo, agora sorrindo.

- É preciso também escolher bem os parceiros sexuais, - disse eu, mudando de assunto - já que ele pode estar sendo influenciado por espíritos malignos, e sendo intermediário para a implantação de aparelhos parasitas e ovóides em nós...

- Com certeza. Você tem toda razão. – concordou Rodrigo – As pessoas de pouca moral, os imorais, possuem vibração baixa, e são presas fáceis de espíritos inteligentes e poderosos.

- No meio da busca insana de prazer sexual independente de sentimento o que mais se encontra é gente sem uma moral sólida. Há muita frouxidão moral. Ou seja, uma flexibilidade muito grande na aceitação de coisas imorais como se fossem completamente morais, como, por exemplo, se envolver com pessoas casadas... – disse eu.

- E muito mais. – disse Rodrigo – Homens casados buscando transexuais, ou homens mesmo...mulher com mulher...adultos com crianças...sexo com animais...tudo hoje parece ser válido no mundo na busca insana de prazer...e quem se diz contra esses desvios é taxado de preconceituoso, de careta, de discriminador...tudo virou normal...

- É, meu amigo. O mundo no qual você viveu não é mais o mundo no qual eu vivo hoje... – disse sorrindo a Rodrigo.

- De forma alguma... – concordou ele.

- Há muitos desvios no comportamento humano...a moral está por demais frouxa...é preciso puxar um pouco a rédea do animal que há dentro de nós...ou ele vai nos levar ao precipício... – disse eu sorrindo.

- É preciso mesmo... – concordou Rodrigo.

- Acho que por hoje já vi o suficiente...está na hora de voltar ao corpo...ele já está me puxando...

- Vá, meu amigo...outra hora pegarei você para uma viagem diferente...vamos descer a uma região muito baixa...há um resgate a fazer...um ser que sofre há muito tempo, e que dá sinais de cansaço, de arrependimento, e recebemos ordens de resgatá-lo da escuridão...

- Adoraria participar desse resgate... – disse eu.

- Então faremos juntos esse trabalho...vá para casa...até breve...muita paz...

- Muita paz para vocês também, amigos.

Voltei ao corpo lembrando basicamente do que vi e de nossa conversa...e ansiando pelo novo encontro de estudos e observação, e também de serviço...

Capítulo 9

Era noite. Acabara de assistir a um telejornal. Estava triste com os últimos acontecimentos em Israel, no conflito entre palestinos e israelenses. Fui me deitar pensando na velha luta na região, e não consegui me desligar do tema até conseguir dormir.

Assim que efetivamente relaxei, não demorei muito a deixar o corpo físico.

Logo que me levantei da cama vi dois homens relativamente jovens no meu quarto. Já os conhecia. Eram os mesmos que haviam me conduzido até aquele ponto de encontro espiritual através do tunel vertical, aquele portal de que falei em relato pessoal no meu site.

O mais moreno se chama Marcos, e o mais claro Raul.

- Oi, Beto. – disse Marcos.

- Oi. – respondi.

- Oi. – disse também Raul.

- Oi. – respondi.

- Vamos cumprir uma missão que nos foi confiada pelo mestre Sana Khan. – disse Marcos.

- E isso me inclui... – disse eu sorrindo, mais afirmando do que perguntando.

- É claro. Por que estaríamos aqui se não o incluísse? – disse Marcos.

- Ótimo. – disse eu a Marcos. – O que faremos? Aonde iremos?

- Ao Oriente Médio. Mais precisamente a Israel. – disse Raul.

- Ao Oriente Médio? A Israel? O que faremos lá? – perguntei.

- Resgatar um palestino que desencarnou na ação de hoje... – disse Marcos.

- Eu estava vendo o resultado da ação do exército israelense hoje à noite...foram vários mortos entre os palestinos... – disse eu.

- Sabemos disso. Já estávamos por aqui mais cedo, preparando-o para a saída do corpo e para a missão que temos que cumprir. – disse Raul.

- Com tanto trabalho aqui no Brasil, em Salvador, por que devemos ir ajudar os palestinos tão distantes? – perguntei, curioso.

- A Terra é uma só, um todo unitário. Não fazemos qualquer tipo de distinção entre países, culturas, idiomas, raças, ideologias ou religiões...somos universalistas... – disse Marcos.

- Eu sei. Também não faço tais distinções. Ajudo qualquer um. – disse eu.

- Muito bom, Beto. Assim terá mais sucesso na nossa empreitada. – disse Raul.

- Vamos seguindo? Não devemos nos demorar aqui. – falou Marcos.

- Claro. Podemos partir agora mesmo. – disse eu a ele.

- Então vamos. – falou Raul.

De repente os dois amigos sumiram, como um raio veloz. Só tive a ideia de segui-los. Concentrei-me neles, e logo os alcancei. Rapidamente estava ao lado dos dois, que riam de mim.

- Você não fica para trás mesmo, não é? – disse Marcos.

- Estou ligado. – disse rindo. – Tão-logo percebo seu afastamento, penso em você e disparo atrás.

- Você aprendeu a rastrear legal. – disse Raul.

- Parece que sim. Penso em alguém e não demoro a encontrar a pessoa. Isso é a regra geral. Mas há exceções. Às vezes não consigo localizar.

- Você está cada vez melhor como rastreador. Isso ajuda muito a localizar espíritos do lado de cá... – disse Raul.

Estávamos em cima do mar, sobre o Atlântico. Via embaixo as ondas grandes e a espuma branca sobre as cristas das ondas. Via nuvens cinzentas no céu. Estava chovendo um pouco, mas não sentia a água, nem frio.

- Entramos agora no Mediterrâneo. – disse Marcos. – Logo estaremos em Israel. Vamos direto para a zona do conflito. Nosso alvo está na área de combate.

- Ele está em que dimensão? – perguntei.

- Ele desencarnou durante a explosão de um foguete lançado por um helicóptero israelense. E está muito perturbado. Não sabe que desencarnou... – disse Raul.

- Ele nos verá? – perguntei.

- Vamos aplicar energia na região dos olhos para que ele nos veja. Ele terá mais facilidade em ver você, que também é encarnado. – disse Marcos.

- Estamos em cima de Israel. Estamos no litoral. Adentremos um pouco mais o território. – disse Raul.

Em segundos chegamos a uma cidade, e fomos direto para uma região onde havia muita fumaça saindo de um prédio em chamas. A fumaça era preta e se estendia muito alto.

Marcos nos guiou até os escombros do edifício destruído e logo localizou um homem de meia idade, de barbas negras, olhos escuros, de roupas pretas, que estava caminhando pelo que restou do edifício e praguejando muito.

- Desgraçados. Vocês vão pagar por isso. Miseráveis. Vocês sentirão a ira de Alá. Eu meu mesmo vou me vingar pela destruição do meu quartel. – eram coisas que dizia o homem enlouquecido de raiva.

- Ele não se deu conta de que morreu, de que deixou o corpo. Pensa que houve a destruição, mas que ele nada sofreu. – disse Marcos.

- Quem vai falar com ele? – perguntei.

- Eu. – disse Marcos. – Ele não entenderia sua linguagem. Não está em condições de traduzir diretamente seu pensamento em português para o árabe, idioma dele. Se incorporasse em um médium, aí, sim, ele entenderia, porque o médium faria a ponte entre as duas mentes. Mas no estado de desequilíbrio em que ele se encontra, de muita raiva, de ódio, só tem condições de entender se lhe falarem em sua língua.

- Ok. Então vamos ajudá-lo, sem demora. – disse eu a Marcos.

- Vamos com calma. Vamos dizer que somos médicos. Mas precisamos mudar nossa aparência, para ficarmos mais parecidos com palestinos, ou ele desconfiará e não nos dará ouvidos. – disse Raul.

- Muito bem pensado. – disse Marcos. – Concentremo-nos em parecermos mais morenos, e com barbas cheias, como os árabes. Mas com roupas brancas, para parecermos médicos.

Então todos nos concentramos por alguns segundos. E logo mudamos de visual. Olhei para Marcos e Raul e vi dois palestinos...qualquer um se enganaria...mas era apenas para ajudar no início.

- E então, convencemos ou não? – perguntou Marcos a mim.

- E muito! Ninguém diria que não somos palestinos. – respondi sorrindo.

- Então, vamos lá. Mãos à obra. Vamos abordá-lo. – falou Raul.

Aproximamos-nos do homem, que estava vistoriando o local, como se estivesse no corpo de carne ainda.

Estávamos de branco, juntos, como uma equipe médica de socorro e resgate.

- Alá esteja contigo, irmão. Viemos ajudar. – falou Marcos.

- Que Alá nos ajude, irmão. Esses desgraçados, cretinos, nos bombardearam, e destruíram tudo. Toda a nossa base foi destruída. Nada sobrou. Nossas armas, nossos documentos, tudo. Mas vamos nos vingar, com a juda de Alá. – disse o palestino com muita raiva.

- Vejo que está ferido, irmão. – disse Marcos, apontando a região do abdômen e os braços do homem.

- Nada demais, irmão. Não estou sentindo dor alguma. Talvez a minha raiva tenha adormecido a minha dor, ou então Alá me poupou de sentir dor, por ser eu um de seus valentes guerreiros em meio à sua guerra santa.

- Mas você não pode ficar sangrando assim. – disse Marcos.

- Não me importo. Sangrar faz parte da batalha. Quem sangra está vivo. Sangue é vida.

- Mas se sangrar demais, a pessoa morre. – disse Marcos.

- Não me importo de morrer, desde que seja pela causa de Alá, e pela causa palestina. O Hamas já deu muitas vidas pela causa. Eu só seria mais um a entrar no paraíso.

- Você não tem medo de morrer? – perguntou Marcos.

- De forma alguma. Estou pronto para morrer a qualquer momento.

- Não teme nem um pouquinho a morte? – perguntou Marcos, preparando para adentrar propriamente na conversa mais importante.

- Não. Se eu estivesse morto, já estaria agora no paraíso, ao lado do Profeta Maomé. E seria recebido por muitas virgens... – disse o palestino agora rindo.

Nós três rimos também com ele, para entrar no seu clima, na sua onda, e para com isso nos aproximarmos mais dele, e ganharmos a sua confiança.

- E se você não entrasse no paraíso da maneira que espera? – perguntou Marcos.

- Ficaria meio decepcionado, mas, se estivesse vivo, no outro mundo, não me importaria. Continuaria a combater os judeus infiéis.

- Olhe ao seu redor. – disse Marcos. – Veja as pessoas aqui perto. Olhe as ambulâncias. Olhe seus companheiros. Eles já falaram com você depois da explosão?

O homem olhou em volta. Pensou antes de responder. E arrematou:

- Eu estava achando isso meio estranho realmente. Faz tempo que o foguete nos atingiu e até agora ninguém tinha se aproximado de mim, até vocês chegarem. Ninguém veio me ajudar. Fiquei aqui muitas horas sozinho, olhando os estragos. E mesmo ensanguentado, como você percebeu, ninguém veio me ajudar. Isso não está certo.

- É que talvez eles não estejam vendo o irmão. – disse Marcos.

- Como assim? – perguntou o palestino do Hamas. – Eles não são cegos!

- Realmente não são cegos, para a matéria, para o corpo de carne. Mas não enxergam o espírito daqueles que morreram. – disse Marcos com segurança, mas com calma e com voz suave e doce.

- Espírito? Quem é o espírito aqui? – falou o homem meio irritado.

- Veja que eles não o percebem. Aproxime-se deles. – disse Marcos.

- Vou chegar perto de meus companheiros.

E o palestino andou até um grupo de cinco homens que estavam mais perto de nós. E falou:

- Olá, irmãos.

Ninguém olhou para ele, nem respondeu nada.

- Olá. Olá. Olá. – disse aos berros o palestino, irritadíssimo.

Ninguém nem se mexeu. E um dos homens do grupo abordado falou:

- Perdemos um grande líder. Ele nos fará muita falta. Mas certamente será substituído, como sempre, porque não faltam irmãos fiéis à causa de Alá na Palestina.

E os outros homens do grupo falaram também, e citaram por fim o nome daquele que estava tentando falar com eles e que não era por eles percebido.

O palestino desencarnado esboçou um ar desapontado. Suas feições mudaram. Agora estava seriamente preocupado. O que estaria acontecendo com ele, pensou.

- O que está acontecendo comigo? Por que eles não me veem? Por que não me ouvem?

O palestino, com certo temor, desconfiado, tentou tocar o braço do companheiro que estava mais perto dele. E, ao perceber que não conseguia sentir a materialidade do outro, e que sua mão passava pelo corpo como se ele fosse feito de ar, entrou em desespero.

- Alá, estou morto.

- Não, meu amigo, - disse Marcos com muita paciência. – só o seu corpo morreu.

- Como é isso? O meu corpo morreu e eu estou vivo...como pode ser assim...e não estou no paraíso...

- O espírito é imortal. A religião não nos ensina isso? – falou Marcos.

- Sim. Mas o livro sagrado nos ensina que se morrermos pela causa de Alá iremos para o paraíso....

- O paraíso e o inferno começam dentro de nós mesmos, meu irmão. Você se sentia no paraíso, digo dentro de seu coração, e na sua mente se sentia no paraíso?

- Não. Isso não posso afirmar. Estou cheio de ódio no coração. E desejo de vingança...

- Como se pode viver no paraíso com tais sentimentos, meu irmão?
- Não sei. Então fui enganado...
- O livro sagrado foi escrito por um homem, não diretamente por Deus, meu irmão, e os homens podem cometer equívocos nas suas interpretações...
- Mas estamos falando do profeta...ele não pode ter errado...
- Por que não? Ele não era também humano, como eu e você?
- Sim, era humano como nós. Mas falava por Deus.
- E como é que pode alguém ter tanta certeza de que ele de fato falava por Deus se ninguém estava lá quando ele escreveu o livro sagrado?
- É questão de fé...de acreditar...
- Isso mesmo. Uma questão de fé. Mas, se você depois descobre a verdade por inteiro, ou seja, que os guerreiros que matam seus irmãos de outras crenças não entram direto para o paraíso, o que você deve fazer? – Marcos fazia o homem refletir.
- Sinceramente, não sei...não sei o que fazer...quer dizer que estou mesmo morto?
- Não. Você está vivo!
- Como assim? Quer me confundir? Você disse antes que eu havia morrido...
- Sim, você morreu, mas não está morto...
- Você mais parece um sufi...é gozador...mas está me confundindo...não estou entendendo bem as coisas...
- É tudo muito simples, mas ao mesmo tempo meio complexo...na verdade é paradoxal mesmo...você está morto, e ao mesmo tempo vivo...morto para o mundo da carne, onde estão seus companheiros aí do seu lado...e vivo em espírito, em um outro corpo, de outra matéria, com o qual pode se deslocar, pensar, sentir, viver...isso é maravilhoso...
- Mas não pertencço mais ao mundo...para onde eu vou agora...o que vou fazer?
- Depende de você? Para onde gostaria de ir?
- Para o paraíso, é claro, para onde disseram que eu iria, desde menino...
- Bom, para o paraíso, paraíso mesmo, não posso levar você, porque ele fica meio distante, não em quilômetros, mas em densidade de matéria. Veja que o mundo material que você ainda vê é um pouco diferente da matéria de nossos corpos. Somos de matéria mais sutil. Podemos atravessar paredes do mundo físico. E o paraíso é ainda mais sutil. Você ainda não pode entrar agora no paraíso. Precisa primeiro se desprender da matéria mais densa, e isso implica em mudança de atitude mental.
- Como assim?
- Precisa sair do padrão mental do ódio, do desejo de vingança...
- Isso vai ser difícil...
- Por que? – perguntou Marcos.
- Como vamos deixar de odiar os judeus que nos oprimem? Vejam o que eles fazem conosco... – e o homem apontava os escombros.
- Vamos caminhar um pouco e conversar melhor... – sugeriu Marcos.
- Está bem. – concordou o homem.

Então nos afastamos dos destroços do edifício, e caminhamos cerca de duzentos metros, em direção a uma praça que estava naquele momento vazia, pois todos os moradores das redondezas estavam perto do local da destruição causada pelo foguete lançado na ofensiva israelense.

- Está mais calmo? – perguntou Marcos.

- Um pouco. Você está conseguindo me acalmar um pouco, mesmo com essa conversa maluca de morte. Não estou entendendo ainda muito bem essa estória toda...

- Vai entender cada vez mais, meu irmão...olhe para você, para suas mãos, para seu corpo...não parece ser igual ao outro corpo que ficou no meio dos destroços?

- Sim, parece ser igual ao outro. Não me sinto morto de forma alguma. Continuo sentindo emoções, continuo pensando, continuo odiando os judeus...

- Sinal de que está bem vivo... – disse Marcos sorrindo.

- É, parece que sim... – disse o homem agora também esboçando um leve sorriso.

- A questão palestina é muito complexa, não é mesmo? – falou Marcos.

- Sim. Desde criança fui ensinado a odiar os judeus, a não aceitar Israel, porque eles tomaram nosso país, e nos dominaram. Não dá para aceitar isso...

- E se eu dissesse que isso tudo teve causas em vidas passadas, que me diria? – perguntou Marcos.

- Vidas passadas. Não há vidas passadas. Só temos uma única vida.

- Nunca ouviu falar em reencarnação?

- Já, mas não acredito nisso. Nosso Alcorão não fala nisso. Nenhum Aiatolá fala nisso. Como posso acreditar nessas coisas?

- E se você voltasse no tempo e visse com seus próprios olhos que isso existe, que é real?

- Não sei. Talvez acreditasse. Mas não existe máquina do tempo.

- Não, realmente máquina do tempo como mostram os filmes de ficção científica não existe de fato. Mas podemos voltar no tempo, fazendo uma regressão de memória. – disse Marcos, com firmeza e de modo convincente.

- Isso é possível? Você já fez isso?

- Sim, muitas e muitas vezes já vi o meu passado, e já fiz muita gente ver também o passado. Posso fazer isso com você, se quiser.

- Eu aceitaria a experiência. Afinal, tudo o que estou vivendo agora é novo mesmo para mim...

- Então feche os olhos. – disse Marcos.

O homem fechou os olhos.

- Relaxe. – disse Marcos em tom suave e manso, em voz baixa.

Dava para ver claramente que o homem estava rapidamente relaxando. Suspirou calmamente. Soltou o ar.

- Se for da vontade de Alá, - falou Marcos, enquanto colocava a mão direita na frente dos olhos do palestino – que o nosso irmão possa ver o seu passado, o que deu causa ao seu sofrimento atual.

Não demorou nem um minuto. O homem começou a ver e a falar, de olhos fechados.

- Estou vendo um campo de concentração nazista. Há muitos judeus. Todos magros, muito magros. Há um oficial nazista, da SS, que está berrando e humilhando os judeus presos, e está mandando entrarem em uma fila...eles vão para a câmara de gás...meu Deus...estou vendo fumaça saindo das chaminés...uma fumaça preta...é dos corpos cremados depois de morrerem pela inalação do gás venenoso...

- Veja quem é o oficial nazista! – impôs Marcos, com autoridade.

- Eu o vejo, mas não sei quem é. Não o conheço.

- Veja bem. Sinta a vibração dele. Aproxime-se dele. Olhe nos olhos dele. – disse Marcos de forma incisiva.

- Não posso. Algo me impede de olhar nos olhos dele.

- Não tenha medo.

- Não tenho medo. Não tenho medo de nada nessa vida. – falou o homem meio irritado.

- Então olhe. Você é um guerreiro corajoso. Veja quem é o oficial da SS que humilha os judeus e que os encaminha para a morte na câmara de gás. – falou Marcos.

O rosto do líder rebelde do Hamas se modificou. Parecia transtornado. Mas não chorou. E falou quase de forma inaudível.

- Sou eu. Não pode ser. Que ilusão é essa que você está causando em mim. Acaso você é algum tipo de mágico, ou hipnotizador?

- Não. Você está apenas recordando o seu passado. A reencarnação, o novo nascimento em outro corpo fez você esquecer o passado doloroso, pois do contrário não conseguiria conviver com o remorso. – disse Marcos.

- Não pode ser. Eu não fiz isso com eles. Eu é que sou a vítima.

- Agora. No passado que você lembrou neste momento você era o carrasco dos judeus, e por isso Alá fez você nascer novamente para sofrer nas mãos do mesmo povo que você ajudou a massacrar sem motivo. Até crianças inteiramente inocentes eram imoladas sob o seu comando no campo de concentração, e você sentia imenso prazer nisso...

- Nunca me ensinaram essas coisas na minha religião...

- Nem na maioria das outras também... – disse Marcos.

- Como posso confiar em você? E se tudo isso não passar de uma grande ilusão? E se você for um judeu disfarçado querendo me enganar...

- Sinta a minha vibração, a minha energia, a minha sinceridade...

- Eu sinto. Não sei o que é isso. Mas sinto que você fala a verdade. E sinto que é real o que estou vendo. Mas é difícil acreditar...

- Eu sei, meu irmão. – disse Marcos – É mesmo muito difícil passar de vítima a carrasco. Mas é a lei.

- Que lei?

- A Lei de Causa e Efeito. É uma lei divina. Segundo essa lei de Deus, colhemos os frutos do que plantamos. A semeadura é livre, mas a colheita é

obrigatória. Se plantarmos flores, colheremos o seu perfume. Se plantarmos rosas com espinhos, seremos por eles perfurados e feridos, e sofreremos...

- É o olho por olho, dente por dente?

- Não exatamente isso. Mas, quem com ferro fere, com ferro será ferido...

- Mas isso parece mais uma pregação cristã. – disse o homem surpreso.

- O Cristo disse muitas coisas certas, meu irmão, e sua pregação é universal. E ele era palestino.

- Mas judeu...

- Sim, judeu, e palestino... – falou Marcos – na verdade ele não se prendia ao judaísmo...sua pregação era para todos os povos, e para o futuro...ele amava e ajudava tanto judeus quanto samaritanos, romanos, fenícios, sírios, e todos os que lhe buscavam amparo e consolo...curava a todos, sem distinção de etnia...ele era um cidadão do mundo...jamais se rebelou contra o domínio romano...e aceitou ser morto da forma mais ultrajante e degradante que existia naquela época, apesar de ser inocente... deixou-se imolar como um cordeiro inocente levado para o sacrifício...

- Você mais parece um padre católico falando... – disse o palestino.

- Já fui...mas também fui monge budista, sufi, muçulmano, yogue, ateu, participei de uma cruzada como guerreiro de Alá, e matei muitos cristãos que considerava infiéis...mas depois de muitas vidas e muitas mortes aprendi que o espírito não deve se prender a qualquer religião...nem a raça, nem a povo, nem a bandeira...ora aqui, ora ali, num corpo, em outro, um claro, outro escuro...no deserto quente, no frio gelado do norte...homem, mulher...tudo são apenas experiências para o espírito imortal...

- Que interessante... – falou o palestino.

- Muito interessante, meu irmão. Você gostaria de ir conosco para uma cidade no mundo espiritual, onde será tratado e poderá aprender muito mais sobre essas coisas?

- Sim, gostaria. Sou totalmente ignorante sobre essas coisas que você me falou. Mas tenho a mente aberta para aprender...sempre!

- Então vamos. Tem uma coisa. – disse Marcos a ele.

- O que é?

- Vou levá-lo inicialmente para uma cidade onde vivem somente muçulmanos, para evitar qualquer possibilidade de desgaste e embate com judeus mortos como você...

- Acho bem prudente de sua parte. Não sei como agiria, não sei qual seria minha reação ao me deparar com judeus os que estavam lutando comigo há pouco tempo...

- Então, sigamos para a cidade mais perto daqui. Lá encontrará muitos palestinos muçulmanos como você, e será internado inicialmente em um hospital, por causa de seus ferimentos. Depois de alguns dias, começará a assistir palestras, para se instruir. E mais algum tempo depois, quando estiver preparado, seguirá para uma cidade mais acima, mais evoluída, composta de judeus e muçulmanos, que trabalham e estudam juntos...em harmonia...em paz...eles preparam o futuro de Israel...

- Isso é futuro...vamos devagar...um dia atrás do outro... – disse o palestino do Hamas sorrindo.

- Sim, nada como um dia atrás do outro para derrubar os véus das nossas ilusões, e nos mostrar a realidade das coisas por completo. – disse Marcos.

- Vamos, então. Estou ansioso para conhecer uma cidade do outro mundo. – disse o palestino sorrindo.

- Não será ainda o sonhado paraíso, lembro ao irmão.

- Tudo bem. Um dia chegarei lá, não é?

- Sim, um dia todos chegaremos lá. – confirmou Marcos.

E partimos todos juntos.

Ao longo da conversação, fui gradativamente passando a entender o que o palestino e também Marcos falavam em árabe.

Marcos me explicou depois que isso se deve ao fato de eu já ter sido também árabe, muçulmano. E de fato já fizera há anos atrás algumas regressões e me vi em guerra montado em camelo, e também como místico islamita. Assim, aos poucos, ouvindo o idioma árabe, fora do corpo, passei a entender a língua. Mas ao acordar não consigo mais lembrar as palavras em árabe, apesar de recordar o conteúdo da conversa. É assim que acontece quando regrido a vidas passadas. Lembro do conteúdo, não das palavras ditas em idioma que não estudei nesta encarnação. Posso ler e ouvir aramaico, por exemplo, e entender, mas ao acordar só lembro o teor do que leio ou ouço...

Deixamos o palestino instalado e muito bem acomodado em um grande hospital em cidade espiritual perto da Faixa de Gaza, prometendo voltar outro dia para revê-lo, e rumanos para uma cidade espiritual só de judeus, onde vi israelenses desencarnados em situação de ódio pelos muçulmanos palestinos. O outro lado da moeda. Que situação mais triste a desses espíritos em luta feroz naquela região tão bela.

Depois de conhecer um pouco dessas duas cidades, uma judia, e outra muçulmana, Marcos e Raul disseram que em breve me levariam a uma cidade mais acima, no mundo espiritual, por orientação do mestre Sana Khan, onde ninguém é judeu nem muçulmano, onde ninguém tem uma religião, e não há desentendimento por causa de sectarismo religioso.

Confesso que fiquei muito curioso, e ansiei por esse dia.

No próximo capítulo relatarei essa visitação, e meu ingresso na Fraternidade Branca.

Capítulo 10

Alguns dias depois, Raul e Marcos novamente foram me pegar.

Estava sonolento, por volta das 23:00 horas, na cama, mais para lá do que para cá, quando ouvi uma voz conhecida dizendo:

- Beto, vamos, saia. Está na hora. Precisamos partir, ou perderemos a palestra do mestre.

Com aquele chamado, senti uma energia forte me envolver, e logo deixei o corpo.

Saí e fiquei de pé. E vi os dois amigos perto de minha cama.

- Até que saiu ligeiro. – disse Raul, sorrindo.

- É, saí. – respondi.

- Então vamos, não temos tempo a perder. – disse Marcos.

- Vamos. – concordei.

E como da outra vez, os dois desapareceram da minha vista, como foguetes velozes, não dando nem para ver a direção. Mas, também como de outras vezes, apenas me concentrei neles, e logo estava acompanhando ambos.

Aprendi a rastrear a vibração. Na verdade, tudo é uma questão de concentração. Podemos encontrar, com a prática, qualquer espírito no plano espiritual, principalmente quando o conhecemos, porque nesse caso já conhecemos e temos identificada a sua vibração em nossa mente, no inconsciente, o que facilita a busca e o encontro.

- Já chegaremos. – disse Raul.

- Rápido, assim? – perguntei.

- Sim. – respondeu Raul – É porque estamos seguindo para o alto, e a matéria é mais sutil, permitindo um deslocamento mais ligeiro. Quando descemos, há mais atrito, mais resistência da matéria ao nosso corpo espiritual, e por isso nos deslocamos mais lentamente.

- Nunca havia pensado nisso, nem lido nada a este respeito. – disse a Raul.

- Sempre estamos aprendendo coisas novas, não é mesmo? – disse Marcos.

- É, sempre há coisas novas a serem aprendidas. – concordei – Nunca saberemos tudo, não é?

- Se a evolução é infinita e eterna, então sempre haverá coisas novas a serem estudadas e aprendidas. – disse Raul.

- Isso é bom. – disse eu – Imagine viver em um céu monótono, eternamente, sem nada para fazer ou estudar, sem trabalho, sem estímulo intelectual algum...isso seria terrível, não é mesmo? Acho que seria um verdadeiro inferno.

- Com certeza. Os novos estudos, o trabalho, as amizades novas que fazemos a todo momento nos estimula demais, e nos convida a continuarmos na escalada evolutiva sem fim... – falou Marcos.

- Estamos chegando. – disse Raul.

Comecei a ver aos poucos uma região toda florida, no meio de um vale cercado de montanhas, como algumas regiões da Cachemira, e lá adiante, ao longe,

vi que havia uma pequena cidade, sem muros, sem fortificação, diferentemente de tantas outras que conheci nas regiões inferiores, próximas da crosta terrestre, como a famosa Nosso Lar, tão conhecida dos espíritas brasileiros.

- Linda região. – expressei minha admiração.

- Muito linda mesmo. – disse Raul – Parece que estamos no paraíso.

- Estamos, aqui, realmente na porta do paraíso. – disse Marcos – Aqui não há criminosos, nem pessoas que odeiam, que pensam em vingança, que matam, que guerreiam, que roubam, que se corrompem, que fraudam, que sonegam impostos, que destroem a natureza...ninguém desequilibrado chega até aqui.

- Por quê? – perguntei.

- Este plano está acima da Terra, a alguns quilômetros de distância, e a matéria aqui é mais sutil, mais leve, mais plástica, e a vibração suave. – explicou Marcos.

- Quem ingere bebida alcoólica, fuma, usa qualquer tipo de drogas e come carne de animais, de qualquer espécie, não consegue chegar até aqui. – complementou Raul.

- Por quê? – mais uma vez perguntei, sempre curioso em aprender.

- Porque a carne em geral está envolvida em energia muito densa, e as substâncias como o álcool, o tabaco e outras drogas afetam o sistema nervoso de modo a prejudicar a correta circulação de energia em nosso corpo espiritual, e isso também de alguma forma o adensa, impedindo-o de alcançar dimensões mais elevadas. E aí quem consome carnes e essas substâncias nocivas ao corpo não consegue chegar até aqui. – disse Raul.

- Mais não é só isso. – falou agora Marcos – Também os sentimentos, as emoções e os pensamentos desequilibrados envolvem a pessoa em energia mais densa, rebaixa a vibração, e isso também impede que se chegue até este plano.

- Puxa, então é preciso ser santo para chegar até aqui? – perguntei, sorrindo.

- Você se considera santo? – perguntou Marcos sorrindo.

- Claro que não. – respondi.

- Então está respondido. – completou ele.

- Enquanto eu bebia, mesmo que pouco e raramente, e enquanto comia carne, mesmo não comendo apenas a carne vermelha, então, eu não conseguiria ser trazido até aqui... – falei, na verdade mais buscando confirmação do que questionando.

- Realmente não poderia mesmo. – disse Raul – Por isso só agora tivemos autorização para guiá-lo até aqui. Antes, você ainda estava envolvido com a energia da carne dos animais, e seu ectoplasma, de energia mais densa do que a do ser humano, o que impede a elevação a dimensões superiores.

- Quer dizer, então, que se uma pessoa come carne, bebe ou fuma, e é uma boa pessoa, caridosa, ela não conseguirá subir a planos superiores imediatamente após o desencarne? – perguntei.

- Não, não poderá. – respondeu Raul – O corpo espiritual é formado também de matéria, apenas um pouco diferente da do corpo físico. E não são apenas os sentimentos, as emoções e os pensamentos que nos elevam aos céus. Também há a questão da qualidade do corpo em função de nossa alimentação; a ingestão de substâncias entorpecentes como o álcool e outras interferem na formação do corpo

energético sutil. E isso vai permitir ou não o ser de ascender a planos superiores. Uma pessoa caridosa, como você chamou, boa mesmo, mas que ainda come carnes e bebe precisará levar um tempo nos planos mais baixos até que se desprenda das energias e substâncias mais densas do plano físico, e purifique mais o corpo espiritual.

Enquanto conversávamos, ia percebendo a aproximação da cidade pequenina, no meio de incontáveis flores multicores. Não era um grande aglomerado de casas e edifícios, mas poucas construções, de cores claras, belíssimas, de arquitetura que poderia chamar de moderna. Nada de construção com aparência de coisa antiga. Parece que tudo foi planejado por uma mente moderna, avançada e progressista.

- Precisamos nos vestir inteiramente de branco. – disse Raul.

- Por quê? – perguntei.

- Porque participaremos de uma reunião e palestra da Grande Fraternidade Branca, para usar uma expressão antiga da literatura espiritualista terrestre. – disse Marcos – E nela todos se vestem de branco. É uma tradição. Não é obrigado, mas todos seguem a antiga tradição, para não parecerem diferentes.

- Então, mudemos de roupa. – disse a eles.

Concentramo-nos um pouco e rapidamente nós três estávamos de branco, com túnicas compridas, parecendo três gregos antigos. Mentalizei uma túnica de puro linho, como sempre achei que Jesus usava. E, coincidentemente, Raul e Marcos mudaram seus trajes e se vestiram com igual túnica.

- Como isso é possível? – perguntei, curioso – Não combinamos nada.

- Nós pescamos a sua idéia! – falou Raul, rindo – Na verdade, eu e Marcos pegamos seu pensamento e copiamos, para ficarmos todos iguais.

- Interessante. E então, vamos para onde? – falei.

- Vamos para o edifício central, aquele maior, onde será a reunião, e a palestra. – disse Marcos.

Segui os dois, até chegarmos à entrada do edifício. Vi que muitos estavam ainda chegando, como nós, e que estavam todos voando. Poucos vinham andando. A visão era diferente da que estava acostumado a ver em cidades mais próximas da crosta terrestre.

Não havia veículos, nem mesmo coletivos, por ali. Não havia postes de iluminação. Tudo era claro, de uma forma natural, como se o sol estivesse sempre irradiando sua luz, mas sem o calor escaldante de certos lugares na Terra.

Entramos pela entrada principal, uma porta grande e larga, por onde passavam muitas pessoas. E chegamos até um imenso salão. Acho que ali já havia mais de duas mil pessoas reunidas, todas vestidas de branco, exatamente como tinha falado meu amigo.

Alguns estavam de calças e camisas, mas tudo branco, e a maioria estava mesmo de túnica, como nós. Fiquei contente por não parecer diferente.

Procuramos nos acomodar em cadeiras maravilhosamente confortáveis. Ficamos a cerca de vinte metros do tablado, onde havia uma mesa com alguns homens e também mulheres sentados a conversar animadamente.

De repente, aquele que parecia estar comandando a reunião se levantou e fez um gesto pedindo silêncio ao auditório, dando a entender que iria começar a palestra, pois as pessoas estavam conversando, mesmo que baixo, e sem incomodar uns aos outros. Então houve silêncio geral. Nem um pio se ouviu depois do pedido do líder.

- Meus amigos e irmãos, estamos mais uma vez reunidos para receber novos membros de nossa fraternidade. Irmãos outros foram trazidos até aqui hoje para serem recebidos por nós com grande júbilo, pois alcançaram o estado de cidadãos do mundo, não mais fazendo distinção entre as pessoas por diferenças externas e aparentes, nem por seus pensamentos, ideias, gostos e preferências. Queremos hoje dar as boas-vindas aos irmãos... – e o homem simpático pegou algo para ler, mais parecendo uma prancheta de acrílico ou cristal, e continuou - ...Igor, Mario, William, Charlot, Nanon, Luiz Roberto...

Levou alguns minutos lendo todos os nomes, pois eram mais de cinquenta.

Confesso que fiquei surpreso, mas lisonjeado. Não esperava aquilo, e Raul e Marcos não tinham falado nada para mim do que iria acontecer. Olhei para os dois, um de cada lado, e balancei a cabeça, como a dizer “mas vocês...”.

- Era surpresa. – disse Raul – Não podíamos estragar.

- Não teria a mesma graça. – disse Marcos.

- Tudo bem, estão perdoados. – disse eu, sorrindo.

Após terminar a leitura dos nomes dos novos membros, o homem falou:

- Vamos hoje ouvir nosso irmão e amigo Sana Khan, sempre muito bem-vindo, e sempre esclarecedor.

Apontou ele para uma porta lateral, por onde entrou Sana Khan, vestido também de branco, uma túnica que emitia luz. Algo que lembrava, ao menos de longe, o cetim ou a seda, mas, contudo, era muito mais brilhante e reluzente.

Sana Khan se aproximou do homem que o chamou e deu um forte abraço nele, demorado, demonstrando que já o conhecia e que gostava muito dele.

Após o abraço, Sana Khan se aproximou mais da platéia, como de costume, enquanto o coordenador foi se sentar na primeira fila, bem como os demais integrantes da mesa no tablado, para que ficassem de frente para o palestrante, e não de costas para ele.

- Para nossos novos membros da Fraternidade Branca, nossas boas-vindas. Sejam agora iguais a nós, portadores de luz para o mundo, sem qualquer tipo de sectarismo e divisionismo. Os membros desta organização têm como máxima a fraternidade sem fronteiras, sem barreiras ideológicas, religiosas ou nacionalistas. Quem ainda é contra judeus ou muçulmanos, contra americanos ou árabes, contra comunistas ou capitalistas, contra cristãos ou budistas, hinduístas ou umbandistas não pode entrar em nossa fraternidade, porque ainda não pode servir sem limitações ideológicas. Aqui, nossa organização serve ao negro, ao branco e ao asiático igualmente. Temos aqui membros oriundos de todos os países, de todas as nações, de todas as culturas, de todas as raças, de todos os credos, de todas as ideologias, e dos dois sexos, todos iguais.

Sana Khan olhou nos olhos das pessoas, pensou por alguns instantes e continuou.

- Somente são trazidos até aqui aqueles que se tornaram dignos pelo crescimento pessoal. E quem não se habilitou pela mudança no seu padrão vibracional sequer tem condições de encontrar estas instalações. Aqui não temos guardas, nem muralhas. Não há necessidade de segurança, nem equipamentos de vigilância, como em cidades lá embaixo, mesmo no mundo espiritual. Aqui só chega quem tem o corpo mais sutilizado, sem a menor presença de energia das carnes dos corpos destroçados de nossos irmãos animais da Terra.

O silêncio era geral, e todos estavam imensamente atentos ao que ele dizia.

- Hoje, na Terra, ainda temos muita gente vivendo no ódio, na violência, no crime, em busca de liberdade dentro de um país, em busca de dinheiro, em busca de petróleo, em busca de cargos, em busca de poder. E muitas outras coisas as pessoas buscam, na sua ilusão espiritual enquanto encarnados. Porém poucos, muito poucos mesmo, já atingiram o ponto em que não conseguimos mais sentir raiva de judeus ou de palestinos na guerra que se trava dentro das fronteiras de Israel. Poucos já conseguem sentir compaixão pelos dois lados, e orar pelos dois polos da contenda.

Sana Khan novamente fez breve pausa, olhou pelo auditório extenso, procurou-me com o olhar, sorriu ao me encontrar, e continuou.

- Tem gente aqui que há bem pouco tempo ainda estava comendo carne, depois de alternar vários ciclos entre vegetariano, carnívoro e lacto-ovo-vegetariano, e por fim deixar de comer todo tipo de animal mais uma vez, possibilitando a mudança do seu padrão vibratório, ao mesmo tempo em que renovou a sua mente.

Senti que Sana Khan estava falando de mim. Ou será que havia outros na mesma situação em que eu?

- Há pessoas entre nós que há muito pouco tempo ainda tomava partido nas lutas dos vários países, e falavam mal desse ou daquele povo. Julgavam e condenavam os povos, as religiões e as pessoas. Mas agora todos vocês que estão aqui já superaram essa fase de suas vidas. Agora, todos vocês se libertaram finalmente dos entraves evolutivos que são os preconceitos, os condicionamentos religiosos, ideológicos e políticos. Todos vocês agora são livres do julgamento, e só interferem para ajudar. Os membros desta fraternidade são incapazes de condenar o próximo por causa de divergências de forma de agir ou de pensar. São sempre solidários com a dor do próximo, não importa onde ele viva, no Brasil, na China, nos Estados Unidos, em Cuba, na Coreia do Norte, na África, no Iraque ou no Irã. Todos são nossos irmãos, filhos do mesmo Deus, e moradores do mesmo planeta chamado Terra.

Sana Khan olhou ao redor, pensou e falou:

- Hoje no mundo a mídia noticia diariamente a violência na Faixa de Gaza. Essa é a bola da vez. É o que mais vende jornais e revistas, e o que mais cria audiência nas emissoras de televisão. A mídia precisa vender. E normalmente as pessoas xingam os israelenses, os judeus, e os amaldiçoam. Poucos têm consciência e conhecimento da Lei de Causa e Efeito para fazerem um bom juízo de valor, e para deixar de julgar nossos irmãos hoje encarnados como palestinos, e poucos entendem profundamente as razões de sua situação atual. Na verdade, os dominados de hoje foram os dominadores de ontem. E os dominadores de hoje serão os dominados de amanhã. O escândalo é necessário, mas ai daquele que causar o escândalo, dizia

Jesus. Ou seja, o mal ainda é necessário neste planeta, pois ele ainda cumpre uma função depuradora, de resgate, mas aquele que causa e produz o mal não está de modo algum isento de culpa e livre da colheita segundo o que plantou, porque a semente é livre, mas a colheita é obrigatória. Colheremos sempre o fruto do que plantarmos.

Sana Khan mais uma vez olhou para mim, no meio da platéia, e falou:

- Quem entre vocês sabe que já encarnou como judeu na época em que Israel era domínio romano? Levantem o braço, por favor.

Imediatamente levantei meu braço direito, atendendo ao pedido do mestre, que para mim é sempre como uma ordem, e vi que inúmeras outras pessoas fizeram o mesmo. Isso porque me lembro de algumas regressões ocorridas nos anos 1980 em que eu estava dentro de uma casa quando Jesus a adentrou, e fiquei a menos de um metro dele, vendo em detalhes seu rosto e sua cabeça, e uma vez o vi pregando no pátio de um templo, para uma pequena multidão. Ele era alto, forte, moreno claro, de cabelos lisos, e encantava com o seu olhar doce e afetuoso. Eu era judeu, e me converti na época ao cristianismo.

Sana Khan prosseguia:

- No passado, vocês, como judeus, foram dominados pelos romanos, os invasores. Hoje, muitos dos chamados palestinos são encarnações daqueles mesmos romanos do passado. Assim, os romanos hoje experimentam a sensação e a dor de serem dominados e humilhados em sua terra. É o cumprimento da Lei de Causa e Efeito. É o reajuste em andamento. Tudo é aprendido, e tudo é passageiro. Não devemos condenar ninguém, nem os dominantes judeus, nem os dominados palestinos. Todos na verdade estão sofrendo com a situação, e ela somente se resolverá em definitivo quando os dois lados se libertarem do fanatismo religioso, e aprenderem a respeitar o outro como irmão, como filho do mesmo Deus. Por acaso o Jeová dos antigos judeus não é o mesmo Alá dos muçulmanos? Se não há dois deuses, mas um só Deus, então é preciso flexibilizar a questão religiosa, superar as diferenças, descondicionar a mente fanatizada e cheia de ódio...se não aprenderem agora, nesta atual experiência ora vivenciada, voltarão à mesma situação novamente, tantas vezes quantas se fizerem necessárias...

Nova pausa, e Sana Khan olhou em volta novamente e prosseguiu.

- Alguns espíritos que foram nazistas na Alemanha ora também estão encarnados como palestinos. Judeus da Alemanha nazista eram muitos deles romanos reencarnados, resgatando seu passado. Isso acontece o tempo todo, em várias partes do planeta. É preciso experimentar as duas faces da moeda. Carrasco ontem, vítima hoje. Carrasco hoje, vítima amanhã. E assim a roda vai girando. Nenhum espírito foi criado por Deus para ser judeu ou muçulmano eternamente. Nenhum ser é essencialmente judeu ou muçulmano. Ninguém tem eternamente uma nacionalidade única. Ninguém foi romano sempre, nem grego sempre, nem árabe sempre, nem será americano sempre. O americano de hoje já encarnou antes como índio na própria América, como africano, como grego, etc. Os escravos africanos levados para o continente americano acorrentados em navios negreiros resgatavam experiências do tempo em que compravam e vendiam escravos anteriormente, ou seja, antes eram

mercadores de escravos. O traficante de escravos depois sempre volta como escravo, com as mesmas correntes nas pernas, para sentir na pele o que é ser um escravo. E ainda hoje há escravos no mundo, em várias formas de escravidão, como escravidão sexual, trabalho escravo e outras, pois as necessidades de resgate ainda não se esgotaram. Só assim muitos evoluem. Ou vamos pelo amor ou pela dor. Pelo amor é o trabalho em prol dos outros. Quem tem dívidas com a lei, ou trabalha pelos outros para compensar todo o mal que fez a eles, ou paga a sua dívida com a dor, com as experiências dolorosas e difíceis.

Sana Khan mais uma vez fez breve pausa, como se estivesse pensando em alguma coisa a dizer, e continuou.

- Assim como fez o mestre dos mestres, Jesus, não devemos julgar o nosso irmão, para não sermos igualmente julgados, e com o mesmo rigor com que julgamos. Ninguém é inocente. Ninguém sofre inocente, ou a lei divina seria injusta, e Deus injusto e imperfeito, no que não acreditamos. Assim, devemos aceitar a dor como fez Jesus, que como judeu palestino, dominado pelos romanos, aceitou o jugo de forma tranquila, sem revolta, sem luta, e amava os romanos como aos judeus de sua terra, e perdoou a todos que o crucificaram, e ele foi crucificado pelos romanos a pedido dos próprios judeus. Assim, ele teria motivo para odiar a ambos, mas perdoou a todos, porque entendia que eles, todos eles, não sabiam realmente o que estavam fazendo. Quantos espíritos que participaram daquele evento sentem culpa e remorso até os dias de hoje...e não é fácil esquecer o que fizeram...até quem simplesmente zombou dele na passagem pela via dolorosa, no caminho do calvário, sente imenso remorso até hoje, mesmo sem ter tocado nele um dedo...quanto arrependimento...

Sana Khan desviou o olhar por alguns segundos da platéia, olhou para o alto, para o teto, e sorriu, como se estivesse vendo ou ouvindo alguma coisa, talvez a aprovação do que ele estava dizendo. E então continuou.

- Ninguém pode chegar até aqui sem antes ter sido trazido uma vez por um de nossos membros, pois, sem a lembrança deste local, que não é de conhecimento de estranhos, não é possível a mentalização para chegar até aqui. Assim, somente os membros podem retornar, e a partir de hoje os novos membros também poderão vir sozinhos, pois agora é só pensar no complexo aqui existente, na paisagem, e logo estarão aqui. Daqui coordenamos nossas ações na Terra, para trabalho de ajuda nos planos mais abaixo, sempre com a supervisão e a orientação de nossos superiores em planos ainda mais elevados, e sob o comando maior e geral do governador espiritual da Terra, o divino Mestre Jesus.

Ali matei por fim uma curiosidade antiga. Sempre quis saber quem governava a Terra. Sempre achei que fosse Jesus, mas já tive muitas dúvidas, devido a alguns livros que indicam outro espírito como sendo o governador.

- É preciso se abster de matar e comer nossos irmãos menos evoluídos se quiser chegar até esta dimensão, pois a energia da carne fica no corpo espiritual durante muito tempo, e o condensa, impedindo a possibilidade de subida. E também o álcool, o tabaco e qualquer outro tipo de droga, de substâncias alucinóginas, reduzem a capacidade de vibração do corpo espiritual. Só os libertos desses gostos e desses vícios podem vir até aqui e integrar esse gigantesco grupo de trabalho. Há

milhares e milhares de grupos trabalhando nas esferas inferiores, nas colônias, nas cidades, nos postos de socorro, nas casas espiritualistas no plano físico, mas para participar destes encontros e de nossas reuniões e palestras poucos podem vir. Porque é preciso maior responsabilidade consigo mesmo, e com nossos irmãos animais. Quem ainda se deleita comendo as carcaças de seus irmãos animais na Terra não pode chegar até os planos mais elevados. Podem ser boas pessoas, mas não podem ascender a planos mais elevados. O apego à carne e ao álcool são grandes entraves evolutivos de nossos irmãos encarnados. Sem falar no tabaco, no fumo, ainda muito utilizado, inclusive na adolescência, devido à influência e aos maus exemplos dados pelos adultos, muitas vezes pelos próprios pais, e em casa mesmo.

Tudo aquilo me fazia refletir muito. Como estamos presos a tudo isso. E Sana Khan prosseguia.

- A humanidade precisa avançar, precisa sair da infância, deixar de fazer guerras sem sentido, de se apegar a coisas tão pequenas e sem maior importância, como bens de consumo. Quanta gente desencarna apegado ao extremo a seus bens que ficaram para trás, no plano físico, e ficam ainda ligados aos bens, muitas vezes atrapalhando seus familiares que passam a gastar seu dinheiro, que já não é mais do “morto”...quanta gente, por falta de educação religiosa e filosófica, e não falamos aqui de ter uma religião específica, nem percebe, nem se dá conta de que deixou o corpo de carne, e fica perambulando pelo mundo, entre duas dimensões, precisando ser levada a centros onde entram em contato com médiuns para receberem o choque anímico e também para serem esclarecidos. Nosso irmão Luiz Roberto, que está aqui hoje, como novo membro, trabalha em reunião desse tipo, no Brasil, onde reside.

Não sabia se sentia orgulho ou ficava envergonhado, por ele ter chamado a atenção para minha presença.

- A vida é bela, a vida é eterna, - continuou Sana Khan - mas se quisermos aproveitar melhor nossa escalada evolutiva temos que nos libertar de nossos apegos, de nossos vícios, de nossos condicionamentos, e pararmos de julgar as pessoas pela veste, pela aparência, pela cor da pele, pela nacionalidade, pela religião, pela ideologia política, e muitas outras coisas que nos separam. Precisamos ver os aspectos que nos unem, principalmente o fato de sermos todos espíritos, filhos do mesmo Pai, de Deus, e que estamos no mesmo planeta, evoluindo juntos, e que por isso precisamos nos amparar mutuamente, dar os braços e estender as mãos sempre, uns aos outros. Somos irmãos de verdade, e como tal devemos nos amar verdadeiramente, como nos ensinou Jesus quando desceu entre os mortais, no plano físico. Hoje ele é um imortal, pois, não mais nascendo na Terra, não está mais sujeito à morte. Que busquemos também nos tornar imortais. Mas depois continuemos como ele, ainda trabalhando por todos os que ficaram para trás. Isso é solidariedade. Isso é fraternidade. E esse é o objetivo desta fraternidade antiga, vestida de branco em sinal da busca da pureza interior, não por já sermos puros. Branco da paz, por sermos hoje já incapazes de incentivar a luta, a discórdia, o litígio, a guerra, a violência. Que todos os nossos irmãos que hoje ingressam nesta organização recebam as bênçãos do mestre maior, que está nos vendo por uma tela em seu plano mais elevado, e contente

por ver que mais e mais almas estão buscando se elevar e trabalhar mais pelo bem geral da humanidade. Um viva a Jesus, um viva à Fraternidade Branca.

Assim Sana Khan deu por encerrada a palestra breve, já que ele não costuma falar longamente. Ele é mais de ação do que de fala.

Marcos e Raul me levaram para cumprimentar o mestre Sana Khan, que nos recebeu com imenso sorriso no rosto, de alegria, por me ver finalmente ali, um pouquinho melhor, mais descondicionado, ainda que não totalmente, nem em relação a tudo. Mas feliz por ver o meu esforço pessoal no caminho do descondicionamento, agora recompensado por ele, que me indicou para integrar tão antiga e famosa fraternidade de almas boas que trabalham pelo bem e pelo progresso espiritual da humanidade.

De fato, faz poucos meses que comecei a não mais sentir qualquer coisa ruim em relação a povos dominadores que prejudicam outros. E que deixei de tomar partido, de defender um lado, e achar que o outro está errado. Alarguei, não sei dizer porquê, meu sentimento de unidade, de irmandade, e não mais conseguia ter raiva de ninguém. Sentia cada vez mais amor por todos. Judeus e palestinos eram meus irmãos, e eu amava a todos eles agora.

Raul e Marcos disseram para eu retonar sozinho para casa, pois eles tinham um destino e uma missão a cumprir, e me prometeram nova visita em breve, para mais uma viagem, agora para libertar uma piton em uma caverna em região das trevas. Na verdade, um espírito humano aprisionado, mediante odioso processo egoístico de hipnose, visando o seu domínio.

Fiquei curioso, e voltei para casa já antevendo e pensando na futura viagem de estudo e aprendizado.

Logo estava em meu quarto, e me integrei sem dificuldades ao meu veículo carnal.

Capítulo 11

Alguns dias depois, Marcos e Raul novamente estiveram em minha casa, para me buscarem, a fim de trabalharmos juntos para libertar um espírito longamente aprisionado e em forma de serpente.

Estava já há algum tempo deitado, relaxado, sentindo que iria sair do corpo. E de repente senti uma leveza anormal, e quando percebi já estava me levantando sem maiores dificuldades.

- Oi, Beto. – disse Raul.

- Oi, Raul. Oi, Marcos. – disse eu.

- Como prometido, viemos buscá-lo para uma nova missão, e aula, para o seu desenvolvimento... – disse Marcos.

- Ótimo! – disse a ele.

- Então podemos partir sem demora. – disse Raul.

- Vamos. Estou pronto, e às ordens. – disse eu.

- Partamos, então. – falou Raul, e já desapareceu, como de costume, para me testar.

Os dois na verdade sumiram da minha frente, do meu quarto. Mas me concentrei rapidamente neles, e logo estava ao lado deles, seguindo-os, estando ambos rindo.

- Você não fica para trás, mesmo! – disse Marcos.

- Estou me exercitando... – falei rindo.

- Vamos descer para uma região escura, muito abaixo da superfície física do planeta. Vamos libertar um espírito que sofre há séculos uma dominação odiosa por parte de uma sacerdotisa. – disse Raul.

- Trata-se de um ser que se endividou muito há séculos atrás, e precisou levar depois muito tempo nas mãos de vítimas, sofrendo o choque do retorno, a vingança, até finalmente, depois se cansar de bradar, de xingar, de tentar se livrar sozinho, até chegar ao arrependimento de seus atos passados, ao remorso, e só então começou a pensar que talvez existisse uma divindade no céu capaz de ajudá-lo, e passou então a se humilhar e a pedir ajuda, o que para ele inicialmente era um sacrifício, por causa de seu extremado orgulho. - falou Marcos.

- Quanto tempo ele levou até pedir ajuda? – perguntei.

- Vários séculos! – respondeu Raul.

- Meu Deus! Como isso é possível? – interroguei.

- Isso é muito mais comum do que você imagina! – disse Marcos.

- Os espíritos perversos muitas vezes levam uma vida inteira fazendo atrocidades, matando, estuprando, queimando casas e aldeias, destruindo cidades, sem pensarem que existirá uma continuação da vida. Seu pensamento é materialista e imediatista. Acham que só há uma única vida, e por isso podem fazer o que bem entendem, pois não haverá inferno depois. Então roubam, matam, enganam, e fazem tudo de mal aos outros. Mas quando morrem, quando deixam o corpo de carne, normalmente se deparam com grandes multidões de cobradores, muitos deles cheios

de ódio no coração, e que não abrem mão da vingança de jeito algum. E aí vem o retorno, a dor, a perseguição, e às vezes o aprisionamento como nesse caso que estamos envolvidos. – explicou Raul.

- E por que agora vamos libertá-lo? – perguntei.

- Porque chegou a hora, Beto. Longos séculos se passaram até ele estar pronto para o arrependimento e o remorso, e até pedir ajuda aos céus...e o Pai não deixa nenhuma súplica sincera sem resposta...o remorso e o arrependimento verdadeiro atraem a atenção dos seres iluminados que comandam a Terra...e então eles planejam o auxílio, como ora faremos... – explicou Marcos.

Percebi que estávamos adentrando uma zona escura, espessa, com nuvens negras carregas no alto, como se fosse cair uma tempestade violenta.

- São nuvens psíquicas. – explicou Raul. – As emissões dos pensamentos daqueles que aqui vivem criam essas nuvens escuras, e deixam a atmosfera pesada.

- Realmente sinto certa dificuldade para respirar. O ar está muito pesado, como se estivéssemos em um pantano. – disse eu.

- De fato. Aqui é uma espécie de pantano no mundo astral inferior. – disse Marcos.

- Vamos chegar logo nas proximidades da caverna onde vive a piton, a serpente dominada pela sacerdotisa. – disse Raul. – Atenção a partir de agora. Todo o cuidado é pouco.

- Sim, vamos ficar mais alertas. – concordou Marcos. – Não queremos surpresas.

Aproximamo-nos de uma pequena montanha de pedra. Eram rochas escuras. Aliás, tudo por ali era cinza ou negro. Não havia plantas, flores, sol, vento fresco. Tudo era muito desagradável. Que lugar horrível. Quem poderia gostar de morar ali?

- A sacerdotisa gosta, Beto. – disse Marcos – Ela vive aqui há vários séculos. Afina-se com esse lugar. Sua mente está cinza, como essas bandas. Seus pensamentos são doentes. Ela é doente. Coitada. Mas ainda não se preparou para o auxílio. Não quer ajuda. Sente-se bem fazendo o que faz...dominando e escravizando os outros...

- Como pode ser? – quis saber mais.

- Você sabe que ainda há muita gente se comprazendo no mal, não sabe? Que gosta, que se sente bem dominando, mandando, escravizando, etc... – perguntou Raul.

- Sei Raul. – respondi.

- Então, quando ainda se sente prazer na ação do mal, quando o orgulho ainda cega, e a vaidade ainda reina na mente, não há espaço para pensar em mudança, nem pensar em se abrir para o auxílio que vem do alto. – explicou Marcos.

Chegamos e nos posicionamos em frente à caverna, cuja entrada não era muito larga, nem grande.

- Haverá reação. – disse Marcos.

- Como você sabe? – perguntei.

- Porque essa pitonisa costuma lutar até o fim, antes de abrir mão de uma de suas serpentes aprisionadas. E a piton é a sua preferida. – disse Marcos.

- Mas é um ser... – disse eu.

- Sim, Beto. Mas para ela todos podem ser escravizados, principalmente aqueles que foram maus, e que não merecem ajuda do alto, segundo seu pensamento. – disse Marcos.

- Como ela às vezes aprisiona seres durante séculos, sem que ninguém venha resgatá-los, então acha que esses seres são deserdados da sorte, deserdados pelo Criador. – explicou Raul.

- E quem decide o momento do resgate? – perguntei.

- Em última instância, o Criador... – disse Marcos – Mas a ação do resgate é trabalho nosso, que ainda vivemos por aqui, mais próximo dos abismos...

- Quem já andou pelas sombras, como todos nós aqui, sabe bem onde as cobras moram... – disse Raul sorridente.

- E quem já trabalhou nas hostes do mal, aprendeu como ele funciona, sabe lidar com essas situações. Não é mesmo? – disse Marcos.

- É verdade! – disse eu. – Quem um dia foi criminoso pode se tornar um bom policial...é quem melhor conhece os caminhos, as táticas, os meandros, as brechas das organizações criminosas.

- Lá vem ela! Calma! Fiquem tranquilos. Nada de mal nos acontecerá! – disse Raul.

Logo percebi uma onda de energia saindo da caverna escura. Era como se fosse uma rajada de vento, mas em ondas de choque. Mas aquilo causava apenas pequeno desconforto. Não nos atingia de modo a nos paralisar ou impedir de agir ou de pensar.

- Se estivéssemos em nível mais baixo de vibração, essa onda de choque nos paralisaria, e a pitoniza estaria agora fazendo mais três prisioneiros. – disse Marcos.

Respirei aliviado.

Vimos então, em seguida à primeira onda de choque, que atrás dela vinha uma mulher, toda paramentada, com uma roupagem antiga, parecendo do antigo Egito.

Ela parou na porta da caverna, e ameaçou.

- Não tentem entrar, ou se arrependerão!

- Viemos em paz, minha irmã. – disse Raul – Não queremos lutar.

- Como vieram em paz se pretendem libertar minha piton?

- Temos ordens de cima para levar o irmão conosco. Não reaja. Não nos combata. Não nos obrigue a usar os meios necessários e nada agradáveis, mas que seremos forçados a usar se for preciso, para cumprir nossa missão. – falou Marcos.

- Não quero lutar. Vão embora. – disse a pitoniza irritada.

- Não sairemos daqui sem o nosso irmão. Essa é a nossa missão. – falou Raul.

- Não o entregarei! – disse a pitoniza em voz estridente.

Vimos saírem da caverna várias cobras, de vários tamanhos, cores e tipos diferentes. E elas deslizavam em nossa direção, fazendo um círculo, ou um cerco. Elas nos cercaram totalmente.

Não senti medo, pois nunca tive medo de cobra. Mas fiquei atento.

Intimamente estava em oração, e ao mesmo tempo estava atento a tudo ao meu redor. Buscava o Criador e sua bondade, e sua força, para nos ajudar a sair da situação sem ter que usar a força.

Percebi que Raul e Marcos também estavam em oração silenciosa. O melhor remédio nessas horas.

Vi que Raul afastou as duas mãos do corpo e as movimentou de modo circular, imaginando um grande círculo ao nosso redor. E então vi que saía luz de suas mãos, mas uma luz que se assemelhava a fogo, mas com uma coloração diferente do fogo material.

Formou-se um campo de forças ao nosso redor, de forma circular, com uma luz diferente, que, ao mesmo tempo em que lembrava o sol, lembrava também o fogo. E vi que as serpentes não ultrapassavam a linha do campo de forças luminoso.

Cobras fogem do fogo. E aquele fogo era ainda mais terrível para elas do que o fogo terreno.

Elas ficaram ao redor, sem tentar penetrar nosso círculo de poder.

A pitonisa, ao ver o que estava acontecendo, deu uma grande gargalhada, e começou a falar uma língua estranha, que não podia entender.

- Ela está chamando a piton, a grande serpente. Pensa que ela poderá adentrar o círculo de força que criamos com nossas orações. Ledo engano. – disse Raul.

- Que língua ela falou? – perguntei, curioso.

- Um antigo dialeto egípcio. Eu já o falei também no passado. Sei o que ela disse. – respondeu Raul.

A grande piton começou a aparecer, aos poucos. Primeiro colocou sua grande cabeça para fora da caverna. Era descomunal. Como a anaconda do filme. E depois foi saindo toda. Era imensa. Tinha mais de dez metros de comprimento, seguramente. Eu já havia visto algumas dessas no umbral anos atrás, inclusive me perseguindo, mas eu sempre escapava voando, pois elas não voam, mas apenas se arrastam. Graças a Deus.

A grande serpente começou a nos rodear, parecendo seguir o comando da pitonisa.

De repente, ela parou. Chegou perto de Raul, abaixou a cabeça e deitou-a no chão, em posição clara de total submissão a ele, como se fosse um cão dócil e obediente ao seu dono.

A pitonisa não entendia o que ela estava fazendo, e continuou dando ordens.

Agora berrava em idioma que podia ser entendido por mim também.

- Ataque! É uma ordem! Ataque! Você não pode me desobedecer! Vai se arrepender! Vou castigá-la.

- Não adianta fazer isso, minha irmã. – disse Raul. – Nosso irmão não quer mais seguir suas ordens. Ele se cansou disso. Está arrependido de todo o seu passado. Sente remorso verdadeiro. Ele está se entregando a nós de livre e espontânea vontade. Você deveria seguir o mesmo caminho, minha irmã...

- Remorso? Arrependimento? Ele é uma serpente! Você nada sabe do passado dele! – disse a pitonisa aos berros.

- Ele foi tudo isso que você falou, de fato. Mas isso agora é passado para ele. Ele quer ter uma nova oportunidade de reconstruir a sua vida, de se renovar, de resgatar o seu passado de dor e sofrimento para os outros e para ele mesmo. – Falou Raul.

- Ele não merece isso! Ele é um monstro! – berrou a pitonisa.

- Não julgue, minha irmã. Ninguém pode, nem deve julgar os outros. Quem somos nós para julgarmos o nosso próximo? – disse Raul.

- Eu julgo quem eu quiser! Quem é você para me dizer que não posso julgar?

- Sou um humilde trabalhador do bem, a serviço dos iluminados... – disse Raul.

- Não me interessa quem você é, nem a quem serve. Aqui mando eu. E ninguém vai levar a minha piton. – falou irritada a sacerdotisa.

- Temos ordens para levá-lo, se ele quiser ir conosco. – disse Marcos.

- Pois então tentem! – desafiou a sacerdotisa.

- Não nos force a agir de maneira menos amorosa, minha irmã. – disse Raul.

- Veremos se vocês são tão fortes quanto pensam. – disse a pitonisa irritada.

Raul levantou a mão direita na direção da pitonisa e de sua mão vi sair uma luz parecendo raio laser.

A sacerdotisa também levantou sua mão direita, e dela saiu uma luz meio escurecida, de cor indefinida, em direção a Raul.

Houve um choque de energias, de forças. Ouvi um estrondo, como um trovão, quando as duas forças se chocaram no meio do caminho entre os dois. Houve um estalo no ar, meio ensurdecedor. E um relâmpago clareou toda a região, dando para ver pedras e seres ao nosso redor.

Havia muitos seres estranhos assistindo ao duelo. Senti certo receio, pensando se eles poderiam vir em auxílio da pitonisa, somando forças, e temi que não pudéssemos com muitos deles juntos.

Raul ficou impassível. Apenas continuou sustentando a rajada de luz em direção da sacerdotisa.

Depois de alguns minutos, a sacerdotisa começou a mudar de cor. Parecia mais pálida. Foi aparentando cansaço, gradativamente. Até que por fim abaixou o braço, pois de suas mãos não saíam mais nada.

Raul então baixou sua mão também.

A pitonisa foi vencida. Suas feições eram de raiva, e ao mesmo tempo de decepção consigo mesma.

Sentia-se fraca, incapaz, impotente diante daquele oponente mais poderoso.

- Minha irmã, perdoe-me. Não lhe quero mal, não lhe desejo mal. Apenas tenho ordens de levar nosso irmão. Ele está cansado de tudo isso. Cansado de sofrer, de ser infeliz. E você também deve estar. Por que não vem também conosco? – falou Raul.

- Ir com vocês? Você deve estar brincando comigo! Você levará esse, mas ainda tenho outros, e outros novos virão até mim. Vencida, mas não convencida. Nem convertida, como vocês dizem. – disse a sacerdotisa, em tom de ironia.

- Até quando continuará nessa vida, minha irmã? – perguntou Raul.

- Isso é problema meu. Não lhe interessa. Cuide de você e de seus iluminados. Cumpra suas ordens, e me deixe em paz. – falou ela.

- E você está em paz, minha irmã? – perguntou Raul.

- Na minha paz. Não na sua. O que você tem com isso?

- Só quero ajudá-la, nada mais. – disse Raul.

- Já atrapalhou o que podia. Agora vão embora! Deixem-me com a minha vida.

- Fico triste por você. – disse Raul.

- Não fique. Eu não estou triste. Eu estou muito bem. Apenas perdi uma pequena batalha. Não significa que perdi ou que perderei a guerra.

- Que guerra, minha irmã? Guerra contra quem? – falou Raul.

- A guerra contra o bem! O mal vencerá! Vocês verão, e se arrependerão um dia de terem ficado do lado errado.

- As trevas não podem contra a luz, minha irmã. O que acontece aqui está acontecendo em toda parte. Todos serão libertados. E as forças de baixo serão totalmente banidas da Terra. Isso está muito perto de acontecer. – disse Raul.

- Enquanto não acontece, vou continuar lutando contra vocês, da luz, do bem...

– e a pitonisa soltou uma gargalhada estridente, daquelas que doem nos ouvidos.

- Nada mais temos a fazer aqui. – disse Marcos. – Ela ainda não está aberta a mudança, e não está pronta para ouvir essas coisas...

- Você tem razão. – disse Raul. – É perda de tempo. Já conseguimos nosso objetivo. Vamos levar nosso irmão. Do resto, o tempo se encarregará. Assim como nosso irmão aqui já foi um grande perverso, e precisou sofrer longamente para despertar o remorso e o arrependimento, o mesmo acontecerá com nossa irmã, e com todos que a ela se assemelham na rebeldia.

- Vamos partir. – disse Marcos.

- Vamos. – disse Raul. Minha irmã, desejo-lhe reflexão, e não se esqueça que Deus e Jesus aguardam pacientemente o momento de sua transformação... – disse Raul.

- Ao diabo com seu Deus e seu Jesus... – gritou a pitonisa irritada.

- Vamos. – disse Raul.

Raul desfez o círculo de luz ao nosso redor, e tocou levemente na cabeça da grande serpente, da piton, que se tranquilizou, e se entregou docilmente ao nosso comando.

- Vamos! – ordenou Raul.

Ao mesmo tempo, Raul, segurando a piton, Marcos e eu partimos dali, em direção ao alto, deixando para trás aquela zona horrível e escura, tenebrosa, onde impera o mau cheiro, o ar pesado, a escuridão, a dor, a lamentação, a rebeldia.

À medida que subíamos, a paisagem ia se tornando mais e mais clara. O ar mais leve, mais respirável. Víamos plantas, rosas, perfumes, e ouvíamos música.

Chegamos a uma construção que lembrava um hospital psiquiátrico.

- É de fato um hospital para doentes da mente. – falou Raul – Nosso irmão esteve sob efeito de poderosa hipnose durante séculos. Agora precisará de tratamento especializado para desfazer todo o efeito da influência danosa que sofreu. Não

será da noite para o dia que ele se curará totalmente, nem que retomará a forma humana pretérita que possuía. Isso levará algum tempo.

- Quanto tempo levará isso? – perguntei.

- Dependerá muito dele. – falou Raul – Pode levar meses ou até anos. Cada caso é um caso. Ele é um espírito muito inteligente e forte, mas que esteve sob forte domínio mental longamente, em razão do desespero, da baixa autoestima, da entrega, por se sentir merecedor da dominação a que foi submetido. Médicos psiquiatras e psicólogos cuidarão bem dele nessa casa especializada. Viremos outras vezes para visitá-lo no futuro.

- Seria interessante. – disse eu.

- É um aprendizado muito bom. Verá o poder da hipnose, para o mal e para o bem. A hipnose é um instrumento poderoso, e pode realizar coisas grandiosas, tanto para o bem quanto para o mal. – disse Marcos.

- Já fiz curso com um grande hipnotizador em Salvador. Aprendi alguma coisa. Pratiquei um pouco. Sei que a hipnose pode fazer coisas maravilhosas... – disse eu.

- Mas em mãos erradas, ela é um perigo! – disse Raul.

- E grande! – disse Marcos.

- Realmente, é um perigo. A dominação de mentes fracas é possível e pode fazer um estrago enorme com essa técnica de sugestão mental. Vejam o que aconteceu na Alemanha nazista nos anos trinta. – disse eu.

- Mas o importante é que cumprimos nossa missão. Trouxemos nosso irmão sem maiores problemas. Não foi preciso usar de força maior. Seria desagradável – disse Raul.

- O que poderia ter acontecido? – perguntei.

- A reunião de um pequeno exército contra nós naquela região. Precisaríamos pedir socorro a seres mais iluminados e poderosos, como o mestre Sana Khan. – disse Raul.

- Mas não aconteceu isso. Graças a Deus tudo deu certo e conseguimos dar conta de nossa missão. E quanto mais isso acontecer, missões mais e mais difíceis nos serão dadas... – disse Marcos.

- Puxa, missões ainda mais difíceis do que essa? – perguntei.

- Beto, há trabalhos muito mais difíceis e perigosos do que esse. Há lutas difíceis. Às vezes precisamos até recuar, bater em retirada, em certas situações, para depois voltarmos mais fortes. Não pense que tudo sempre acontece como hoje, com tanta facilidade. E nosso preparo anterior, com oração, é muito importante. E no seu caso, que é ainda encarnado, ainda tem a questão da alimentação, da não ingestão de álcool, da energia sexual no dia do trabalho e outras coisas... – disse Raul.

- Realmente são muitas variáveis, não é mesmo? – perguntei.

- Sim, muitas. – disse Raul – Trabalho espiritual sério não pode ser levado no Oba Oba, como alguns jovens na Terra pensam...

- É preciso muita seriedade no trabalho espiritual. Amor no coração, doação, renúncia, dedicação, perseverança, constância, equilíbrio, e muito mais... – disse Marcos.

- De fato. – disse Raul – Tudo isso é realmente presiso. Se não levarmos a coisa a sério, estaremos nos arriscando muito, pois as trevas não brincam em serviço, e não perdoam aqueles que se entrometem em seus caminhos...os líderes das trevas perseguem para valer aqueles que resgatam seus escravos...não pense que a pitonisa não buscará vingança...esteja preparado...

- Estarei sempre orando e vigilante... – disse eu.

- Isso mesmo. Não vacile. Não esmoreça. Mas não tema. Não cai um fio de cabelo de nossa cabeça sem que o Pai saiba e permita...lembre-se das palavras do mestre Jesus. – disse Raul.

- Nenhuma folha de uma árvore cai sem o conhecimento do Pai... – completei.

- Isso mesmo. Trabalho com dedicação, com amor, com renúncia. Mas nada de medo. Nada de temor pela própria segurança. Se você está com Deus no coração, com Jesus em sua mente, estará protegido. Só lhe acontecerá o que estiver no seu carma, e nada mais... – disse Marcos.

- Bom, precisamos partir. – disse Raul – Volte para casa, Beto. Nós iremos a outro lugar, para uma outra missão. Em breve lhe pegaremos para um novo aprendizado. Muita paz para você. Fica com Deus.

- Muita paz para vocês também. – disse eu aos dois.

E então eu parti em direção a minha casa, e Raul e Marcos tomaram outra direção, para cumprirem outra missão. Como eu gostaria de acompanhá-los. Mas ainda tenho um corpo de carne que precisa de mim, e eu dele, para evoluir neste nível e neste ciclo de evolução na Terra.

Capítulo 12

Algum tempo depois, Marcos e Raul estiveram novamente na minha casa, para me pegarem para mais uma jornada de aprendizado junto com eles.

Estava sonolento, pouco antes de adormecer totalmente, quando ouvi a voz de Raul dizendo:

- Beto, amanhã não ingira nenhum alimento de origem animal, e vá se deitar cedo, antes das 22:00 horas.

- Está certo. – respondi.

Adormeci, e naquela noite nenhuma lembrança ficou na mente, quanto ao que fiz ao deixar o corpo.

No dia seguinte, somente me alimentei de sopa de verdura e suco de frutas. E me deitei cedo, por volta de 21:30 horas.

Não demorei a adormecer, pois estava cansado do trabalho.

Lembro que de repente estava de pé ao lado da cama, e Raul e Marcos estavam à minha espera.

- Oi, Beto. Tudo bem?

- Sim, estou bem.

- Vamos a uma palestra interessante...venha conosco... – disse Marcos.

- Onde? – quis saber dele.

- Em uma cidade onde residem muitos cientistas desencarnados. Lá eles fazem pesquisas, desenvolvem aparelhos, etc, e se preparam para trazer novas tecnologias para a Terra... – disse Marcos.

- Ok, então vamos. – disse eu.

- Vamos. – disse Raul.

Partimos rapidamente.

Em poucos minutos, estávamos adentrando uma cidade moderna, com construções em formas geométricas não ortodoxas, um pouco diferentes das que normalmente vemos na Terra. E havia muitas construções em formas espaciais não convencionais, curvas, e algumas pareciam não ter relação com as formas que conhecemos.

- Que diferente... – disse eu ao ver tudo aquilo.

- Sim. É um pouco diferente do que vemos na Terra. Alguns dos cientistas que aqui residem são originários de outros planetas, e por isso eles trazem uma experiência arquetônica desconhecida para nós da Terra. Trazem formas novas, tecnologias novas, conhecimentos novos para nosso planeta. – disse Raul.

- Muito interessante mesmo! – disse eu a ele.

- Sim. Há uma cooperação muito grande entre os seres dos vários planetas, mas observando sempre o nível de evolução de cada planeta. Não se pode tentar levar conhecimentos que não poderiam ser apreendidos... – disse Raul.

- Claro. Seria como tentar ensinar engenharia mecânica ou eletrônica aos homens das cavernas...seria uma tarefa inútil, e inócua... – disse eu.

- Evidente. – disse Marcos. – A cada um de acordo com sua capacidade mental de assimilação...

- Vamos até o centro de convenções da cidade. Será lá a palestra. – disse Marcos.

- Vamos. – disse a ele.

Seguimos voando por larga avenida, por onde muitos homens e mulheres caminhavam, e alguns também voavam. Havia também uma espécie de bonde elétrico, ou metrô de superfície cheio de gente. Não havia fio algum ligado ao veículo.

Logo chegamos a uma imensa construção moderna, com ampla entrada, como alguns centros de convenções da Terra. E adentramos o ambiente.

Caminhamos até um imenso salão, que estava quase totalmente lotado. Gente com traje de todas as partes do mundo, falando línguas diferentes.

De repente, logo depois que nos sentamos, a uma distância boa do local onde ficaria o palestrante, ouvimos uma voz que vinha de autofalantes instalados nas paredes de todos os lados.

- Boa noite, amigos. Queremos inicialmente agradecer a presença de todos, que de boa vontade atenderam ao nosso convite. Para os que não me conhecem, sou conhecido como Sarkis. Sou um dos cientistas residentes e pesquisadores desta cidade. Nesta noite vamos falar sobre o intercâmbio entre o mundo material terreno e o mundo espiritual, onde agora nos encontramos.

O silêncio era geral, e a atenção total.

- Todos vocês são cientistas na Terra, mas alguns ainda não acreditam, ou não acreditavam até este momento, na existência dos espíritos, nem na possibilidade de comunicação entre os chamados mortos com os vivos. Podem ver agora que não estão na Terra, quero dizer, na Terra física. Estão numa cidade que não pode ser encontrada em nenhum de seus países. E não se trata de nenhuma base secreta americana, como a Área 51...

Todos se olhavam e sorriram, mas não falavam nada, para não perderem nada do que estava sendo dito.

- Vocês, homens de ciências da Terra, como também fui, não demorarão a desenvolver aparelhos com capacidade de captar ondas mentais, ou ondas de pensamento, semelhantes aos que já possuímos nesta dimensão mais sutil. Basta buscarem as ondas cada vez mais curtas, e com maior frequência, e não se demorarão a se deparar com os pensamentos, que poderão ser captados, gravados, e retransmitidos. Aqui já utilizamos há muito tempo aparelhos que só recentemente foram criados na Terra, os chamados telefones celulares. Televisão, computador e telefone foram aqui desenvolvidos muito antes do surgimento deles na Terra física. Depois de aqui criados por físicos e engenheiros eletrônicos, foram levados para a Terra.

Todos se olhavam, alguns com ar de espanto. Poucos tinham já esse conhecimento.

- Ainda há na Terra, inclusive dentre os próprios cientistas, pessoas incrédulas quanto à existência dos espíritos, sua sobrevivência após a morte do corpo, e a

possibilidade de comunicação entre dimensões de matéria e energia diferentes. Não percebem essas pessoas que ondas e energias aparentemente diferentes podem se transformar em outros tipos de ondas. E com isso elas se transmitem, mas não necessariamente na forma original. Vemos, por exemplo, como as ondas sonoras provocadas pela fala humana se transformam em impulsos elétricos, nos velhos aparelhos de telefonia com fio, que logo desaparecerão, quando se fala ao telefone. E esses impulsos são transmitidos pelo fio até uma central, onde o impulso elétrico, que é onda, se transforma em outro tipo de onda, e é então transmitido para antenas de captação, e de lá são retransmitidas para satélites ou para outras antenas, e para outras centrais de telefonia, podendo percorrer todo o planeta. Alguém nos Estados Unidos pode falar pelo telefone com fio com outra pessoa que está na China, em poucos segundos apenas. Isso é fantástico. Mas isso é antigo, e será ultrapassado em muito pouco tempo.

Olhei para Marcos e Raul, e eles concordaram com a cabeça, em relação a tudo quanto estava sendo dito.

- Na Segunda Guerra Mundial isso já acontecia, em que pese não tão rápido. – disse Sarkis, e continuou – Hoje, as pessoas na Terra já falam de seus pequenos aparelhos portáteis, chamados de celulares, que muitas vezes combinam câmera fotográfica e filmadora, calculadora, videogame, agenda, rádio, e muitas outras coisas, e podem falar de qualquer lugar do mundo, com transmissão dos dados via satélite. Não há mais limitação para a comunicação na Terra. E isso não vai parar de avançar. Mas, por outro lado, apesar de nossas ondas mentais, ondas de pensamentos, estarem também permeadas com as ondas de rádio, de tv, microondas, ondas curtas, e tantas outras, os aparelhos da Terra ainda não são capazes de detectar e transmitir nossos pensamentos. E isso apenas porque os cientistas e centros de pesquisa não se interessaram ainda pelo estudo e o desenvolvimento de aparelhos para esse fim.

As pessoas se olhavam, atentas, alguns espantados, porque nunca haviam pensado nisso antes.

- Todavia, - continuou o expositor – em que pese na Terra ainda não existirem tais aparelhos eletrônicos, a humanidade há séculos foi dotada de recursos e aparelhos biológicos que fazem esse papel. Os médiuns.

Notei nesse momento um espanto geral, expresso em murmurinho geral.

- Sim, os médiuns. Médiun significa intermediário, meio, como uma ponte que liga dois lugares. Um médiun de psicofonia, também chamado de médiun falante por Allan Kardec, codificador do Espiritismo, no século XIX, e chamado também de médiun de incorporação, é um verdadeiro aparelho de comunicação. Como um telefone celular. E também é móvel. Um médiun de psicofonia poderia estar neste exato momento retransmitindo para um auditório repleto de cientistas encarnados na Terra o que agora estou fazendo aqui nesta outra dimensão. O médiun é um aparelho vivo, um aparelho biológico, e por isso alguns de nós, desencarnados, os chamamos mesmo de aparelho. Nisso não há qualquer ofensa. Referimo-nos apenas ao corpo, que é de fato um aparelho biológico. O cérebro é verdadeira central de forças, de energias, central de comunicação, capaz de captar e transmitir ondas mentais, ondas

de pensamento. E é isso o que os médiuns fazem nas reuniões de intercâmbio mediúnico.

Quanta surpresa para tantos homens de ciência ali presentes, que jamais haviam antes pensado sobre essas coisas.

- Há no cérebro de algumas pessoas, chamadas de médiuns, certas diferenciações que os capacitam e habilitam a captar as ondas de pensamento dos seres de outras dimensões. Nem todos possuem essa capacidade, pois ela tem base biológica e fisiológica, tem base genética. Seja a mediunidade de psicofonia, a de clarividência, de clariaudiência, telepatia e tantas outras, todas elas têm uma base na estrutura cerebral do corpo humano. E essa estrutura fisiológica diferenciada pode ser, e muitas vezes é de fato, transmitida hereditariamente de pais para filhos.

Puxa, quanta coisa estava ouvindo. Algumas coisas eu já sabia, mas outras eram ainda novidades para mim.

- As pessoas que possuem maior quantidade de cristal de apatita na glândula pineal possuem maior capacidade de captação de ondas mentais de nossa dimensão. Podem apreender melhor o campo vibracional dos espíritos desencarnados, e falar o que eles lhes transmitem mentalmente. Esses são os médiuns de psicofonia ou incorporação. Eles podem transmitir pela boca o que captam mentalmente. Ou seja, eles incorporam os espíritos de nossa dimensão. Esse processo é extremamente complexo e variado. Nem todos sentem as mesmas coisas. Nem todos transmitem com segurança e fidedignidade e exatidão o que lhes é transmitido por pensamento. É preciso muito treino para a transmissão perfeita, sem interferência nenhuma, com total passividade no processo de retransmissão das mensagens passadas.

Lembrei-se das velhas discussões sobre animismo, desde o século XIX.

- Os médiuns são hoje, ainda, os únicos aparelhos de comunicação entre nossos planos de dimensões diferentes. Nossas ondas possuem comprimento diferentes daquelas já identificadas pela ciência da Terra. Observem que na Terra há rádios que captam apenas a faixa AM, há os que captam também a faixa FM, e outros que captam ondas curtas, podendo do Brasil ouvir a Rádio BBC de Londres. Mas esses rádios não captam as ondas de TV, não captam imagens, mas apenas sons. Há diversos tipos de aparelhos de captação de sons e imagens. Hoje já se misturam as diversas ondas, transmitindo sons, como a voz, imagens, etc, através de pequeninos aparelhos celulares mais completos, que inclusive dão acesso também à internet. Cada vez mais as pessoas na Terra estão se interligando via aparelhos mais complexos e mais completos, e cada vez menores. Verdadeiros computadores minúsculos, que fazem cada vez mais coisas. Os homens vivem o processo de miniaturização dos aparelhos eletrônicos, e dia logo chegará em que os computadores estarão verdadeiramente invisíveis, espalhados em toda parte, dentro de tudo, e todos os aparelhos se comunicarão entre si. A geladeira se comunicará com o supermercado e fará pedidos de alimentos que estejam faltando. O vaso sanitário fará exames de urina e marcará consulta médica quando necessário. Em menos de cinquenta anos isso será realidade na Terra.

- Que maravilha! – ouvi alguém perto de mim dizer.

- Mas os homens precisam também começar a pensar no desenvolvimento de tecnologias que permitam entrar em contato com outras dimensões, ainda que inicialmente com os planos mais próximos da Terra física. Temos em nossas cidades emissoras de TV como na Terra, e elas podem retransmitir para nossas cidades até mesmo os telejornais da Terra, se quiserem. Mas a recíproca ainda não é possível, porque poucos cientistas se deram ao trabalho de estudar e pesquisar sobre o espírito, sobre o mundo espiritual, achando que isso não é científico, e ficam presos a preconceitos limitadores. No século XIX, grandes homens de ciência, respeitados no meio científico em seu tempo, se arriscaram e estudaram sem preconceito os fenômenos de materialização de objetos e de espíritos, e escreveram diversos livros sobre isso. Exemplo disso temos os nomes do inglês William Crooks, do russo Alexander Aksacof e do inglês Alfred Russel Wallace, parceiro de Charles Darwin na apresentação da teoria da evolução das espécies. Nenhum deles era louco, e nenhum foi ridicularizado em seu tempo, pois fizeram estudos sérios em laboratórios, desprovidos de qualquer preconceito. E eles usaram métodos científicos, ainda que com as limitações tecnológicas da época. O que falta ao mundo de hoje é cientista sem preconceito. Ao negarem a religião e Deus, adotando o ateísmo, negam todo e qualquer fenômeno que não possa ser reproduzido ao seu bel prazer em laboratório. E com isso a ciência não entra nos domínios do espírito, que permanece apenas no campo da religião e da filosofia.

Silêncio geral. Todos ouviam com muita atenção. E meditavam...

- Se os grandes cientistas de hoje, apoiados pelos governos, criassem um centro de pesquisa bem estruturado, com recursos orçamentários adequados, não demorariam a captar ondas mentais e imagens de nossos planos mais sutis, de ondas mais curtas e maior frequência. Basta querer. O desenvolvimento do Espiricom e do Videocom nos anos 1980 demonstraram isso. Só não avançaram mais por falta de recursos. Havia cooperação de engenheiros de nossa dimensão nas pesquisas daqueles aparelhos. Já poderíamos hoje trocar E-Mails entre as duas dimensões, e nos falar através de aparelhos celulares. Mas isso não tardará muito, desde que os homens de ciência desejem fazer pesquisas, e os governos e empresas privadas invistam também nessa direção. Muita gente compraria um aparelho capaz de falar com seus entes queridos desencarnados...

- Eu adoraria, e pagaria qualquer preço! – disse um senhor de cabelos brancos na minha frente, sorrindo.

- Vocês sabem que tudo é uma questão de frequência de ondas. – falou Sarkis, e prosseguiu - Das ondas sonoras inaudíveis para os humanos, e percebidas pelos cães, até o infravermelho, o ultravioleta e o ultrassom, tudo são ondas. Além dessas ondas de comprimento já conhecido pela ciência da Terra há infinitas ondas de menor comprimento. E de maior frequência. E neste momento estou falando em um comprimento de onda que os aparelhos humanos não podem captar, mas que algumas pessoas, alguns médiuns mais sensíveis podem perceber, e poderiam retransmitir para o mundo.

Pensava em tudo o que ouvia atentamente. Era muito material para reflexão.

- Chico Xavier foi um exemplo de excelente aparelho de intermediação e comunicação entre as várias dimensões do universo. Temos ainda hoje no mundo Divaldo Franco, no Brasil, e vários outros. Mas no dia em que for desenvolvido um aparelho capaz de transmitir sons e imagens de nossas cidades sem a interferência consciente ou inconsciente dos médiuns, ninguém mais duvidará da existência dos espíritos, e o impacto disso na filosofia e na religião será incomensurável...

Realmente, pensava eu, um aparelho capaz de transmitir sons e imagens dos desencarnados, como vemos através de celulares, televisão e internet causaria uma grande revolução na Terra.

- É preciso começar a estudar a mediunidade de forma científica novamente, - continuou Sarkis - mas agora sob novas luzes, novas tecnologias, com o conhecimento e os recursos financeiros do século XXI...isso trará novos e infindáveis conhecimentos para a humanidade, inclusive conhecimento para a medicina, para a agricultura e tudo o mais, pois em nossas cidades estamos muito mais avançados em ciência e tecnologia, e estamos ávidos para passar essas tecnologias para a Terra, desde que sejam bem utilizadas. Espero que tenham aproveitado bem estes momentos de troca de experiências, e espero vê-los novamente em muitos outros encontros como este, para continuarmos a trocar ideias e tecnologia. Que Deus, nosso Pai Celestial, nos abençoe e ilumine a todos. Voltem para seus lares, e seus corpos, e tentem fixar um pouco daquilo que aqui ouviram, para que isso sirva de estímulo e intuição para futuros estudos e pesquisas. Muita paz. Boa noite.

Houve aplausos demorados, todos de pé, e em seguida Sarkis se ausentou.

Em seguida, um outro homen, também cientista, convidou os presentes a visitarem um centro de pesquisa daquela cidade, onde eram inventados e fabricados aparelhos de comunicação utilizados no mundo espiritual, muito mais avançados que os mais modernos aparelhos complexos de telefonia sem fio hoje vendidos no mundo.

Como não era cientista, não fui para a visita, e Raul e Marcos preferiram me levar para a casa de uma criança na Terra que em alguns anos despontará como grande médium, com imenso potencial, e me fizeram ver as diferenciações em seu cérebro, explicando as relações do aparelho cerebral com um aparelho de recepção e transmissão de som e imagem.

- Será um médium muito especial. - disse Marco. - Hoje está com cerca de doze anos. Em breve iniciará seu processo de despertar das faculdades mediúnicas, e terá certo sofrimento ainda, antes de estar totalmente ajustado e pronto para a sua missão.

- Onde ele vive... - quis saber eu.

- No Brasil. - respondeu Raul - É onde mais reencarnam os médiuns, por causa da maior aceitação da população, que já convive com o Espiritismo faz um bom tempo, o que facilita muito o trabalho mediúnico.

- Realmente, - disse eu - em nenhum outro país existem médiuns em quantidade e com o potencial que vemos no Brasil, a exemplo de Chico Xavier e Divaldo Franco, conhecidos no mundo todo.

- Você precisa retornar ao corpo para fixar a base da palestra, e será capaz de reconstruir o restante sob nossa intuição, médium de psicografia intuitiva que é... – disse Marcos.

- Ok. Irei. Até breve. Muita paz para vocês.

- Muita paz, e até outra hora. – disse Raul.

- Até. – disse também Marcos.

Voltei para minha casa, e me integrei novamente no meu aparelho biológico, tendo uma nova visão sobre ele, e lhe devendo maior respeito e cuidado.

Capítulo 13

Depois de certo tempo de experiências fora do corpo, deixei de me preocupar com a saída do corpo de forma consciente, ou seja, em lembrar exatamente do momento em que saí do meu corpo físico. Isso deixou de ser importante para mim. O importante passou a ser apenas a lembrança do que fiz e onde estive, quando retorno ao corpo novamente. Isso porque depois de um tempo não tive mais dúvidas quanto à realidade de minhas saídas.

Hoje, na maioria das vezes, não me lembro do momento em que deixei o corpo. Apenas lembro, ao voltar a ele, das minhas andanças e experiências no mundo espiritual.

Há alguns meses atrás, desejei encontrar meu pai, desencarnado há três anos. Pensei nele, quando já estava fora do corpo, e então me desloquei rapidamente até uma montanha, não muito alta, onde havia um forte militar, e havia uma estrada estreita e sinuosa ao longo da subida da montanha, por onde vi subir um jipie militar, daqueles usados na Segunda Guerra Mundial, de cor verde, e me postei na beira da estrada, em meio à folhagem, às árvores, para ver o veículo passar.

Quanto o carro passou por mim, aproximei-me mais da estrada, e bati continência para o homem de cabeça branca que estava no banco traseiro. O carro era dirigido por um homem mais jovem.

Subi a estrada, mas em velocidade, sem quase perceber o meu deslocamento, e cheguei à entrada da fortificação antes do veículo.

Quando ele parou, eu estava bem ao seu lado, e vi então o homem sentado no banco traseiro descer, após o motorista abrir a porta do veículo para ele. O homem estava fardado, como um general. E o motorista parecia ser um soldado.

O general entrou no forte, e eu fui atrás, junto com o motorista.

Depois que o general, que não me deu atenção alguma, entrou por uma porta interna, fiquei com o soldado, e então falei com ele que eu desejava falar com o coronel Durval, meu pai, mas ele me disse que ele estava em reunião do alto comando, e que provavelmente não poderia se ausentar da reunião naquele momento exato.

Insisti, e o soldado entrou por uma porta e seguiu por um corredor, chegando até o salão de reuniões do comando, e, após alguns segundos, retornou com a notícia de que meu pai não poderia falar comigo naquele momento, devido à reunião da qual estava participando, não podendo se ausentar da sala.

Confesso que fiquei meio frustrado, meio triste, mas aceitei. Afinal, era coisa de militares, o que eu entendia, pois estudei em colégio militar do exército por seis anos, e era filho de militar.

Alguns dias depois, conversando com um amigo espiritual, estando ele incorporado em uma médium, disse-me ele que muitos espíritos que tiveram experiência militar na última vida continuam vivendo como se ainda fossem militares, participando de reuniões, mantendo quartéis, academias militares e outras coisas, na defesa da humanidade.

A organização militar e policial também é muito útil no mundo espiritual, pois nos planos inferiores ainda há muitos e muitos marginais desencarnados, nazistas ainda com a mesma mentalidade, trabalhando contra a humanidade, traficantes de droga ainda incentivando o tráfico, assaltantes e assassinos instigando a mesma atividade entre seus antigos comparsas que ainda estão do lado de cá, terroristas incentivando atentados, etc.

Os militares, possuindo a organização, a estrutura, a experiência de defesa da ordem, além de experiência de combate, de guerra, e da utilização de armamento, são ainda muito úteis no combate à criminalidade no mundo espiritual.

Essa minha viagem astral me mostrou mais uma vez a existência de carros no mundo espiritual, e dessa vez um carro do tipo militar, quase não mais visto na Terra. Um modelo antigo, muito a gosto do Exército até os anos 1960 ou 1970.

Em outra ocasião, novamente pensei em meu pai e me desloquei até onde ele deveria estar, e então de repente me vi em uma academia militar, que em muito se assemelhava ao Colégio Militar de Salvador, na Pituba, em Salvador, onde estudei cinco anos.

Andei por um longo pátio, passando por cadetes fardados, e vi um cachorro também por ali, perambulando pelo prédio, entre os alunos. Passei perto de uma pista de corrida, e então tive vontade de correr, e dei uma volta na pista, correndo, coisa que não posso mais fazer no corpo físico, pois minha coluna não me permite.

A sensação era praticamente a mesma que sentia quando corria no corpo físico. Senti realmente como se aqui estivesse correndo, em nossa dimensão.

Depois continuei andando até chegar em frente a uma escadaria de poucos degraus, como as que existem no antigo Colégio Militar, e, para minha surpresa, vi minha mãe no primeiro andar do edifício, acenando para mim e sorrindo.

Acenei para ela também. E logo em seguida vi que meu pai estava chegando, falou comigo e subiu as escadas.

Muitas vezes encontrei minha mãe e meu pai juntos depois que ele desencarnou. Minha mãe está ainda encarnada, mas vai frequentemente ao seu encontro.

Tive a impressão de que meu pai estava trabalhando naquela academia no plano espiritual, devido à sua experiência militar e de comando, uma vez que ele foi Comandante Geral da Polícia Militar da Bahia entre 1972 e 1977 e depois Secretário da Segurança Pública da Bahia entre 1979 e 1983, além de ter trabalhado no SNI.

Nenhuma experiência adquirida na Terra se perde. Tudo é aproveitado.

Os militares, com sua experiência em informação e contrainformação são por demais úteis no combate aos criminosos desencarnados, e estes são muito, e preparados, e são muitas vezes organizados e estruturados.

Espíritos com conhecimento e experiência em informação atuam muitas vezes se infriltando em organizações criminosas, como a polícia faz na Terra para desbaratar quadrilhas.

Uma vez tive oportunidade de participar de uma operação policial no plano espiritual.

Fui colocado entre agentes, usando uma arma que se parecia com uma pistola, porém mais fina, de cano mais longo, meio esquisito, mas que atirava, não matando, é claro.

Participei junto com vários homens de um cerco a um grupo de espíritos que fugiam por uma rua, estando escuro, e então abordei um deles, que estava tentando entrar em um ônibus.

Mandei ele parar e se afastar do veículo, e colocar as mãos na parede, como se faz em uma blitz policial, apontando a arma para ele, que a temia, claramente. Ele deveria saber que a arma lança uma descarga eletromagnética, e que isso desencadeia uma espécie de desmaio, e uma paralisia, meio parecido com as armas já utilizadas por algumas polícias na Terra. Só que era uma pistola, não aquele aparelho que vemos nos filmes.

Em outra oportunidade, participei de um resgate coletivo em uma das várias organizações criminosas do astral.

Era uma casa grande, na verdade uma pequena fortaleza, onde havia cerca de mil criminosos aprisionando centenas de espíritos desencarnados.

Havia laboratório onde cientistas faziam experimentos terríveis com os desencarnados aprisionados, muito pior do que os nazistas faziam com os judeus nos campos de concentração.

Alguns dos cientistas eram ex-nazistas, ou talvez ainda se considerem nazistas mesmo.

Médicos, psiquiatras, enfermeiros, todos estavam envolvidos nas atividades científicas ali desenvolvidas, visando retirar ectoplasma dos espíritos recém desencarnados e manipular as mentes dos desencarnados há mais tempo, usando hipnose e aparelhos. Havia diversos tipos de aparelhos no grande laboratório.

Eu estava integrando um grupo de assalto, mas assalto em outro sentido, como ação militar de combate, não o assalto criminoso, visando tomar bens de alguém.

Havia sido feito o cerco já há algum tempo, e eu já estava dentro da fortaleza, junto com outro homem, e estávamos observando ao longe uma espécie de robô muito alto, lembrando alguns robôs do filme Exterminador do Futuro.

Dava para perceber que realmente ele não era humano, pela altura e pelos movimentos meio mecânicos, duros, sem muita flexibilidade.

O robô fazia a vigilância dos presos numa área grande.

Ficamos ali por algum tempo observando e analisando o local, enquanto a tropa de elite, altamente preparada e armada, cercava o local e se preparava para a invasão.

De repente, eles entraram, armas em punho, lançando-se em cima dos soldados da organização, mandando deitarem no chão e não reagirem, e imobilizavam um a um.

A tropa era muito grande, acho que mais de mil homens, todos armados com fuzis e pistolas eletromagnéticas, e do lado de fora havia uma espécie de canhão eletromagnético, que lançava ondas de choque na fortaleza, e os soldados da organização criminosa sabiam que não eram páreo para aquela tropa organizada e

bem armada. Não havia meios de reagir. Era aguardar. E aceitar a derrota, pelo menos momentânea.

Após vasculharem tudo, e libertarem vários espíritos presos a fios ligados a aparelhos diversos no laboratório, os soldados da tropa de elite juntaram todos os prisioneiros libertos num grande pátio central, onde certamente a organização devia se reunir, já que eram muitos os soldados que a integravam.

Imobilizados, os guardas da organização criminosa nada podiam fazer.

Após poucos minutos, e sem resistência, fomos embora, levando conosco todos os prisioneiros. Nenhum ficou ali. A fortaleza ficou vazia de cobaias.

Soube depois que os líderes, os chefes da organização, não estavam presentes no ato da invasão. E que isso evitou qualquer tipo de resistência por parte deles e que pudesse levar ao uso das armas da tropa de assalto.

Soube, também, que os líderes haviam sido atraídos para um evento distante, promovido pelo serviço de inteligência dos militares desencarnados.

Haviam alguns agentes disfarçados e infiltrados na organização fazia algum tempo, e eles faziam transmissões secretas para o quartel-general, passando informações cruciais para o bom resultado da operação meticulosamente planejada.

Só não pude participar da infiltração porque sou encarnado, e não poderia ficar mais de oito horas na organização, pois precisaria retornar ao meu corpo físico. Além disso, os espíritos desencarnados com um mínimo de esperteza percebem a diferença entre um encarnado e um desencarnado, o que não me permitiria passar por desencarnado.

Durante muitas vidas fui guerreiro, em vários países, em várias culturas. Por isso possuo vasta experiência em combates variados.

Em minha última experiência na Terra, na última vida, fui oficial da marinha americana, e participei ativamente de operações de guerra, mas não da guerra convencional. Era homem de operações especiais, ou, em outras palavras, um espião, mas que também sabotava, matava, tudo fazendo para impedir as ações dos nazistas, dentro e fora da Alemanha.

Já fiz regressão em que pulava de paraquedas no meio da noite, de um pequeno avião com todas as luzes apagadas, para não ser visto, um salto livre no escuro, e senti nitidamente a sensação da queda livre no escuro, mas não tinha medo algum.

Em outra vez, fiz regressão em que estava vestido de oficial alemão dentro de um quartel, e havia comigo outro homem vestido de soldado, com uma metralhadora na mão. Fomos descobertos, soou um alarme, e tivemos que fugir, com muitos tiros de metralhadora do meu companheiro, exímio na utilização da arma, e conseguimos escapar graças a ele.

Era também lutador de artes marciais na última vida. Assim, aliava arma humana a armas mecânicas, e a espionagem, para ajudar a derrotar os nazistas.

Agora estava eu ali, participando de uma operação especial como nos velhos tempos. Portando arma, espionando, atacando, para libertar espíritos aprisionados em um verdadeiro campo de concentração, e vítimas de experimentos dos cientistas que

há algumas décadas atrás já faziam isso na Alemanha e países ocupados pelos nazistas.

Muitos nazistas desencarnaram e continuam da mesma forma, com a mesma aparência, com as mesmas ideias, os mesmos projetos, e se juntaram a organizações criminosas, muitas delas comandadas por antigos magos negros, que ainda pretendem dominar o mundo.

Dizem que Hitler continua do mesmo jeito, trabalhando para dominar o mundo. Mas não é só ele. Também Stalin e muitos outros estão fazendo isso, cada um com sua organização independente. E isso é bom para nós, pois a divisão e a luta entre esses grandes conquistadores, e o grande ego de todos eles, impede que se unam para dominar o mundo.

Imaginem se Hitler e Stalin tivessem se unido nos anos 1940. A força de ataque seria dobrada, e a guerra teria durado muito mais, e não sabemos qual teria sido o seu resultado.

Graças a Deus e aos egos enormes desse seres eles não conseguem tanta força ao ponto de representarem tanta ameaça assim para a Terra.

Além disso, o exílio dos maus já começou, como o exílio de Capela, tão famoso.

Muitos desses espíritos estão sendo aos poucos levados para fora da Terra, e não mais retornarão a ela. Isso aos poucos vai dar um refresco à criminalidade, ao terrorismo e ao autoritarismo.

Lembranças à parte, depois que a tropa de elite terminou a limpeza da fortaleza, e a destruição dos equipamentos, e estando todos preparados, partimos.

Lembro de estarmos em seguida em uma rua do bairro da Pituba, em Salvador, em frente ao ACBEU, junto do supermercado Bompreço, levando uma multidão de espíritos maltrapilhos, rasgados, tentando impedir que alguns fugissem, pois alguns tentavam se afastar do grupo, alienados que estavam, e talvez pensando que estávamos apenas transportando-os de uma prisão para outra. Fazíamos a atração magnética dos que tentavam fugir, e os recolocávamos no grupo.

Tangíamos as pessoas como se estivéssemos tangendo gado, cercando-as, impedindo o afastamento de qualquer um do grupo, mas para o bem deles mesmo, e com carinho e respeito.

Levamos todos para um centro de triagem em uma cidade especializada em receber prisioneiros recém libertos.

Entregamos todos aos responsáveis do centro, e depois retornamos para a base da tropa, em um forte encravado entre Duas montanhas, num lugar belíssimo.

De vez em quando me lembro de ter ido lá. Não sei a frequência com que a visito e participo de operações como essa. Confesso que ainda gosto disso, mas sem ferir, sem matar, como fazia em vidas passadas. Agora é só libertar prisioneiros desencarnados, por ordem de seres mais elevados.

Não fazemos nada sem a permissão do alto.

Dói muito ver o que as organizações criminosas fazem com seus prisioneiros em suas fortificações.

E o que é pior é que muitos prisioneiros chegaram lá voluntariamente, pedindo ajuda para concretizar um processo de vingança que não eram capazes de levar avante sozinhos, e que recebem a ajuda necessária, mas depois ficam individados, e não podem mais deixar a organização.

Já conversei com alguns espíritos assim em reuniões mediúnicas, e eles relatam como foram procurar as organizações para pedir ajuda para se vingarem de alguém, e como terminaram prisioneiros e muitas vezes cobaias de laboratório, e dizem estar arrependidos, e que querem mudar de vida.

Como vemos, a falta de perdão pode nos levar a buscar ajuda dos perversos desencarnados, e isso significa vender a alma ao Diabo, o que é muito perigoso.

Uma vez que você entra numa organização dessas, eles não deixam mais você sair. É parecido com a Máfia.

Quando você sai, eles te perseguem durante séculos. Até hoje sou perseguido por antigos companheiros que não aceitam a minha debandada e a minha mudança. Para eles, eu os traí.

Também eu fui um dia um mago negro, e agora estou em via de regeneração, estudando e trabalhando, buscando o crescimento espiritual verdadeiro, e de forma contínua.

Sana Khan tem sido meu mestre e meu apoio na minha subida de retorno.

Jesus é meu Pai e meu Senhor, e a ele eu obedeco.

Capítulo 14

Há alguns dias atrás, lembro de já estar me deslocando para algum lugar, fora do corpo, sem lembrar o momento da saída, o que para mim hoje já não é tão importante, nem imprescindível, uma vez que já não tenho qualquer dúvida quando estou de fato fora do corpo, face ao realismo absoluto que envolve essas experiências.

Estava só.

De repente, estava flutuando em cima da Cordilheira do Himalaia, sobre o monte mais alto de todos, o Evereste.

O visual é belíssimo. Já estive lá outras vezes sozinho, fora do corpo, em momentos de reflexão e interiorização.

A solidão do local é convidativa para a reflexão que precede a tomada de grandes decisões, e também convida à meditação.

Baixei mais o meu voo, até pousar suavemente, de pé, sobre o cimo do Monte Evereste, bem no seu ponto mais alto.

Não havia ninguém ali, pelo menos visível para mim.

Sentei-me, e fiquei pensando sobre as minhas experiências de projeção astral, que começaram em 1978, isso no tocante às saídas de forma consciente, aos 19 para 20 anos.

Antes já havia tido algumas experiências fora do corpo também, desde pelo menos os 17 anos, pelo que recordo. Não lembro quanto à infância.

Lembrei-me de uma experiência ocorrida lá pelos meus 17 anos, em que estava correndo pelas ruas da Pituba, um bairro de Salvador onde morava, e virava na rua que passa em frente ao clube que fica junto ao supermercado Bompreço, e havia uma pequena multidão correndo atrás de mim, mais com certa distância. Estava meio escuro, pois era noite, mas dava para enxergar bem.

De repente, lembrei-me do super herói japonês National Kid, a quem eu adorava na infância, e bati os dois pés no chão e pulei, como ele fazia, pensando em voar, com os braços abertos, e comecei a movimentar os braços como se fosse um pássaro, como se estivesse batendo as asas, e aos poucos fui de fato saindo do chão, e levantando voo.

Acho que essa foi a minha primeira experiência de voo fora do corpo. A sensação foi muito legal, e olhei para trás e pude ver a expressão de raiva das pessoas que me perseguiram, pois elas não conseguiam voar. Escapei voando.

A partir dali, nunca mais fui perseguido no chão, em lugar nenhum, pois vi que podia voar, e que nem todos os espíritos conseguem voar, conseguem voitar, como chama a literatura espírita.

Em janeiro de 1977, comecei a ler O Livro dos Médiuns, de Allan Kardec, que foi o primeiro livro espírita que conheci, encontrado “por acaso” por um irmão meu em uma livraria na Pituba antes de viajarmos para a fazenda de meu pai.

Uma noite, na fazenda, em janeiro de 1977, depois de ter lido algumas páginas do livro, acordei com a cama, na verdade uma maca militar de campanha, levantando

e sacudindo muito, até que eu fui projetado para fora dela, que virou. Dei-me conta, então, de que havia alguém debaixo da maca.

Levantei-me e vi um homem alto, muito alto, escuro em sua aparência total, sem dar para ver os detalhes do seu rosto, acho que por causa da aura escura, e ele me atacava, e eu me defendi e travei uma luta corporal com ele.

Naquela época eu tinha 18 anos, fazia halterofilismo, era malhado, como passaram a chamar depois, estava em plena forma física, havia treinado capoeira, judô, um pouco de defesa pessoal com um soldado da polícia militar, e era destemido e ousado.

Então lutei mesmo. Peguei a maca e comecei a bater no espírito, até que ele, não podendo comigo, resolveu fugir.

A maca que eu peguei para bater no espírito era a cópia da maca física, ou seja, era a duplicata etérica, como muitos chamam.

Naquele tempo enfrenta os espíritos como se estivesse no corpo físico, e lutava para valer, até vencer.

Essa foi minha primeira experiência de luta, e tão real que inicialmente pensei que tudo aquilo estivesse acontecendo no plano físico, que fosse um ladrão que havia entrado na casa da fazenda. Só depois me dei conta de que era uma experiência espiritual.

Eu estava apenas começando a ler sobre espiritismo, estava no primeiro livro, e nada sabia ainda sobre projeção astral. Ainda não entendia as coisas que hoje compreendo.

Passei naquela época a ter muitas experiências de voo fora do corpo, e ao ir morar no Rio de Janeiro, em 5 de fevereiro de 1977, logo comecei a ter experiências como levar tapas, sentir alguém me fazendo cócegas debaixo dos braços, me cutucando, me dando “telefone” nos ouvidos, a ouvir voz em minha mente e outras coisas mais.

A partir dessa época, o primeiro livro Sana Khan descreve bem minhas experiências.

Estava na montanha absorto em minhas recordações, lembrando de como comecei a ter contato com o mundo espiritual, quando senti que alguém se aproximava, mas não via ninguém por ali. Só via montanhas e gelo, muito gelo, um mar branco a perder de vista...uma maravilha da natureza...

Senti, repentinamente, o mestre Sana Khan chegando por trás de mim. Antes que eu pudesse me virar, ele me abraçou por trás, como se eu fosse uma criança, e como um pai abraça seu filho querido.

- Olá, meu filho. Como você está?

- Bem, mestre.

Virei-me de vagar, e antes que eu me levantasse ele me disse:

- Não se levante. Vou me sentar ao seu lado. Estou cansado de voar...agora quero apenas ficar sentado um pouco... – disse o mestre rindo, como de costume.

- Gosto de vir aqui refletir, amadurecer pensamentos, ideias, decisões...

- Eu também... – disse Sana Khan.

- O senhor vem sempre aqui?

- De vez em quando. Entre uma palestra e outra, entre um trabalho e outro, entre uma atividade e outra gosto de vir aqui conversar com a natureza, e comigo mesmo.

- Este lugar é fantástico, mestre. O ponto mais alto do Planeta Terra. Poucos homens encarnados vêm aqui.

- E poucos espíritos desencarnados também. – disse Sana Khan. – Nem todos conseguem voar, e muita gente desencarnada, assim como encarnada, tem medo de altura, não é mesmo?

- Sim, mestre, muita gente tem mesmo medo de altura. Conheço espiritualistas que têm medo de altura, assim como outros que têm medo de espíritos, o que considero um contrassenso.

- Realmente, meu filho, ter medo daquilo que você mesmo é parece esquisito... – Sana Khan disse aquilo rindo suavemente.

- Espírito tendo medo de espírito... – disse eu sorrindo também, e fazendo zombaria.

- Apenas porque estão em planos aparentemente separados, diferentes, mas que em verdade estão lado a lado, interpenetrando-se. – disse o mestre.

- Mestre, estava pensando, lembrando e analisando toda a minha trajetória de experiências de saída do corpo, desde os meus 17 anos de idade...

- Eu sei, estava ligado à sua mente há algum tempo, e esperando o momento certo para vir até você...

- Então o senhor sabia que eu estava aqui, sabia o que eu estava pensando, estava acompanhando tudo à distância?

- Sim, meu filho, acompanhava seus pensamentos. Na verdade, de certo modo eu incentivei suas reflexões, a fim de vir conversar com você.

- Sobre o quê, mestre?

- Sobre projeção astral, ora bolas... – disse Sana Khan, sempre bem-humorado e brincalhão.

- Tenho pensado muito nessas coisas, mestre, pois tenho acompanhado muitos jovens que participam de discussões sobre o assunto nas comunidades do Orkut, além de revistas e institutos que estudam a projeção astral.

- Sim, eu sei.

- E tenho visto muitas dúvidas, mas também muita curiosidade acerca da projeção. Cada vez mais os jovens se interessam por essas coisas espirituais.

- É o momento, meu filho. A humanidade daqui para frente não vai parar mais de buscar a realidade do espírito. O materialismo já se esgotou. Já teve seu tempo e não satisfez as pessoas. Passou...

- É o que sinto também, mestre. É cada vez mais raro encontrar uma pessoa que se defina claramente como ateu e materialista. As religiões não param de crescer, as igrejas surgem a toda hora em cada esquina, os livros novos se multiplicam, bem como revistas e sites na internet, como o meu...

- Tudo faz parte do processo, meu filho. Cada vez mais haverá recursos didáticos, e pessoas habilitadas a passarem seus conhecimentos e suas experiências para os novos estudantes.

- Mestre, gostaria de falar um pouco sobre a projeção astral. Sobre por que alguns lembram e outros não das experiências e vivências que tiveram fora de seus corpos físicos. Sobre técnicas de saída consciente...

- Está bem, meu filho. Vamos lá.

Não podia estar em lugar mais adequado para aquela conversa com o mestre querido. Todas aquelas imensas montanhas brancas ao nosso redor, a perder de vista, com as nuvens lá embaixo...estávamos no topo do mundo material...era tudo silêncio...era tudo paz...

- As pessoas esquecem, meu filho, - começou Sana Khan – que são espíritos, não um corpo de carne, de músculos, nervos e ossos. O materialismo fez com que as pessoas pensassem que são apenas um corpo. E isso faz com que as pessoas percam o verdadeiro foco da vida. Antes de reencarnarmos, somos espíritos, vivendo em uma dimensão menos densa de matéria, ou menos densa de energia, como queiram, pois hoje na Terra falam tanto que matéria e energia são a mesma coisa. E de fato, no plano absoluto, matéria e energia são a mesma coisa. Mas no plano relativo não é bem assim.

- Mestre, por que quando estamos encarnados não sentimos, não vemos nem ouvimos normalmente os espíritos desencarnados?

- Porque a consciência adormece no processo de ligação à matéria. A consciência vai se desligando do mundo espiritual aos poucos na preparação para a reencarnação, e o foco da mente se volta para o mundo da matéria. O espírito que se liga gradativamente a um corpo material vai transferindo o foco de sua mente para o corpo, e conseqüentemente para o plano físico, e com isso vai perdendo também gradativamente contato com o plano espiritual, com o seu mundo originário.

- E é isso o que impede a nossa percepção do mundo espiritual quando estamos encarnados?

- Mais ou menos, meu filho. O que acontece é que a transferência do foco da mente, do espírito, do mundo espiritual para o físico faz com que a percepção do mundo espiritual vá ficando mais e mais distante, até desaparecer por completo em algumas pessoas. Há uma condensação energética do espírito no processo reencarnatório. O útero da mulher é uma verdadeira câmara de materialização de espíritos. O ser espiritual, que antes era só energia, vai se ligando aos poucos a uma célula ovo microscópica aos olhos da matéria, e ela vai rapidamente se multiplicando e multiplicando dentro do útero, enquanto o ser que antes era pura energia vai se afastando consciencialmente do seu mundo de energia original e vai se estabelecendo firmemente no útero físico da mãe, e assim o espírito vai aos poucos se materializando, e se corporificando biologicamente.

- Mestre, nunca antes havia pensado na reencarnação como um processo de materialização do espírito.

- Mas é isso o que ele é, meu filho. O ser de energia que é o espírito vai se ligando lentamente a pequena quantidade de matéria, para que vá aos poucos se acostumando a ela, até se ligar por inteiro ao novo veículo material, e aí já perdeu normalmente a total consciência e a lembrança de seu estado original de espírito. Passa a sentir apenas como corpo e mente, mas apenas matéria. E a filosofia

materislista nascida no século 19 contribuiu ainda mais para essa consciência materializada, e distante da realidade espiritual.

- É realmente uma mudança grande a que passamos no processo reencarnatório, mestre...

- Sim, meu filho. O processo reencarnatório é complexo. E é lento.

- Então esse afastamento do foco do espírito do mundo original, que é o mundo espiritual, é o que dificulta, se não impede, a nossa percepção do mundo espiritual enquanto estamos encarnados, ou seja, ligados ao corpo material...

- Mais ou menos, meu filho. Ao sairmos do mundo espiritual e nos internarmos na matéria, com a reencarnação, estamos limitados aos sentidos do corpo físico, na maioria das vezes. Mas há pessoas que já desenvolveram há algum tempo uma percepção extrasensorial, ou seja, que percebem além dos cinco sentidos do corpo material, e que podem sentir, ver ou ouvir coisas do mundo espiritual, que é feito de energia mais sutil. Na maioria das vezes as pessoas, ao encarnarem, direcionam todo o foco de suas mentes para o mundo físico apenas, e por isso não sentem a energia que as rodeia.

- E se mudarmos nosso foco, mestre, buscando nos exercitar na percepção das energias mais sutis poderemos perceber coisas do outro mundo, ou seja, poderemos sentir os campos energéticos de seres desencarnados, vê-los, ouvi-los, etc?

- Sim, poderá acontecer isso. Mas é preciso muita educação interior para que isso se torne realidade. Lembre-se que você muito cedo, com apenas 19 para 20 anos de idade desenvolveu a saída consciente do corpo carnal, e passou a se deslocar com grande consciência em outras dimensões, mas só recentemente, aos 50 anos, começou a perceber os campos de energia de encarnados, de animais e objetos inanimados também. Isso é uma experiência nova para você. Com o treinamento intensivo que você está fazendo, em breve tempo poderá perceber também os campos de energia dos desencarnados, e sentir as suas presenças junto a você e a outras pessoas, e quem sabe chegue até mesmo a ver os espíritos, despertando a clarividência, e a clariaudiência.

- Mestre, tem sido realmente uma experiência nova para mim, e recente, com exercícios e releituras de livros como Mãos de Luz, que é muito interessante. Estou cada vez mais sensível para sentir os campos de energia das pessoas e das coisas. Até ao redor de fios de eletricidade e nas tomadas já posso sentir o campo eletromagnético. Sinto o campo energético de meus gatos, diferentes no gato e na gata, com idades diferentes, o campo de objetos de metal, de madeira, o campo ao redor da água em um recipiente...

- Continue se exercitando, diariamente, e sua sensibilidade logo chegará aos campos de energias mais sutis do que aquelas que já pode perceber no momento.

- Mestre, voltando à projeção astral...

- O que acontece é que a mente e o cérebro das pessoas estão condicionados à ideia de que só existe o corpo, só existe a matéria, de que os sonhos são apenas criação da mente, do cérebro, e outras coisas mais que a psicologia materialista acredita e dissemina, de modo que as pessoas dormem, saem do corpo, voltam a ele, mas nada ou muito pouco registram no cérebro físico, na zona do consciente, ao

retornarem ao corpo. Normalmente o cérebro não reconhece as informações que chegam até ele através do cérebro do corpo espiritual, do qual o cérebro material é uma réplica, e não o contrário. Fora do corpo, você vê, ouve, sente, cheira, tem tato também, tudo de forma parecida com o que acontece no corpo físico. Mas ao voltar a ele, na maioria das vezes essa memória adquirida no mundo espiritual fica restrita ao cérebro do corpo energético, e não passa para o cérebro físico, ou passa e não é reconhecida.

- Já me disseram uma vez que essa memória vai se registrar em uma zona do cérebro destinada ao inconsciente...

- Sim, é verdade, meu filho. Os dois cérebros são muito parecidos, só que um é de matéria menos densa, é mais de energia, se assim preferir, e o outro é matéria, e tem fios materiais, formados pelos neurônios. Assim, o que você percebe e sente no mundo de energia mais sutil fica integralmente registrado no cérebro energético na parte do consciente mesmo, mas ao voltar ao corpo material os arquivos dessa memória não passam para a zona do consciente do cérebro físico. Ficam apenas na região da memória geral inconsciente desse órgão físico.

- Por isso é que a maioria das pessoas não se lembra das experiências astrais... – disse eu.

- Em parte. – falou Sana Khan - Há uma limitação física também. Pouca gente hoje na Terra tem o cérebro programado para acessar grandemente as memórias adquiridas no plano espiritual. Ou seja, pouca gente recebe essas memórias astrais na zona do consciente ao voltarem ao corpo após uma saída astral. E muitos até recebem parte dessa memória no consciente, e lembram como se sonhos fossem, mas não sabem interpretar nem identificar que se trata de experiências fora do corpo. A cultura ocidental não auxilia nessa ideia.

- Porque as pessoas não costumam pensar no mundo espiritual, nem que ao dormirem vão até ele, e que podem encontrar parentes e amigos já “mortos”... – eu tentava completar.

- Exatamente, meu filho. A cultura ocidental materialista leva à rejeição das memórias espirituais, das lembranças astrais, e isso de forma inconsciente. As pessoas não estão focadas no mundo espiritual. Assim, vivem como se fossem apenas matéria, num universo unicamente material, e isso acontece até mesmo com muitos espiritualistas, que, apesar de se dizerem espiritualistas, ainda vivem na verdade dentro de um modelo de vida totalmente materialista. Se você não costuma constantemente pensar no espírito, mas apenas o faz durante uma ou duas horas por semana quando vai a um templo ou centro religioso ou espiritualista, sua consciência e o foco da sua mente não estão no mundo de energias mais sutis. E com isso sua mente, estando focada apenas no mundo de matéria mais densa, apenas percebe normalmente a matéria, e passam totalmente despercebidas as outras energias mais sutis.

- Mestre, que coisa...nunca antes havia visto a coisa por esse ângulo...

- É tudo uma questão de foco, meu filho. Se você estiver normal e habitualmente focado apenas no mundo material, apenas poderá perceber a matéria. Se começar a transferir seu foco mental e espiritual para o mundo real e originário de

onde veio, então começará a sentir, a ver e a interagir conscientemente com esse outro mundo mais sutil.

- É preciso, então, focar mais a nossa mente no mundo espiritual para podermos então lembrar mais as experiências vividas fora do corpo físico, no mundo espiritual... – falei.

- Sem dúvida. Focar a mente e todo o seu ser, integralmente, no universo inteiro, saindo do plano relativo e limitado físico. Quem tem a sua consciência e a sua mente habitualmente voltada apenas para a dimensão material, apenas perceberá o que pertence a essa dimensão mais material. Somente aqueles que vivem como espíritos, apesar de estarem no corpo, focando sua mente mais além da energia densa, podem perceber algo mais, podem sentir os campos de energias mais sutis, e interagir com as energias e com os seres das outras dimensões mais sutis de energia.

- Não adianta apenas práticas energéticas, alimentação, leituras, se não mudarmos o foco de nossa mente...é isso? – perguntei.

- Sim, meu filho. É preciso mudar a mentalidade. Deixar de pensar que é um corpo que tem um espírito, e pensar que é um espírito que tem, temporariamente, um corpo mais denso, além de outros mais sutis. A perspectiva é completamente diferente, percebe? Quem ainda se sente matéria, e acha que tem um espírito, uma alma, ainda não despertou verdadeiramente sua consciência espiritual. Está apenas começando o caminho do despertar espiritual. Somente os poucos que já vivem a realidade de serem espíritos na matéria adentram conscientemente outras zonas de consciência e de energias mais sutis, menos densas.

- O que o senhor aconselha, então, mestre, para os que desejam sair do corpo de forma consciente e depois lembrar ao menos parte de suas vivências espirituais ao voltarem ao corpo físico?

- Antes de tudo, e acima de tudo, meu filho, começar a mudar a sua consciência. Deixar de se sentir matéria, de se sentir um corpo que tem um cérebro que pensa, mas que tem medo de morrer, pois quem tem medo de morrer não tem verdadeiramente consciência de ser espírito imortal, uma vez que o espírito é que é o imortal, o originário. Vivemos como espíritos antes de vivermos como matéria na Terra. Por isso o medo da morte indica falta de consciência espiritual. E por isso tão poucas pessoas veem e ouvem espíritos desencarnados, e poucos sentem seus campos de energia mesmo que eles estejam ao seu lado, porque na verdade essas pessoas ainda não acreditam, ou ainda possuem realmente dúvidas quanto à existência efetiva do espírito. Existe uma diferença muito grande entre *querer acreditar* que é um espírito imortal, verdadeiramente *acreditar ser* um espírito imortal, e *se sentir* verdadeiramente um espírito imortal. Quando se tem a consciência verdadeira de ser um espírito, apenas momentaneamente encarnado, preso a um escafandro de carne no mar de matéria, vive-se a vida de espírito, sob uma perspectiva diferente, vendo tudo como espírito. Quando alguém verdadeiramente já despertou sua consciência espiritual, não vive mais para a matéria, acumulando tesouros que a traça detroi e que a ferrugem consome, como dizia Jesus, mas vive para o espírito, mesmo estando na matéria, tendo afazeres, trabalho, emprego, família. Não é questão de abandonar o mundo, nem negar a

condição física temporária, é questão de consciência e de foco mental, que se desloca da matéria para o espírito. Quem já vive como espírito imortal, mesmo ainda encarnado, tem muito mais contato e percepção com as energias e os seres com corpos mais sutis, menos densos, que são os espíritos desencarnados.

- Então essa mudança de foco e o despertar da consciência espiritual são muito mais importantes do que as leituras, as práticas, a alimentação, etc... – arrisquei.

- Tudo isso é bom, é saudável, é recomendável também, meu filho, mas o mais importante é a mudança interior, a mudança de paradigma, de modelo, de consciência. Se ficar apenas na superficialidade das práticas energéticas, pode-se de vez em quando lembrar alguns instantes de vivências fora do corpo, ou até uma vez ou outra sair consciente do corpo. Mas será tudo muito eventual, e sem controle das experiências. Só haverá mudança no cérebro físico, para receber os arquivos de memória trazidos com o cérebro do corpo espiritual se houver real e efetiva mudança de atitude mental, mudança de foco mental e espiritual. É essa mudança mental, mas espiritual, não apenas cerebral, que permitirá a conversão de um tipo de arquivo em outro tipo, na passagem de um cérebro mais sutil para um cérebro mais denso de energia.

- Isso parece informática, mestre...arquivo, conversão...

- E é mesmo, meu filho. Na verdade a informática apenas tenta copiar o que o cérebro faz. Por isso no início chamavam o computador de cérebro eletrônico, lembra?

- Sim, lembro. Então o que vemos, ouvimos, etc, no mundo espiritual, enquanto estamos fora do corpo, é registrado no cérebro do corpo astral, do corpo espiritual, ou perispírito, em um tipo de arquivo, e quando voltamos ao corpo esse arquivo passa para o cérebro físico, mas esse cérebro não sabe e não consegue fazer a conversão de um tipo de arquivo em outro...é isso?

- Exatamente, meu filho. Assim como hoje vocês na Terra já conseguem criar programas e aparelhos para converter vídeos de VHS em DVD, som de fitas cassete e de discos de vinil em CD, em MP3 e MP4, e outras tantas coisas, os arquivos existentes no cérebro do corpo espiritual, astral ou perispírito também precisam ser convertidos em arquivos que o cérebro físico possa reconhecer. Do contrário, no máximo haverá recordações parciais e muitas vezes distorcidas.

- É isso que acontece muito comigo, mestre. Lembro muito pouco do que faço no mundo espiritual. De oito horas de sono do corpo físico, não consigo lembrar nem de uma hora na maioria das vezes...e o resto eu não lembro nada...

- Não conheço nenhum encarnado que lembre tudo o que viu numa noite fora do corpo. Você não é o único. Aliás, você lembra até demais, considerada a maioria das pessoas. Continue mudando o seu foco, exercitando a sensibilidade energética, sentindo-se cada vez mais espírito, e vivendo, o que é o mais importante, cada vez mais como espírito imortal que é. Seja espírito, em meio ao universo material. Sintase espírito, no meio da matéria. Não tema a morte jamais, que será apenas o seu retorno para a pátria de onde saiu um dia, e com certeza um dia a ela há de voltar. Essa consciência espiritual é o que mais importa verdadeiramente, e o que mais leva ao desenvolvimento das faculdades espirituais.

- Mestre, como aprendi com essa nova conversa de hoje. Obrigado, muito obrigado mesmo. Vou tentar passar essa conversa para outras pessoas, para ajudá-las também.

- Faça isso, meu filho. Leve a luz a todos. Afinal, como dizia o grande mestre, não se deve deixar o candeeiro debaixo da mesa, escondido. Devemos levar a luz a todos o que precisam de luz. E o mundo está mudando rapidamente, e a luz que pudermos levar até ele apressará ainda mais as mudanças necessárias. Volte ao corpo, e tente lembrar o máximo possível das coisas que falei. E escreva algo sobre a sua técnica inicial para sair consciente do corpo e coloque no seu site. Muita paz para você.

- Muita paz, mestre. Até outra hora.

Dei uma última olhada para aquele imenso oceano de montanhas cobertas de neve e nuvens brancas, e me senti espírito...puro espírito...não como um ser puro, evoluído...não, apenas como um ser espiritual, preso por um tempo a um corpo mais denso, mais pesado, que me limita mais...mas que não me impede de me sentir espírito...assim como o mergulhador que entra no pesado escafandro e desce ao fundo do mar e se arrasta no seu fundo lodoso não deixa de se sentir humano, apesar de seus limites impostos temporariamente pelo veículo mais denso e pesado de que está revestido, mas que não é o seu ser...o mergulhador depois subirá até a superfície e tirará o escafandro, e se sentirá mais livre, recobrará seus movimentos e sua liberdade...foi assim que me senti em relação ao meu corpo, quando novamente o vi deitado na minha cama, e de maneira muito feliz e agradecida me reintegrei nele novamente, para viver mais algumas horas no universo de matéria mais densa...mas só mais um pouco...alguns anos e estarei novamente livre, de retorno ao meu mundo original, onde posso voar, sem ficar preso aos congestionamentos nas ruas, onde não preciso comer, nem dormir, nem temer os criminosos, nem a morte...espero com tranquilidade o dia do meu retorno à minha pátria eterna...sem o menor receio...acho que aos poucos vou despertando minha consciência espiritual, como me falou o mestre Sana Khan...

Escreverei sobre a minha técnica inicial para sair consciente do corpo, o que já fiz um pouco no primeiro livro Sana Khan. Colocarei na sessão Textos do Autor no meu site.

Muita paz.

Capítulo 15

Recentemente, após dormir, fui novamente ao encontro do mestre Sana Khan, no mesmo local de nosso último encontro, no cimo do Monte Evereste, no Himalaia.

Ao chegar lá, já o encontrei sentado no gelo, de pernas cruzadas, em estilo de meditação yogue, de olhos fechados.

Ao sentir a minha presença, ele disse:

- Como vai você hoje, meu filho?

- Bem, mestre. Estou bem tranquilo ultimamente.

- Vamos fazer uma peregrinação hoje, do ponto mais baixo que você puder descer até o mais alto, no mundo espiritual.

- O senhor quer dizer descer lá embaixo, nas zonas mais baixas, nas trevas, no abismo...e até onde lá em cima...

- Veremos. Isso dependerá de você. Só de você, e de ninguém mais. Você só desce até onde aguenta a vibração baixa, a energia materializada, e só sobe até onde sua sutileza energética lhe permite. Não há guardas nas fronteiras entre os níveis de energia, ou entre os planos, como vocês gostam de falar na Terra.

- Não há uma demarcação separando os limites entre dois planos, como o astral e o mental? – perguntei, mesmo já sabendo a resposta que ouviria.

- Não, meu filho. Pense no arco-íris. Pensou?

- Pensei.

- Agora tente perceber a linha exata onde termina uma cor e onde começa a outra. Você consegue ver uma linha exata separando as cores do arco-íris?

- Não, mestre. Não há uma linha definida separando as cores...

- Assim acontece com a energia, ou com a matéria, se assim preferir, de cada segmento do mundo espiritual. Mesmo que você queira considerar os planos como algumas correntes definem, como astral, mental, etc, não há uma linha exata definindo e separando cada plano. É como no arco-íris. Aos poucos vai terminando um segmento de energia ou de matéria e começando o outro. Como também acontece com os gases na atmosfera da Terra. Há uma zona intermediária onde a matéria é mais ou menos misturada, que é a zona de transição.

- Nunca havia pensado nisso antes, dessa forma, mestre.

- Você verá. Vamos descer, então?

- Vamos.

Sigamos para uma cidade no Ocidente, que é mais conhecido seu no momento. Vamos a Salvador, sua cidade.

- Ok, mestre. Vamos lá.

- Eu sigo você. – disse Sana Khan.

- Ok. Vamos lá.

Pensei em Salvador, mais especificamente no Elevador Lacerda, que fica no bairro do Comércio. E logo me vi lá, mas na murada que fica na Praça Municipal, no alto do elevador. E o mestre estava ao meu lado.

- Adoro essa vista daqui de cima, mestre. A Baía de Todos os Santos vista daqui é muito bela.

- Realmente. – disse o mestre – Muito bela. O que você vai fazer agora?

- Bom, se é para descer, então vamos descer...

Comecei a penetrar no solo da praça, mas pensando em descer na dimensão energética, o que me conectou com o mundo espiritual, e logo comecei a ver lugares escuros, com árvores altas e meio assustadoras, lembrando um pouco aquelas do filme Senhor dos Anéis. E havia gente naquele lugar. Pessoas com roupas rasgadas, sujas, despenteadas, com expressões de medo, algumas de raiva, e então parei. Pisei o solo.

- Onde estamos, mestre?

- No que vocês costumam chamar de umbral, que é apenas a porta de entrada das zonas mais baixas. Isso aqui ainda não são as trevas, nem o abismo, nem o inferno dos cristãos... – disse Sana Khan.

- Há coisas bem piores mais abaixo... – falei.

- E como, meu filho...

- Vamos descer mais...

- Vamos lá... – disse o mestre.

E então descemos mais um pouco, e comecei a sentir meu corpo mais pesado, mais denso, e minha respiração mais difícil...comecei a sentir um pouco de falta de ar...

- Vamos parar um pouco. – disse Sana Khan – Precisamos nos adaptar lentamente a essa descida, da mesma forma que fazem os mergulhadores na Terra, para não sofrermos nenhum prejuízo energético que depois nos imponha um maior repouso em casa de tratamento especializado nas zonas mais elevadas.

- Acontece isso, mestre?

- Sim, acontece. Observe que quando são resgatados espíritos em zonas bem baixas eles nunca são levados de imediato para uma cidade muito elevada. Primeiro precisam passar um tempo se recuperando e se adaptando em locais de repouso e tratamento que ficam em zonas no mesmo nível onde estavam, ou um pouco mais acima, mas não muito. É como a subida dos mergulhadores para a superfície do mar novamente, lenta, com paradas, para fazerem a descompressão. Lembra disso?

- Sim, mestre. Já mergulhei um pouco. E já assisti a muitos filmes sobre mergulho. Não se pode subir rapidamente 60 metros no mar, depois de ter descido a essa profundidade, sem prejuízo para a saúde.

- Exatamente. A comparação é bem ilustrativa, entende? – falou Sana Khan.

- Sim, entendo. É preciso passar por uma espécie de descompressão energética... – disse eu ao mestre, sorrindo.

- É mais ou menos isso, meu filho. A comparação ajuda a compreender.

- Então tanto para descer quanto para subir no plano espiritual temos que fazê-lo lentamente, para condensar nosso corpo energético na descida e descondensar na subida de retorno.

- Isso, você entendeu muito bem. – confirmou o mestre.

- Vamos descer mais? Já me recuperei um pouco.

- Vamos lá. – concordou o mestre.

Então começamos a descer mais, e podia sentir meu corpo ficando cada vez mais material, e minha respiração mais ofegante, como se o ar estivesse poluído, denso, como se estivéssemos em meio a um nevoeiro, porém cinzento.

- Já estamos abaixo do umbral. – disse Sana Khan. – Observe com atenção as pessoas ao seu redor.

Vi pessoas vagando de olhos arregalados, algumas sem expressão alguma no olhar, como se estivessem dementadas, alienadas. Uma cena dantesca.

- Aqui as pessoas estão muito mais alienadas do que no umbral, onde ficam apenas os pouco desequilibrados, que não sabem que morreram, ou que sabem e se revoltam, não aceitando sua situação atual, ou que estão presos ao remorso ou ao ódio, e por assim vai...nesta zona mais baixa, no entanto, estão verdadeiros loucos da alma, alienados mentais de causas diversas, muitos deles fugindo da realidade, fugindo de seus passados, de seus compromissos, de seus reajustes...

- E os maus? – perguntei.

- Estão tanto no umbral quanto aqui. Mas muito mais por aqui, e até mais abaixo. Os líderes das trevas, os senhores da escuridão, estão entocados ainda mais embaixo, muito próximo da zona mais quente do centro do planeta.

- Isso é realmente possível, mestre?

- Sim, e eles estão lá mesmo. Só os seus soldados trabalham constantemente mais perto da superfície do planeta físico.

- Mestre, veja aquela forma rastejante ali...

- Estou vendo.

- É um espírito humano? – perguntei.

- Olhe nos olhos dele...e sinta... – falou Sana Khan.

- É humano! Mas a forma é completamente animal, parece um lagarto, mas deformado... – disse eu.

- A mente deformada, o caráter deformado, - ensinou o mestre - termina por deformar também o corpo energético, que é plástico, é maleável, sujeito à ação da vontade consciente e também inconsciente. Assim, o ser que se sente desprezível, que se sente um animal por dentro pode se transformar num animal por fora. Mas é tudo temporário. Assim como eles se metamorfoseiam em animais, podem voltar a assumir a forma humana mais uma vez, e sempre acontecerá isso. – explicou o mestre.

- Na reunião mediúnica recebemos muitos seres assim, com aparência de animal, e alguns conseguimos fazer retonar à forma humana em poucos minutos de sugestão verbal e trabalho energético, mas outros não conseguimos.

- Porque alguns estão mais prontos, digamos assim, para o atendimento, do que outros. Cada um está em um nível diferente de desajuste mental e espiritual.

- Mestre, olhe aquela serpente rastejando ali...

- Mais um... – disse Sana Khan.

- Podemos fazer alguma coisa por ele agora? – perguntei.

- Não, ele ainda não está pronto para receber ajuda...

- Como o senhor sabe disso? – quis saber.

- Porque me conecto com a mente dele, e assim posso sentir a sua revolta, o seu ódio extremo, o seu desejo de vingança. Ninguém o transformou em uma serpente. Ele mesmo se transformou nisso, porque ele se sente uma serpente. É o seu estado mental. É a sua ideia fixa... – esclareceu Sana Khan.

- Terrível ver isso e nada poder fazer para ajudar...

- Com o tempo você aprende a não se sentir culpado por isso. E você não é culpado mesmo. Não foi você quem o transformou nisso, mas ele próprio, e voluntariamente, por ambição demais, orgulho exagerado, egoísmo, desejo de poder...

- É triste, mestre...

- Sem dúvida, meu filho. Ver o ser humano descer a esses níveis de consciência e a essa degradação da forma é realmente de entristecer qualquer um...mas há coisas ainda piores, e níveis ainda mais baixos...vamos continuar...

- Ok, mestre, vamos lá...

Descemos ainda mais, com a sensação de estar caindo num abismo, num poço sem fundo, e sem fim...

Após algum tempo caindo, senti novamente terra firme sob meus pés, e pisei novamente no solo.

- Onde estamos, mestre? Quase não consigo respirar, estou me sentindo cansado, meu corpo está pesado, e não enxergo quase nada.

- Aqui estamos chegando perto do abismo, como alguns autores chamam. Precisamos parar e respirar esse ar pesado para nos acostumarmos ao ambiente, ou sequer conseguiremos andar aqui. Até nos adaptarmos, até o pensamento fica mais lento. Por isso é preciso um tempo antes de descer até o fim...

- Que fim, mestre? – perguntei meio assustado.

- Até o abismo propriamente dito, onde poucos podem descer sem graves prejuízos à saúde mental.

- Mestre, do jeito que me sinto material aqui embaixo, se eu aparecesse na superfície do planeta as pessoas poderiam me ver?

- Sim, porque agora seu corpo espiritual está quase tão material quanto o corpo físico, mas você não pode chegar lá...quem vibra nessa frequência está preso aqui...é uma prisão vibratória...ninguém prende esses seres aqui...eles é que se prendem pelo pensamento, e pelo desequilíbrio que os mantém muito densos...

- Ainda bem. Já pensou toda essa gente desajustada subindo para a superfície do planeta para aterrorizar as pessoas...

- Existem barreiras vibratórias que separam as muitas moradas da casa do Pai...cada um fica onde seus pensamentos, suas emoções e seus sentimentos o coloca...onde estiver o teu coração, ali estará também o teu tesouro, não foi isso o que disse o mestre dos mestres?

- Exato. – disse ao mestre - E nosso estado interior atrai um tipo de energia correspondente, e isso nos coloca em uma dimensão energética ajustada e própria ao nosso estado mental e espiritual.

- Exatamente, meu filho.

- Mestre, o que é aquele ser ali adiante, disforme, parecendo um feto enrolado, meio ovalado...ele se mexe...parece um ovo sem casca...dá para ver que há vida dentro dele...parece estar pulsando...

- É o que vocês chamam de ovóide... – disse Sana Khan.

- Eles tem mesmo uma forma parecida com um ovo...por isso a denominação de ovóide...há vários deles por aqui...de tamanhos diferentes...

- Sim, mas todos são seres humanos. – disse o mestre - Eles perderam a forma humana ao longo de muitos séculos de descida até chegarem aqui, com ódio, com fulga da realidade, com revolta, com desejo de vingança, ou com sentimento de culpa extremado, de modo que aos poucos foram destruindo todas as possibilidades de receberem ajuda. Eles nunca se permitiram ser ajudados, muitas vezes por causa de um imenso sentimento de culpa que os paralizam. A culpa muito forte, digo, um sentimento de culpa da própria pessoa que errou demais, pode levar a uma paralização de crescimento espiritual por séculos, sem reencarnar. E esse tempo sem reencarnar leva à perda da matéria do corpo espiritual. A mente está viva, mas alienada, e não há um corpo com braços, pernas, cabeça, etc. São como se tivessem apenas o cérebro, sem uma forma definida. Apenas uma mente, sem limites certos, sem membros, sem boca, sem ouvidos. Eles se fecharam tanto para o mundo exterior que criaram um mundo apenas mental, e só para eles. E todo o contato com eles é meramente telepático.

- Mestre, que coisa triste. Gostaria de chegar perto de um deles e tentar sentir e captar seus pensamentos...

- E você está preparado para isso, meu filho?

- Não sei, mestre, mas gostaria de tentar, para aprender apenas...

- Está certo, se você não aguentar e enlouquecer, a culpa não é minha... – disse Sana Khan sorrindo.

- Assumo o risco, mestre. Não se preocupe. Já vi coisas demais ao longo de minhas vidas para enlouquecer com cenas do passado dos outros...

- Então vamos lá. Aproximemo-nos. – disse o mestre.

Caminhamos alguns passos e paramos diante de uma massa material cinzenta, de aspecto horrível. Lembrava-me um pouco certos seres que vemos algumas vezes em filmes sobre extraterrestres. Como um casulo pulsando, dando para ver que há alguém dentro dele, mas sem poder distinguir a sua forma exata.

Cheguei bem perto e toquei a sua “pele”, seu “corpo”.

Senti que ele pulsou, estremeceu, reagiu. Rapidamente retirei a mão.

- Está com medo? – perguntou Sana Khan sorrindo.

- Apenas me assustei um pouco. Mas já me recuperei.

Toquei novamente, e desta vez não tirei a mão, mesmo sentindo que ele se mexia ao meu toque.

Aos poucos fui captando seus pensamentos. Ele estava mentalmente no passado, no século XVI. Era um pirata muito cruel. Matou muita gente. Quando morreu, se viu lançado nas trevas, e foi usado por espíritos ainda mais cruéis, que o manipularam, usaram suas energias, aumentaram a sua revolta, até que um dia ele conseguiu fugir dos que o dominavam, e foi descendo cada vez mais em sua fuga,

procurando o isolamento total, internado cada vez mais em si mesmo, e enlouquecendo, alienando-se voluntariamente, com vontade de deixar de existir...

Senti uma enorme compaixão pelo ser. Aquilo me doía na alma, partia meu coração. E eu chorei silenciosamente. Não me importava se ele foi terrível, se ele matou muita gente, se ele fez muitos sofrerem, etc. Só me importava naquele momento com a sua dor. Comunguei com a sua dor. E lembrei-me do meu passado, também tortuoso, com muitos crimes nas costas, em muitas vidas, manipulando as pessoas, como mago negro, e lembrava como fui auxiliado por seres de luz que não se importaram com o quanto eu havia errado, mas apenas com o quanto eu podia acertar, depois de me regenerar.

- Mestre, sinto um enorme sentimento de culpa nesse irmão. Não sinto revolta. Ele já se arrependeu de suas faltas, e elas foram muitas. Não se sente merecedor de ajuda. Acha-se o pior dos seres, e quer ser destruído, aniquilado, e deixar mesmo de existir.

- O Pai não abandona nenhuma de suas ovelhas, meu filho. Ajude-o – disse Sana Khan.

- Eu, mestre? O senhor é muito mais capaz de auxiliá-lo.

- Eu não o trouxe aqui só a passeio...

Então caí na real. Sana Khan com toda aquela estória de viagem a zonas inferiores não apenas queria me ensinar e me mostrar coisas, mas havia me levado também para um trabalho, para uma missão de resgate.

- Você achou realmente que eu iria trazê-lo aqui apenas para conversar e mostrar o lado escuro da vida e o sofrimento?

- Por um tempo, mestre, confesso que achei... – disse eu rindo.

- Você esquece às vezes que a maneira mais eficaz de se ensinar é praticando. Podemos ensinar com a prática. Se precisar de mim, estou aqui ao seu lado...

- Ok, mestre.

Então toquei novamente no ser à minha frente, no “ovóide”, apesar de não gostar desse nome. É um espírito. Quando chamamos de ovóide parece que é outra coisa, ou simplesmente uma coisa, e não um ser humano.

Tornei a captar seus pensamentos, e então comecei a interagir com ele.

- Meu irmão, - disse a ele – você errou muito realmente, mas a misericórdia divina é infinita. Deus não quer a nossa destruição, e sim a nossa regeneração.

- Não mereço misericórdia, - disse ele mentalmente – pois nunca tive misericórdia com ninguém na minha vida de ladrão e saqueador...eu fui sempre um perverso...mereço a danação eterna, como diziam os padres nas igrejas, pelo que me lembro de minha infância...

- Não, meu irmão, - tentei novamente – Deus, nosso Pai, que nos criou e que nos assiste, nos acompanha em todos os nossos passos, em todas as nossas vidas, e espera pacientemente pelo nosso retorno à casa Dele...

Sentia-me falando como um padre naquele momento. E ao olhar para mim, vi que estava de batina. Não entendi bem aquilo, e o mestre falou:

- Você acessou seu passado como padre, e assumiu sua antiga forma e sua maneira de falar, mesmo sem ter sido um padre autêntico na época. – disse Sana

Khan sorrindo, pois ele sabia do meu passado de padre que mantinha relações sexuais com freiras, e que participei da Inquisição no século XVII.

- Meu irmão, - continuei, agora como padre assumido – Deus te abençoa assim mesmo, com todos os seus defeitos, e me mandou aqui para resgatá-lo. Ele me enviou para tirá-lo dessas trevas, e levá-lo para a luz novamente. Não importa o seu passado. Agora é preciso pensar só no futuro. Você terá oportunidade de pedir perdão a todos aqueles a quem feriu um dia, e passará pelo devido resgate e pelo resjoste com a Lei, mas no seu devido tempo, depois de se recuperar. Não adianta permanecer nesse sentimento de culpa eterna, pois isso não muda o que você fez. A culpa que paraliza é culpa inútil, meu irmão. A culpa sem obra de regeneração e trabalho redentor é culpa estéril, como a fé sem obras, como dizia Jesus. Você precisa se permitir o autoperdão. Precisa se perdoar, pois Deus perdoa você, e perdoa a todos nós, desde que também perdoemos aos que nos fazem mal. Saia desse sentimento de culpa que te paraliza. Vamos juntos para um lugar onde poderá receber vibração de amor, energia que te despertará novamente, e então você vai se preparar para uma nova vida no corpo.

- Mas eu não mereço ajuda... – disse o ser em sua dor íntima indescritível.

- Meu irmão, você está sinceramente arrependido de tudo o que fez...eu sinto isso...e é isso o que importa...o arrependimento o preparou para o nosso auxílio...Deus, em sua infinita sabedoria e misericórdia nos permitiu vir até você nesta escuridão terrível para buscá-lo...

Pude sentir o chorro compulsivo daquele irmão, mesmo sem palavras. A sua dor era antiga e muito grande, e, mesmo sem esperanças de um dia voltar ao mundo e ver pessoas que um dia amou, como a sua mãe da última encarnação, ele agora sentia que era verdade, que Deus existia e que olhou por ele, e que enviou alguém para ajudá-lo. Estava emocionado demais até mesmo para falar.

Então disse a ele:

- Meu irmão, vamos levá-lo daqui agora.

Ele nada falou, apenas concordou mentalmente, e se acalmou. E pude sentir um raio de felicidade e de esperança dentro dele.

Peguei o irmão nos braços, sem me importar se ele era viscoso, de aparência repugnante, e o abracei como a um filho que acabara de nascer, e pude ver como ele reagiu a esse sentimento, pois captei seu pensamento dizendo “muito obrigado”, e “Deus lhe pague”.

Sana Khan e eu então deixamos aquela dimensão e começamos a subir lentamente, com algumas paradas em zonas menos densas, para a descompressão energética, até que chegamos em um centro espiritualista em Salvador, onde o entregamos com as melhores recomendações, para se ligar a um médium na próxima reunião mediúnica e sentir o choque anímico, que acontece com o contato do espírito com as energias mais materiais do médium encarnado. Isso o despertaria e o prepararia para uma longa jornada de preparação para a volta ao corpo.

Depois de deixar o irmão no centro de trabalho, o mestre me disse:

- Bom trabalho, meu filho. Você não teve medo. Portou-se muito bem. Está indo bem. Teremos outras missões mais difíceis daqui para frente. Quanto mais você

aprender, e se desenvolver, e se equilibrar, mais complexas serão as suas missões. Esteja sempre pronto para o trabalho, a qualquer tempo e lugar. Há muito trabalho a fazer, e muito pouca gente disponível, meu filho. Não se esqueça jamais disso. Não caia mais, não se deixe mais enveredar pelos caminhos sombrios da materialidade, nem se enrolar mais pelas teias das ilusões que tentam colocar no seu caminho para desviá-lo da verdadeira senda.

- Tentarei me manter firme, mestre.

- Na próxima vez, veremos até onde você já é capaz de subir no plano espiritual.

- E não vamos descer mais fundo, mestre?

- Por enquanto, não. Você não suportaria o peso das vibrações mais densas. Faz algum tempo que você não vai tão fundo nas trevas, e por isso se desacostumou. Precisa de uma preparação maior, e ir aos poucos se acostumando com a densidade da energia e das vibrações, para poder descer até a região onde moram os dragões...

- Eu posso ir lá um dia, mestre?

- Sim, um dia. Mas precisa antes estar preparado. Enfrentar um dragão, não um ser na fase animal, mas um espírito infernal dos mais poderosos não é brincadeira, e você atualmente não é pairo para os dragões. É preciso ainda comer muito feijão, meu filho, como dizia a sua mãe... – Sana Khan terminou nossa conversa dando uma sonora e gostosa risada, como há muito eu não ouvia.

- Vou me preparar, mestre. Até o nosso próximo encontro, então. Muita paz.

- Muita paz, meu filho querido. Esteja sempre a postos, e disposto. O trabalho e a necessidade não dão aviso prévio...

Partiu o mestre, deixando saudade em mim, ainda que sabendo que era por pouco tempo.

Como eu gosto do mestre Sana Khan. É o mestre dos meus sonhos. Pai, amigo, professor. Três em um.

Captei a risada dele, mesmo já distante, depois que pensei na sua “trindade”.

Muita paz.

Capítulo 16

Alguns dias depois da viagem antes relatada, fui levado pelo mestre para mais uma lição, mais um aprendizado.

Fui dormir lá pelas dez da noite.

De repente, estava ao lado da cama, e vi Sana Khan ao meu lado.

- Olá. – disse ele.

- Oi, mestre. Tudo bem?

- Tudo. Pronto para mais uma viagem?

- Sempre pronto para aprender, mestre.

- Então, vamos. Começaremos por alguns lugares no plano físico, onde você fará algumas observações. – disse o mestre.

- Ok, então vamos.

Apenas me concentrei no mestre, para segui-lo.

Em poucos segundos estávamos em um barzinho, dos mais frequentados em Salvador.

Estava cheio, e havia até fila de espera.

Logo pude perceber algumas cenas curiosas, e ao mesmo tempo chocantes.

A primeira que me chamou atenção foi um homem jovem debruçado sobre os ombros de outro homem que estava bebendo cerveja em uma mesa com amigos.

Parecia haver uma grande integração corporal relativamente à parte superior do corpo, sobretudo da cabeça.

O que estava em pé era desencarnado, pois seria impossível dois encarnados se sobreporem daquela forma, ou seja, a cabeça estar praticamente dentro da outra, dois em um, verdadeiramente.

Era uma grande simbiose. Os dois estavam curtindo aquilo. Não percebia medo, repulsa ou resistência do jovem encarnado. O companheiro espiritual ali era bem-vindo.

- Veja aquilo, mestre. – disse a Sana Khan, apontando para a cena não muito distante.

- Já vi. Estava deixando você observar por si mesmo.

- Olhe aquela outra mesa ali adiante. – disse a ele. – Há três espíritos juntos da turma de jovens. Eles estão bem perto dos copos. Fazem os mesmos movimentos que os jovens que estão bebendo, até o copo chegar à boca. E eles têm expressão de quem está se deleitando.

- E estão mesmo. – disse Sana Khan. – Os seres desencarnados que continuam com os mesmos desejos, as mesmas vontades e os mesmos vícios procuram satisfazê-los exatamente da mesma forma que faziam antes.

- Continuam apegados à bebida! – disse eu.

- Sim, e não abrem mão disso. – disse o mestre – Muitos espíritos levam muitos anos até se libertarem do vício do álcool. E ficam por aqui, nessa dimensão

material, perambulando, de bar em bar, ligando-se em corpos de pessoas que bebem muito. Isso é antigo e comum.

- E não podemos fazer nada? – perguntei.

- Há muita gente do nosso lado trabalhando no convencimento dessa gente para tentar tirá-la do vício e fazê-la ascender a planos mais sutis, mas não pense que isso é tão fácil. Há muitos espíritos que ainda se deleitam nesse vício, e que não querem abrir mão dele. É apego, meu filho. Muito apego. E isso não se desconstrói do dia para a noite.

- Mestre, isso acontece também em relação a drogas e sexo...

- Sim, da mesma forma. Você já esteve antes comigo em motéis, e já viu como existem organizações espirituais controlando esses lugares de prazer, dando acesso a quem paga, na moeda de troca deles, e que terminam ficando endividados e vinculados a essas organizações, e às vezes até viram seus escravos por longo tempo.

- Sim, mestre. Lembro disso.

- Há casas noturnas também controladas por organizações das trevas, onde jovens vão tomar drogas variadas. E sempre existem muitos desencarnados presentes nesses ambientes, sentindo o prazer indireto das drogas.

- Todos os vícios que vemos no plano físico também são vistos no plano espiritual, então. – disse eu.

- Sim, todos eles. As pessoas não mudam logo após a morte física. Elas geralmente continuam da mesma forma, com os mesmos desejos e vícios. Jogo, cigarro, bebida, droga, sexo, tudo continua no além...

- Mas nem tudo existe no plano espiritual, mestre...

- Sim, nem tudo. Não há plantio de maconha, nem de coca no plano espiritual, nem refino de cocaína, nem sintetização de LSD, etc, e então os espíritos que querem essas drogas precisam buscar os encarnados viciados, e se juntar a eles, para, ligando-se a seus corpos, sentirem um pouco do prazer que os vivos sentem com essas drogas.

- E o álcool, mestre? Não se planta cana no além...

- Não. E por isso você está vendo aqui os desencarnados sedentos de álcool se ligando aos corpos dos bebedores para beberem junto com eles, em verdadeira simbiose de desejos, vontades e vícios.

- Como ainda estamos presos a essas coisas... – falei.

- E muito, meu filho. Grande parte da humanidade ainda está presa a esta dimensão, sem conseguir subir sequer um pouquinho por causa dos apegos às coisas do plano material. E isto envolve tanto os desencarnados quanto os encarnados também.

- E a comida, mestre? – perguntei a Sana Khan.

- Da mesma forma, meu filho, o apego às delícias da culinária humana tem prendido as pessoas a este plano. Quem gosta muito de comer, quem é glutão, quem ainda tem grande gula, e, sobretudo, os que comem carne de animais, estes, coitados, ficam muito tempo presos a esta dimensão. Sobem pouco, e logo pedem para renascer, devido à saudade do churrasco, aqui no Brasil, e a outras formas de cozinhar e assar a carne em outros países.

- E a carne também nos prende a essa dimensão mais densa, mestre?

- Como não, meu filho? Os animais têm organizações físicas diferentes da organização fisiológica humana, e seu ectoplasma não é igual ao humano. Assim, quando se come carne, de qualquer tipo, a pessoa está absorvendo o ectoplasma animal, que é mais denso, e que entra em choque com o ectoplasma humano, e o ectoplasma animal fica mais tempo preso aos corpos energéticos humanos até ser totalmente absorvido ou descartado.

- E qual a consequência disso, mestre?

- A consequência é que, ao sair do corpo, o encarnado fica mais pesado, mais denso, e não pode subir a planos mais sutis. Assim, alguém que come carne pode até sair do corpo consciente, mas não se elevará a planos mais sutis. Vai ficar somente aqui no plano físico, vendo as cidades, as casas, etc. Não vai a cidades espirituais, a não ser, no máximo, até aquelas mais materiais, mais próximas da Terra física.

- A maioria das pessoas não consegue se libertar do hábito de comer carne, mestre, mesmo os espiritualistas de renome...

- Realmente isso ainda é um problema para a maior parte da humanidade, exceto para os hinduístas, que jamais ingerem carnes em sua vida, e uma minoria de outras religiões e alguns vegetarianos e naturalistas convictos.

- Vamos subir um pouco, mestre?

- Vamos.

Sana Khan sumiu repentinamente, e eu o segui, acompanhando seu rastro energético, que já conhecia.

- Uma cidade, mestre...

- É uma cidade perto de Salvador, bem próximo do plano físico. Para aqui vêm normalmente as pessoas que vivem em Salvador, e que desencarnam em condições razoáveis. Os maus, os muito doentes, os depressivos, os loucos de todo gênero e em algumas outras situações vão primeiro para outros postos e hospitais socorristas mais abaixo, mais perto da crosta terrestre.

- Eu conheço essa rua, mestre.

- Sim, você vem muito aqui. Já visitou muitos parentes e amigos desencarnados que vieram para cá, e alguns ainda permanecem por aqui, trabalhando, estudando, aprendendo e se preparando para voltar ao plano físico, para resgates, missões, aprendizados, e também por causa dos apegos aos prazeres da carne, quero dizer os prazeres que o corpo proporciona, como comer, tomar álcool, fumar, fazer sexo e outros.

- Lembro desse lugar, mestre. Estive aqui faz pouco tempo. Ali naquele edifício branco, aquele baixo, há um hospital, onde visitei uma tia quando ela desencarnou faz poucos meses.

- Sim, eu sei.

- Acho que eu venho muito aqui. – disse eu.

- Aqui é a cidade mais perto de sua cidade, por isso é normal vir até aqui com mais frequência do que ir a outras cidades mais distantes. – disse o mestre.

- E mais acima, mestre?

- Há inumeráveis cidades! Quer ver mais?

- Quero!

- Então vamos lá. – disse Sana Khan, e desapareceu.

De repente, paramos em outra cidade, no meio de uma praça com um belo jardim, cheio de flores de tipos variados, com perfumes gostosos, e ao redor havia construções belíssimas. Não havia carros ao redor da praça, apesar de haver ruas e avenidas largas.

- Que cidade é esta, mestre?

- A que fica logo acima da anterior, onde passamos primeiro. Em segundos chegamos aqui. Mas pouca gente pode vir até aqui. – disse Sana Khan.

- Por quê, mestre?

- Porque é preciso estar equilibrado emocionalmente, psiquicamente, energeticamente, o que está tudo relacionado. Quem está com a vibração baixa não consegue chegar até aqui.

- Então isso significa que estou bem... – disse eu sorrindo.

- No momento está. Você vive um momento de equilíbrio interior razoável, não perfeito nem completo, mas razoável. Suas emoções estão razoavelmente sob controle. E sua alimentação vai razoavelmente bem. Não está comendo animais, salvo em raras ocasiões, apesar de estar comendo ainda alimentos de origem animal, como ovos, leite e seus derivados. Mas isso é melhor do que ingerir corpos de animais.

- Mestre, se eu estivesse comendo carnes poderia chegar até aqui agora?

- Não, meu filho. Não poderia. Você teria saído do corpo carregando ectoplasma animal, e por isso ficaria preso na Terra, no plano físico, ou desceria a planos mais baixos, e se estivesse muito bem interiormente, poderia chegar até a outra cidade mais próxima da crostra, mas não até aqui. É preciso uma condição de sutileza maior para chegar até esta dimensão.

- Os seres que aqui habitam não comem mais?

- Aqui ainda há alimentação, porém mais leve, na base de frutas e sucos. – respondeu Sana Khan.

- E na outra cidade mais abaixo, onde estivemos primeiro?

- Lá os seres ainda comem alimentos sólidos, como raízes, sopas mais densas, e até alimentos sintetizados e que se parecem e têm sabor semelhante com as carnes que comem na crostra terrestre.

- Então a alimentação vai mudando na medida em que vamos subindo?

- Sim, meu filho. Aqueles que ainda estão muito presos aos hábitos de comer carne ficam presos na Terra por algum tempo, sentindo o cheiro da carne nas cozinhas, nas casas, e também nos restaurantes, e depois da morte ainda sentem necessidade de comer carne, e por isso foram desenvolvidas carnes sintéticas para eles, para que não adoçam mentalmente, pela falta que ainda sentem do gosto forte das carnes.

- E após se desapegarem um pouco da carne, então, podem subir um pouco mais, até aqui... – arrisquei.

- Isso, meu filho. Tudo é lento e gradual. O ideal é o desapego da carne ainda em vida. Isso encurtaria a caminhada desnecessária do desapego a esse alimento, mas a maioria de nossos irmãos encarnados ainda não tem força suficiente para isso.

- E eu posso subir um pouco mais, mestre?

- Vejamos. Oremos um pouco.

Fechamos os olhos. Oramos individualmente. Elevamos nossos pensamentos a Deus, pedindo para tornar mais sutis nossos veículos de manifestação, nossos corpos.

- Vamos lá. – disse Sana Khan.

Segui o mestre.

Paramos em uma cidade mais acima um pouco.

Não havia cercas, nem muros, e alguns edifícios sequer tinham vidros nas janelas.

- Aqui não há chuva, nem poeira, que obrigue a existência de vidros nas janelas. Nem ladrões, nem invasores. – disse o mestre.

- Não há veículos de qualquer tipo, mestre. Nem automóvel, nem trem, nada?

- Não. Aqui todos flutuam. Veja.

- Estou vendo.

Havia muita gente flutuando, mas lentamente, sobre as ruas e avenidas. Entravam nas casas e nos edifícios, havia escolas, museus, mas não havia polícia, nem fiscais de qualquer tipo.

- Aqui existe segurança, mestre?

- Para quê, meu filho? Para proteger de quem? Os maus não chegam até aqui.

- Nenhum tipo de fiscalização?

- Para quê? Todos fazem o que têm que ser feito. Todos cumprem seus deveres, de acordo com suas funções. Não há desobediência, nem insubordinação, nem indisciplina. Aqui reina a ordem...a paz...a tranquilidade...

- É o paraíso...

- Paraíso ainda não, meu filho. O paraíso está muito acima daqui, e poucos, bem poucos mesmo podem chegar lá.

- Por que não vão todos para o paraíso? Por que as pessoas não vão para céu após a morte? – perguntei.

- Porque não querem! – respondeu o mestre sorrindo.

- Como assim não querem, mestre?

- Não é sempre um não querer consciente, mas um não querer inconsciente, devido ao apego ao estilo de vida a que estavam acostumados e apegados na Terra física, como comer carne, beber álcool, fazer sexo, fumar, tomar drogas, etc.

- Aqui não há nada disso?

- Não! – respondeu Sana Khan sorrindo – Esse é o problema para muita gente. O apego a essas coisas não as estimulam a subirem até aqui, seja em projeção astral, seja após a morte física.

- Nem sexo existe mais aqui? – perguntei.

- Não, meu filho. O sexo ficou um pouco lá embaixo. Na primeira cidade espiritual as pessoas ainda fazem sexo quase como se ainda estivessem na Terra, ainda se casam, inclusive. Na segunda cidade o sexo vai diminuindo, o desapego vai

sendo trabalhado, até poder chegar até aqui liberto das amarras do sexo, que prendem as pessoas na Terra e nos planos mais baixos da espiritualidade.

- E aqui não há mais sexo... – rematei.

- Não. – disse o mestre – Os órgãos vão desaparecendo à medida que suas funções se tornam irrelevantes. É a velha ideia do uso e desuso. Lembra? O que é usado tende a crescer e a se aperfeiçoar, mas o que não é utilizado tende a se atrofiar, a se reduzir, até desaparecer por completo...

- Então os órgãos da digestão vão desaparecer com o tempo, no plano espiritual...

- Sim, meu filho. Na medida em que subimos, gradativamente, nossos órgãos vão perdendo tamanho, até que o estômago e intestinos ficam muito pequenos, e um dia, bem mais lá em cima, eles desaparecerão por completo. Da mesma forma os órgãos sexuais também desaparecerão.

- Mestre, - disse eu sorrindo – é por isso que muita gente não quer ir para o céu...

- Para muita gente na Terra, meu filho, o céu que existe lá em cima ainda é inatingível, não só pela falta de evolução e de elevação das vibrações, mas também porque o céu sem comida sólida, sem carnes temperadas, sem bebidas alcoólicas, e, sobretudo, sem sexo, ainda é impensável, e mesmo insuportável.

- Então a maioria da população da Terra não quer ir para o céu... – disse sorrindo ao mestre.

- Não, meu filho, se você pensar no céu sem carne, sem álcool e sem sexo... – disse Sana Khan sempre sorrindo.

- Então pouca gente mesmo está preparada para ir para o céu...

- Sim, bem pouca gente, mesmo os espiritualistas mais famosos não estão preparados ainda para chegarem ao céu... – concordou o mestre.

- Triste conclusão, mestre.

- Sim, muito triste mesmo. O céu está lá para todos, mas poucos querem ir para lá...

- Atendo na reunião mediúnica frequentemente espíritos desencarnados ainda muito presos a sexo, a bebida, a jogo, a drogas, ao crime, ao poder e ao dinheiro, e a outras coisas mais, e é muito difícil em alguns casos convencer esses seres a passarem apenas uma semana numa cidade no plano espiritual apenas para verem o que há lá em cima, não muito distante da crosta terrestre, e muitos se recusam, resistem, porque sabem que lá não há bebida, sexo desvairado, droga e outras coisas a que estão acostumados a fazer e a que estão apegados.

- Quase ninguém quer ir para o céu... – disse Sana Khan sorrindo.

- Os espíritos mais evoluídos que vivem mais no alto, como Jesus e seus assessores, não comem, não dormem, não fazem sexo, não têm órgãos sexuais...

- Não, meu filho. Sei que é difícil para muita gente entender isso. Com o tempo, e com o desapego, os órgãos não utilizados, como os genitais, que perdem a sua função e a sua finalidade, desaparecem por completo. Você vê o ser iluminado vestindo uma túnica comprida, normalmente, mas embaixo não há mais órgãos genitais, seja naqueles que têm rosto de homem ou de mulher. Você reconhece ainda

um rosto, o contorno dos seios de uma mulher, mais não há mais neles os órgãos genitais de reprodução. Não possuem mais o estômago, nem intestinos, mas apenas pulmões diferenciados, pois a energia vem da respiração, de uma forma natural, como respiramos o ar no plano físico, mesmo sem pensar que estamos respirando. E às vezes eles viajam por aí como se fossem apenas um foco de luz, uma pequena estrela, sem forma e sem contornos definidos que os identifiquem como humanos.

- São como os anjos descritos em algumas religiões... – disse eu.

- Mais ou menos isso, meu filho. E poucos na Terra estão preparados para se tornar anjos. Todos um dia chegarão a essa condição, mas poucos hoje na Terra querem ser anjos de verdade, porque ainda não conseguem se libertar dos fortes apegos aos prazeres advindos dos sentidos, porque não fazem ainda ideia dos prazeres superiores que existem em outras dimensões. Muitos acham que só existem os cinco sentidos, e que os prazeres alcançados com eles são tudo. Mas há prazeres outros muito maiores, só experimentados por poucos, que trabalharam arduamente para controlar seus instintos animais, para se desapegarem dos sentidos materiais, para se libertarem do sexo, pois já ultrapassaram a fase de usar o sexo como ponte para o amor. Os seres iluminados já amam sem sexo, já se alimentam de pura energia do amor Divino, e não se cansam, não mais necessitando dormir para descansar o corpo. A energia mais sutil não cansa. Não se perde tempo dormindo, comendo, fazendo sexo para ter um rápido e fugaz prazer com o orgasmo, nem precisam os anjos mudar de roupas, irem malhar em academias para manter a forma ou se manterem jovens, ou pegar ônibus, carro ou trem, ou mesmo avião para se deslocarem. Viajam na velocidade do pensamento, que é ainda maior do que a da luz. Vão ao inferno em um lapso de segundo, veem e voltam, resgatam, orientam, reúnem-se, decidem, administram as cidades e tudo o mais lá embaixo.

- Mestre, dá até vontade de me tornar um anjo, um espírito de luz...

- Mas você ainda está muito longe disso, meu filho, e eu também. Ainda temos muito que aprender, muito estudo e muito trabalhado pela frente. Vá estudando e trabalhando. Com isso você vai resgatando seu passado, vai se reajustando com a Lei de Causa e Efeito. Ninguém sobe para o céu tendo deixado dívidas para trás, e nós ainda temos muitos débitos a serem saldados. E você ainda precisa se libertar das amarras do sexo e da comida. Do restante você já está liberto.

- A comida está perdendo força também, mestre. Gostaria de viver sem precisar comer...

- Bom, isso já é sinal de início de desapego. – disse Sana Khan - Então restará a libertação do sexo, por completo...mas isso ainda vai levar um tempo, não é mesmo?

- Sou casado. E ainda sinto necessidade realmente...ainda não estou livre desse apego...esse será sempre o meu maior desafio...

- Então, por que não vamos para o céu? – perguntou finalmente Sana Khan.

- Agora, mestre? Eu posso subir com o senhor?

Sana Kha deu a sua mais gostosa gargalhada, e disse:

- Meu filho, eu apenas perguntei por que não vamos para o céu, não fiz um convite para você ir agora até lá comigo, mesmo por que eu também não posso chegar lá.

- Entendi errado, mestre. Pensei que poderíamos ir lá de visita. Nem orando com fé não conseguimos?

- Não basta a oração. A oração não transforma totalmente num minuto aquilo que somos, que construímos ao longo de uma jornada de milhões de anos de evolução na Terra. Nossa vibração melhora um pouco com a oração sentida e sincera, mas não nos torna anjos, nem nos permite transmutar completamente nossas energias mais internas. Só a evolução verdadeira nos permitirá chegar ao céu verdadeiro.

- Não se pode entrar no céu de forma violenta, disse Jesus.

- Isso, meu filho. Você colocou muito bem. O mestre Jesus bem sabia disso, e nos deixou clara mensagem sobre isso. Não se pode forçar a entrada no céu. Não se pode comprar um lugar no céu. E um amigo não pode levar o outro para o céu. Só se chega lá por evolução própria e verdadeira, porque a energia sutil lá em cima não sustentaria um corpo energético mais denso, como você não consegue respirar sem garrafa de oxigênio ao subir fisicamente no Monte Evereste no Himalaia. O ar lá no alto é muito rarefeito para os pulmões humanos. Algo semelhante acontece com o espírito quando sobe a planos mais elevados e mais sutis. É preciso tempo de adaptação lenta e gradual na ascensão evolutiva de plano para plano, até o mais alto.

- Então, mestre, aqui é o meu limite.

- Sim, você não pode ir além desta dimensão de energia. Mesmo que ore muito, não irá além daqui. Mesmo sem comer carne não poderá ultrapassar este limite vibratório.

- E o senhor, mestre, pode ir um pouco além?

- Um pouco... – disse Sana Khan sorrindo.

Sei que na verdade o mestre pode ir muito além de mim, pois eu sou como uma formiga perto de um gato, comparado a ele.

- E eu sou como um gato junto de um elefante comparado a Jesus, que está verdadeiramente lá no chamado céu. – disse Sana Khan, sorrindo, demonstrando que havia captado meu pensamento.

Sana Khan é humilde, verdadeiramente humilde. Talvez não tenha desejado me mostrar o quanto já está evoluído, pelo menos em relação a mim.

Sei que ele ainda não está no nível de Jesus, o ser espiritual mais evoluído do Planeta Terra, o que todos os espíritos que conheço reconhecem, mas o mestre já tem bastante elevação, bagagem, e muito amor para dar.

- Vamos voltar, meu filho. Tenho um compromisso em uma cidade, onde haverá uma reunião para analisar uma questão relativa a um resgate coletivo que em breve acontecerá no planeta.

- Está bem, mestre. Vou dar um pulo na casa de meu pai, para ver como ele está...

- Muita paz, meu filho. E não se esqueça do desapego, para começar a trilhar o longo caminho que o levará ao céu...

- Vou lembrar sempre disso, mestre. Obrigado. Muita paz.

- Muita paz, meu filho. Até breve.

Sana Khan sumiu da minha vista.

Mentalizei meu pai, que vive em uma casa na beira da praia no plano espiritual, onde já estive várias vezes. Logo me vi na frente da casa, que estava de porta aberta. E ao entrar vi minha mãe e alguns irmãos e primos. E lá estavam a irmã e um irmão dele, ambos também desencarnados. Uma verdadeira reunião de família. Isso acontece sempre. E eu adoro esses encontros. Aproveitei a noite para matar a saudade de meu velho pai, que tanto amo.

Muita paz.

Capítulo 17

Um dia desses, em novembro de 2009, senti um impulso de comer apenas frutas durante todo o dia, li bastante, e fui me deitar achando que teria uma experiência fora do corpo importante.

Após algum tempo depois de me deitar, senti meu corpo formigando um pouco, senti a energia circulando, e me soltei por inteiro.

Logo estava fora do corpo, ao lado da cama.

- Saiu rápido! – ouvi a voz do mestre Sana Khan perto de mim.

- É a prática! Com o tempo vou me acostumando com essa outra realidade, e isso me permite sair mais rápido e sem problemas.

- Isso é bom! – disse o mestre.

- Estava com saudade, mestre.

- Eu não! – disse Sana Khan sorrindo – A saudade é apego, e procuro não sentir falta das coisas...pelo menos de modo a me sentir infeliz, ou triste com a saudade...se for apenas uma lembrança, mas de forma suave e tranquila, aí pode ser...

- Minha saudade não me entristecia... – disse eu também rindo.

- Então não há problema, meu filho. – disse Sana Khan sorrindo – Pode sentir saudade, e então me procure para batermos um papo saudável.

- O que faremos hoje, mestre? O senhor não veio aqui sem um propósito...

- Realmente. Gostaria de falar sobre algumas coisas com você, meu filho, para que escreva, mas é preciso antes que você veja algumas coisas com seus próprios olhos, antes que eu comece a falar...

- O que o senhor quer me mostrar, mestre?

- Vai ver logo, logo...me acompanhe...

Sana Khan partiu, e eu o segui em pensamento, e logo me senti ao seu lado, atravessando a noite escura lá fora.

De repente, estávamos em um pasto verde, belíssimo, muito grande, e cheio de bois e vacas.

- Apenas observe por um tempo. – disse Sana Khan.

Então fiquei olhando o gado pastando.

Passados alguns minutos, o mestre me perguntou:

- Meu filho, você percebeu algum boi olhando uma vaca, ou vice-versa, com um olhar erotizado, sensual? Olhar de desejo, de lascívia?

- Não, mestre. De jeito nenhum!

- Que conclusão você pode tirar então disso?

- Como esses seres estão ainda no nível mais instintivo, sem o desenvolvimento da razão como os humanos, eles não possuem desejos eróticos como nós humanos, mas apenas são guiados pelo instinto sexual.

- Muito bem. Acompanhe-me.

Sana Khan sumiu novamente. E eu o segui, como de costume, já acostumado a isso.

Então me vi dentro da água.

- Que lugar é esse? – perguntei.

- Um lago de água doce na Europa. Observe os peixes.

Parei de falar e de pensar, e apenas fiquei observando.

Minutos depois, veio a pergunta do mestre:

- O que percebe?

- A mesma coisa, mestre. Os peixes não sentem desejo sexual, eles apenas ajem de acordo com a programação instintiva, genética. Eles não possuem o erotismo que os humanos conhecem.

- Siga-me.

Logo estávamos no meio de uma floresta, com muitas espécies de animais.

- Observe aqueles macacos. – disse o mestre.

Depois de algum tempo, eu disse:

- Mestre, os macacos, já estando mais próximos de nós, com um início de desenvolvimento do pensamento, ainda que rudimentar, já não são guiados tão cegamente pelos instintos como os animais menos evoluídos. Eles começam a ter lampejos de pensamentos, de raciocínio, e já começam a ter desejos, e se apegam a coisas.

- Isso mesmo, meu filho. Já viu macaco viciado em álcool?

- Já, mestre, em documentário na TV! E em outras coisas também! E de modo muito parecido com os humanos.

- Quanto mais primitivo o ser, e no início de sua trajetória evolutiva, mais automático seu comportamento. Mas na medida em que se vai evoluindo, e a razão vai surgindo, os instintos vão perdendo cada dia mais a sua força, e a razão vai predominando gradativamente. E então a razão vai substituindo os instintos até que por fim, um dia, eles desaparecem por completo.

- Em que fase estão os humanos atualmente, mestre?

- Na luta para superar os instintos, mas ainda presos a eles. Muitos ainda seguem os instintos quase como se fossem animais. E poucos já dominam os instintos por completo, podendo, por exemplo, jejuar quantos dias quiserem, o que vai de encontro ao instinto de sobrevivência, que leva o homem a buscar o alimento. Isso é autodomínio.

- Já fiz muitos jejuns de 24 e de 48 horas quando me tornei vegetariano aos 19 anos. Bebia somente água. E não tinha problema algum.

- Isso lhe deu força interior, e levou você a uma fase de maior domínio sobre seus instintos animais. Quando alguém adota o celibato, está também indo de encontro ao instinto sexual, e isso, quando feito de forma saudável e com um propósito justo, também aumenta o domínio de si mesmo. – disse o mestre.

- Levei um tempo celibatário também no início de meu despertar espiritual, mestre.

- E isso também ajudou no seu fortalecimento interior, e no domínio do instinto sexual. – falou Sana Khan.

- E a violência, mestre? A defesa própria?

- O instinto de preservação também leva o homem, como os animais, a fugir ou a lutar, conforme a necessidade. Mas o homem racional pode também vencer esse instinto.

- O dar a outra face, como pregou Jesus, vai de encontro ao instinto.

- Sim, nenhum animal dá a outra face! – disse Sana Khan. – Mas o homem pode dar...o homem evoluído pode ouvir ofensas e não reagir, pode ser agredido fisicamente e não revidar...isso é a superação dos instintos...e isso é racional...chegamos a isso pela vontade, e pelo exercício...

- Como eu gostaria de chegar lá... – disse eu sorrindo.

- E chegará, meu filho! Tudo é uma questão de tempo, vontade, determinação e exercício! Queira isso! Deseje isso! E um dia viverá assim!

- Quem sabe, mestre...

- Vamos até a Palestina!

Sana Khan mal proferiu essas palavras e já desapareceu. E eu o segui novamente, pensando nele.

Estávamos agora na Palestina. Sana Khan me levou até uma casa, e entramos.

No seu interior, havia várias pessoas, todos com fisionomia carregada, carrancudos, falando árabe, e estavam preparando explosivos para serem colocados em algum lugar. Um possível atentado terrorista.

- Mestre, eles vão fazer um atentado terrorista!

- Sim, estão preparando algo ruim, que poderá ferir muita gente.

- Não podemos impedir? – perguntei.

- Não tenho autorização para impedir agora! Não podemos impedir todo o mal ao nosso bel prazer, meu filho, porque somente Deus sabe as necessidades cármicas de cada um. O mal é necessário, mas ai daquele que promove o mal. Não foi isso o que o mestre Jesus ensinou?

- Sim, mestre.

- Então? Nem sempre devemos impedir o mal de ser praticado. Quando uma coisa tem que acontecer, acontece. Quando não tem, então vem autorização de cima e alguma equipe de trabalhadores espirituais impede os estragos desejados pelos perversos. Nunca viu uma bomba falhar, ou explodir no colo do terrorista?

- Já, mestre. Isso já aconteceu inclusive no Brasil, no tempo do regime militar, no Rio Centro.

- Pois, então, meu filho? Mas não é isso o que viemos fazer aqui. Quero que observe a raiva, o ódio nos olhos, o rancor, as raízes do mal dentro dessas mentes doentes.

Passei a observar as pessoas falando e se movimentando dentro da casa enquanto preparavam aquele artefato explosivo.

- Isso nada tem a ver com instinto, mestre!

- Era exatamente isso o que eu queria que você observasse! Esse é o meu garoto!

- Animais não odeiam, não guardam mágoa, não planejam vingança, não se tornam terroristas...

- Nem são intolerantes, nem fanáticos políticos, fanáticos religiosos, fanáticos por futebol...

- É a razão que nos leva a tudo isso, mestre. – disse eu.

- Sim, a razão. – disse Sana Khan - Mas isso não torna a razão algo ruim. A razão levou o homem a construir casas, escolas, medicamentos, roupas, veículos, hospitais, etc. A razão criou um Thomas Édson, que iluminou o mundo inteiro com a invenção da lâmpda elétrica; a razão criou a imprensa, o trem, o telégrafo, o telefone, o computador, a internet e levou o homem ao espaço. A razão é algo divino.

- Só a razão mal utilizada leva ao mal... – falei.

- Sim, meu filho, a razão desvirtuada gera o orgulho, o egoísmo, a vaidade, fonte e raíz de todo o mal. Siga-me!

Novamente segui o mestre, e logo estávamos em uma festa particular, em uma casa qualquer, no Rio de Janeiro.

- O que você vê? – perguntou o mestre.

- Uma orgia. Drogas, sexo... – disse eu.

- A razão presa aos instintos, e ao prazer dos cinco sentidos corporais. A razão permitiu que o homem experimentasse tudo, na sua curiosidade, e se apegasse às coisas que mais gostou. Assim, há gente presa ao sexo, a drogas de vários tipos, como álcool, cigarro, cocaína, êxtase, crack e outras, bem como presas a um modo de vida, que pode ser o crime, sem precisar trabalhar.

- Tudo isso é muito triste, mestre.

- Sim, meu filho, muito triste. Ver o ser humano se degradar dessa forma, muitas vezes rebaixado a condições que nem mesmo nossos irmãos irracionais descem é realmente muito triste. Há pessoas fazendo sexo com animais...e isso é muito antigo...

- Já soube de um homem que morreu ao fazer sexo com um cavalo, mestre...ele teve seus intestinos arrebentados, e morreu...

- Nenhum animal faz isso, não é mesmo? Por que o homem precisa fazer? – falou o mestre.

- Realmente não sei dizer o que leva as pessoas a esse tipo de coisa...

- Falta de uma visão mais ampla da vida, da evolução, falta de religiosidade, não de religião, que pode ser vazia... – disse Sana Khan.

- Minha mãe diria que é falta de Deus!

- Sim, meu filho, e ela está certa! As pessoas que já se encontraram espiritualmente, que sabem o que estão fazendo neste mundo não se envolvem com zoofilia, nem com o sexo desvirtuado, nem com drogas, nem com o crime. As pessoas que sabem o que querem da vida, e que estão evoluindo de forma já consciente, e não apenas são levadas pela corrente, seguem outra linha de comportamento e conduta.

- Será que estou nesse segundo time, mestre?

- Sim, está. Mas ainda perde tempo com algumas coisas bobas, menores, que precisam ser superadas, para um salto ainda maior na sua evolução, meu filho.

- Mestre, as pessoas ainda estão muito presas aos cinco sentidos.

- Sim, estão. Muita gente só acredita naquilo que vê, ouve, cheira, degusta, toca e sente com as mãos. Nem todos se dão conta de que são espíritos, de que são seres imateriais, em relação à matéria que podem ver e tocar. E por isso os líderes das organizações do mal trabalham incansavelmente para dar cada vez mais prazer às pessoas, aumentando o erotismo no mundo, a pornografia na internet, a sensualidade nas revistas, na televisão, no cinema, nas ruas, na moda, tudo para levar as pessoas a ficarem cada vez mais presas aos cinco sentidos. Com isso, as pessoas não sentem falta de espiritualidade, nem de Deus, e isso dá margem a muitas coisas. Um homem sem Deus e sem uma visão espiritual da vida está aberto a tudo, como desvios sexuais, corrupção, criminalidade, e todos os tipos de vícios.

- De fato, mestre. O erotismo só tem crescido, e é difícil não entrar na onda erótica que assola incessantemente o mundo...

- Um verdadeiro Tsunami de sexo invadiu a Terra! – disse Sana Khan.

- É, mestre, e isso está afogando muita gente...as pessoas estão cada vez mais ligadas a sexo, cada vez mais erotizadas, cada vez mais buscando o sexo, e de todas as formas. Tudo se tornou válido na busca insana pelo prazer. A homossexualidade se tornou comum, normal, elegante, o casamento gay, tudo agora é normal.

- Mas no mundo animal não há nada disso! – disse Sana Khan.

- Só a razão criou esses desvios... – disse eu.

- Sim, a razão. Não existe casamento gay entre dois galos, ou entre dois bois, dois cavalos, duas galinhas, duas onças...só os seres humanos casam dois membros do mesmo sexo...isso não é natural...não temos preconceito...não discriminamos...apenas tentamos levar as pessoas a refletirem sobre isso...abrir a mente para outras coisas espirituais, e não apenas simplesmente concordar com tudo e achar que tudo é bonitinho e natural...essa tem sido a tendência do mundo ocidental moderno...e isso leva cada vez a desvios maiores e maiores de comportamento...e só Deus sabe onde tudo isso vai parar...

- É, mestre, tenho visto tantas coisas ultimamente no mundo...tantos desvios...e hoje não se pode achar nada errado...dizem logo que é preconceito...temos que achar tudo normal, bonito e natural, como se a natureza tivesse criado tudo...

- Tudo o que a natureza não criou, um dia será modificado... – disse Sana Khan.

- Espero que sim, mestre.

- As pessoas precisam ir além dos cinco sentidos. Precisam despertar outros sentidos espirituais. Precisam sentir a energia mais sutil. Precisam pensar como espíritos, e se sentirem verdadeiramente espíritos, o que é mais importante. Somente assim os desvios serão contidos, e os caminhos certos serão retomados. A humanidade está fora de prumo e sem rumo certo faz tempo. Precisa encontrar seu caminho novamente. Um caminho para a luz, não para a escuridão e para a bestialidade, pois nessa descida bestial já temos mais de dois mil anos ininterruptos. Os velhos bacanais de Roma ainda estão aí. As lutas chamadas de vale-tudo estão aí, mostrando nosso lado mais agressivo e violento, nossos instintos não controlados. Os crimes hediondos estão aí. Os estupros de crianças, os abusos sexuais, a pedofilia em larga escala, e inclusive divulgada e propagada na internet, entrando em todos os

lares terrestres livremente, sem qualquer controle. Todas as aberrações estão hoje na internet, e ninguém consegue controlar isso.

- Mestre, temo pelas crianças e pelos jovens diante de tudo isso...

- Mas o Pai é sábio, é bondoso, é misericordioso. Há luz também no mundo. Nem tudo está perdido. Há pessoas boas fazendo coisas boas. Há espíritos mais elevados encarnando no mundo para trabalharem pela mudança de tudo isso. É tudo uma questão de tempo, meu filho. Faça a sua parte. Se cada um fizer um pouco, alertando, tentando abrir os olhos dos outros que ainda não enxergam direito, aos poucos a luz vai iluminando a escuridão, e as pessoas tropeçarão cada vez menos, até aprenderem a acender sua luz interior, e então não mais precisarão de luz exterior.

- Bonito isso, mestre.

- Trabalhe, meu filho. Escreva, fale, não ceda à tentação de agradar sempre, de achar tudo normal e bonito e não fazer nada. Não se cale, não se intimide jamais pela sombra. Eles querem o mal, o desvio, a queda da humanidade, o terror. Seja um foco pequenino de luz no mundo, por menor que seja, e isso já ajudará a diminuir as trevas da noite. Não tenha a pretensão de ser A LUZ do mundo. Seja luz! Um palitinho de fósforo na escuridão já é alguma coisa boa. Não se deixe enveredar nas sombras da vaidade, nem do orgulho intelectual, nem pelo egoísmo de não agir para não ser atacado nem criticado. Aja, faça o que achar correto. Diga o que pensa, sem medo, nem mesmo da morte. Você agora está morto, e daqui a pouco voltará ao corpo. Isso é uma morte diária, durante a noite. Nada tema.

- Não tenho medo, mestre.

- Isso é bom. Tenha bom senso, tenha cautela, ande na calçada, para não ser atropelado...você sabe do que estou dizendo...mas não ande apenas no trilho proposto pelas convenções sociais, pois elas muitas vezes são constituídas pelas trevas...não esconda a luz debaixo da mesa, como dizia o mestre, mas não seja jamais arrogante ao expor a sua verdade...a verdade é sempre relativa...é preciso ouvir todas as verdades, mesmo sem concordar com todas elas...e tirar suas próprias conclusões...ande correto, siga para a frente, e para o alto, porém sem empinar o nariz jamais...orgulho e vaidade levam apenas para as trevas...a luz nos liberta...o amor nos preenche e nos une sempre...

- É isso aí, mestre. Amar sempre. Ser humilde e puro de coração. Sincero, leal, amigo de verdade.

- Assim como Jesus nos amou... – disse Sana Khan sorrindo por fim.

- Assim como o senhor me ama... – disse eu, também sorrindo.

- Realmente amo muito você, como um filho.

- E eu amo o senhor como um pai!

Abraçamo-nos demoradamente, e senti descerem lágrimas de meus olhos. Sana Khan também se emocionou, e não bloqueou as lágrimas que também escorreram pelas duas faces.

Depois de um tempo, nos separamos.

Voltei para casa, e o mestre disse que recebeu uma mensagem para intervir junto ao grupo terrorista na Palestina, para fazer com que o artefato não fosse feito da forma correta, e não explodisse.

Retomei o corpo refletindo sobre os sentidos do corpo humano, e sobre como estamos presos a eles, condicionados, limitados, e como deixamos nossa mente racional se deixar levar e guiar pelos instintos e pelos desejos, muitas vezes de forma tão desequilibrada que é difícil nos reconhecer como seres humanos, como, por exemplo, quando temos notícia de que um pai estuprou uma filha de seis meses e a matou.

O que nos leva a tamanha barbárie e desequilíbrio mental e espiritual?

Precisamos todos nós nos iluminar um pouco mais, para que a Terra tenha mais paz, e menos conflitos. Mais amor, e menos sofrimento.

Muita paz.

Capítulo 18

Na última terça-feira, dia 24 de novembro de 2009, após longa conversa com dois líderes de organizações espirituais voltadas ao mal, através de médium da reunião mediúnica da qual participo, fiquei a pensar nas estratégias de atuação, dominação e poder das organizações trevosas.

Fui dormir refletindo sobre as coisas que ouvi, mesmo não tendo ouvido nada de novo, visto que muitas vezes já ouvira as mesmas falas em outras oportunidades.

Decidi, então, conversar com Sana Khan a respeito das organizações e dos seres voltados ferrenhamente para o mal da humanidade.

Fui me deitar cedo, tendo apenas tomado um copo de suco de manga antes de me recolher. Não queria uma digestão demorada.

Mais tarde, ao pegar realmente no sono, saí do corpo e me concentrei no mestre, para ir ao seu encontro.

Comecei a descer, descer, cada vez mais fundo, em direção ao centro da Terra, até chegar a um vale escuro, com um caminho de terra cortando uma floresta de árvores altas, raízes aparentes, grandes, parcialmente desenterradas, mas com poucas folhas. Os troncos das árvores eram esquisitos, meio cinza.

Havia pedras grandes nas laterais do caminho, e o céu era cinza, dando um clima algo mórbido ao ambiente. Tenebroso, diria.

Lembei-me do céu do filme 300.

Já estava meio assustado, pois estava sozinho naquele lugar horrível, assustador, quando, repentinamente, percebi que alguém se aproximou de mim por trás, e disse, em um tom meio assustador:

- Olá.

Virei-me rapidamente, pronto para me defender, tendo já levantado os braços em atitude defensiva, como se faz no karatê, quando vi que era o mestre.

- Mestre, o senhor quer me matar de susto?

- Você não vive dizendo a seu filho caçula que não tem medo de nada, que nunca toma susto? – disse Sana Khan sorrindo.

- É verdade! – respondi, também rindo da situação.

- Pois então, meu filho, resolvi testá-lo, e ver se isso é verdade mesmo... – Sana Khan ria.

- É difícil me assustar realmente, mestre. Filmes de cinema não mais me assustam. Mas de vez em quando algum barulho inesperado ou um ataque espiritual inesperado ainda podem me causar algum susto.

- Como captei seus pensamentos a respeito de querer conversar comigo sobre as trevas, achei que não poderia haver ambiente e clima mais propício. – disse o mestre sorrindo a valer.

- Parece que o senhor escolheu um cenário dos antigos filmes de Vincent Price, ou de Boris Karloff. Cruz credo!

- Escolhi um lugar tranquilo... – disse Sana Khan, sempre rindo da situação.

- Não há perigo de ataque aqui? – perguntei.

- Não, Beto. A região aqui já foi esvaziada há algum tempo. Todos os que habitavam há séculos este lugar já foram resgatados, e já reencarnaram, a maioria na África, devido a resgates necessários. Podemos andar e conversar sem qualquer preocupação.

- Está bem, mestre. Então vamos andar.

Começamos a andar pela estrada estreita, pedregosa, em meio a uma vegetação que só lembrava mesmo os filmes de terror. Não me sentia à vontade no local.

- Você precisa superar essa reação, Beto. – disse o mestre. – Precisa estar bem em qualquer ambiente, principalmente para poder trabalhar em resgates, e cumprir as missões que lhe forem confiadas. Não era assim na sua última vida, durante a Segunda Grande Guerra? Você era destemido! Ia a qualquer lugar, enfrentava o perigo sozinho. Agora deve usar essa experiência nesta outra dimensão, para auxiliar os que estão prisioneiros por aqui.

- Tem razão, mestre. Preciso me acostumar a andar nas trevas sem medo algum. O que pode me acontecer se sou imortal?

- É assim que se fala! – disse Sana Khan sorrindo.

- Mestre, quero falar sobre os líderes das organizações do mal. Os psicopatas desencarnados, apegados ao poder, orgulhosos, vaidosos, arrogantes...

- Calma. Não fale desse jeito, meu filho. São todos filhos de Deus. Mesmo rebeldes e insubmissos.

- Tento tratar bem, mestre, tento não ser duro no meu julgamento, mas às vezes confesso que dá um pouco de raiva pelo que eles fazem...

- E o que é que eles fazem, meu filho?

- Manipulam as pessoas, dominam, assediam, etc.

- E quem é que eles dominam, meu filho?

- Qualquer um que seja fraco, que esteja em sintonia...

- Exatamente, Beto. – interrompeu Sana Khan - Perceba que só os fracos podem ser manipulados e dominados. Só quem entrar na sintonia do mal pode ser por ele afetado.

- Mas isso não justifica o que eles fazem com a humanidade, mestre...

- Claro que não, meu filho. Não quero dizer que eles agem de forma justa, certa, ética. Mas apenas que somente são afetados aqueles que se deixam afetar.

- Como assim, mestre? – perguntei, buscando maiores esclarecimentos.

- Alguém hoje conseguiria manipular você para fazê-lo ingerir bebidas alcoólicas? – perguntou Sana Khan.

- Não, mestre, porque não gosto mais de bebida, enjoeei por completo. Até o cheiro hoje me causa enjoo.

- Exatamente aí é que está o ponto, meu filho. Se você não gosta de bebida, não há portas nem janelas abertas para qualquer espírito, encarnado ou desencarnado, influenciar você a beber. Você hoje é totalmente imune a influência espiritual no que diz respeito à bebida alcoólica. E tabaco?

- Tenho horror a cigarro, mestre! – disse eu sorrindo.

- Então também já está imune à influência espiritual com relação ao fumo! E o crime?

- Tenho horror ao crime! Deploro o crime de qualquer tipo! Tenho horror ao tráfico de drogas e à corrupção!

- Então, já está imune à influência em relação ao crime também. – disse Sana Khan - E ao sexo?

Fiz silêncio por alguns momentos. Refleti, antes de responder a pergunta do mestre.

- Ainda mexe um pouco comigo, mestre. Não me sinto totalmente imune a isso...

- Eu sei. – disse Sana Khan – Poucos estão imunes ao poder do sexo...e à manipulação das organizações lá de baixo envolvendo o sexo na Terra...

- Então, mestre, tudo tem a ver com nossas fraquezas, com nossas brechas, com as portas e janelas que temos ainda abertas na nossa mente...nossos apegos...nossos desejos...

- Sim, meu filho. Toda a manipulação exercida pelos grandes das sombras sobre a humanidade está baseada em seus desejos, em seus apegos, em suas ambições, em suas maneiras de ver a vida e o mundo...

- Como, então, fechar as portas e as janelas, mestre?

- Autoconhecimento e autodomínio. Consciência espiritual profunda e verdadeira. Desejo real de crescimento espiritual. O ser que se reconhece como espírito imortal e que quer evoluir mais deve deixar para trás certas coisas, que se tornam incompatíveis com a vida do espírito.

- A humanidade ainda é tão infantil, mestre, sequer sabendo realmente o que quer...

- Nem tanto, Beto. As pessoas sabem o que querem. Só que o que elas querem nem sempre é o melhor para elas mesmas, e acabam tomando caminhos tortuosos que as levam ao precipício, e a volta pode ser muito difícil e dolorosa muitas vezes...

- As pessoas correm atrás de dinheiro, de fortuna, de poder, de sexo desenfreado cada vez mais, de bebidas e drogas que satisfaçam uma sede que nem sabem se pode ser de fato satisfeita... – falei.

- Isso é verdade! – disse o mestre, e completou. – Muitos correm atrás de quimeras, mas no momento em que estão atrás delas não têm essa visão e consciência. São como crianças buscando coisas que satisfaçam seus desejos, sem a maturidade para saber discernir o que é realmente bom do que lhes trará dor e sofrimento...

- Mestre, por que os líderes das trevas não mudam, não aceitam argumentos de qualquer natureza para mudar de caminho? Eles são tão apegados ao poder...ao domínio...ao controle dos outros...

- São todos eles espíritos antigos, e tiveram muito poder no passado. Alguns foram poderosos em outro planeta, no sistema solar de Capela, e foram de lá expulsos, tendo sido trazidos para a Terra, e aqui continuaram na mesma atitude rebelde e insubmissa. Aqui se organizaram, fundaram uma ordem, chamada de Ordem dos Dragões, que são os líderes dos grupos diversos, muitas vezes rivais. Muitos deles lutam entre si, pela conquista de mais poder, e de mais prestígio junto ao chefe e líder maior da ordem deles. E isso os enfraquece, pois enquanto perdem

tempo e energia lutando entre eles mesmos, as forças do alto são muito unidas, sem busca de personalismos e poder paralelo, e por isso eles não têm vez com as forças da luz.

- Isso acontece também no plano físico, mestre. Basta olharmos a história humana. Sempre que um homem crescia demais, e criava um grande império, aparecia outro ambicioso que queria também poder e domínio, e então havia guerra e destruição. O grande império persa caiu depois que invadiu a Grécia, tendo sido derrotada em duas invasões, e tendo despertado a vontade do pai de Alexandre de atacar o império, o que foi concretizado pelo filho, Alexandre, o Grande, que acabou com o império persa. Os astecas dominavam e massacravam seus vizinhos mais fracos, até que chegaram os espanhóis e os destruíram. Hitler e Stalin sonhavam ambos com um império mundial, cada um a seu modo, e depois de um pacto de não agressão, que foi descumprido por Hitler, entraram em guerra, e a Alemanha começou a perder a guerra por causa da invasão da Rússia, e depois foi vencida e destruída.

- São muitos exemplos, não é mesmo, meu filho?

- Sim, mestre. Quando estudamos a história, encontramos muitas e muitas situações parecidas com essas. Sempre houve ambição política, conquistadores, saqueadores, mas no final nenhum império do mal sobreviveu...

- Nem sobreviverá, meu filho. – disse Sana Khan – O mal nunca foi, não é e jamais será mais forte do que o bem! Todas as tentativas de dominação da humanidade por parte das trevas falharam! Eles tentaram na Atlântida e falharam! Tentaram muitas vezes na antiguidade e falharam! Tentam agora, na era moderna, e também falharão! O maior movimento das trevas nos últimos milênios foi chamado de nazismo. Hitler era o líder das trevas encarnado, com a missão de comandar as forças do mal, igualmente encarnadas. Mas, apesar de acharem eles que venceriam, que dominariam, apenas foram agentes e instrumentos do cumprimento da Lei de Causa e Efeito. Nada mais. Jesus não disse que o mal é necessário? Mas aí daquele que causa o mal...não foi o que ele disse?

- Sim, mestre.

- Então, meu filho, o mal somente existe no plano relativo, nos planos mais inferiores da existência, e por um tempo determinado, e serve a um propósito. Os espíritos experimentam de tudo, se apegam a certas coisas, sofrem no aprendizado, muitas vezes, mas sempre no final aprendem que o mal não compensa.

- E por que alguns se apegam tanto ao poder, e não querem abrir mão dele, mestre? – perguntei, querendo ainda mais luz sobre o tema.

- Observe, Beto, que mesmo na Terra, entre os encarnados, há aqueles que se apegam mais ao poder do que outros, não é mesmo? Isso é coisa de espírito pouco maduro. E o orgulho e a vaidade estão muito associados ao gosto pelo poder. Não é o poder puro e simples. Mas o que o poder dá. Quem tem poder está cercado de bajuladores, de cortejadores, mas também de aproveitadores. Quem pode, manda. E esse gosto pelo poder de mandar dá satisfação a algumas pessoas, nas duas dimensões. Mandar constitui um imenso prazer para alguns espíritos. Ser obedecido, ter subordinados às suas ordens. Tudo isso preenche um vazio, uma lacuna na

personalidade e na alma que eles não fazem ideia, e não querem nem saber. Eles querem mesmo o poder, e pronto. Estão felizes do seu jeito, com o poder que possuem.

- Ouvi já muitas vezes espíritos dizerem que são felizes no seu caminho, o que para mim é o mal. Isso às vezes é difícil de aceitar...

- Ou de acreditar, meu filho. Não podemos estar sempre querendo usar o nosso referencial de felicidade para todos os outros. Há gente feliz embriagando-se todos os dias, não há?

- Sim, há. – respondi.

- E há gente feliz fumando maconha todos os dias, não há?

- Sim.

- Há também gente lutando em guerras, explodindo bombas, etc, sentindo-se feliz com isso. Cada um se sente feliz do seu jeito. E a felicidade de um nem sempre é igual à felicidade dos outros.

- Mas, mestre, como alguém pode ser feliz matando, escravizando, dominando mentes...

- É preciso entender que nem todos estão no mesmo nível de evolução. Os animais carnívoros não caçam e devoram os herbívoros? Eles não sentem culpa nisso! Eles caçam e comem, e pronto! Não há culpa, não há dramas de consciência. Não se pode buscar nos espíritos menos evoluídos um sentimento que eles ainda não desenvolveram, ou ainda não despertaram.

- Tem razão, mestre. Não posso deixar de amar uma leoa só porque ela caça de forma violenta e agressiva uma zebrinha, e a estraçalha com seus dentes afiados. Mas isso não é fácil quando se trata de ser humano.

- Eu sei, meu filho. Ainda mais quando vocês são criados assistindo a filmes de super heróis, desenhos animados, etc, sempre mostrando o mocinho matando ou batendo no bandido. As pessoas acabam curtindo e vibrando com a violência dos heróis em relação aos vilões. Não é assim?

- É, mestre. É verdade! E por isso ainda tenho certa dificuldade em conversar com os psicopatas desencarnados, porque sempre fui acostumado a odiar os psicopatas encarnados, e torcer para que a polícia matasse o psicopata nos filmes.

- Isso precisa mudar, meu filho. É preciso amar os psicopatas também. É preciso vê-los como doentes. E a psicopatia é uma doença, não é?

- Sim, é.

- Então, meu filho, é preciso amar os doentes, e tentar de todo modo a sua recuperação. Eu já fui um psicopata há alguns milênios atrás, e você há menos tempo ainda. Em algum momento nós nos cansamos daquela vida, e nos deixamos convencer por alguma alma caridosa que nos doutrinou. Perceba que eu disse que nós *nos deixamos convencer*. Ninguém é convencido sem que esteja aberto a isso. Ninguém se converte de um dirigente das trevas a um trabalhador do bem pela força. É preciso estar aberto, cansado, receptivo. E então uma boa conversa, e as vibrações de amor e o acolhimento nos tocam o fundo da alma.

- Mestre, tenho tentado na mediúnicidade, mas ainda não consegui convencer nenhum dos líderes que lá apareceram...

- Não se preocupe. A culpa não é sua. A maioria deles ainda não é doutrinável!

- Eles ainda riem de nossas tentativas, e dizem para não perdermos nosso tempo tentando, pois estão felizes do jeito que estão, no poder, dominando, tendo um exército, e não querem abrir mão dessas coisas todas.

- Isso é normal, meu filho. É comum. Cada um no seu tempo. Eles não serão convencidos pela força, nem mesmo com oração. Só quando se cansarem da vida do crime estarão suscetíveis de convencimento...

- Um me disse recentemente que, se for exilado para outro planeta, vai incendiar o outro também, como tem feito na Terra...

- Muitos deles já incendiavam Capela, e têm incendiado a Terra há milênios, e realmente vão continuar incendiando outros planetas, servindo de instrumento para a evolução, servindo de instrumento para o cumprimento da Lei de Causa e Efeito, e levando conhecimento para outros planetas. Eles são rebeldes contumazes, contrários a toda noção de lei, de ordem, de luz, de bem, e só pensam na perspectiva de poder, poder e mais poder. Mas em que pese assim agirem, apenas servem de instrumento para as forças do bem que administram o Universo. Não há desordem no Cosmos. Só há ordem. Há o bem predominando sempre, e o mal é apenas temporário em cada planeta.

- E o exílio, mestre, já começou de fato, como alguns sustentam?

- Há muitos anos, meu filho. Desde o final da Segunda Grande Guerra que o exílio se intensificou. Milhões de almas rebeldes reencarnaram na Terra antes da guerra, para terem sua última oportunidade, e aquelas que reincidiram no mesmo erro, e que se demonstraram ainda rebeldes, com grande capacidade de aterrorizar, destruir, matar com requintes de perversidade, torturar, e tudo o mais, como os alemães e os japoneses fizeram, ao deixarem o corpo de carne não mais voltaram a nascer na Terra. Muitos já partiram do planeta, e aguardam perto da Terra o transporte que os levarão a planeta distante, onde poderão ter novas experiências, que os leve a uma regeneração, ou continuem rebeldes, insubmissos, sendo mandados de um planeta para outro, por séculos e séculos, milênios após milênios, até se cansarem...um dia todos cansam...

- Que perspectiva assustadora, mestre. Quanta rebeldia! Quanto orgulho, quanta vaidade! Meu Deus!

- É, meu filho. Mas o Pai não tem pressa, e aguarda o retorno de todos ao bem...

- E o que podemos nós encarnados fazer para afastar esses rebeldes da Terra? – perguntei.

- Mudar a vibração do planeta, mudando a vibração individual de cada um, mudar a alimentação, os pensamentos, as emoções, os sentimentos, as atitudes, libertando-se dos apegos e dos desejos de coisas que não fazem bem ao corpo e ao espírito...

- E isso afastaria esses rebeldes do planeta?

- Sim, Beto. O mal não existe apenas na mente e nas atitudes desses seres que comandam as forças do mal. Não, meu filho. O mal está dentro de todos nós. Todos nós ainda temos nosso lado sombra. Ainda temos desejos e pensamentos maus.

Temos sentimentos ainda ruins muitas vezes. Ainda pensamos em vingança, e buscamos a sua concretização. Odiamos e desejamos o mal. Ainda somos vaidosos e orgulhosos. Egoístas e avarentos. Ambiciosos, ainda buscamos avidamente pelo poder temporal na Terra. Não entram ratos e baratas em casa limpa. Somente a sujeira atrai esses seres acostumados à sujeira e ao lixo. Assim é também no que diz respeito ao espírito. As sujeiras de nossa mente, os maus pensamentos, os desejos maus, os maus sentimentos, o ódio, a vingança, etc, tudo isso atrai para perto de nós os maus espíritos, e permitem que eles atuem sobre nós, quando encarnados. Somente existe influência espiritual nociva e ostensiva porque os encarnados permitem, dão acesso, com seus desajustes internos, mentais e sentimentais. Ninguém verdadeiramente equilibrado, bom, puro, sofre influência nociva, nem é alvo de dominação por parte de seres das trevas.

- Então, mestre, é a pessoa mesma quem atrai e permite a obsessão, e toda forma de influência negativa espiritual?

- Sempre! Sempre! Sempre! – disse Sana Khan com veemência.

- Então o que podemos fazer é mudar...

- Sim, - disse o mestre, e completou - mudar o padrão mental. Mudar os pensamentos, as emoções, os sentimentos. Boa leitura, bons filmes, boas conversas, boas atitudes. Otimismo, boa vontade, gentileza, amorosidade, carinho, afeto, amor pelo próximo. É isso o que nos leva para cima, e nos torna verdadeiramente imunes ao assédio e aos ataques dos seres das sombras...

- Então a solução para os nossos problemas está em nossas próprias mãos...

- Claro! – disse Sana Khan – Onde mais estaria? Se cada um buscar o seu equilíbrio interior, a sua paz, a sua saúde mental e espiritual, a psicofera do planeta, que é o seu campo energético, mudará, e isso não mais permitirá a atuação dos seres das trevas, e eles então serão deportados, e de fato muitos já foram, e muitos estão sendo gradativamente deportados.

- A mudança vai ser lenta e gradual, então? – perguntei.

- Sim, meu filho. Não existe mudança brusca e violenta no universo. A natureza não dá saltos, como sempre dizemos. A evolução é uma escada, que deve ser subida degrau por degrau, para que não haja queda.

- Que conselho, mestre, o senhor dá aos encarnados?

- Que todos busquem se reconhecer como espíritos que são, e não apenas como corpos de carne e sangue que morrerão brevemente. Isso lhes dará uma nova perspectiva, uma nova ótica, e fará com que se amem mais. Trabalhem para se livrar do egoísmo exacerbado que ainda predomina no mundo. Libertem-se do orgulho e da vaidade, não odeiem, não guardem magoa nem ressentimento, nem rancor. Perdoem sempre. Não busquem, nem sequer pensem em vingança, pois essa é sempre uma porta para o inferno. Ajudem, auxiliem, construam, restaurem. Transformem-se em seres de luz, do bem, da paz. Não se preocupem com o vizinho do lado. Vivam a vida sempre com alegria, com bom humor, com vontade de viver, de acertar, de criar. Deem sem esperar receber de volta. Tenham compaixão sempre, e com todos os seres. Amar, amar, amar!

- Mestre, só para finalizar, devemos amar também os nossos irmãos que vivem no crime, encarnados e desencarnados? Amar os líderes das sombras?

- Claro! Não devemos esquecer que eles também são nossos irmãos, pois também são filhos de Deus! Não há ser algum no universo que não tenha sido criado por Deus! Amar também nossos irmãos rebeldes, e orar por eles, para ver se ainda conseguimos recuperar alguns de nossos antigos companheiros antes da etapa final do grande e completo exílio, da grande deportação que se aproxima.

- Oro diariamente por um desses líderes, antigo companheiro do Egito, que ainda não me perdoou por algo que lhe fiz no passado, e que ainda me persegue...queria tanto ver a sua transformação, saindo das sombras e vindo para a luz, como eu fiz no passado...isso me alegraria muito...

- Continui orando...tudo é possível...às vezes, meu filho, água mole realmente batendo insistentemente na pedra dura acaba amolecendo a pedra...e ela cede...quem sabe...não custa nada tentar, não é mesmo?

- Sim, mestre. Vou continuar tentando! Mal não lhe faz. Nem a mim. Já não mais lhe chamo de mago negro, como no passado. Hoje eu penso nele como “meu velho amigo egípcio”...com carinho...mesmo sabendo que ele ainda trama sem cessar contra mim...para me ver cair, e voltar para o seu lado, para a sua organização...

- Não se preocupe...não cai uma folha de uma árvore sem que Deus saiba e permita...continui seu caminho de transformação, e de trabalho...atitudes, mais do que simples orações...vá em frente com coragem...faça o que tiver que ser feito, sempre pelo bem das pessoas, e enquanto estiver trabalhando para o bem verdadeiro estará sob nossa proteção...como os três mosqueteiros, como uma vez um vidente lhe disse...lembra disso?

- Lembro, mestre, foi Carlos Petrovick, em 1978. Meu irmão Jorge me gozou por isso durante anos, dizendo que eu era protegido...

- Mas só tem proteção quem trabalha! Digo proteção especial!

- Vou tentar me manter trabalhando sempre, até o fim da vida...

- Faça isso. Não se arrependerá!

- Mestre, muito obrigado por nossa conversa. Vou voltar para casa. O corpo já me chama...

- Vá, meu filho. Foi boa a nossa conversa. Em breve quero lhe mostrar uma coisa interessante...

- O que é, mestre?

- Não quero adiantar...

- Puxa, mestre, o senhor despertou a minha curiosidade e agora me frustra... – disse eu sorrindo.

- Assim, procure se manter equilibrado para nos encontrarmos logo...

- Está certo, mestre. Até outro dia, então.

- Até breve, meu filho.

Despedimo-nos e eu me concentrei em minha casa, e logo deixei de ver aquele lugar escuro e sombrio, cenário de filmes de terror, e cheguei em casa, meu reduto de paz, meu lar, meu porto seguro.

Muita paz.

Capítulo 19

Três dias depois, Sana Khan veio me pegar para mais uma experiência importante para o meu aprendizado.

Ajudou-me a sair do corpo e me levou até uma zona sombria, muito abaixo da crosta da Terra, e fomos até uma instalação utilizada pelos trabalhadores do bem, usada para a condensação e descondensação do corpo astral, a depender da situação.

Muitas vezes um espírito mais evoluído, que tem seu corpo espiritual muito sutil, quer descer e se fazer visível em zonas inferiores, e então precisa condensar seu corpo energético. Outras vezes, é preciso descondensar o corpo espiritual, para ficar invisível para os seres que habitam as zonas mais baixas do mundo espiritual.

No nosso caso, segundo Sana Khan, precisávamos descondensar, principalmente eu, o corpo astral, para que descêssemos a zona inferior e não fôssemos vistos. Ele queria a invisibilidade total para nós, para fazermos observações junto a seres voltados para o mal.

Entramos na instalação, que mais parecia um centro de pesquisa, cheio de aparelhos e cientistas.

Havia várias salas. E Sana Khan se dirigiu ao chefe do centro e disse a ele:

- Como vai, meu amigo?

- Vou bem, mestre. E o senhor? A que devo a honra de vossa visita a estas regiões tão baixas, de energias tão desagradáveis?

- Vim trazer meu pupilo, Luiz, - e me apresentou ao chefe – que vai fazer observações na reunião marcada para hoje entre líderes de uma organização rival à organização dos dragões.

- Tudo bem. O senhor aqui manda, mestre. Quando quer começar a sututilização do corpo?

- Já! – respondeu Sana Khan.

- Então me sigam. – disse o homem, de meia-idade, cabelos lisos pretos, e ar tranquilo, sereno, porém de olhar penetrante.

- Vamos, Beto. – disse-me o mestre – Não temos tempo a perder, ou nos atrasaremos para a reunião tão esperada.

- Vamos, mestre, o senhor manda.

Seguimos o homem, que estava de jaleco branco, como um cientista encarnado, e passamos por longo corredor, que levava até uma grande sala cheia de aparelhos.

- Aqui é a sala de descondensação de energia. Esses aparelhos emitem uma radiação capaz de afastar um pouco as moléculas do corpo espiritual. – disse o cientista.

- E isso não causa nenhum dano ao nosso corpo? – perguntei.

- Não, meu amigo, - disse ele – esse afastamento pode ser desfeito, pode ser revertido, e tudo então voltará ao normal quando vocês retornarem.

- E um espírito muito avançado também precisa passar por esse processo para ficar invisível nessa região? – perguntei, para matar a minha curiosidade.

- Não, amigo, - disse o cientista – quem já está muito evoluído já está naturalmente invisível para aqueles que vivem mais condensados nesta zona mais material.

- Vamos, Alberto, - disse Sana Khan – temos pressa. Falta pouco para a reunião.

- Ok, mestre. Vamos lá. Entrem naquela capsula ali. Podem entrar os dois de uma só vez, pois vão ficar com o mesmo grau de condensação.

Entramos na capsula, que dava para quatro pessoas, conforme aquilatei, pelo seu tamanho.

Havia componentes que não sei o que eram, nem posso descrever, pois nunca vi nada parecido na Terra.

- Vou ligar o emissor de ondas... – disse o cientista.

- Pode ligar. Estamos pronto. – disse o mestre.

Ouvimos em seguida um som parecido com um zumbido, que me lembrou um pouco o som que se ouve dentro do tubo de ressonância magnética. Deve ser algo magnético, pensei.

Depois de alguns minutos ouvindo aquele som, o cientista falou;

- Pronto, podem sair.

- Você está nos vendo? – perguntei a ele.

- Estou...

- E como é que os de lá de fora não vão nos ver?

- É que eu não estou muito denso também. Eles não me veriam, se eu fosse até eles. Na verdade, a diferença de condensação entre eu e vocês agora não é muito grande. E quando a diferença não é muito grande podemos ver uns aos outros. Mas os que estão mais condensados, como os seres que você verá em poucos minutos, não verão vocês.

- Interessante! – disse a ele.

- Realmente. – concordou o cientista – Na Terra ainda estamos longe de conseguir isso!

- Vamos andando, meu filho, ou não pegaremos o início da reunião.

- Vamos, mestre.

- Muito obrigado, Alberto. – disse Sana Khan - Na volta passaremos por aqui para a reversão molecular.

- Ok, mestre. Aguardo vocês. Até breve, e boa observação.

Sáimos da sala de condensação, seguimos pelo mesmo corredor por onde lá chegamos, e fomos até a porta de saída do centro, onde um guarda sorridente nos cumprimentou, abriu a porta e disse:

- Boa sorte, mestre. Até a volta.

- Obrigado. – disse Sana Khan.

- Obrigado, amigo. – falei também.

Saimos do centro. Seguimos por uma estrada de terra por mais de um quilômetro, creio. E então chegamos até uma rocha, onde Sana Khan apalpou em um lugar onde não vi nada diferente, e, para minha surpresa, abriu-se uma porta redonda, suficiente para passarmos sem termos que nos apertar nem nos abaixar muito.

Entramos pela porta. Não falava nada. Só seguia o mestre, que sabia o que estava fazendo. Ele já conhecia o lugar, a passagem secreta, deduzi.

Depois de uns minutos caminhando em ligeiro declive, começamos a ouvir vozes, e Sana Khan fez sinal de silêncio. E falou baixinho:

- Apenas observe. Não fique emitindo pensamentos. Alguns dos dragões são mais sensíveis, e podem sentir a nossa presença, se ficarmos muito emocionados, e então deixarão de falar tudo o que pensam, o que pretendem, e não exporão integralmente seus planos.

- Está bem, mestre. – disse eu.

Andamos mais alguns metros e chegamos até outra porta, que foi aberta pelo mestre, lentamente, e então tive uma visão impressionante.

Havia um imenso salão, como aqueles dos grandes centros de convenções. E havia certamente mais de mil pessoas ali.

Havia cadeiras muito bem arrumadas, como em qualquer auditório moderno. E lá na frente havia uma parte alta, com uma grande mesa, onde estavam sentados dez homens, todos vestidos de preto. Mas eles usavam capas vermelhas também, sobre a roupa preta.

No auditório, já sentados, havia homens e mulheres, mas a esmagadora maioria era composta de homens.

Nós havíamos saído exatamente no fundo do auditório, e por isso tínhamos uma visão do conjunto todo, podendo ver todas as pessoas presentes, sem sermos vistos. Isso era tranquilizador.

Havia muita gente vestida de vermelho no auditório, e também de preto. Essas eram as duas cores predominantes, talvez exclusivas. Não vi ninguém trajando vestimenta de outra cor. Eram fardas, nas duas cores. Talvez tenha a ver com a hierarquia deles dentro da organização.

As pessoas conversavam. Poucos sorriam. A maioria era séria, carrancuda, mal encarada. Isso criava um clima pesado, inamistoso, pelo menos para mim, que estou acostumado a ver gente sorrindo.

De repente tocou uma sineta, e todos fizeram silêncio solene.

Vi que adentravam por uma porta lateral, em relação à mesa comprida no alto, alguns homens, todos de preto. Usavam todos eles uma farda que mais se parecia com a farda da SS nazista, da Segunda Guerra Mundial.

Todos no auditório ficaram de pé. Havia muito respeito de todos, pelo que pude ver, em relação aos que estavam chegando.

Os novos homens que acabavam de chegar se sentaram, e em seguida, pela porta do outro lado, oposto, entrou mais um homem, vestido também de preto, mas com uma farda um pouco diferente. E sentou-se na cadeira a ele reservada, pelo que pude observar, no meio exato da mesa comprida. Parecia ser um líder máximo, ou pelo menos o mais graduado de uma organização naquele momento presente.

Sana Khan fez sinal para que eu o seguisse. Descemos um pequeno batente que havia abaixo da porta por onde chegamos até o fundo daquele auditório e seguimos até a última fila de cadeiras, que estava vazia.

Entendi, então, que o mestre queria chegar mais perto, e se sentar nas cadeiras no auditório, pois não seríamos notados, e veríamos as coisas de forma melhor, já que estávamos ali em observação.

Novamente tocou uma espécie de sineta, e em total silêncio adentraram alguns homens mais jovens segurando estandartes e bandeiras.

Fiquei surpreso ao identificar as bandeiras, todas vermelhas, e os estandartes eram semelhantes aos utilizados tanto pelos romanos antigos quanto pelos nazistas, mais recentes.

Vi que no fundo, atrás da mesa das autoridades, havia uma grande águia prateada, de asas abertas, muito parecida também com a águia dos estandartes romanos e nazistas.

Percebi enorme semelhança entre os símbolos ali presentes e os símbolos que usavam os romanos e os nazistas. E vi também a semelhança na farda preta, que lembrava em muito a farda da SS nazista, criada por Hitler.

O homem que parecia ser o líder da organização, ou pelo menos o mais graduado ali naquele momento, levantou-se, com um microfone sem fio na mão, muito parecido com o que temos na Terra, e começou a falar, de forma que lá no fundo podíamos ouvir clara e nitidamente.

Sua voz tinha um timbre tenebroso, meio assustador. Lembrava a voz de alguns personagens de filmes de terror. Uma voz meio cadavérica.

- Membros da Ordem da Águia, - começou ele dizendo, em saudação aos demais ali presentes – é uma honra para mim, e com imensa satisfação que recebo e vejo todos vocês aqui hoje, neste momento.

Silêncio absoluto no auditório.

- Convoquei esta reunião para uma retrospectiva de nossa atuação neste planeta. Preparei um pequeno vídeo que quero que todos assistam, resumindo nosso trabalho de ontem, e nossos planos para o futuro.

A atenção era total. Não via sequer as pessoas piscarem os olhos. Pareciam hipnotizados pela voz daquela figura imponente lá na frente.

- Nossa ordem foi criada há muitos séculos, devido a uma ruptura entre alguns dragões que integravam a Ordem dos Dragões. Infelizmente não conseguimos a conciliação de interesses que eram discordantes, bem como a forma de ver as coisas, as estratégias, os planos. Por isso rompemos com a Ordem dos Dragões, e fundamos nossa própria ordem, à qual todos vocês hoje fazem parte.

Olhei para Sana Khan, mas em silêncio, e ele me tranquilizou com o olhar sereno. Fiquei calmo, e continuei olhando, observando, e ouvindo com atenção.

- A fundação de nossa ordem, a Ordem da Águia, se deu em Roma, onde vários de nós, hoje líderes maiores da ordem, estávamos vivendo fisicamente. Adotamos o símbolo da águia como sinal de caçadores, de um olhar de caçador, destemido, pronto a dar o bote depois de observar longamente o movimento da presa escolhida. Liguem o projetor para começar o filme.

Vi que iniciou a projeção de um filme na tela que ficava atrás da mesa, e então todos os que nela estavam se viraram um pouco, movendo suas cadeiras, para verem melhor as imagens projetadas.

Iniciou-se, então, a exibição de um filme que mostrava cenas de filmes feitos na Terra, mostrando os símbolos romanos. Destacava-se a águia romana, os estandartes com uma pequena águia na ponta de uma lança, e via capas vermelhas nos soldados.

- Adotamos a capa vermelha, para nos diferenciarmos da capa preta utilizada pelos dragões. E nossas bandeiras então passaram a usar a cor vermelha. Nossos tapetes eram vermelhos. Essa era a nossa cor favorita, pois representava o sangue. O sangue que corria em nossas veias, e também o sangue de nossas presas. Sempre mantivemos, até hoje, a bandeira vermelha, e a águia com símbolos. Além disso, criamos a nossa própria saudação, elevando o braço direito, para saudarmos o nosso imperador, o famoso “Ave César”. Mantivemos o mesmo movimento de braço para saudar o líder alemão depois, o conhecido “Hein Hitler”.

Enquanto o homem falava, o filme ia mostrando cenas de filmes mostrando exatamente tudo o que ele dizia. Ele na verdade ia seguindo as imagens e comentando.

- Dominamos boa parte da Terra por mil anos. Estivemos muito pertos de tomar o planeta inteiro. Mas a desunião de alguns líderes, a imensa extensão do império romano, e alguns rebeldes bárbaros comprometeram nossos planos, e acabamos então dividindo o império romano, e mais enfraquecido ele terminou ruindo, sucumbindo sob a invasão bárbara. Mas não desistimos de nosso intento de dominar o mundo. Preparamo-nos para nova investida. E aos poucos fomos ingressando na Igreja Católica Apostólica Romana, e fomos dominando sua organização. Impusemos a cor vermelha, seja no traje, no chapéu, nos tapetes, exatamente como os romanos faziam antes. E instituímos a Santa Inquisição, para afastar qualquer possibilidade de que pensadores, cientistas, escritores, magos e feiticeiros passassem para a humanidade conhecimentos que levassem as pessoas a verem que são espíritos imortais, que sobreviverão à morte, porque isso abriria a mente das pessoas, e elas então iriam contestar as nossas orientações, as orientações da Igreja, e com isso perderíamos o poder temporal. Nos impusemos, a ferro e fogo.

Tudo isso ia aparecendo na tela grande ao fundo, dando um impacto maior às suas palavras.

- Conseguimos dominar com nossas ideias, espalhamos o nosso evangelho pelos quatro cantos do mundo, da nossa maneira, sendo os senhores da verdade. Mas depois vieram alguns malditos na era que foi conhecida como Renascimento, abrindo mentes, trazendo novas ideias, e a igreja foi aos poucos perdendo a sua força política, e hoje quase nenhuma influência exerce mais no mundo. Mas não perdemos tempo. Preparamos um grande plano de dominação mundial. Investimos na revolução comunista na Rússia, sob o comando de um dos nossos, com a nossa bandeira vermelha, nossos tapetes vermelhos, e mais ao sul investimos no nazismo na Alemanha, também sob a bandeira vermelha, o símbolo da Águia, como nos tempos dos romanos, com os mesmos estandartes, a mesma saudação para nos

reconhecemos, porém logo nossos homens no comando das duas potências começaram a se desentender. Nossos planos eram de avanço das duas frentes, russa e alemã, tomando toda a Europa, unidas, e depois haveria fusão das duas, formando um só império, com um só líder, mas os dois líderes eram vaidosos demais, e não aguentaram esperar, e precipitaram uma guerra entre eles, tendo o alemão tomado a dianteira no ataque, e isso atrapalhou nossos planos para a Alemanha. A invasão da Rússia comprometeu tropas e suprimentos, e isso redundou em fiasco militar, e a queda na moral dos soldados comprometeu ainda mais nossos planos, e então a Alemanha começou a ser derrotada, até cair totalmente.

Passava nesse momento na tela cenas da luta na Rússia, em Leningrado e Stalingrado, e depois a invasão da Alemanha. E por fim a morte de Hitler e a rendição alemã.

- Derrotada a Alemanha, e destruída, - continuou o homem – só nos restava investir agora na Rússia, que vencera a guerra, juntamente com os Estados Unidos, e saiu, por isso, grandemente fortalecida. E então nossas bandeiras vermelhas saíram a dominar o mundo, e quase conseguimos. Tomamos boa parte da Europa, sem qualquer resistência dos Aliados, sobretudo dos americanos. Nossas bandeiras e nossas ideias tomaram a China, o Vietnã, a Coreia, parte da Alemanha, a Polônia, Cuba e outros pontos do planeta. Influenciamos os jovens de todo o mundo com nossas ideias comunistas, passando a ideia de que construiríamos um mundo melhor, mais justo, mas único, sob uma só bandeira. Porém isso não pegou. Os americanos nos combateram sem tréguas, e nossa bandeira vermelha hoje tremula bem menos, mas ainda não jogamos a toalha.

As pessoas ouviam tudo meio hipnotizadas, sem raciocinar, aceitando tudo, pelo balançar da cabeça, como verdade incontestável.

- Não achamos mais, hoje, que vamos dominar o mundo militarmente, como tentamos no passado. O comunismo já perdeu quase toda a sua força. A China, maior país hoje ainda comunista, já está cada dia mais capitalista. A Coreia do Norte está falida, e vai acabar cedendo às pressões internacionais em troca de comida, petróleo, remédio e outras coisas. Cuba foi um fiasco. Nunca sequer se sustentou. Foi só um sonho de jovens, mas que não deu certo. Então, mudamos nossa estratégia de atuação na Terra, para dominarmos o mundo de outra forma.

Olhei para Sana Khan, e ele sorriu para mim, tranquilizando-me

- Vamos parar de gastar nossa energia em tentar dominar o mundo pela força. – disse o palestrante – Não adianta seguir nessa estratégia. Vamos investir cada vez mais na desmoralização de todas as religiões, todas as seitas, todas as filosofias espiritualistas, infiltrando nossa gente nesses meios, e pervertendo cada ordem, cada centro, cada templo, cada igreja, casa culta, até as pessoas ficarem descrentes de tudo. E também vamos ao mesmo tempo intensificar a propaganda dos prazeres físicos. Sexo principalmente, por que já ficou claro faz tempo que o que as pessoas mais gostam é de sexo. Cada vez mais sexo, de todas as formas, depravação geral, essa a ordem geral. Televisão, cinema, revistas, internet, tudo vai ser infiltrado, e bombardeado incessantemente, até as pessoas respirarem sexo. Além disso, bebida. Mostrar o prazer da bebida, das drogas, incentivar o tráfico, o cultivo, a fabricação e

o consumo geral de drogas. Muita propaganda de bebida na televisão, em todo o mundo. Sexo até nas bancas de revistas, para as crianças e adolescentes se acostumarem com as imagens da nudez, e despertarem cada vez mais cedo para o sexo, pois então será mais fácil a dominação já na adolescência. As pessoas devem perder por completo a crença na vida após a morte, e procurar apenas o prazer que a única vida pode lhes proporcionar. E então fica mais fácil a nossa influência e o nosso domínio.

Fiquei frio. Boca aberta. Quase nem respirava ao ouvir aquilo.

Sana Khan ouvia tudo muito tranquilo, sereno, como se fosse apenas um filme de ficção. E isso me acalmou um pouco.

- Além de tudo isso, - continuava o homem – vamos nos infiltrar na política mundial. Vamos tomar a ONU. Vamos nos infiltrar na ONU, pois lá é o centro político do planeta, onde as grandes decisões são tomadas. Quase tudo hoje passa por lá. Vamos influenciar a ONU. Assim, tendo em nossas mãos os maiores líderes políticos do mundo, estaremos operando nas grandes decisões, e quem sabe decidindo sobre o início de guerras, autorizando invasões, como a do Iraque em 2003, a do Irã, acabando com a credibilidade da ONU, até as pessoas não mais confiarem em ninguém, e então nós apareceremos como a salvação, como o salvador, e todos se ajoelharão aos meus pés, e vocês estarão ao meu lado, como meus fiéis soldados, a dominar o mundo...

O homem terminou, com os braços estendidos para o alto, em cena patética, mas assustadora, e todos se levantaram e o aplaudiram de pé demoradamente.

Sana Khan me chamou, fazendo gesto sutil, e nos levantamos e nos dirigimos para a porta no fundo do auditório, por onde entramos.

Seguimos pelo mesmo túnel por onde entramos, e caminhamos até a porta de entrada, na rocha exterior, e saímos, seguindo de volta para o centro de condensação de energia.

Nada falamos por longos minutos. E então Sana Khan me disse:

- Meu filho, não fique impressionado com o que viu e ouviu lá dentro. Nem tudo o que ele disse é verdade, e nem tudo o que planeja será alcançado. Basta lembrar o fim e a queda do glorioso Império Romano, que mesmo tendo durado mil anos caiu, não é mesmo? E a União Soviética? Poderosa! Esfacelou-se! E a Alemanha nazista? O Império Alemão, que deveria durar mil anos, segundos os sonhos loucos de Hitler, não durou nem dez anos. Caiu. A China está se abrindo. A Coreia vai ruir. Todos os países vão se abrir, vão se tornar democracias. E as democracias geralmente não fazem guerra. As ditaduras é que normalmente iniciam as guerras. Nem tudo o que esse irmão, em seu sonho megalomaniaco deseja e planeja vai se concretizar. Mas é preciso estar atento, para alertar as pessoas para as estratégias deles. Alertar para a questão do sexo desvairado e pervertido, as drogas, a bebida, a falta de religiosidade, a descrença em todas as religiões, e outras coisas que ele falou. Muita coisa é verdade. Mas não significa que são eles fazendo tudo isso acontecer. São as pessoas mesmo, com suas atitudes, sua falta de fé, sua descrença, seus apegos, seus desejos desenfreios, seus sonhos tresloucados, sua ambição de poder, sua usura e caça ao tesouro constante, sua infantilidade geral. É a própria

imaturidade do ser humano, dos espíritos aqui encarnados neste planeta que permite toda a influência desses irmãos infelizes que buscam avidamente o poder, acima de tudo...

- Mestre. Isso é meio assustador.

- Não para mim, meu filho. Ouço tudo com atenção, processo mentalmente, procuro ver os pontos verdadeiros, para agirmos nos momentos certos e nos lugares certos para contrabalançar a influência deles, que é real, mas não me amedronta, nem me sinto intimidado. E é assim que você deve se sentir e agir, meu filho.

- Está certo, mestre, vou tentar fazer isso.

Adentramos o centro de condensação de energia e passamos por um processo que aproximou mais as nossas moléculas do corpo astral, para voltar à superfície do planeta, e então eu voltei ao meu corpo mais denso, e Sana Khan partiu para dimensão mais sutil, prometendo em breve me encontrar para mais ensinamentos.

Muita paz.

Capítulo 20

O novo ano se iniciou, 2010, estando eu com minha família no mundo da fantasia, em Orlando, Estados Unidos, em meio a vários parques de diversão, onde atrações fantásticas nos são oferecidas.

Cinema 3D e 4D, com imagem holográfica, interatividade entre pessoas, imagens, com movimento dos carrinhos em trilhos, coisas maravilhosas que só existem lá.

Um universo de cores, sons, movimentos, tudo a criar muita ilusão nos sentidos físicos. Saímos mesmo da realidade.

Em meio a tudo aquilo, refletia sobre a ilusão dos sentidos, e sobre o universo ilusório no qual vivemos. O universo de maya.

Então, ao retornar ao Brasil, tive vontade de ver Sana Khan para falarmos sobre isso.

Uma noite, após me preparar muito interiormente, e depois de ter feito refeição leve e bem cedo, consegui sair do corpo consciente, e fui ter com o mestre querido, tendo encontrado ele no topo do mundo, no Monte Evereste, um de seus lugares favoritos.

- Mestre, - disse eu a ele quando cheguei lá, encontrando-o sentado no gelo eterno – como vai?

- Vou bem, meu filho, e você?

- Bem, também. O senhor gosta mesmo deste lugar... – disse eu sorrindo.

- É verdade...realmente gosto...aqui estou acima das cidades, das civilizações, da correria dos homens, dos negócios, das ilusões dos sentidos físicos...

- Mestre, é sobre isso que vim conversar hoje...que coincidência...

- Não há coincidência alguma, Beto, captei seus pensamentos nos últimos dias, e ao perceber que viria hoje me procurar vim para cá, sabendo que aqui me encontraria...e já sabia sobre o que falaríamos...

- O senhor sempre sabe o que estou pensando, não é mesmo?

- Nem sempre... – disse Sana Khan rindo.

- Normalmente sabe meus pensamentos, minhas inquietações, minhas preocupações, meus dilemas, minhas angústias...

- É que temos uma relação muito próxima, muito íntima, como de pai e filho, e muita afinidade. Preocupo-me com você, no bom sentido, e estou sempre irradiando pensamentos para você, tentando ajudá-lo.

- E eu sinto isso, mestre. Isso me dá confiança...

- Beto... – falou Sana Khan pausadamente – preciso falar sobre algumas coisas com você...

- E eu sou todo ouvidos, mestre... – disse eu sorrindo, usando uma expressão muito antiga.

- Você já ouviu falar de maya, não ouviu?

- A moça da novela da Globo? – perguntei sorrindo, brincando com o mestre.

Sana Khan também riu da brincadeira, pois é sempre bem humorado, e tem grande senso de humor.

- Você sabia que o nome dela é exatamente o nome maya, do sânscrito, e que quer dizer ilusão?

- Sim, sabia. Na novela isso foi explicado. O nome da moça era ilusão.

- Os sábios hindus antigos perceberam ao longo de muitos anos de meditação, reflexão, análise, observação e vivência neste mundo que ele é um imenso paraíso de ilusão, como a Disney, onde você já esteve duas vezes, uma recentemente. – disse Sana Khan.

- E realmente os parques causam muita ilusão, para divertir as pessoas... – disse ao mestre.

- Exatamente isso, meu filho. Para divertir as pessoas. O mundo de maya, o universo de maya, gera muita ilusão, permitindo que as pessoas se divirtam, e fiquem presas às ilusões, sem perceberem, no entanto, que estão apenas se divertindo, e que tudo é apenas ilusão. Na Disney você sabe que tudo é apenas ilusão, aparência, formas, cores, sons, espetáculo, para divertir. Mas na vida real, as pessoas não percebem, não se dão conta, de que estão envolvidas na ilusão. E a ilusão não é apenas dos sentidos, como acontece na Disney. No mundo de maya a ilusão é maior, e vai mais além. É ilusão da mente, e ilusão da percepção, e do entendimento, fazendo com que as pessoas achem que estão realmente vivendo coisas e que elas são a realidade verdadeira, quando muita coisa vivenciada é apenas passageira, mutante, impermanência...

- Mestre, às vezes tenho essa percepção, mas às vezes me sinto também vivendo nessa fantástica fábrica de ilusões como se a vida fosse apenas um filme...

- De algum modo, ela é... disse Sana Khan rindo.

- Quando eu tinha 17 anos, - disse eu - ficava filosofando com um irmão mais novo que eu, Jorge, meu grande companheiro de filosofia na época, que despertou junto comigo, que acompanhou todas as minhas fases evolutivas na filosofia e nos estudos, e eu, que na época fazia o que chamava de controle de sonho, escolhendo cada noite com o que sonharia, e sonhava mesmo com aquilo, costuma me perguntar, e perguntava a ele, mas na verdade perguntando ao universo, se não seria o sonho a vida real, e a vida apenas um sonho...eu viajava nessa reflexão... – completei sorrindo.

- Estava acompanhando tudo naquela época, Beto. Sempre acompanhei suas reflexões juvenis, aguardando o momento adequado para aparecer...

- E apareceu mesmo no momento certo, mestre. Depois de muita leitura espiritualista e filosofias variadas, e quando comecei a sair do corpo de forma consciente, digo sem a perda da consciência e lembrando depois da saída. Isso para mim, naquele início, foi muito importante, o que hoje já não é mais.

- Você já sentia de alguma forma aos 17 anos, quando começou seus experimentos juvenis de controle de sonho, que muita coisa pode ser criada pela mente no universo dos sonhos. E que universo é esse? O que são os sonhos? Você desejava sonhar que estava andando de moto, e sonhava. O que era isso? Simplesmente criava a situação no plano chamado astral, no mundo espiritual, que é

muito plástico. Muito pode ser criado lá. Quero dizer, aqui... – Sana Khan riu da inversão.

- Olha a ilusão... – eu disse agora também rindo da situação.

- É, olha a ilusão presente muitas vezes na nossa fala, sem percebermos. Isso é fruto de um grande condicionamento. Observe que você, quando estava encarnado, digo naqueles tempos juvenis, pensava tudo do ponto de vista do plano material, físico. Então o sonho estava relacionado com o outro mundo, que é este onde estamos agora. Assim, o mundo mental parecia ser fruto de sonho, enquanto aquilo que seus sentidos registravam parecia ser a realidade. Entende?

- Sim, mestre. Quando estamos encarnados, os sentidos são a medida de nossa realidade. Aprendemos na Terra que o real é o que nossos sentidos podem perceber. É claro que também os sentidos se enganam, e iludem, como vi agora na Disney. Mas falo de uma ilusão mais constante, do dia a dia, na qual acreditamos ser realidade tudo aquilo que percebemos com os nossos sentidos.

- Isso é um pouco complexo, Beto. – disse Sana Khan, e completou – Quando estamos internados na matéria, ou seja, quando estamos encarnados, esquecemos de onde viemos, quem éramos, e iniciamos a cada vida física uma nova etapa de experiências, criando uma nova personalidade, como um ator que representa em cada peça um personagem diferente, mesmo que alguns deles tenham algumas características semelhantes. O ator é o mesmo, em que pese estar mudando também, pois todos mudam o tempo todo no mundo. Mas basicamente o ator é o mesmo. Contudo, seus personagens são os mais diversos possíveis. Padre em uma peça, guerreiro em outra, sacerdote em outra, depois militar, e então advogado, médico, juiz, e por aí vai, e cada peça é uma nova vivência, uma nova vida, representada pelo ator no palco da vida.

- Mestre, pensava muito nessa perspectiva que o senhor está colocando, de sermos como um ator representando várias peças no palco da vida...

- Eu sei. Pesquei isso de você. Eu estava acompanhando tudo... – falou Sana Khan sorrindo.

- E o palco é mera ilusão...a representação do ator é ilusão...mas ele cresce e amadurece com suas diferentes atuações... – disse eu.

- E é justamente essa a beleza do processo todo, meu filho. – disse Sana Khan – O ator sabe que ele não é o personagem, e que ele está apenas representado papéis. Mas e os encarnados, os espíritos internados na matéria, têm essa consciência? Ou eles simplesmente acham que são os personagens? Quantas pessoas na Terra, estando encarnadas agora, têm plena consciência de que são o ator, um espírito imortal, apenas temporariamente ligado a uma organização biológica, um corpo físico? A maioria, meu filho, a esmagadora maioria mesmo, acha que é o personagem, e está identificada com o personagem, como se ele fosse real, e bem poucos já despertaram da ilusão, e já percebem que são na verdade o ator, que está apenas momentaneamente representando um papel, como tantos outros já representados anteriormente, em outros tempos, em outros corpos.

- É como eu percebo também mestre. Já me dei conta desde cedo, desde os meus 19 anos principalmente, que sou esse ator. Já quis escrever um livro com o

título No Palco da Vida, falando sobre isso, para tentar conscientizar as pessoas de que elas são o ator, não o personagem. Mas isso não é fácil.

- Porque maya ainda é forte. – disse o mestre. – A ilusão ainda domina, e ainda predomina a visão materialista do mundo e do universo. A ciência ainda não avançou para perceber o espírito e suas energias mais sutis, o que ainda vai levar um tempo para acontecer. Então as pessoas continuam identificadas com o corpo, mas com o corpo de carne, como chamam, o corpo físico. Os atores espirituais, internados na matéria, “enlouqueceram”, e acham mesmo que são o personagem. Mas como esse fenômeno é coletivo, ou seja, como a maioria vive esse processo de “loucura”, não percebem que são “loucos”. Um grande grupo de loucos não percebe que são loucos. Só quem tem uma percepção diferente da realidade acha que os outros são loucos. Assim, hoje os “loucos”, modernamente rotulados de esquisofrênicos, são os que percebem uma outra realidade, espiritual, por meio de dons ainda não compreendidos, pela maior sensibilidade, pelos poderes psíquicos, pela mediunidade. Os médiuns hoje são vistos como anormais por muita gente, que os temem. São os modernos “loucos”, por conseguirem “penetrar” no mundo invisível, no mundo espiritual. Os médiuns percebem já um pouquinho dessa outra realidade, e começam a perceber que vivem em mais de um mundo, e em universos paralelos, em um universo multidimensional.

- Isso é difícil de compreender e de aceitar para muita gente ainda... – disse ao mestre.

- Eu sei, meu filho. É maya agindo. A ilusão ainda é muito forte. Maya não é uma pessoa. É apenas uma falsa percepção da realidade. O que é o real para você?

- Para mim, ainda encarnado, - respondi - o mais real, quando estou lá em estado de vigília, é o plano físico, é a matéria.

- É exatamente assim que pensa e percebe o encarnado, o espírito internado na matéria. – disse Sana Khan – A base de toda ilusão é exatamente a falsa percepção que o espírito tem quando está encarnado. O ser encarnado acha que é o corpo, e que a consciência está no cérebro, e que ela é fruto de reações químicas, de sinapses, etc. É assim que a ciência hoje vê a consciência, não é mesmo? Uma perspectiva materialista. E que influencia milhões de pessoas no planeta. Então, condicionadas a pensar dessa forma, e somando-se a isso o fato de o espírito esquecer o passado ao nacer no mundo físico, o ator não se dá conta de que é um ator, e vive a ilusão de ser o personagem.

- É assim que penso e vejo. – falei - As pessoas estão em grande parte vivendo essa ilusão, mestre. Internados na matéria, como o senhor chama, ou encarnados, como costumamos dizer na Terra, estamos presos aos sentidos corporais. Eles comandam tudo. O que os sentidos não percebem não existe. Não é real. Então, o espírito não é real, o mundo espiritual não é real. Assim pensam as pessoas, de um modo geral. E mesmo os que pensam diferente, e que já acreditam na vida após a morte, que acreditam no espírito imortal, etc, ainda estão presos à ilusão de que são o personagem, ainda não se dando conta de que em verdade são um ator em constante evolução e elaboração.

- É isso mesmo, Beto. A ilusão ainda domina. As pessoas quando estão internadas na matéria pensam e agem dentro de uma perspectiva equivocada. Pensam que o mundo material é o real, e que o mundo espiritual é o mundo dos sonhos, da ilusão. Mas na verdade esta dimensão espiritual é que é o real. O ator, o espírito, apenas momentaneamente sobe ao palco, ou desce ao palco, já que o plano físico está mais abaixo em relação ao astral. Sua vida original, seu mundo original, é este, chamado de mundo espiritual. O mundo material, o plano físico, é temporário. A internação na matéria é apenas temporária, e serve a um propósito. Mas as pessoas não percebem isso ainda, e vivem na ilusão de que estão no mundo verdadeiro, o da matéria, e se prendem a ele de todas as formas, e têm muito medo da morte. A morte é ainda uma viagem ao desconhecido para os encarnados. Eles perderam a noção do real. Vivem presos no mundo de maya. Presos às formas, às cores, aos odores, aos sabores, etc. Presos aos sentidos físicos, que são os únicos que eles conhecem. Presos às sensações mais materiais, mais carnisais, como muitos chamam.

- Isso mesmo, mestre. Muita gente ainda está presa aos sentidos físicos. O mundo material ainda é a única realidade para muita gente na Terra.

- A prisão de maya ainda é o comum na Terra. Os espíritos imaturos ainda estão se sentindo matéria, e não percebem que são na verdade espíritos que transcendem o universo da matéria. O espírito vai muito além do mundo material. A consciência não está presa à matéria, apenas está ligada a ela. Falo da consciência enquanto espírito internado na matéria, ou encarnado. Não falo aqui da Consciência Pura, do Absoluto que existe na própria base material do universo, da essência dentro e por trás da aparência.

- Isso é outra coisa. – disse eu, demonstrando que estava entendendo o que o mestre dizia.

- Sim, é diferente. Uma coisa é uma coisa, outra coisa é outra coisa... – falou Sana Khan rindo, usando uma expressão que costumo usar de brincadeira para dar a entender que duas coisas são diferentes.

- Lembre-se do filme Matrix. – disse o mestre – As pessoas foram levadas pelas máquinas inteligentes a dormirem um sono profundo e duradouro, enquanto ficavam conectadas a um mundo ilusório, virtual, criado mesmo para causar ilusão. A Matrix é como maya, e como o mundo material do encarnado. As pessoas estão “dormindo”, mas seus corpos verdadeiros e mais definitivos estão no mundo espiritual, e vivem um longo “sonho” enquanto estão conectados a um corpo físico. O mundo verdadeiro é o mundo espiritual, e o mundo material é a ilusão, mas uma ilusão que visa um aprendizado. A matrix na vida real é o mundo físico. As pessoas precisam ser despertadas para a vida real do espírito. Precisam ser despertadas para a verdadeira vida, que é a do espírito, este sim imortal. Não adianta ficar buscando a fonte da juventude, ou a fonte da imortalidade física, porque isso jamais será alcançado. A verdadeira vida está no mundo que chamam de mundo espiritual, e todas as religiões pregam isso, ainda que não compreendam essa verdade em sua totalidade.

- É uma tarefa hercúlea. Tem muita gente trabalhando nesse sentido no mundo atualmente, mestre.

- Eu sei. E haverá cada vez mais. É hora de acordar as pessoas, como fizeram com o personagem Neo do filme Matrix. As pessoas precisam se dar conta de que estão dormindo um sonho acordadas. Esqueceram sua vida verdadeira ao se internarem na matéria, por não terem maturidade e equilíbrio suficiente para encarnarem tendo plena recordação de seu passado integral, e com isso caíram na ilusão de maya, ficando presos a ela e ao seu universo. As pessoas precisam despertar e perceber que sua condição verdadeira é a de espírito, e que apenas momentaneamente estão conectadas a um corpo de carne, vivenciando a vida física. E precisam dar início ao processo de desconstrução da ilusão, ou seja, começar a retirar o véu de maya que encobre a sua visão espiritual.

- Mestre, há muito trabalho a fazer nesse sentido.

- Sim, meu filho, muito mesmo. Isso não acontecerá em uma década, nem em cinco. Quem sabe cem anos serão necessários para que todas as religiões aceitem essa ideia. E para que a ciência descubra que de fato existem espíritos, e que somos espíritos, e com isso as crianças já passem a ter essa noção na escola. A educação espiritual no futuro será feita na escola, muito mais do que em casa, e de uma forma mais uniforme, como acontece com a educação científica.

- Isso seria extraordinário. – disse empolgado.

- Sim, um dia isso será realidade. Mas você não alcançará isso em sua atual existência física. Quem sabe na próxima? – disse Sana Khan rindo.

- Mestre, muita coisa que nos acontece na Terra, como as guerras e os vícios diversos são fruto da ilusão.

- Sim, são filhos de maya... – disse Sana Khan.

- No dia em que conseguirmos despertar do sono profundo em que nos encontramos conectados ao corpo físico, como Neo do filme Matrix, nossa compreensão da vida e do mundo se alterará completamente. Quando nos sentirmos verdadeiramente espíritos, despertados desse sonho, e sentirmos que nosso mundo real é o espiritual, e não o material, físico, então o ator que somos saberá verdadeiramente que ele é um ator, não mais vivendo como personagem. O ator desperto não agirá loucamente como se fosse um personagem temporário, mas agirá com maturidade, como um ator.

- Isso mesmo, Beto. O ator precisa despertar do seu sonho. Precisa compreender que está na “matrix” física apenas temporariamente, e que não pode viver achando que é o personagem da vez. Precisa despertar da “loucura” da identificação com seu personagem, e enxergar a realidade, de que ele é o ator, o espírito, que tem como mundo real e verdadeiro o mundo espiritual, e que o mundo material é apenas transitório, passageiro, onde, internados na matéria, encarnados, vivem um sonho com ilusão de realidade. Um sonho reencarnatório com vista a um aprendizado, mas que precisa ser vivenciado de forma desperta, de forma lúcida. O ator consciente de que é um ator atua melhor, escolhe melhor seus personagens, e representa melhor seus papéis temporários no palco da vida, que é o mundo material. Mude completamente seu foco de visão, meu filho, tendo como base real o mundo espiritual, que é o original e verdadeiro, e se liberte de maya de uma vez por todas...

- Preciso fazer isso, mestre. Preciso me libertar definitivamente de maya. Não é deixar de viver, mas viver de uma forma diferente. Mudar o foco da vida, e da visão de mundo e de vida. Preciso ver as pessoas como atores, alguns ainda dormindo consciencialmente, como Neo, conectados a um corpo de carne, sonhando um sonho que julgam ser a realidade, na matrix que é o mundo material, enquanto que na verdade o mundo real e verdadeiro, originário, e indestrutível, é o mundo espiritual

- Isso mesmo, meu filho. Mude a sua mente. Redirecione melhor o foco de sua visão mental e consciencial. Viva como um ator desperto, representando um papel temporário no universo de maya sabendo que está apenas representando, mas livre da ilusão. Sem achar que é o personagem, e pensando que o ator nem existe, como fazem aqueles que sequer acreditam na existência do espírito e do mundo espiritual.

- Mestre, essa conversa foi ótima. Tenho pensado muito nisso tudo. Obrigado mais uma vez por seus esclarecimentos e seus ensinamentos.

- Não fui obrigado... – disse Sana Khan sorrindo como sempre. – Meu filho, você não imagina, não faz mesmo ideia de como me alegro em vê-lo crescendo, amadurecendo, despertando. Minha grande alegria será ver você se libertando definitivamente de maya, em todos os sentidos da sua vida...caminhe nessa direção...liberte-se de todas as formas de ilusão...tudo muda...toda forma se degrada...tudo se modifica...os corpos envelhecem...a pele enruguece...os cabelos embranquecem...o coração amolece...a visão enlarguece...

- Mestre, não conhecia esse seu lado meio poeta... – disse eu rindo.

- Também já fui poeta em uma vida, e de vez em quando isso me vem à tona... – disse Sana Khan rindo também.

- Obrigado, mestre. Espero vê-lo em breve para mais uma reflexão...

- Estarei sempre à sua disposição para ajudá-lo a crescer, Beto. Vá para casa em paz. E que o Criador ilumine seus caminhos, dando-lhe paz, alegria de viver, saúde física e mental para levar a sua vida a um bom termo, e cumprir a sua missão nessa atual peça que representa no palco da vida...seja um ator cada vez melhor...una todo o potencial conquistado ao longo de tantas e tantas vidas, tantas e tantas peças representadas ao longo de sua trajetória evolutiva, e seja acima de tudo feliz, e ajude os outros a se tornarem felizes também...só vale viver sendo feliz...não importa os problemas que lhe aflijam, seja feliz, sinta-se feliz...sorria sempre...ajude...coopere...ame...acolha...abraçe...sinta-se o próprio Absoluto abraçando Ele mesmo quando abraçar cada filho Dele...do menor até o maior dos seres...tudo é apenas emanção, expressão, criação do Absoluto...somos Ele vivendo em seu próprio Universo...experimentando, sofrendo, chorando, mas também sorrindo, amando...vá em paz...vá com o coração cheio de alegria e de amor...e com a mente iluminada...muita paz...

- Muita paz, mestre...até um dia...

Capítulo 21

Alguns dias após nosso último encontro, novamente fui buscar o mestre para mais uma conversa, tendo eu ainda mais algumas coisas para esclarecer com ele.

Saí do corpo depois de longo tempo deitado na cama, insistindo para sair e lembrar depois.

Concentrei-me no Everest, onde ultimamente temos nos encontrado, por ser um lugar que ambos gostamos muito. A paisagem lá em cima é muito bela, o silêncio, o sossego, a vastidão de montanhas à nossa frente nos convida sempre à reflexão.

Logo cheguei lá, e encontrei Sana Khan sentado no gelo, bem no topo da montanha, a meditar.

Aproximei-me e falei:

- Mestre...

Ele calmamente abriu os olhos e se voltou para mim, dizendo:

- Olá, Beto. Como está?

- Bem, mestre, e o senhor?

- Vou bem...

- Vim para mais uma conversa como aquela última.

- Será para mim um imenso prazer, meu filho, como sempre. – disse Sana Khan.

- E para mim também, mestre. Adoro nossas conversas. Como elas me esclarecem...

- Sobre o quê gostaria de falar hoje, meu filho?

- Sobre projeção astral e a inversão do foco da mente...

- Está certo. Então vamos lá...comece... – disse Sana Khan esboçando um leve sorriso no rosto.

- Mestre, tenho refletido muito sobre a projeção astral, porque tenho participado ativamente de uma comunidade no orkut que discute o assunto, chamada Aventuras Além do Corpo, e sou muito provocado e provoço reflexões que envolvem esse tema, sobretudo pelos amigos virtuais Alex, Guilherme, Júlio, Beraldo, Consciência e outros. Estamos sempre debatendo tranquilamente, e em alto nível, as questões da rememoração ou recordação das experiências fora do corpo quando a ele retornamos.

- E o que mais lhe intriga nisso tudo? – perguntou o mestre.

- O fato de não lembrarmos de muita coisa ao voltarmos ao corpo, e ainda o fato de colocarmos nosso foco consciencial no corpo e no plano material, parecendo que aquele plano que chamamos de físico é que é o real, o original, sendo o corpo de carne o mais real, a base de tudo. Parece haver uma inversão de percepção, de consciência.

- De fato há, meu filho. – disse Sana Khan. – As pessoas, ao se internarem na matéria mais densa, ou seja, ao reencarnarem, esquecem por completo sua origem espiritual, esquecem seu mundo original, que é o mundo espiritual, como você

prefere chamar. E com isso elas focam sua mente e sua consciência na matéria, ou seja, no corpo, e no mundo material, no plano físico. Assim, as pessoas encarnadas passam a agir como se fossem um corpo físico, apenas acreditando, a depender de sua religiosidade, que têm uma alma, um espírito. Veja que elas acham que são um corpo, e que possuem uma alma, não que são uma alma que tem um corpo temporário. Essa é uma das questões importantes, a inversão do foco da alma.

- Realmente isso acontece, mestre. Vejo que as pessoas não se sentem espírito. Quando muito elas acham que um dia terão uma nova vida, após a morte do corpo. Mas não se sentem espírito de forma permanente.

- É essa a questão, meu filho. As pessoas não se sentem espírito. E isso dificulta muitas coisas, e impede uma maior percepção da realidade. É preciso mudar o foco da mente, o foco da alma. É preciso sentir que é espírito. É preciso se perceber espírito, e não apenas acreditar em teoria que é um espírito, ou que tem um espírito. É preciso deslocar o foco da mente da matéria para outra forma de matéria. No mundo mais sutil também há matéria, há substância, porém muito mais sutil do que a que existe no mundo material, no mundo ou plano físico, como vocês costumam chamar.

- Isso não é fácil para todos, mestre.

- Eu sei, meu filho. Eu sei...

- Mestre, e a questão da projeção astral...ou desdobramento, como também preferem chamar alguns?

- Também passa pela questão do foco. Perceba que as pessoas estão muito condicionadas desde cedo, desde a infância, a se sentirem um corpo material, e nem todos acreditam sequer que possuem uma alma. A identificação mental com o corpo é muito forte. E isso faz com que as pessoas se sintam o corpo físico. Observe que muitos morrem e continuam achando inclusive que continuam vivos, digo vivos no mesmo corpo, e no mesmo mundo, mesmo quando eles não conseguem mais se comunicar com seus familiares e amigos. Mesmo nessa condição muita gente continua achando que não morreu, por se ver em um corpo igualzinho, fazendo coisas parecidas com o que fazia antes, mas nem tudo. Há uma grande dificuldade para essas pessoas em perceberem que morreram, porque não acreditavam na continuação da vida depois da morte corporal. Se continuam falando, pensando, andando, etc, então não morreram. E demora muito a transferência do foco da consciência para o mundo espiritual onde essas pessoas se encontram.

- Vejo essa situação com frequência na reunião de intercâmbio mediúnico, mestre. São inúmeros os casos em que precisamos convencer a pessoa de que ela já deixou o corpo de carne, e que se encontra em outro corpo e em outra dimensão.

- Exatamente por causa do foco da mente. – disse Sana Khan – Agora pense que uma pessoa condicionada a pensar e a sentir que é o corpo de carne queira começar a deixar o corpo, a sair do corpo, a fazer a projeção astral, a deixar aquilo que sempre acreditou que era o seu eu, o corpo, e queira depois lembrar das experiências que teve quando esteve fora do corpo físico. Ela terá muita dificuldade nessa recordação, porque sua mente está seriamente condicionada. Ou seja, seu

programa mental não permite a perfeita e integral conversão dos arquivos existentes no cérebro do corpo espiritual para que eles sejam fixados no corpo físico...

Fitei o horizonte longínquo, repleto de montanhas geladas, com seus cumes brancos de neve, e voltei o olhar novamente para o mestre, que continuou.

- ...observe, meu filho, que o original é o espírito...estou desencarnado há uns duzentos anos, mais ou menos...vivi cerca de setenta anos na última vida terrena...antes disso havia estado mais de cem anos no mundo espiritual após uma existência de cinquenta anos apenas...onde então passo mais tempo, no mundo chamado físico ou no mundo chamado espiritual?

- No espiritual, é claro. – respondi.

- Pois então como posso achar que sou um ser material, e que tenho um espírito? O mais lógico é achar que sou um espírito, e que de vez em quando passo um tempo internado na matéria, tendo um corpo emprestado, não é mesmo?

- Tem razão, mestre. Isso é de fato muito mais lógico!

- Mas não é assim que as pessoas pensam... – falou o mestre. – Normalmente elas acham que são o corpo, que a consciência está no cérebro, e que viverão como espírito um dia, mas sem terem nenhum conhecimento de como isso se dará...as pessoas não se sentem realmente espírito...e isso dificulta a mudança do foco da consciência, do foco mental, da matéria para o mundo mais sutil, o mundo original, que é o mundo espiritual.

- Realmente sinto isso também, mestre. – falei.

- Observe, Beto, que quando você está no corpo físico, internado na matéria, encarnado, você percebe o mundo físico ao seu redor através dos cinco sentidos físicos, não é mesmo? Você percebe o mundo material, quando encarnado, pela visão, pela audição, pelo tato, pelo olfato e pela gustação. E toda essa percepção pelos sentidos físicos é registrada no cérebro físico diretamente, antes mesmo de passar para o cérebro do corpo espiritual, pois os sentidos que captaram as imagens, sons, etc, do mundo físico foram os sentidos do corpo físico. Ou seja, foram os órgãos do corpo carnal que captaram o conteúdo que foi parar no cérebro físico. E dele, depois, os arquivos já prontos e indexados passam para o outro cérebro, mais sutil.

- Interessante, mestre. Nunca antes havia percebido nem compreendido as coisas dessa forma... – falei.

- E então – disse Sana Khan - a memória normal do encarnado é memória do que foi percebido no mundo físico, através dos sentidos também físicos, ou seja, dos sentidos de igual dimensão e materialidade. E os sonhos, para a maioria das pessoas ainda condicionadas a acharem que são o corpo, não passam de resíduos das imagens e outras coisas que o cérebro recebeu e processou durante o dia. Sonhar, por exemplo, com um parente que já morreu, para muita gente é apenas criação da mente, e fruto de um desejo, ainda que inconsciente. Agora pense que você está fora do corpo, como agora, conversando comigo, em outra dimensão. O que você percebe?

- Meus olhos veem o senhor na minha frente, meus ouvidos ouvem sons diversos, meu tato me faz sentir uma sensação de contato com o solo da montanha, mesmo não sentindo frio...

- E tudo isso que você agora percebe está sendo registrado no seu cérebro, por meio dos sentidos desse corpo através do qual você agora está se manifestando, que é o corpo espiritual, ou corpo astral para uns. Mas toda a sua percepção é registrada pelo cérebro mais sutil, ainda que de forma semelhante ao que acontece com as percepções que você tem quando está consciente no corpo físico. Ou seja, neste momento seu corpo carnal está dormindo, seu cérebro físico está em atividade mínima, e todas as suas percepções neste momento são registradas apenas no cérebro do corpo astral. Arquivos de memória estão sendo criados neste exato momento no seu cérebro astral.

- E quando eu voltar ao corpo físico? – perguntei.

- Quando você retornar ao corpo físico, seus dois corpos entrarão em coincidência, o que significa que estarão ligados célula a célula, molécula a molécula, átomo a átomo. Então seus dois cérebros estarão ligados, profundamente ligados. Mas isso não quer dizer que automaticamente os arquivos de memória desse cérebro mais sutil serão “baixados” para o cérebro mais material, do corpo físico. E é aí que está a questão da memória. Você volta ao corpo, os dois cérebros entram em coincidência, mas não há uma passagem automática dos registros do corpo astral para o corpo físico. E isso se dá por falta de preparo e maturidade do espírito, que ao longo de milhares e milhares de existências físicas foi condicionado a pensar apenas no corpo físico, no plano físico, e a cuidar das coisas da matéria. Isso é muito forte, e não é vencido com tanta facilidade. Superar esse condicionamento é uma tarefa que pode levar uma vida inteira, ou várias vidas. Além disso, somente à medida que o espírito começa a se descondicionar, seu novo corpo físico vai recebendo uma programação genética que facilita a conversão dos arquivos de memória do cérebro astral para o cérebro físico. Isso, todavia, não quer dizer que aqueles que ainda não possuem essa facilidade biológica não possam também recordar as experiências fora do corpo. Qualquer um pode passar a lembrar do que fez e de onde esteve quando estava fora do corpo, ainda que em menor proporção. A recordação mais constante e mais ampla depende muito do cérebro físico. Trabalho energético, auxílio espiritual, alimentação, leitura, etc, podem ajudar na recordação parcial e eventual de experiências fora do corpo, como vocês chamam, mas uma recordação contínua e constante não é realmente fácil e não será ainda vivenciada em larga escala no mundo atual, porque as pessoas ainda não estão preparadas para isso. Suas mentes ainda não estão estruturadas para receber todas as memórias astrais. Esse é também o motivo pelo qual as pessoas não se lembram de suas vidas passadas. Poucos estão já preparados para acessar seus registros de memória de vidas passadas, que sequer estão no cérebro astral, mas no cérebro ainda mais sutil, no corpo mental, ou na mente, que não se confunde com o cérebro.

- Não entendi bem, mestre.

- No caso das viagens astrais, como vocês chamam agora, as percepções são captadas pelos sentidos astrais, e ficam então registradas no cérebro astral, não é mesmo?

- Sim, isso eu entendi, mestre.

- E então essas memórias astrais podem ser mais acessadas, por estarem mais perto energeticamente e dimensionalmente do cérebro físico. Quando você voltar ao corpo físico, daqui a pouco, seu cérebro astral estará muito próximo do cérebro físico, não é?

- Sim.

- Contudo, meu filho, suas memórias de vidas passadas não estão no cérebro astral. Por isso você não vê seu passado a toda hora, mesmo estando fora do corpo.

- Isso é verdade, mestre, e faz sentido realmente.

- Poucos estão preparados para acessar a qualquer hora seus registros de vidas passadas, por haver neles muito conteúdo traumático, e poucos estão prontos para conviver com o seu passado desajustado, o que é comum. Todos tivemos um passado desajustado um dia...

- E então essas lembranças ficam mais adormecidas... – falei.

- Sim, Beto, essas lembranças, esses arquivos de memória de vidas passadas, ficam inacessíveis para a grande maioria, e só aos poucos, e sob supervisão e com autorização do Alto podem ser liberados. Esses registros das vidas passadas estão...digamos assim..."congelados" no cérebro do corpo mental...apenas para uma compreensão maior, já que vocês falam no corpo mental como um outro corpo...tudo é didática...apenas didática...

- Entendi, mestre. Então é mais fácil recordar as experiências fora do corpo que temos dia a dia do que se lembrar das vidas passadas...

- Sem dúvida nenhuma... – disse Sana Khan.

- E como podemos acessar mais facilmente esses arquivos das experiências astrais? –perguntei.

- Beto, meu filho, compreenda uma coisa, de uma vez por todas... – falou Sana Khan, de forma pausada e lenta - ... é muito mais importante mudar o foco da mente, deslocar o foco da consciência, do que fazer práticas energéticas, mudar alimentação, etc. Há pessoas que fazem essas práticas durante anos e não conseguem resultados dignos de registro, no que tange à recordação das vivências fora do corpo. Por mais que você faça práticas energéticas, tenha uma alimentação saudável, mesmo integralmente vegetariana, faça ioga, medite, etc, nada disso superará a mudança do foco da mente, do foco da consciência...

- Mestre, quer dizer então que se eu fizer tudo o que fiz em 1978 e não mudar o foco da minha mente os resultados não serão satisfatórios...

- Isso mesmo, meu filho. De tudo o que você fazia em 1978, quando começou a sair do corpo e depois lembrava até mesmo do momento da própria saída, o que chamam de sair consciente do corpo, ou seja, sem perder a consciência no momento da saída do corpo, o que mais contava e o que mais lhe ajudou na recordação foi na verdade a mudança do foco mental. Você naquela época deslocou seu foco mental e consciencial com muita leitura, reflexão, contato mediúnico no centro espírita onde trabalhava, etc, passando até mesmo, de uma forma um pouco desajustada, a dar mais importância ao mundo espiritual do que ao mundo material. Você se desligou de amigos e até mesmo da própria família, mesmo morando com ela, e vivia pensando no mundo espiritual, e desejando sair do corpo e ir conhecer melhor o plano astral.

Esse era seu grande desejo e seu objetivo naquela época. E isso deslocou seu foco mental e sua consciência para este plano, que é o original, não o secundário. E com isso você passou a converter quase que diariamente os arquivos do cérebro astral para o cérebro físico. Quando você deu uma parada, e foi brusca, ao desistir de ir embora de casa e ir para a Índia, e começou a trabalhar, a caiu na “gandaia” aos poucos, seu foco mental e consciencial se deslocou rapidamente para o mundo físico, e sem você se dar conta disso, e então suas lembranças, que já se davam em dias alternados quando você deu a parada, passaram a se dar de forma mais esparçadas, e às vezes ficava até meses sem lembrar de nada. Houve períodos em que você se desligou quase por completo do mundo espiritual, digo se desligou mentalmente, porque não é possível um desligamento total, porque somos espíritos, e o espírito sai do corpo toda noite para voltar ao seu mundo original, e lá se reabastecer.

- Isso tudo realmente aconteceu, mestre...

- Eu sei...acompanhei e acompanho cada passo seu...conheço você como a palma da minha mão... – disse Sana Khan sorrindo.

- Mestre, essa questão de voltar ao mundo original não é coisa fácil de entender...

- O espírito encarnado, meu filho, internado na matéria, tem o seu foco mental e consciencial na matéria, no mundo físico e no corpo físico. Entende? Todavia, o espírito pertence ao mundo espiritual. E esse é que é o seu mundo verdadeiro, original. Quando você dorme, do ponto de vista físico, ou seja, quando o corpo físico dorme, você, que é o espírito, sai do corpo, liberta-se do corpo, que o aprisiona por algumas horas, e volta ao mundo original, o mundo espiritual. Assim, projetar-se para fora do corpo é na verdade libertar-se do corpo que o limita, retornando ao seu mundo normal, original.

- Isso é revolucionário para muita gente, mestre...

- Eu sei, meu filho...as pessoas pensam em projeção astral como se isso permitisse a entrada em um mundo novo, em um outro mundo desconhecido, por estarem muito condicionadas ao corpo e ao mundo material...mas na verdade a projeção astral é apenas a libertação parcial do espírito...por isso Allan Kardec chamou isso em sua obra O Livro dos Espíritos de emancipação da alma. Emancipação é libertação. Sair do corpo, temporariamente, quando ele dorme, é libertar-se do corpo temporariamente, e voltar ao mundo normal, vivendo e convivendo com pessoas conhecidas de outras vidas, muitas vezes, e quando a pessoa volta ao corpo não sabe quem eram aquelas pessoas encontradas.

- Mestre, isso aconteceu comigo no ano passado. Estive com um casal de amigos que não via há muito tempo. Não são pessoas que conheço desta atual encarnação, mas sentia que os conhecia, e que não os via há muito tempo. O abraço que troquei com o amigo foi longo e apertado, e lembro de ter dito a ele “Há quanto tempo”...

- De fato, eles são amigos antigos, mas você não lembra quando está no corpo de onde nem quando os conheceu. Só sente e sabe interiormente que os ama, e que os conhece. Isso é raro. Normalmente as pessoas quando saem do corpo não têm acesso

a essas lembranças. Poucos encontram com amigos de outras vidas, ou do tempo em que estiveram desencarnados.

- Isso é fantástico, mestre! Adorei a experiência! Eu coloquei como relato no meu site.

- Isso é bom, pois permite que outros entendam melhor a situação quando passarem por algo semelhante.

- Então, mestre, o principal é o foco, o direcionamento que damos à nossa mente. Isso determinará muito mais o grau de recordação de experiências fora do corpo, e também das recordações de vidas passadas.

- Sim, Beto. O foco consciencial é o mais importante. Lembra-se do tempo em que você lembrava muito de vidas passadas?

- Claro, mestre. Como poderia esquecer?

- Aquilo acontecia porque o seu foco estava no passado. Você desejava muito ver o seu passado, as suas vidas anteriores, mas não por mera curiosidade, e sim como estudo, para sua maior compreensão das coisas, para entender melhor a reencarnação e a Lei de Causa e Efeito, entender melhor a evolução, e crescer espiritualmente, e você sempre desejou passar tudo depois para os outros, o que foi muito importante. Se seu propósito fosse egoísta, nem eu nem outros teríamos ajudado tanto você a ver e aprender o que você teve a rara oportunidade de aprender.

- E eu só tenho a agradecer, mestre, por tudo que me ensinou, o que me mostrou...

- Agora, em fase mais madura de sua vida, Beto, sem se desajustar novamente, saiba dividir o foco de sua mente, de sua consciência, entre o mundo material e o mundo espiritual. Não esqueça jamais que este mundo onde estamos agora, o espiritual, é que é o mundo principal, original, e o mundo físico, ou material, é que é uma cópia, em parte, deste aqui.

- Mestre, é interessante como as pessoas focadas no plano físico acham, pensam e falam que o mundo espiritual é uma réplica do mundo material, quando em verdade se dá exatamente o contrário, não é mesmo?

- Sim, meu filho. Vejo as pessoas dizerem que o corpo astral ou espiritual é uma réplica do corpo físico, quando é o contrário que se dá. As pessoas desencarnam e ficam surpresas quando percebem que permanecem com um corpo igualzinho ao de carne, que tinham antes. E isso causa a ilusão em muita gente de que não morreram. Mas o corpo de carne é que é na verdade uma cópia, e imperfeita, do corpo espiritual. E o mesmo se dá em relação ao mundo espiritual. As pessoas acham que aqui, no mundo espiritual, as coisas são iguais ao que existe no mundo físico delas, mas é também o contrário. O mundo material, físico, é que é uma cópia, em parte, e também imperfeita do mundo espiritual. Assim, as pessoas vêm para cá quando saem do corpo e estranham quando veem carros, caminhões, ônibus, naves espaciais, trens, casas, edifícios, alimentação, diversão, clube com piscinas, praias, montanhas, estradas, hospitais, etc. Tudo o que existe na Terra física existe aqui também. Mas só que aqui existia primeiro. Todas as invenções tecnológicas no mundo material foram iniciadas aqui.

- Mestre, isso é realmente interessante. Eu ando pelo mundo espiritual e vejo carros, inclusive dirijo um igual ao meu, vejo ônibus, caminhão, casas, edifícios pequenos, hospitais, escolas, universidades, museus, cinemas, praias, e já tomei banho, peguei onda nadando, vejo montanhas, estradas, e tudo o mais que vejo no mundo material. E isso se torna cada vez mais frequente, mais comum. Já estou me acostumando tanto com isso tudo que já não estranho mais nada. Tudo é normal hoje para mim. Mas vejo também coisas que não existem no mundo físico, como aqueles seres em forma de “demônios” alados, com rabo, asas, bocas grandes e dentes pontiagudos, cobras gigantes, dragões, e tantas outras coisas...

- Realmente, meu filho, há também aqui coisas que não existem na Terra física, como esses exemplos que você deu. Você se depara com animais variados e com olhar humano, como serpentes enormes com olhos humanos, demônios que são na verdade apenas espíritos humanos, como nós mesmos, apenas tendo assumido temporariamente outra forma por vontade própria ou por imposição hipnótica de espíritos poderosos, para assustar, com o intuito de manter aprisionados os seres de determinadas regiões do mundo espiritual. Quando você tentou pela primeira vez encontrar o seu pai, poucos dias depois de seu desencarne, e estando ele por alguns dias em hospital em zona inferior e escura do astral, deparou-se com uma forma alada que guardava o local. Por isso a figura o atacou. Esse era o dever daquele ser naquele momento. É uma alma infeliz, que ainda vai demorar a despertar.

- Abaixo da Terra há coisas horríveis, mestre.

- Sim, meu filho. Ainda há na Terra coisas assustadoras. A humanidade não está preparada para entrar em contato com tudo o que há debaixo da Terra. Mas todos os seres que habitam as profundezas do abismo, no centro da Terra, são também almas humanas, são espíritos que já viveram na Terra, e que se perderam no caminho da maldade, do egoísmo, do orgulho, da ambição material exagerada, da vaidade doentia, do desejo insano de acumular poder. São os próprios homens que desceram a uma condição demoníaca...

- Então os demônios são humanos? – perguntei.

- Sim, todos os chamados demônios que vivem debaixo da Terra, nas zonas infernais, são humanos que se perderam em suas trajetórias evolutivas. Mas todos um dia retornarão ao bom caminho, e à casa do Pai...é preciso esclarecer as pessoas, para que elas não mergulhem tão fundo na sua sombra interior, e não desçam tanto, e não se tornem demônios. As pessoas se autodestroem. Buscam quimeras, como a fortuna, “vendendo a sua alma ao diabo”, ou seja, abrindo mão de toda ética, de toda decência, de toda razão, apenas para acumularem coisas materiais que não poderão trazer na sua volta ao mundo original. Aliás, essas pobres almas sequer se dão conta, e sequer têm consciência, de que são espíritos, e de que um dia terão que voltar ao mundo de onde saíram, este aqui onde agora estamos. Para mim, que estou aqui há duzentos anos, não há ilusão alguma. Este é o meu mundo. Mas para você, que está internado temporariamente na matéria, encarnado, ainda há ilusão, ainda há incompreensão. Você ainda não vê as coisas com tanta clareza, e por isso ainda se confunde, se ilude, ainda se prende a coisas passageiras, a formas transitórias, e com isso ainda sofre.

- Realmente, mestre, ainda tenho ilusões, e ainda sofro por isso.

- Liberte-se de uma vez por todas de todas as ilusões, meu filho. Não valorize a forma, que muda o tempo todo no mundo. Não se ligue no que é temporal, no que é impermanente. Foque a sua mente no que é real, no que é duradouro. Busque o verdadeiro, a essência das coisas. As aparências enganam, e causam ilusão nos sentidos, e tudo isso causa dor e sofrimento. Liberte-se do passado, liberte-se de todos os apegos, ainda que eles já sejam poucos para você. Afrouxe as amarras que ainda o prendem à Terra, e esteja pronto para partir a qualquer momento em que soar a trombeta anunciando que chegou a sua hora de retornar para a sua casa. Há gente esperando você aqui. Não tenha medo. Mas viva com intensidade e habilidade enquanto estiver na Terra material, sem ilusões, sem temor, e levando um pouco luz para as pessoas que ainda vivem em grande ilusão dos sentidos, achando que são um corpo, e que em breve morrerão. Ajude na libertação das consciências aprisionadas aos corpos, ajude-as a perceberem que são um espírito ligado a um corpo momentaneamente, e que isso logo passará, pois o tempo passa rápido. Mostre a ilusão do apego ao corpo carnal e seus sentidos, pois ele logo retornará a ser pó, e vivará adubo para o solo, voltando para o lugar de onde saiu. Mas mostre que isso apenas libertará a alma, o espírito, o verdadeiro eu, a essência imortal, que então retornará para sua pátria verdadeira, para o mundo dos espíritos. Diga a eles que a morte não existe, sendo apenas a volta para casa. E diga a seus amigos que estudam a projeção astral que eles estão apenas tentando exercitar a libertação do espírito do escafandro de carne, devendo mudar o foco e a consciência, passando a se sentir espíritos, que buscam voltar ao mundo original, não corpos que tentam sair de dentro de outros corpos para adentrarem em outro mundo que não conhecem. Diga-lhes que projetar-se para fora do corpo físico é apenas voltar para seu mundo verdadeiro, de onde vieram, e para onde voltarão em breve, e que todas as noites na verdade eles já voltam ao seu mundo original, apesar de não lembrarem.

- Vou tentar dizer tudo isso, mestre.

- Volte ao corpo, e leve essa mensagem para seus irmãos de estudos. E diga-lhes, acima de tudo, que a projeção astral não é um fim em si mesmo, mas apenas um meio de voltar ao mundo espiritual original e lembrar-se disso ao retornar ao corpo. Diga-lhes para mudarem o foco da mente e da consciência, e que as lembranças virão aos poucos, mas de uma forma segura e mais constante. Diga-lhes que são espíritos tentando se reconhecer, e tentando lembrar-se que são espíritos.

- Tentarei, mestre. Obrigado por tudo o que me tem proporcionado. E até um dia...obrigado...muita paz...

- Será sempre um prazer estar com você, meu filho. Farei uma viagem um pouco longa, de acordo com o seu tempo. Preciso ir a uma esfera distante, em missão. Quando retornar, entro em contato com você.

- Está certo, mestre. Até um dia...

- Muita paz, meu filho.

- Muita paz.

Com a despedida, parti com certa tristeza, pois ainda não consigo me desapegar completamente das pessoas de quem gosto, como o mestre Sana Khan.

Mas é preciso o desapego, pois nem sempre estaremos juntos, pois encarnamos e desencarnamos muitas e muitas vezes, e acontece de levarmos muito tempo sem encontrar aquelas pessoas que nos foram importantes em uma vida anterior.

Parti para casa, para o mundo físico, o mundo de ilusão, o mundo das formas impermanentes, o universo de maya, sabendo, no entanto, que sou um espírito imortal, e que o meu mundo verdadeiro e original não é aquele mundo mais denso, mas o mundo mais sutil, o que chamamos de mundo espiritual.

Adentrei o corpo físico, a máquina orgânica que recebi transitoriamente para ganhar experiências no mundo físico, com a plena consciência de que não sou o corpo, mas que sou o ser pensante que entra e sai dele, e que em breve tempo se libertará definitivamente do corpo de carne, rompendo os laços energéticos que a ele prendem meu corpo mais sutil, e que com a morte, que nada mais é do que a libertação final, uma projeção astral definitiva, sem volta, estarei de novo na minha casa verdadeira, e encontrarei todos aqueles amigos que ficaram lá ou que para lá já retornaram antes de mim pelo fenômeno ilusório, mas que não mais me aterroriza, a morte...

Muita paz!